

Matériel protégé par le droit d'auteur



ALEXANDRE DUMAS

La Comtesse de Charny

TOME IV



Matériel protégé par le droit d'auteur



**Memórias de um
médico:
A condessa de Charny
Volume IV**

Alexandre Dumas

I

O campo de batalha

Já procuramos referir os terríveis acontecimentos que se verificaram no Campo de Marte na tarde de 17 de Julho de 1791. Vamos dar agora uma idéia do espectáculo que apresentava o teatro, tendo já exibido aos nossos leitores o espectáculo do drama que ali se representara, e do qual tinham sido principais actores Bailly e Lafayette.

Esse espectáculo impressionara vivamente um mancebo vestido com o uniforme de guarda nacional, o qual, depois de ter percorrido a extremidade da rua de Saint-Honoré, atravessara a ponte de Luís XV, e fora dar ao Campo de Marte pela rua de Grenelle. Era bem lúgubre para se ver semelhante espectáculo, alumiado pela lua, que no terço do seu crescente, aparecia no meio de nuvens negras e condensadas, por

entre as quais se perdia de vez em quando.

O Campo de Marte apresentava o aspecto de um campo de batalha, juncado de mortos e de feridos, por entre os quais vagueavam, como sombras errantes, alguns homens encarregados de lançar os mortos ao Sena e de transportar os feridos ao hospital militar do Gros-Caillou.

O jovem oficial, que acompanhámos desde a rua de Saint-Honoré, parou um momento numa das avenidas que dão para o Campo de Marte, e juntando as mãos com um gesto de terror, disse consigo:

– Jesus! A coisa foi muito pior do que me disseram!

Depois de ter olhado por um instante para a extraordinária operação que se verificava, aproximou-se de dois homens que transportavam um cadáver para o lado do Sena, e perguntou-lhes:

– Cidadãos! Podem dizer-me o destino que vão dar a esse homem?

O mancebo seguiu-os.

- Vem connosco e verás - responderam eles.

Chegando à ponte de madeira, os dois homens balancearam com cadência o cadáver, contando uma, duas, três, e à terceira lançaram o cadáver ao Sena.

O mancebo deu um grito de terror.

- O que estão fazendo cidadãos? - perguntou ele.

- O que está vendo, meu oficial; despejamos o terreno - responderam eles.

- E têm ordens para isso?

- Parece que sim.

- De quem?

- Da municipalidade.

- Oh! Pois é possível - exclamou o mancebo muito admirado.

Passado um momento de silêncio e regressando com eles ao Campo de Marte, perguntou-lhes:

- Já lançaram muitos cadáveres ao Sena?

- Cinco ou seis - respondeu um dos homens.

- Peço perdão, cidadãos - disse o jovem oficial - mas tenho muito interesse na pergunta que vou fazer-lhes; entre os cinco ou seis cadáveres encontraram um homem de quarenta e seis a quarenta e oito anos, quase de cinco pés e cinco polegadas de altura, reforçado, vigoroso, meio burguês e meio do campo?

- Podemos asseverar-lhe - disse um dos homens - que só procuramos saber se os que aqui jazem estão mortos ou vivos; se estão mortos, lançamo-los ao rio; se estão vivos, transportamo-los ao hospital do Gros-Caillou.

- Ah - redargüiu o mancebo - é porque um dos meus melhores amigos ainda não recolheu a casa, e como disseram que estivera nesta ponte, onde foi visto uma parte do dia, estou com muito receio de que se ache entre os mortos ou entre os feridos.

- Com a breca! - disse um dos homens sacudindo um cadáver, enquanto o outro o alumiaava com uma lanterna - se estava aqui,

é provável que ainda esteja, e se não recolheu a casa, é provável que já lá não torne.

Redobrando depois a sacudidura que dava ao corpo que lhe jazia aos pés, disse:

- Estás morto ou vivo? Se não estás morto, trata de responder.

- Ah! Quanto a este - respondeu o outro agente da municipalidade - parece-me que está aviado, porque levou uma bala mesmo no meio do peito.

- Então, toca com ele para o rio - disse-lhe o seu companheiro. - É aviar.

E os dois homens ergueram o cadáver e tomaram o caminho da ponte de madeira.

- Cidadãos - disse o oficial - uma vez que não carecem da sua lanterna para deitar esse cadáver ao rio, tenham a bondade de maceder enquanto vão e voltam; nesse intervalo procurarei o meu amigo.

O mancebo proferiu as últimas palavras com certa ênfase, que provava pelo menos, uma coisa, isto é, que considerava como das mais honrosas para ele a amizade do

indivíduo, de que vinha indagar notícias.

O homem da lanterna consentiu no que lhe pediam, e a lanterna passou das mãos dele para as do moço oficial, que começou as suas indagações com tal cuidado e tal expressão de fisionomia que indicavam que o título que dera ao morto ou ao ferido, cujas notícias inutilmente procurava, lhe saíra não só dos lábios, senão também do coração.

Mais dez ou onze homens, munidos igualmente de lanternas, entregavam-se às mesmas fúnebres indagações. De vez em quando, no meio do silêncio, porque a terrível solenidade do espectáculo parecia, ao aspecto da morte, abafar a voz dos vivos, de vez em quando e por entre o silêncio, ouvia-se um nome qualquer, pronunciado em voz alta. Uma lamentação, um gemido, um grito respondia, por vezes, àquela voz, que quase sempre alcançava em resposta um lúgubre silêncio.

O moço oficial, hesitando primeiro, como se a voz lhe estivesse encadeada por

um terror vago, seguiu finalmente o exemplo que lhe davam, e por três vezes bradou:

- Sr. Billot! Sr. Billot! Sr. Billot!

Mas nenhuma voz lhe respondeu.

- Pobre Sr. Billot! É bem certo que morreu! - resmungou baixinho o oficial, limpando com o canhão as lágrimas que lhe corriam pelas faces.

Naquele momento passavam junto dele dois homens, que transportavam um cadáver para o Sena.

- Olá - disse aquele que o segurava por baixo dos braços, e que por conseqüência estava mais próximo da cabeça - parece que o cadáver que conduzimos acaba de dar um gemido.

- Bom! - disse o outro rindo - se fôssemos dar ouvidos a todos estes maganões, nenhum deles estava morto.

- Cidadãos - disse o jovem oficial - por favor deixem-me ver o homem que aí levam.

- Da melhor vontade, meu oficial - responderam os dois homens.

E puseram o corpo do homem no chão, para facilitar ao oficial o meio de ver-lhe o rosto.

O mancebo aproximou a lanterna e deu um grito. Apesar da ferida terrível que o desfigurava, pareceu-lhe ter encontrado o indivíduo que procurava.

Mas estava morto ou vivo?

O corpo que estava já a meio caminho da vasta sepultura, levava uma profunda cutilada na cabeça; a ferida, como já dissemos, era terrível; separara a pele do parietal do lado esquerdo, que caía ensangüentada sobre a face, deixando a descoberto os ossos do crânio; a artéria temporal estava cortada de modo que o morto ou o ferido tinha o corpo todo inundado de sangue.

Do lado dos ferimentos não era possível conhecer-lhe as feições. O mancebo dirigiu com a mão trémula a lanterna para o outro lado.

- Ah! Cidadãos - bradou o oficial - é

quem eu procuro, é o Sr. Billot!

- Com os diabos! - redargüiu um dos homens - o tal Sr. Billot está muito avariado!

- Não disseram que ele dera um gemido?

- Pelo menos, meu oficial, assim me pareceu - respondeu um dos homens.

- Nesse caso, faça-me um favor...

E dizendo isto, o jovem oficial tirou da algibeira um escudo.

- Qual é? - perguntou um dos homens, manifestando a melhor vontade à vista do dinheiro.

- Ir ao rio e trazer uma pouca de água dentro do chapéu.

- Pronto!

O homem começou a correr para o lado do Sena; o jovem oficial ficou em lugar dele segurando no ferido.

Cinco minutos depois o mensageiro voltou.

- Deite-lhe a água na cara - disse o mancebo.

O homem obedeceu, molhou a mão no chapéu, e sacudindo-a como se faz com um hissope, aspergiu o rosto do ferido.

- Ele estremeceu! - bradou o mancebo, que segurava o moribundo por baixo dos braços - não está morto! Ah! Sr. Billot, que fortuna foi a minha em ter vindo ao Campo de Marte!

- Palavra de honra, em como foi uma fortuna - disseram os dois homens - se déssemos mais vinte passos, com toda a certeza que o seu amigo só tornaria a si nas redes de Saint-Cloud.

- Deite-lhe mais água.

O homem renovou a experiência; o ferido estremeceu e soltou um gemido.

- Vamos! Vamos - disse o outro servente - decididamente não está morto.

- Então o que havemos de fazer agora? - perguntou um dos homens.

- Ajudem-me a transportá-lo à rua de Saint-Honoré a casa do Dr. Gilberto, e receberão boa recompensa - disse o mancebo.

- Nós não podemos.

- Por quê?

- Porque temos ordem de deitar os mortos ao Sena e transportar os feridos ao hospital do Gros-Caillou, e uma vez que diz que não está morto, e que por consequência não deve ser lançado ao rio, levá-lo-emos para o hospital.

- Pois levemo-lo ao hospital - disse o oficial - e quanto mais depressa melhor.

Depois, olhando em volta de si, como querendo ver onde ficava o local indicado, perguntou:

- Onde é o hospital?

- A uns trezentos passos da Escola Militar.

- Então é por aqui?

- É sim.

- Temos que atravessar todo o Campo de Marte?

- Em todo o comprimento.

- Não têm uma padiola?

- Talvez se encontre - respondeu um

dos moços - pelo mesmo preço da água; venha outro escudo.

- É justo - disse o mancebo - porque nenhum dos senhores traz dinheiro. Aqui está outro escudo e vá arranjar uma padiola.

Dez minutos depois aparecia a padiola.

Deitaram o ferido sobre um colchão, os dois moços pegaram nos braços da padiola e o lúgubre cortejo encaminhou-se para o hospital de Gros-Caillou, escoltado pelo jovem oficial, que segurando na lanterna, ia ao lado da cabeça do ferido.

Era terrível aquela marcha nocturna sobre um terreno inundado de sangue, por entre cadáveres imóveis, nos quais a cada instante se tropeçava, ou por entre os feridos, que se erguiam para tornar a cair, pedindo socorro com voz lamentosa.

No fim de um quarto de hora, o lúgubre cortejo entrava as portas do hospital de Gros-Caillou.

II

O hospital de Gros-Caillou

Naquela época os hospitais militares não tinham a mesma organização que têm actualmente. Por isso ninguém se admirará da confusão que reinava no hospital de Gros-Caillou e da imensa desordem que se opunha ao complemento dos desejos dos cirurgiões.

A primeira coisa que faltava eram camas, as quais tinham sido requisitadas pelos moradores circunvizinhos. Alcançaram-se alguns colchões, que tinham posto no chão, e até os havia estendidos pelo pátio do hospital.

Em cada colchão havia um ferido que esperava socorro, mas havia tanta falta de cirurgiões como de camas, e os facultativos eram difíceis de encontrar.

O oficial, em quem os nossos leitores reconheceram já o nosso antigo amigo Pitou,

alcançou, mediante mais dois escudos, que lhe deixassem o colchão na padiola, de modo que Billot foi suavemente colocado no pátio do hospital.

Para ao menos se utilizar do pouco que havia de bom na situação, Pitou mandara colocar o ferido o mais próximo que fosse possível da porta, a fim de ser visto pelo primeiro cirurgião que entrasse ou saísse.

Pitou estava com muito desejo de correr a alguma das enfermarias e de trazer um cirurgião, custasse o que custasse, mas não se atrevia a desamparar o ferido, temendo que, supondo que ele estivesse morto, alguém se enganasse, lhe levasse o colchão e o deixasse sobre as pedras.

Pitou já ali estava havia uma hora, chamando em voz alta dois ou três cirurgiões que vira passar, mas nenhum deles lhe respondera aos gritos. Assim estava, quando de repente viu um homem vestido de preto, alumiado por dois enfermeiros, visitando uns após outros, todos aqueles leitos de agonia.

Quanto mais o homem vestido de preto se aproximava de Pitou, mais lhe parecia conhecê-lo, até que, chegando a vinte passos de distância, todas as dúvidas cessaram. Pitou, aventurando-se a afastar-se alguns passos do ferido para se aproximar do cirurgião, gritou com toda a força dos pulmões:

– Por aqui, Sr. Gilberto, por aqui!

O cirurgião, que era efectivamente Gilberto, acudiu à voz.

– Ah! És tu, Pitou? – perguntou ele.

– Sou sim, Sr. Gilberto, sou eu.

– Viste Billot?

– Vi sim, senhor, está aqui – disse Pitou, mostrando o ferido, que continuava a estar imóvel.

– Está morto?

– Ai, meu caro Sr. Gilberto, espero que não, mas não devo ocultar-lhe que dou pouco por ele.

Gilberto aproximou-se do colchão, sempre acompanhado pelos dois enfermeiros.

Estes chegaram a luz ao rosto do ferido.

- Está ferido na cabeça, Sr. Gilberto - disse Pitou. - O pobre Sr. Billot tem a cabeça aberta até ao queixo.

Gilberto examinou a ferida com atenção e resmungou baixinho:

- A ferida é grave.

Voltando-se depois para os enfermeiros, que o acompanhavam, disse-lhes:

- Quero um quarto particular para este homem, que é um amigo meu.

Os dois enfermeiros consultaram-se.

- Não há quarto particular - disseram eles - mas há a casa onde se guarda a roupa.

- Pois então é transportá-lo para lá, e depressa - disse Gilberto.

Ergueram o ferido com o maior cuidado; mas apesar de todas as precauções, Billot soltou um gemido.

- Ah! - exclamou Gilberto - nunca um brado de alegria me produziu maior prazer do que este grito de dor; está vivo, e isso é o principal.

Billot foi levado para a rouparia e deitado na cama de um empregado; Gilberto procedeu imediatamente ao curativo.

A artéria temporal fora cortada, e disso proviera a grande perda de sangue que produzira a síncope, e a síncope, moderando os movimentos do coração, suspendera a hemorragia.

A natureza aproveitara-se prontamente desta circunstância para coalhar o sangue e fechar a artéria.

Gilberto, com admirável destreza, ligou primeiramente a artéria com um fio de retrós, lavou a pele e a carne e tornou a assentá-la sobre o crânio.

A frescura da água, e talvez que também uma dor mais viva, ocasionada pelo curativo, fizeram com que Billot abrisse os olhos e pronunciasse algumas palavras destacadas e sem nexos.

- Houve comoção no cérebro - disse Gilberto consigo.

- Mas, enfim - disse Pitou - uma vez

que não está morto, há-de salva-lo, não é assim, Sr. Gilberto?

Gilberto sorriu tristemente, e disse:

- Hei-de fazer a diligência, sim, meu caro Pitou; mais uma vez acabo de ver que a natureza é um cirurgião mais hábil do que qualquer de nós.

Gilberto concluiu então o primeiro tratamento, fazendo cortar o cabelo do ferido; o mais possível, uniu os dois lábios da ferida, segurou-os com emplastro adesivo, e mandou que o doente fosse colocado quase na posição de assentado de costas, mas sem ter a cabeça encostada à parede.

Só depois de haver aplicado todos estes cuidados, é que perguntou a Pitou como viera de Paris, e por que motivo, estando em Paris, encontrara ensejo de prestar socorro a Billot.

A coisa era muito simples: depois do desaparecimento de Catarina e do marido, a tia Billot, que nunca fora dotada de espírito muito vigoroso, caíra numa espécie de

idiotismo, que fora gradualmente progredindo; vivia, mas de modo maquinal, e sempre que alguma mola da pobre máquina humana se afrouxava ou quebrava, iam-se-lhe as palavras tornando mais raras, até que acabou por não falar.

Afinal recolheu-se à cama, e o Dr. Raynal declarou que havia no mundo uma única coisa que tirasse a tia Billot daquele torpor mortal: era ver a filha.

Ouvindo isto, Pitou ofereceu-se para vir a Paris, ou antes, viera sem se oferecer.

Graças às compridas pernas do capitão da guarda nacional de Haramont, para ele não passavam de um passeio as dezoito léguas que separam da capital a pátria de Demoustier.

Efectivamente, Pitou saiu às quatro horas da manhã, e das sete para as oito da noite, estava em Paris, quase um impossível.

Era destino de Pitou ir a Paris na ocasião de graves acontecimentos.

Da primeira vez viera para assistir à

tomada da Bastilha, e nela tomara parte: da segunda para assistir à federação de 1790, e da terceira chegava justamente no dia da matança do Campo de Marte.

Bailly e Lafayette, tinham mandado atirar contra o povo, e o povo amaldiçoava Bailly e Lafayette, alto e bom som.

Quando Pitou saiu da capital, deixara aqueles homens elevados à categoria de deuses e adorados. Encontrava-os agora derrubados dos seus altares e amaldiçoados.

Não compreendia nada do que via.

Compreendia unicamente que houvera no Campo de Marte luta e mortes, por causa de uma petição patriótica, e que Gilberto e Billot não deixariam de lá estar.

Conquanto Pitou, como vulgarmente se diz, tivesse as suas dezoito léguas no bucho, dobrou o passo e chegou à rua de Saint-Honoré a casa de Gilberto.

O leitor deve estar lembrado de que Billot residia na mesma casa.

O doutor recolhera-se a casa, mas

ninguém vira Billot. Além disso o criado, que dava esclarecimentos à Pitou, dizia-lhe que o Campo de Marte estava juncado de mortos e feridos, notícia esta que admirara tanto a Pitou quanto o admirava que, sendo Bailly e Lafayette os dois ídolos do povo, mandassem fazer fogo sobre ele.

Pitou não podia acreditar que o Campo de Marte estivesse juncado de mortos e feridos.

Esse Campo de Marte, que ele com mais dez mil homens ajudara a nivelar, que a sua reminiscência lhe representava iluminado, ecoando com canções alegres e serenatas patrióticas, estava coberto de mortos e feridos, porque, à imitação do ano precedente, se pretendia ali festejar a tomada da Bastilha e o aniversário da federação!

Era impossível!

Como é que o que fora motivo de alegria e triunfo, se convertera em causa de rebelião e de carnificina?

Que espírito de vertigem se apoderara naquele ano das cabeças dos parisienses?

Já o dissemos: durante aquele ano, graças à influência de Mirabeau, graças à criação do *clube dos Bernardos*, graças ao apoio de Bailly e de Lafayette, e graças, sobretudo, à reacção que se operara depois do regresso de Varennes, a corte retomara o seu poder perdido, e esse poder manifestava-se pela mortandade e pelo luto.

O dia 17 de Julho vingava os dias 5 e 6 de Outubro.

Como dissera Gilberto, a realeza e o povo disputavam o bolo. Faltava saber quem o ganharia.

Já vimos de que modo, preocupado por todas aquelas idéias, nenhuma das quais pudera moderar-lhe a marcha, o nosso amigo Ângelo Pitou sempre uniformizado de capitão da guarda nacional de Haramont, chegara ao Campo de Marte pela ponte de Luís XV e pela rua de Grenelle, exactamente a tempo de impedir que Billot fosse julgado

morto e o lançassem ao rio.

Devemos igualmente lembrar-nos de que Gilberto, estando com o rei, recebera o bilhete anónimo, no qual conhecera a letra de Cagliostro, e onde havia este período:

“Deixa, pois, esses dois condenados, que ainda por irrisão se chamam reis, e vai imediatamente ao hospital de Gros-Caillou; aí encontrarás um moribundo, menos doente que esses, porque aquele talvez o possas salvar, ao passo que esses, sem que o possas fazer, te arrastarão na queda!”

Gilberto, como já tivemos ocasião de dizer, tendo sabido pela Sr^a. Campan que a rainha, que o deixara com a promessa de voltar no mesmo instante, lhe mandava dizer que era inútil espera-la mais tempo, saiu prontamente das Tulherias, pôs-se a caminho, e seguindo quase a mesma direcção que Pitou, passou pelo Campo de Marte, entrou no hospital de Gros-Caillou, onde, acompanhado por dois enfermeiros, visitara

todas as camas, todas as salas, corredores, vestíbulos e até o pátio, quando uma voz chamou por ele junto de um moribundo.

Sabemos que a voz era a de Pitou, e que o moribundo era Billot.

Já dissemos em que estado encontrara o digno lavrador e as eventualidades que apresentava a situação, eventualidades boas ou más, mas nas quais as más predominariam sobre as boas, se o ferido estivesse entregue a mãos menos hábeis do que as do Dr. Gilberto.

III

Catarina

Das duas pessoas que o Dr. Raynal julgara dever prevenir do estado sem esperança da Sr^a. Billot, uma achava-se retida na cama, num estado próximo da morte: era o marido. Só a outra podia ir assistir aos derradeiros momentos da agonizante: era a filha.

Tratava-se, pois, de informar Catarina do estado em que se achavam a mãe e o pai; mas aonde estava Catarina? Uma única pessoa o podia saber: era o conde de Charny.

Pitou fora recebido com tanta benevolência pela condessa, no dia em que da parte de Gilberto lhe levara o filho, que não hesitou em oferecer-se para ir à casa da rua de Coq-Héron, perguntar a morada de Catarina, embora estivesse muito adiantada a noite.

Efectivamente, davam onze horas e meia no relógio da Escola Militar, quando Gilberto e Pitou deixaram a cabeceira de Billot, depois de concluída a aplicação do primeiro tratamento.

Gilberto recomendou Billot aos enfermeiros: operado o tratamento, nada mais havia a fazer naquela casa do que deixar obrar a natureza; apesar disso, o doutor tencionava ir ver o doente no dia seguinte.

A carruagem do doutor esperava-o à porta do hospital. Gilberto meteu-se nela acompanhado por Pitou e ordenou ao cocheiro que passasse pela rua de Coq-Héron.

Todas as casas deste bairro estavam fechadas e não havia luz em parte nenhuma.

Pitou, que havia já tocado a campainha por espaço de um quarto de hora, e que ia passar a servir-se da aldrava, ouviu, finalmente, ranger, não a porta da rua, mas a porta da casa do porteiro, o qual, com voz rouca e pronunciada impaciência, perguntou:

- Quem está aí?
- Sou eu - respondeu Pitou.
- Mas quem é o senhor?
- Ah! É verdade! - Sou eu, Ângelo Pitou.
- Ângelo Pitou?... Não conheço.
- Capitão da guarda nacional.
- Capitão... Capitão... - repetiu o

porteiro.

- Sim, capitão - repetiu Pitou, tornando assim mais saliente o título, cuja influência conhecia.

Com efeito, numa ocasião em que a guarda nacional, pela sua influência substituíra completamente o exército, o porteiro lembrou-se de que talvez estivesse falando com algum ajudante de ordens de Lafayette.

Em conseqüência disso, e com tom mais brando, mas aproximando-se apenas da porta, sem contudo a abrir, perguntou:

- Então o que pretende o Sr. capitão?
- Falar ao Sr. conde de Charny.
- Não está cá.

- Então quero falar à Sr^a. condessa.

- Também cá não está.

- Onde estão?

- Partiram esta manhã.

- Para onde?

- Para as suas terras de Boursonnes.

- Diabo! - disse Pitou, como que falando consigo mesmo - eram por certo eles que iam na carruagem de posta que encontrei em Dammartin. Se eu soubesse...

Mas Pitou não sabia, e por isso deixou passar o conde e a condessa.

- Meu amigo - disse o doutor intervindo naquele ponto do diálogo - poderá, na ausência de seus amos, dar-nos alguns esclarecimentos?

- Certamente, e peço desculpa por não ter sido mais pronto, meu senhor - redargüiu o porteiro, o qual em conseqüência dos seus hábitos aristocráticos, conhecera pela voz que quem acabava de lhe falar era pessoa de boa qualidade.

E abrindo a porta, o bom do homem

veio em ceroulas, e com o seu barrete de dormir na mão, *receber as ordens*, como se diz em estilo de criadagem, à portinhola da carruagem do doutor.

- Que esclarecimentos deseja o senhor?

- perguntou o porteiro.

- Meu amigo - lhe perguntou Gilberto - conhece uma rapariga por quem o Sr. conde e a Sr^a. condessa devem ter algum interesse?

- A menina Catarina? - perguntou o porteiro.

- Essa mesma - redargüiu Gilberto.

- Sim, senhor. O Sr. conde e a Sr^a. condessa foram vê-la duas vezes, e muitas outras mandaram perguntar-lhe se precisava alguma coisa; mas a pobre mulher, posto que eu não a julgue muito rica, nem a ela, nem ao filho, que é filho de nosso Senhor, responde sempre que não precisa coisa nenhuma.

A estas palavras "filho de nosso Senhor" Pitou não pôde conter um suspiro.

- Pois bem, meu amigo - disse Gilberto

- o pai da pobre Catarina foi hoje ferido no

Campo de Marte, e a mãe está quase a morrer em Villers-Cotterets. Precisamos de comunicar-lhe estas tristes notícias. Quer dizer-nos onde ela mora?

- Pobre rapariga! Deus se compadeça dela! É muito desgraçada. Mora em Ville-d'Avray, Grande-Rue; não sei dizer-lhe o número da porta, mas a casa fica em frente ao chafariz.

- É o que me basta saber - disse Pitou: - eu a encontrarei.

- Agradeço-lhe, meu amigo - disse Gilberto, metendo um escudo de seis libras na mão do porteiro.

- Não era necessário isto, meu senhor - disse o bom do porteiro; - os cristãos devem auxiliar-se uns aos outros.

E fazendo uma respeitosa cortesia ao doutor, recolheu-se.

- Então? - perguntou Gilberto.

- Então - respondeu Pitou - parto para Ville-d'Avray.

Pitou estava sempre pronto para fazer

jornadas.

- Sabes o caminho? - perguntou o doutor.

- Não sei, mas o senhor mo dirá.

- Tens um coração de ouro e umas pernas de aço - disse Gilberto rindo - mas vem descansar que amanhã irás.

- Mas o caso é urgente.

- Não há urgência, nem a respeito de um nem de outro - redargüiu o doutor - o estado de Billot é grave, mas, se não houver algum acontecimento imprevisto, não é mortal. Pelo que respeita à tia Billot, essa ainda pode viver dez ou doze dias.

- O Sr. Gilberto sabe isso melhor do que eu.

- Catarina não perde nada em lhe deixarem mais uma noite de ignorância e de repouso. Uma noite mais de descanso para os desgraçados, é coisa muito importante, meu caro Pitou.

O nosso Pitou resignou-se a esta última razão, e perguntou ao Dr. Gilberto:

- Aonde vamos agora?

- Para minha casa, onde encontrarás o teu antigo quarto.

- Tenho muito prazer em tornar a ver o meu quarto - disse Pitou rindo.

- E amanhã - continuou Gilberto - às seis horas da manhã, estará posta a carruagem.

- Para quê? - perguntou Pitou, que considerava os cavalos e a carruagem objectos de luxo.

- Para te transportar a Ville-d'Avray.

- Por quê? Daqui lá são porventura algumas cinqüenta léguas?

- Não, são apenas duas ou três - disse Gilberto, a quem passavam por diante dos olhos, como um reflexo de mocidade, os passeios que dava com o seu mestre Rousseau pelos bosques de Luciennes, de Meudon e de Ville-d'Avray.

- Então - disse Pitou - isso para mim é negócio para uma hora; três léguas, Sr. Gilberto, andam-se como quem bebe um ovo.

- Mas - perguntou Gilberto - julgas que a Catarina possa caminhar as três léguas de Ville-d'Avray a Paris e depois as dezoito léguas de Paris a Villers-Cotterets como quem engole um ovo?

- Isso é verdade - disse Pitou - desculpe-me, Sr. Gilberto, eu é que sou um pateta. A propósito, como vai o Sebastião?

- Maravilhosamente; amanhã o verás.

- Continua a estar em casa do abade Bérardier?

- Continua.

- Ainda bem, tenho muito prazer nisso.

- E ele também, Pitou, porque assim como eu, é teu amigo do coração.

E com esta certeza, o doutor e Ângelo Pitou pararam à porta da rua de Saint-Honoré.

Pitou dormiu na maior paz do espírito, isto é, do mesmo modo que andava, que comia e que se batia: enfim da melhor vontade; mas quando eram cinco horas da manhã já estava a pé, graças ao hábito de se

levantar cedo, que adquirira no campo.

Às seis horas estava pronta a carruagem. Às sete já ele batia à porta de Catarina. Ajustara com o Dr. Gilberto estar à cabeceira de Billot quando fossem oito horas. Catarina veio abrir a porta e soltou um grito quando viu Pitou.

- Ah! - disse ela - minha mãe morreu!

E empalidecendo encostou-se à parede.

- Ainda não morreu - disse Pitou - mas, Sr^a. Catarina, se a quer ver antes de morrer, não se demore nem mais um instante.

Nestas poucas palavras, que os dois trocaram entre si, disseram tantas coisas, que ficava suprimido qualquer preliminar, e Catarina desde logo se viu face a face com a sua desgraça.

- E há mais outra desgraça ainda - continuou Pitou.

- Qual é? - perguntou Catarina com o tom breve e quase indiferente de uma criatura, que tendo tocado a meta das dores humanas, já não receia vê-las aumentar.

- O Sr. Billot foi ontem perigosamente ferido no Campo de Marte.

- Ah! - exclamou Catarina.

Mas era evidente que a pobre rapariga sentia muito menos esta notícia do que a primeira.

- E eu então - continuou Pitou - disse comigo, e foi também a opinião do Dr. Gilberto: "A Sr^a. Catarina fará de passagem uma visita ao Sr. de Billot, que foi transportado para o hospital de Gros-Caillou, e em Paris tomará a diligência de Villers-Cotterets".

- E o Sr. Pitou o que faz? - perguntou Catarina.

- Eu? Entendi que, indo a senhora ajudar a morrer a Sr^a. Billot, me cumpria ficar junto do Sr. Billot para o ajudar a alcançar a vida. Conservo-me ao pé daquele que não tem ninguém: a senhora bem me percebe.

Pitou anunciou estas palavras com a sua angélica ingenuidade, sem pensar que nessas palavras fazia a história completa da sua

dedicação. Catarina estendeu-lhe a mão e disse:

- Tem um excelente coração, Pitou; venha dar um beijo ao meu pobre Isidoro.

E caminhou adiante dele, porque a curta cena que acabamos de referir se passara à porta da rua.

A pobre Catarina, vestida de luto como estava, era mais bela do que nunca. Esta circunstância fez com que Pitou soltasse novo suspiro.

Catarina precedeu o mancebo num pequeno quarto, que deitava para o jardim: naquele quarto, que com uma cozinha e uma saleta, completava os aposentos de Catarina, havia um leito e um berço. O leito era da mãe e o berço do filho.

A criança estava dormindo. Catarina correu uma cortina de gaze e pôs-se de modo que Pitou pudesse mergulhar a vista no berço.

- Oh! Que lindo anjinho! - exclamou Pitou, juntando as mãos.

E como se realmente estivesse diante de um anjo, ajoelhou e beijou a mão da criança.

Pitou foi prontamente recompensado por este acto, porque sentiu flutuarem-lhe sobre o rosto os cabelos de Catarina e pousaram-lhe os lábios dela na testa.

A mãe restituiu o beijo que fora dado ao filho.

– Obrigado, meu bom Pitou – disse ela; – desde o último beijo que esta criança recebeu do pai, ainda ninguém mais a beijou se não eu.

– Oh! Sr^a. Catarina – resmungou Pitou deslumbrado e comovido pelo beijo que recebera, como se fora tocado por uma faísca eléctrica.

Todavia, aquele beijo compunha-se simplesmente de tudo que há de mais santo, de mais grato e de mais terno no amor de uma mãe.

IV

A filha e o pai

Dez minutos depois, Catarina, Pitou e o pequeno Isidoro corriam pela estrada de Paris na carruagem do Dr. Gilberto.

A carruagem parou à porta do hospital de Gros-Caillou.

Catarina apeou-se, pegou no filho ao colo e acompanhou Pitou.

Chegada à porta do quarto, perguntou:

- Não me disse que encontraríamos o Dr. Gilberto junto do leito de meu pai?

- Disse sim, Sr^a. Catarina - respondeu Pitou.

Em seguida, entreabrindo a porta, disse para a sua companheira:

- Efectivamente lá está o doutor.

- Saiba se eu posso entrar sem receio de lhe causar uma comoção muito forte.

Pitou entrou no quarto, interrogou o

doutor, e quase imediatamente veio ter com Catarina.

- O choque causado pela cutilada foi tal
- disse o doutor - que ainda não conhece ninguém.

Catarina ia entrar com o filho ao colo.

- Dê-me o seu filho Sr^a. Catarina - disse Ângelo Pitou.

Catarina hesitou um momento.

- Pode confiá-lo de mim; é o mesmo que se estivesse nos seus braços.

- Tem razão - disse Catarina.

E do mesmo modo que se haveria com o pai, e talvez ainda com mais confiança, entregou o menino a Ângelo Pitou, que se dirigiu com passo firme para o quarto, caminhando direito à cama do doente.

O Dr. Gilberto estava à cabeceira do ferido, como já dissemos.

Pouca mudança houvera no estado do doente. Estava assentado, como na véspera, com as costas encostadas a travesseiros, e o doutor com uma esponja molhada em água e

que apertava na mão, umedecia os parches que uniam o aparelho posto sobre a ferida e o rosto, apesar do começo de uma febre inflamatória bem caracterizada, em virtude da grande quantidade de sangue que ele perdera, estava de uma palidez mortal; o olho e uma parte da face esquerda estavam muito inchados.

À primeira impressão da frescura, o enfermo balbuciara algumas palavras soltas, entreabrindo os olhos; mas a violenta tendência para o sono, a que os médicos chamam *coma*, novamente lhe cortara logo a palavra e fechara os olhos.

Catarina, chegando ao leito, deixou-se cair de joelhos, ergueu as mãos ao Céu e disse:

- Ó meu Deus! Vós sois testemunha de que vos peço a vida de meu pai, do íntimo do coração.

Era tudo quanto podia fazer uma filha em favor do pai, que quisera matar-lhe o amante.

À voz dela, um estremecimento agitou o corpo do enfermo, a respiração tornou-se-lhe mais freqüente, abriu os olhos, e depois de ter olhado em volta de si, como para procurar donde tinha vindo a voz, fitou-os em Catarina.

Fez um movimento com a mão como para repelir semelhante aparição, que o ferido tomara decerto por uma visão de febre.

O olhar de Catarina cruzou-se com o do pai, e Gilberto viu com uma espécie de terror quebrarem-se, uma na outra, duas chamas, que mais se assemelhavam a duas faíscas de ódio, do que a dois raios de amor.

Em seguida a isto, Catarina ergueu-se, seguindo no mesmo passo com que entrara, e foi ter com Pitou.

Pitou estava de gatas e brincava descuidadamente com o menino.

Catarina tomou a criança nos braços com tal violência, sem dúvida mais própria da leoa do que do amor da mulher, e apertou-o contra o peito, exclamando:

- Ó meu filho! Ó meu filho!

Nesse brado se continham todas as agonias da mãe, todas as lamentações da viúva, e todos os desgostos da mulher.

Pitou quis acompanhar Catarina até à estação da diligência, que partia às dez horas da manhã, mas ela não quis aceitar o oferecimento.

- Não - lhe respondeu ela - já me disse que o seu lugar era junto de quem está só. Portanto, Pitou, peço-lhe que fique.

E empurrou-o brandamente para dentro do quarto.

Pitou só sabia obedecer às ordens de Catarina.

Enquanto Pitou se aproximava da cama de Billot, e este, ao ruído do passo um pouco pesado do capitão da guarda nacional abria os olhos, sucedendo-se-lhe na fisionomia uma expressão de benevolência à impressão de ódio que lhe despertara o aspecto da filha, como uma nuvem de tempestade, Catarina descia a escada, e com o filho ao colo, seguia

pelo arrabalde de Saint-Denis, em direcção à hospedaria do *Plat-d'Étain*, donde partia a diligência de Villers-Cotterets.

Os cavalos estavam atrelados, o postilhão já estava montado; na diligência havia um só lugar dentro.

Catarina tomou-o para si.

Oito horas depois, a carruagem parava na rua de Soissons.

Eram seis horas da tarde, isto é, era ainda dia muito claro.

Se ainda fosse solteira, se Isidoro ainda vivesse, e Catarina viesse ver a mãe de boa saúde, mandaria, por certo, parar a carruagem no fim da rua de Largny, teria feito um rodeio pela cidade, e chegaria a Pisseleux sem que ninguém a visse, porque se teria envergonhado.

Mas agora, viúva e mãe, nem sequer pensou nos dizeres de província; por isso apeou-se desembaraçadamente e sem receio; o luto que vestia e o seu querido filho, pareceram-lhe mais que suficientes para

desviarem dela a injúria e o desprezo.

A princípio ninguém a conheceu; estava tão pálida e tão mudada, que não parecia a mesma mulher, e o que a tornava ainda mais desconhecida, era o ar de distinção que adquirira no contacto com um homem distinto. Por isso só uma pessoa a conheceu, e já ela ia muito longe.

Foi a tia Angélica.

A tia Angélica estava ao pé da casa da municipalidade e conversava com mais duas ou três mulheres, acerca do juramento que exigiam aos padres, declarando que ouvira dizer ao abade Fortier que nunca prestaria juramento aos Jacobinos nem à revolução, e que lhe seria mais fácil sujeitar-se ao martírio do que curvar a cabeça ao jugo revolucionário.

- Ai! - bradou ela de súbito, interrompendo-se no meio do seu discurso - Jesus, meu Deus! Aquela é a Billot e mais o filho, que se apearam da carruagem!

- A Catarina? A Catarina? - repetiram

muitas vozes.

– É ela! Olhem, não vêem? Lá se vai esgueirar pela travessa.

A tia Angélica enganava-se; Catarina não fugia, mas tinha pressa de chegar ao pé da mãe, e por isso caminhava a passo largo. Catarina tomara pela travessa, por ser o caminho mais curto.

Ouvindo a exclamação da tia Angélica e das suas vizinhas, muitas crianças correram atrás da rapariga, e logo que a alcançaram, disseram:

– É verdade! É a Sr^a. Catarina!

– Sim, meus filhos, sou eu – redargüiu Catarina com brandura.

E como fora sempre muito estimada, principalmente pelas crianças, a quem, quando não tinha outra coisa que dar, fazia muitas festas, as crianças disseram-lhe com a sua graça infantil:

– Muito boa tarde, Sr^a. Catarina.

– Muito boa tarde, meus filhos. Minha mãe ainda não morreu, não é verdade?

- Ainda não.

E outra criança acrescentou:

- O Sr. Raynal diz que ela ainda pode viver mais uns oito ou dez dias.

- Agradeço-lhes, meus meninos - disse Catarina - e continuou o seu caminho, depois de lhes ter dado algum dinheiro.

As crianças voltaram.

- Então - perguntaram as mulheres com a maior curiosidade.

- É ela! É ela! Não há que duvidar - responderam as crianças - e a prova é que nos pediu notícias da mãe e deu-nos isto.

E mostraram o dinheiro que receberam.

- Parece que o que ela vendeu se vende caro em Paris - disse a tia Angélica - de outro modo não poderia dar assim pratas às crianças que correm atrás dela.

A tia Angélica não gostava de Catarina Billot. Catarina Billot era moça e bonita, e a tia Angélica era velha e feia; Catarina Billot era alta e bem feita, e a tia Angélica era baixa e coxa; e daí fora em casa de Billot que

Ângelo Pitou encontrara asilo quando a tia Angélica o expulsou de casa, e fora Billot que, no dia da declaração dos direitos do homem, tinha ido buscar o abade Fortier para o obrigar a dizer missa no altar da pátria.

Estas razões, de si já suficientes, juntas à aspereza do carácter, faziam com que a tia Angélica aborrecesse os Billot em geral e Catarina em particular.

E quando a tia Angélica odiava alguém, era deveras; era ódio de beata.

Correu a casa da Sr^a. Adelaide, sobrinha do abade Fortier, e anunciou-lhe a notícia.

O abade Fortier estava ceando uma carpa, que fora pescada nas lagoas de Wallue, e tinha diante de si um prato de ovos e outro de espinafres.

Era dia de jejum.

O abade Fortier tomara a aparência inflexível e ascética de um homem que esperava o martírio a cada momento.

– Que mais temos de novo? – perguntou ele ouvindo cochichar as duas mulheres no

corredor. - Vêm buscar-me para confessar o nome de Deus?

- Ainda não, meu querido tio - respondeu Adelaide - foi a tia Angélica (todos davam este tratamento à velha), que veio noticiar-me mais um escândalo.

- Estamos num tempo em que o escândalo corre as ruas - disse o abade Fortier; - que novo escândalo há, tia Angélica?

A este tempo a Sr^a. Adelaide introduzia a alugadora de cadeiras à presença do abade.

- Um seu criado - Sr. abade - disse a velha.

- Uma sua criada, é que devia dizer, tia Angélica - replicou o abade, que não podia renunciar os seus hábitos pedagógicos.

- Sempre ouvi dizer criado - redargüiu a velha - e repito o que ouço dizer; desculpe-me, se o ofendi, Sr. abade Fortier.

- Não foi a mim que ofendeu, tia Angélica, ofendeu a syntaxe.

- Pois eu lhe pedirei as minhas

desculpas a primeira vez que a encontrar – respondeu humildemente a tia Angélica.

– Está bom, tia Angélica, está bom; quer beber um copo de vinho?

– Muito agradecida, Sr. abade Fortier; eu nunca bebo vinho.

– Pois faz mal, o vinho não é proibido pelos cânones da Igreja.

– Não é porque seja ou não proibido, que não o bebo, é porque cada garrafa custa nove soldos.

– Ainda continua a ser avarenta, tia Angélica? – perguntou o abade Fortier recostando-se comodamente na poltrona.

– Jesus, Sr. abade! Que remédio há senão ser avarenta quando se é pobre!

– Pois sim, diga que é pobre; e o aluguer das cadeiras, que lhe cedo de graça, tia Angélica, quando qualquer me daria cem escudos por ele?

– Ai, Sr. abade! Que poderia qualquer tirar dali, se mal dá para a água?!

– Por isso eu lhe ofereço um copo de

vinho, tia Angélica.

– Aceite – disse a Sr^a. Adelaide; – se não aceita meu tio zanga-se.

– Pois acredita que se eu não aceitar o seu tio se zangará comigo? – disse a tia Angélica, que estava morrendo por aceitar.

– Por certo.

– Então, Sr. abade, só uma gotinha, para não lhe fazer desfeita.

– Ora ainda bem! – disse o abade Fortier enchendo um copo de magnífico borgonha, puro como um rubi. – Beba isso, tia Angélica, que quando contar as lours, há-de parecer-lhe que tem o dobro.

A tia Angélica ia levar o copo aos beijos, mas deteve-se dizendo:

– Lours! O Sr. abade não diga semelhante coisa, porque, santo como é, haviam de acreditá-lo.

– Vá sempre bebendo, tia Angélica.

A tia Angélica, como para fazer a vontade ao abade, molhou os beijos no copo, e fechando os olhos bebeu beatificamente um

terço do líquido contido no copo, estremecendo seguidamente.

Depois, lambendo os beiços, disse:

- É muito forte! Não sei como há quem beba vinho puro.

- E eu - retorquiu o abade - não sei como há quem deite água no vinho: mas isso tia Angélica, não fará com que eu diga que tem uma boa melgueira.

- Oh! Sr. abade! Sr. abade! Por Deus, não diga semelhante coisa! Eu nem as minhas contribuições, que importam anualmente em três libras e dez soldos, posso pagar.

E dizendo isto, a tia Angélica bebeu mais alguns golos de vinho.

- Sim, bem sei que diz isso, mas parece-me que no dia em que der a alma a Deus, se o seu sobrinho Ângelo Pitou procurar bem, há-de achar dentro de algum pé de meia dinheiro suficiente para comprar toda a rua de Pleu.

- Ó Sr. abade! Sr. Abade! Se continua a dizer isso faz com que me assassinem os

ladrões, que queimam as herdades e destroem as searas; porque, confiando na palavra de um santo homem, como o Sr. abade é, acreditarão que eu sou rica. Jesus, santo nome de Deus! Que grande desgraça!

E com os olhos lubrificados por uma lágrima de satisfação, bebeu o resto do vinho.

- Então? - disse o abade, continuando com o seu ar chocarreiro - parece-me que a tia Angélica se costumaria facilmente a este vinhito?

- É muito forte - respondeu a velha.

O abade tinha quase acabado de cear.

- Ora vamos a saber - perguntou - qual é então o novo escândalo que perturba Israel?

- Sr. abade, chegou agora mesmo na diligência a Billot com o filho.

- Ah! Ah! - disse o abade - julguei que tivesse metido o filho na roda.

- E fazia muito bem - redargüiu a tia Angélica - se assim fizesse, não teria a criança que envergonhar-se a todo o tempo da mãe.

- Ora aí está a instituição encarada

debaixo de novo ponto de vista – disse o abade. – Então o que vem ela cá fazer?

– Parece que vem ver a mãe, porque perguntou aos rapazes se ainda vivia.

– Sabe que mais, tia Angélica – disse o abade com um mau sorriso – a tia Billot esqueceu-se de se confessar este ano.

– Ah! Sr. abade – respondeu a velha – a culpa não é dela; parece que a pobre mulher perdeu o juízo há três ou quatro meses; mas enquanto a filha lhe não deu tantos desgostos foi sempre mulher devota e muito temente a Deus, e quando vinha à igreja tomava sempre duas cadeiras, uma para se assentar e a outra para pôr os pés.

– E o marido? – perguntou o abade com os olhos faiscando de cólera – o cidadão Billot, o vencedor da Bastilha, quantas cadeiras tomava?

– Não sei – respondeu ingenuamente a tia Angélica; – ele nunca entrava na igreja, é bem certo; mas quanto à mulher...

– Está bom está bom – disse o abade –

ajustaremos as contas no dia do enterro.

Depois fazendo o sinal da cruz:

- Rezem comigo minhas irmãs.

As duas velhas persignaram-se e rezaram com ele devotamente.

V

A filha e a mãe

Durante este tempo, Catarina continuava o seu caminho.

Ao sair da travessa, tomou à esquerda, seguiu pela rua de Lormet, no fim da qual tomou por um atalho, que através do campo, ia dar ao caminho de Pisseleux.

Tudo naquele caminho exhibia a Catarina uma recordação dolorosa. Em primeiro lugar fora na ponte de Pisseleux, que Isidoro se despedira dela e que ficara desfalecida até que Pitou a encontrou fria e gelada.

Depois, e aproximando-se da herdade, lá estava o salgueiro carcomido, onde Isidoro escondia as cartas.

Aproximando-se mais, lá estava a janela por onde Isidoro entrava, e donde Billot disparara sobre o mancebo, naquela noite em que felizmente, a espingarda falhara.

Finalmente, defronte da porta grande da herdade ficava o caminho de Boursonnes, por onde Catarina andara tantas vezes e que tão seu conhecido era. Por aí é que Isidoro vinha.

Quantas vezes à noite, encostada àquela janela, com os olhos fixos na estrada, o esperara ansiosa, e distinguindo-o depois na sombra, sempre exacto, sempre fiel, sentia descerrar-se-lhe o peito e abri-la os braços para o receber? Hoje estava morto, mas ao menos ela com os dois braços apertava o filho contra o peito.

Que dizia pois toda aquela gente, ao falar da sua desonra e da sua vergonha? Para uma mãe não podia ser nunca um objecto de opróbrio nem de desonra uma criança tão bela.

Por isso ela entrou rapidamente e sem receio na herdade. Quando passava, um cão muito grande ladrou, mas de repente, conhecendo a dona, aproximou-se dela a todo o comprimento da cadeia que o prendia e deitou-se de costas com as patas erguidas

para o ar, soltando alegres latidos.

Um homem à porta, que aos latidos do cão apareceu, vinha ver o que dava causa a que o cão ladrasse.

- Ah! É a Sr^a. Catarina - bradou ele.

- O tio Clouis! - disse Catarina, conhecendo-o.

- Bem-vinda seja, minha querida menina - disse o velho guarda - a casa tem agora muita necessidade da sua presença.

- E minha pobre mãe? - perguntou Catarina.

- Ah! Não está melhor nem pior, se é que não está pior; a pobre mulher vai-se finando.

- Onde está ela?

- No quarto.

- Está só?

- Não, não e não, isso nunca eu havia de consentir; desculpe, menina, mas na ausência de todos, fiz um pouco de dono de casa, enquanto a menina esteve na minha pobre choupana. Esta circunstância quase que me

constituiu da família; eu queria-lhe tanto, menina, e também ao pobre do Sr. Isidoro!

- Então já soube? - perguntou Catarina limpando os olhos.

- Soube que foi morto por causa da rainha, assim como o Sr. Jorge. Enfim, menina, que quer? Deixou-lhe essa linda criança, não é verdade? Cumpre que chore por ele, mas que sorria para o seu filho.

- Obrigado, tio Clouis - disse Catarina estendendo a mão para o velho guarda. - Mas minha mãe?

- Está no quarto, como já disse, com a Sr^a. Clément, que é a mesma enfermeira que tratou da menina.

- E... - perguntou Catarina hesitando - a minha pobre mãe ainda conhece quem lhe fala?

- Algumas vezes parece que sim, mas é quando ouve pronunciar o seu nome, Sr^a. Catarina. É um grande recurso e que produziu efeito até antes de ontem. De antes de ontem para cá é que não conhece

ninguém, ainda que lhe falem na menina.

- Entremos, entremos tio Clouis - disse Catarina.

- Entre, menina - disse o velho guarda abrindo a porta da alcova da Sr^a. Billot.

Catarina fitou os olhos na alcova.

Ali estava a mãe, deitada num leito com cortinas de sarja verde, alumiada por um candeeiro de três bicos, desses que ainda se encontram em algumas herdades, e acompanhada, como dissera Clouis, pela Sr^a. Clément. Esta estava assentada numa grande cadeira de braços, dormitando no estado de sonolência peculiar dos enfermeiros, e que é um meio termo de sonambulismo entre a vigília e o sono.

A doente não mostrava mudança, mas a cor do rosto revestira-se da palidez do marfim; podia dizer-se que estava dormindo.

- Minha mãe, minha mãe - bradou Catarina, precipitando-se sobre a cama.

A doente abriu os olhos, fez um movimento com a cabeça para o lado de

Catarina, brilhou-lhe nos olhos um raio de inteligência, os lábios moveram-se-lhe e balbuciaram alguns sons inarticulados, que nem sequer chegavam a formar palavras sem nexos, e levantou a mão, procurando completar pelo tacto os sentidos quase extintos da vista e do ouvido. Mas aquele esforço não produziu efeito, o movimento cessou, os olhos fecharam-se-lhe, o braço descaiu-lhe, como um corpo inerte, sobre a cabeça de Catarina, que estava ajoelhada junto do leito da mãe, e a enferma tornou a entrar na imobilidade, de que momentaneamente saíra pelo abalo galvânico que lhe causara a voz da filha.

Das duas letargias do pai e da mãe, saíram dois sentimentos opostos, como se fossem dois raios que partissem de dois horizontes contrários.

Billot saíra do torpor para repelir Catarina para longe de si.

A mãe saíra do letargo para atrair Catarina para junto de si.

A chegada de Catarina produzira uma revolução na herdade.

Quem se esperava era Billot e não a filha.

Catarina referiu o que acontecera a Billot, e de que modo o pai em Paris estava tão próximo da morte, como a mãe em Pisseleux.

Porém era evidente que cada um dos moribundos seguia caminho diferente.

Billot caminhava da morte para a vida, a mulher caminhava da vida para a morte.

Catarina entrou no seu antigo quarto. Para ela havia muitas lágrimas nas saudades que lhe despertava aquela casa, onde passara os mais belos sonhos de criança, as paixões ardentes da juventude, e aonde regressava com o coração despedaçado da viúva.

A contar daquele momento, Catarina retomou naquela casa, que estava em confusão, toda a autoridade que lhe fora uma vez conferida pelo pai, em detrimento da autoridade da mãe.

O tio Clouis, depois de lhe agradecerem e recompensarem os seus cuidados voltou para a sua choupana de pedra, como ele lhe chamava.

No dia seguinte veio o Dr. Raynal.

Costumava vir todos os dias, mais por um sentimento de consciência do que por um sentimento de esperança: sabia muito bem que não tinha nada mais que fazer e que era impossível a qualquer esforço humano salvar aquela vida, que se extinguia como uma lâmpada, que vai gastando o resto do azeite.

O doutor ficou muito satisfeito com a chegada de Catarina.

Tratou da grande questão, que não se atrevera a propor a Billot, isto é, falou nos sacramentos.

Bem sabemos que Billot era um entusiasta da escola de Voltaire.

Não que o Dr. Raynal fosse dotado de uma devoção exemplar; pelo contrário, ao espírito do seu tempo, juntava o espírito da ciência.

Ora, se o tempo ainda conservava dúvida, a ciência já negava absolutamente.

Entretanto o Dr. Raynal, em circunstâncias análogas àquelas em que se achava, olhava como um dever prevenir os parentes dos enfermos.

Os parentes, que eram religiosos, aproveitavam o conselho e mandavam chamar um padre.

Os parentes ímpios, se algum sacerdote se lhe apresentava em casa, mandavam dar-lhe com a porta na cara.

Catarina era religiosa.

Ignorava as dissensões que houvera entre Billot e o abade Fortier, ou antes não dera muita importância ao acontecimento.

Mandou a Sr^a. Clément a casa do abade Fortier pedir-lhe que viesse prestar os últimos socorros espirituais a sua mãe.

Como Pisseleux era terra muito pequena para ter freguesia e prior, era sujeita à paróquia de Villers-Cotterets, e era no cemitério dessa terra que sepultavam as

peessoas que faleciam em Pisseleux.

Uma hora depois, a campainha do Viático ecoava diante da porta da herdade.

O Santíssimo Sacramento foi recebido com toda a devoção.

Apenas, porém, o abade Fortier entrou na alcova da doente, e viu que a pessoa para quem fora chamado não falava, não via nem ouvia, declarou que não dava absolvição senão às pessoas que pudessem confessar-se, e apesar de todas as instâncias que se fizeram, saiu bruscamente com o Viático.

O abade Fortier era sacerdote da escola sombria e terrível; teria sido S. Domingos em Espanha e Valverde no México.

Não havia outro padre a quem se pudesse dirigir.

Já dissemos que Pisseleux ficava nos limites da freguesia do abade, e nenhum padre das circunvizinhanças se atreveria a usurpar os direitos dele.

Catarina era dotada de alma piedosa e terna, mas ao mesmo tempo tinha bom senso;

por isso não deu à recusa do abade a maior importância, esperando que Deus seria mais indulgente do que o ministro em favor da moribunda.

Continuou a desempenhar os deveres de filha para com sua mãe e os deveres de mãe para com o filho, dividindo-se completamente pela alma nova que entrava na vida e pela alma cansada que se despidia da terra.

Por espaço de oito dias e oito noites não deixou o leito da mãe senão para se dirigir ao berço do filho.

Na noite do oitavo para o nono dia, enquanto velava à cabeceira da moribunda, que semelhante a um batel que soçobra e cada vez mais se some no mar a pouco e pouco se sumia na eternidade, abriu-se a porta da alcova e Pitou apareceu entre portas.

Chegava de Paris, de onde partira de manhã a pé, segundo o seu costume.

Catarina estremeceu quando o viu.

Receou por um instante que o pai

tivesse morrido.

Mas a fisionomia de Pitou, sem que fosse positivamente alegre, não era de quem trazia notícias fúnebres.

Havia quatro ou cinco dias que Billot adquirira melhoras progressivas. O doutor dava-o livre de perigo, e na manhã em que Pitou saiu de Paris devia ser transferido do hospital de Gros-Caillou para casa de Gilberto.

Logo que cessou o estado perigoso de Billot, Pitou fez a sua declaração formal de voltar a Pisseleux.

Não era por Billot que ele temia, era por Catarina, e previa o momento em que se diria a Billot o que ainda não tinham querido dizer-lhe, isto é, o estado em que se achava sua mulher.

Estava convencido de que, assim que Billot o soubesse, embora estivesse muito fraco, partiria imediatamente para Villers-Cotterets.

E o que aconteceria se ele encontrasse

Catarina na herdade?

O Dr. Gilberto não lhe ocultara o efeito que produzira no doente, tanto a entrada de Catarina como a sua demora momentânea junto do leito dele.

Era evidente que aquela visão se lhe conservara profundamente gravada no espírito, do mesmo modo que fica impressa na memória a recordação de um sonho aflitivo.

À medida que fora recuperando a razão, o ferido lançara em volta de si alguns olhares que passaram a pouco e pouco da inquietação ao ódio. É que esperava talvez que a visão fatal lhe tornasse a aparecer de um momento para o outro.

Não dissera uma palavra sequer nem uma única vez pronunciara o nome de Catarina; porém o Dr. Gilberto era um observador muito profundo, e tudo adivinhara, tudo lera.

Por consequência, logo que viu Billot convalescente; mandou Pitou à herdade.

Encarregava-o de afastar Catarina. Para chegar a esse resultado, Pitou tinha a seu favor dois ou três dias, porque antes desse tempo o doutor não queria arriscar-se a noticiar ao convalescente a má nova de que Pitou fora portador.

Pitou deu parte das suas apreensões a Catarina, com toda a angústia que o carácter de Billot lhe inspirava; mas Catarina declarou que, embora o pai a matasse à cabeceira do leito da moribunda, não sairia dali sem ter primeiramente fechado os olhos de sua rica e santa mãe.

Pitou lamentou profundamente semelhante resolução, mas não encontrou uma palavra para combatê-la.

Conservou-se pois resolvido, sendo necessário, a intervir entre o pai e a filha.

Decorreram ainda dois dias e duas noites, durante as quais parecia que a vida da Sr^a. Billot se esvaía a cada instante.

Havia já dois dias que a doente não tomava alimento, e sustentavam-na

introduzindo-lhe na boca, de quando em quando, uma colher de xarope.

Ninguém acreditava que um corpo pudesse sustentar-se com semelhante recurso.

Aquele corpo tinha já pouca vida!

Durante a noite do décimo para o undécimo dia, quando pareciam já extintas as forças vitais, a doente mostrou reanimar-se, moveu os braços, agitou os beijos e abriu os olhos.

– Minha mãe! Minha mãe! – bradou Catarina.

E precipitou-se para a porta para ir buscar o filho.

Dir-se-ia que Catarina levava a alma de sua mãe consigo: quando tornou a entrar na alcova com o filho ao colo, a moribunda fez um movimento para se voltar para o lado da porta.

Os olhos continuaram a estar abertos e fixos.

Quando Catarina regressou, os olhos da

doente relampejaram.

Um momento depois, deu um grito e estendeu os braços.

Catarina caiu de Joelhos com o filho diante do leito de sua mãe.

Operou-se então um fenómeno singular: a Sr^a. Billot ergueu-se sobre o travesseiro, estendeu lentamente os braços sobre a cabeça de Catarina e do neto, e com um esforço semelhante ao do jovem Átis, filho de Crespo, disse:

– Meus filhos, eu vos abençôo.

Tornou a cair sobre o travesseiro, os braços perderam a força, a voz extinguiu-se-lhe.

Estava morta.

Só os olhos se lhe conservavam abertos, como se a pobre mulher, não tendo visto bastante a filha enquanto viva, quisesse olhar ainda para ela do outro lado da sepultura.

VI

Em que o abade Fortier leva a efeito a ameaça que fizera à tia Angélica

Catarina fechou piedosamente os olhos da mãe, primeiramente com as mãos e depois com os lábios.

A Sr^a. Clément havia muito tempo que previra o momento supremo e comprara duas velas.

Enquanto Catarina, debulhada em lágrimas, levava para o seu quarto o filhinho, que chorava, e o adormecia dando-lhe o peito, a Sr^a. Clément acendia as velas aos lados da cabeceira do leito, cruzava os braços sobre o peito da finada, metia-lhe um crucifixo entre as mãos e colocava sobre uma cadeira um vaso cheio de água benta com um ramo de buxo do último domingo de Ramos.

Quando Catarina entrou, só teve que ajoelhar junto do leito da mãe, com o seu livro de orações.

Durante este tempo Pitou encarregava-se dos outros serviços fúnebres. Não se atrevendo, porém, a ir a casa do abade Fortier, pelas razões que sabemos, foi a casa do sacristão para encomendar a missa do corpo presente e falar a todas as demais pessoas que se encarregam dos enterros.

Feito isto, dirigiu-se a Haramont para prevenir o seu tenente Desiré Maniquet, o seu alferes e os seus trinta e um soldados da guarda nacional, de que o enterro da Sr^a. Billot se realizaria no dia imediato pelas onze horas da manhã.

Como não havia razão que autorizasse os convites, nem aos empregados civis, nem à força da guarda nacional ou de linha, a comunicação de Pitou aos homens do seu comando foi oficiosa e não oficial: foi um convite e não uma ordem para assistirem ao enterro.

Mas os actos cometidos por Billot em favor da revolução eram muito notórios e tinham entusiasmado toda a gente da povoação. Era igualmente conhecido o perigo que corria naquela mesma ocasião, deitado no seu leito de dor, porque fora ferido defendendo a santa causa, e por isso o convite foi considerado como uma ordem; toda a guarda nacional de Haramont prometeu ao seu chefe ir voluntariamente armada, no dia seguinte, às onze horas em ponto, a casa da finada.

À tarde Pitou estava de volta à herdade, a cuja porta encontrou o carpinteiro que trazia o caixão.

Pitou possuía por instinto todas as delicadezas do coração, que raras vezes se encontram nos homens do campo, e até nas pessoas de alta sociedade. Mandou o carpinteiro esconder o caixão na cocheira e entrou só para evitar que Catarina visse o caixão fúnebre e ouvisse o ruído terrível do martelo.

Catarina orava junto do leito de sua mãe. O cadáver tinha sido lavado e amortalhado por duas mulheres, que piedosamente se encarregaram dessa tarefa.

Pitou relatou a Catarina em que empregara aquele dia e aconselhou-a a que tomasse um pouco de ar.

Catarina, porém, queria cumprir até ao fim os últimos deveres e não aceitou o conselho.

- Se não sair - disse Pitou - prejudica o seu filhinho.

- Pois leve-o daqui o Sr. Pitou e faça-o tomar um pouco de ar.

Era necessário que Catarina tivesse muita confiança em Pitou para lhe confiar o filho, ainda que só fosse por cinco minutos.

Pitou saiu em sinal de obediência, mas, passados cinco minutos estava de volta.

- O menino não quer ir comigo e chora.

Efectivamente como as portas estavam abertas, Catarina ouviu os gritos do filho.

Beijou a fronte do cadáver, de que a

forma e quase que até as feições se distinguiam através do véu, e dividida entre os dois sentimentos de filha e de mãe, deixou a mãe para ir acudir ao filho.

Efectivamente o pequenito Isidoro chorava. Catarina pegou nele ao colo e saiu da herdade acompanhada por Pitou.

Atrás deles entraram o carpinteiro e o caixão.

Pitou queria que Catarina estivesse ausente, ao menos um quarto de hora, e como por acaso, conduziu-a pelo caminho de Boursonnes.

Este caminho era tão abundante de recordações para a pobre rapariga, que ela andou meia légua sem dizer uma só palavra a Pitou, que quando julgou concluídos os preparativos funerários, disse:

– Sr^a. Catarina, quer que voltemos à herdade?

Ela saiu dos seus pensamentos como se fora de um sonho e respondeu:

– Oh! Sim, sim. Há-de ser sempre o meu

bom e querido Pitou.

E tomou o caminho de Pisseleux.

Quando voltaram, a Sr^a. Clément com um aceno de cabeça, deu a entender a Pitou que estava tudo terminado.

Catarina recolheu ao seu quarto, para deitar o pequeno Isidoro.

Cumprindo aquele desvelo maternal, quis ir tomar novamente o seu lugar à cabeceira da finada; no limiar da porta encontrou Pitou, que lhe disse:

– É inútil ir agora lá, Sr^a. Catarina; está tudo terminado.

– Está tudo terminado?

– Sim! Na sua ausência... – Pitou hesitou;
– na sua ausência, o carpinteiro...

– Ah! Foi por esse motivo que insisti comigo para sair! Compreendo. Bom Pitou!

E como recompensa recebeu de Catarina um olhar de gratidão.

– Quero rezar a minha última oração e volto já – disse ela.

Catarina, com passo mal seguro, dirigiu-

se ao quarto da mãe e entrou.

Ângelo Pitou seguiu-a pé ante pé, mas parou à entrada da porta.

O caixão estava colocado sobre duas cadeiras no meio da alcova.

Àquela vista Catarina parou estremecendo, e novas lágrimas lhe rebentaram dos olhos.

Depois foi ajoelhar junto do caixão, apoiando sobre ele a fronte pálida pelo cansaço e pela dor.

No caminho doloroso, que conduz o finado do leito de agonia para a sepultura, sua derradeira morada, os vivos que o acompanham encontram-se a cada momento, e há sempre mais alguma particularidade que parece destinada a esgotar as últimas lágrimas daqueles que sobrevivem.

A oração foi longa: Catarina não podia separar-se do caixão: compreendia perfeitamente que, depois do falecimento de Isidoro, só tinha no mundo duas pessoas que lhe tivessem afeição, a mãe e Pitou.

A mãe acabava de abençoá-la e de despedir-se dela; a mãe, ainda estava ali, no caixão, mas no dia seguinte estaria na sepultura.

Só lhe restava Pitou.

Não é sem muito custo que se deixa o nosso último amigo, e mais ainda quando se é mãe.

Pitou conheceu que tinha necessidade de prestar socorro a Catarina; entrou, e vendo que as suas palavras eram inúteis, tratou de tirar dali a pobre Catarina, levando-a pelo braço.

- Sr. Pitou, deixe-me rezar mais uma oração, uma só.

- Olhe que adocece, Sr^a. Catarina - lhe retorquiui este.

- E se adoecer?

- Tenho de procurar uma ama para o seu filho.

- Tem razão; tem razão, Pitou - lhe disse Catarina; - ó meu Deus, que bondade tem este Pitou. Quanto eu lhe quero!

Pitou cambaleou e quase que ia caindo.

Foi, como pôde, encostar-se à porta, ocultando as lágrimas que lhe corriam pelas faces abaixo, lágrimas que eram quase de júbilo.

Não lhe dissera Catarina, naquele momento, que lhe queria?

Pitou não se iludia no modo como Catarina o amava, mas de qualquer maneira que ela lhe tivesse amor, era muito para ele.

Concluída a oração, Catarina cumprindo a promessa que fizera a Pitou, levantou-se e com passo lento foi encostar-se ao ombro do mancebo.

Pitou passou-lhe o braço em volta da cintura para a levar dali para fora.

Ela cedeu; mas antes de transpor o limiar da porta, voltando a cabeça por cima do ombro de Pitou, e lançando um derradeiro olhar para o caixão, tristemente alumado por duas velas, disse:

- Adeus minha mãe! Pela última vez, adeus!

E saiu.

À porta da alcova de Catarina, e quando ia para entrar, Pitou deteve-a.

Catarina percebeu logo que Pitou tinha que dizer-lhe alguma coisa, e perguntou-lhe:

- Quer alguma coisa?

- Não lhe parece - balbuciou Pitou um tanto enleado - não acha, Sr^a. Catarina, que chegou o momento de sair da herdade?

- Não saio da herdade enquanto minha mãe cá estiver - respondeu ela.

Catarina dissera estas palavras com tal firmeza, que Pitou conheceu que a força da sua resolução era inabalável.

- E quando sair da herdade - disse ele - bem sabe que a uma légua distante daqui há dois lugares onde será sempre bem recebida: é na cabana do tio Clouis ou na humilde casa de Pitou.

Pitou chamava casa ao seu quarto de dormir, de que fazia também gabinete.

- Agradeço, Pitou - respondeu Catarina, indicando ao mesmo tempo com um aceno de

cabeça, que aceitava qualquer daqueles asilos.

Catarina entrou para o seu quarto sem se inquietar acerca de Pitou, que sabia sempre certo de achar domicílio para si.

No dia seguinte, depois das dez horas, começaram a afluir à herdade os amigos e convidados para a cerimónia fúnebre.

Achavam-se ali reunidos todos os lavradores das circunvizinhanças, de Boursonnes, Noue, Ivors, Coyolles, Largny, Haramont e Vivières.

Um dos primeiros que appareceu foi o Sr. de Longpré, *maire* de Villers-Cotterets.

Às dez horas e meia, chegou, sem lhe faltar nenhuma praça, a guarda nacional, tocando os tambores e com a sua bandeira flutuando.

Catarina estava vestida de preto e tinha ao colo o filhinho igualmente vestido de preto.

Recebeu todos que entravam, e cumpre dizê-lo, ninguém teve senão sentimentos de

respeito por aquela mãe e por aquele filho, duplamente vestida de luto.

Às onze horas estavam reunidas na herdade mais de trezentas pessoas.

Só faltava o padre, os empregados da igreja e os que deviam levar o corpo.

Esperou-se um quarto de hora.

Ninguém apareceu.

Pitou subiu ao sótão mais alto da herdade.

Da janela do sótão descobriam-se os dois quilômetros de planície, que se estendem de Villers-Cotterets ao lugarejo de Pisseleux.

Conquanto Pitou tivesse muito boa vista, nada distinguia.

Desceu e deu parte ao Sr. Longpré, não só das suas observações, senão também das suas reflexões.

As *observações* eram que não aparecia ninguém; as *reflexões* eram que naturalmente ninguém apareceria.

Pitou acabava de ser informado da visita

do abade Fortier, e de como ele se negara a administrar os sacramentos à Sr^a. Billot.

Pitou conhecia bem o abade Fortier e adivinhou logo tudo.

O abade Fortier não queria prestar o concurso do seu santo ministério ao enterro da Sr^a. Billot, e o pretexto, mas não a causa, era a falta de confissão.

Estas reflexões comunicadas por Pitou ao Sr. Longpré, e por este aos circunstantes, produziram dolorosa impressão.

Todos se olharam em silêncio, até que uma voz disse:

– Pois bem! Se o abade Fortier não quiser dizer a missa, melhor para ele. Passaremos sem ela.

Quem dissera isto fora Desiré Maniquet, muito conhecido pelas suas opiniões anti-religiosas.

Houve silêncio por um instante.

Era evidente que parecia demasiado temerário aos assistentes passarem sem missa.

E todavia estavam muito em voga as escolas de Voltaire e Rousseau.

– Meus senhores – disse o *maire* – vamos a Villers-Cotterets e lá se explicará tudo.

– A Villers-Cotterets! – bradaram todos.

Pitou fez sinal a quatro homens, os quais, fazendo uma espécie de maca com os canos das espingardas, transportaram o caixão.

À porta estava Catarina de joelhos com o seu filho.

Logo que saiu o cadáver, Catarina beijou o patamar da porta, por onde não tencionava tornar a passar, e levantando-se disse para Pitou:

– Encontra-me na cabana do tio Clouis.

E saiu rapidamente, atravessando o pátio e os jardins da herdade, que davam para as planícies de Noue.

VII

Em que o abade Fortier vê que nem sempre é fácil cumprir a palavra dada

O cortejo caminhava silenciosamente, formando uma longa linha na estrada, quando de repente as pessoas que o fechavam sentiram atrás de si alguém que chamava.

Voltaram-se todos.

Viram um cavaleiro, que corria a grande galope, vindo do lado de Ivors, isto é, pela estrada de Paris.

O rosto do cavaleiro estava cheio de emplastros pretos; trazia o chapéu na mão e fazia sinal para que esperassem por ele.

Pitou, que se voltara também, disse:

– Olhem! É o Sr. Billot! Bom! Bem bom! Não queria estar agora na pele do abade

Fortier.

Ouvindo o nome de Billot, todos fizeram alto.

O cavaleiro avançava rapidamente, e à medida que se aproximava, todos o iam conhecendo.

Chegando à frente do cortejo, Billot apeou-se, deitou as rédeas sobre o pescoço do cavalo, e disse com voz muito bem acentuada e que todos ouviram:

– Bons dias, e muito lhes agradeço cidadãos.

Em seguida tomou atrás do féretro o lugar que Pitou ocupara na sua ausência para dirigir o acompanhamento fúnebre.

Por um criado mandaram conduzir o cavalo à herdade do intrépido fazendeiro.

Entretanto olhavam todos para Billot, manifestando uma grande curiosidade.

Tinha emagrecido um pouco e estava de cor quase cadavérica.

Uma parte da testa e o contorno do olho esquerdo tinham conservado a cor avinhada

do sangue extravasado.

Com os dentes cerrados e as sobancelhas franzidas, Billot denunciava estar possuído de cólera, que só esperava o momento oportuno para se manifestar com toda a sua força.

– Já sabe o que se passou, Sr. Billot? – lhe perguntou Pitou.

– Sei tudo – respondeu ele.

Logo que Gilberto lhe noticiou a doença da mulher, Billot alugou um cabriole, que o transportou a Nanteuil.

Mas, como o cavalo não podia ir mais longe, Billot tomou outro de posta, e não obstante estar muito fraco, chegou à herdade justamente no momento em que o enterro acabava de sair.

A Sr^a. Clément relatou-lhe tudo em duas palavras; Billot tornou a montar a cavalo, e ao voltar do muro descobriu o séquito, que se estendia ao longo da estrada e parou à sua voz.

Ele era agora, como já dissemos, quem

dirigia o funeral, com o sobrolho franzido, a boca ameaçadora e os braços cruzados sobre o peito.

O cortejo, já bastante tristonho, tornou-se ainda mais sombrio e silencioso.

À entrada de Villers-Cotterets, estava esperando um grupo de pessoas.

O grupo tomou lugar no cortejo.

À medida que o acompanhamento caminhava através das ruas, homens, mulheres e crianças saíam de casa, cumprimentavam Billot, que lhes correspondia com um aceno de cabeça, e incorporavam-se no cortejo ou tomavam lugar na cauda da coluna.

Quando chegaram à praça, o acompanhamento compunha-se de mais de quinhentas pessoas.

Da praça começava a ver-se a igreja.

Como Pitou previra, a igreja estava fechada.

Quando chegaram à porta fizeram alto.

Billot tornara-se lívido: a expressão do

rosto cada vez se lhe tornava mais ameaçadora.

A igreja e a casa de residência do *maire* eram contíguas; o homem, que tocava serpentão, e que também era porteiro da *mairie* e por consequência dependente ao mesmo tempo do *maire* e do abade Fortier, foi chamado e interrogado pelo Sr. Longpré.

O abade Fortier proibira a todos os empregados da igreja que prestassem o seu concurso à cerimônia do enterro.

O *maire* perguntou onde estavam as chaves da Igreja.

As chaves estavam em casa do bedel.

– Vai buscar as chaves – disse Billot a Pitou.

Pitou abriu o compasso das compridas pernas, partiu e regressou cinco minutos depois, dizendo:

– O abade Fortier levou as chaves para casa, para ter a certeza de que não se abriria, tal é a oposição que faz a este acto.

– É necessário ir buscar as chaves a casa

do abade – disse Desiré Maniquet, promotor nato dos meios extremos.

– É verdade, vamos buscar as chaves a casa do abade – disseram duzentas pessoas.

– Isso leva muito tempo – redargüiu Billot – e quando a morte bate à porta, não costuma esperar.

Olhou em volta de si: defronte da igreja estava a construir-se uma casa.

Os operários esquadravam uma viga.

Billot caminhou direito a eles e fez-lhes sinal com a mão, dizendo-lhes que carecia daquela viga.

Os operários abriram caminho.

A viga estava posta sobre um tabuão.

Billot meteu um braço por baixo da viga, quase pelo meio, e com algum esforço, levantou a enorme peça de madeira.

Ele contara com as forças que já tivera e que não tinha então.

O colosso cambaleou debaixo daquele peso enorme e por momentos supuseram que Billot ia inevitavelmente cair no chão.

Mas fora tudo rápido como um raio.

Billot equilibrou-se nas pernas, sorrindo de um modo terrível; depois, com a viga debaixo do braço, avançou com passo vagaroso mas firme.

Parecia ser uma dessas máquinas antigas com que os Alexandres, os Aníbais e os Césares destruíam as muralhas.

Billot colocou-se com as pernas abertas diante da porta, e principiou a operar com a terrível máquina.

A porta era de carvalho, as fechaduras, os ferrolhos e os gonzos eram de ferro.

À terceira e última pancada, tinham saltado os ferrolhos, as fechaduras e os gonzos e a porta estava entreaberta.

Billot deixou cair a viga.

Foram precisos quatro homens para a levantarem e transportarem para o local de onde ele a levara.

– Agora, Sr. *maire* – disse Billot – mande colocar no meio do coro o caixão de minha mulher, que nunca fez mal a ninguém, e tu,

Pitou, reúne o bedel, o porteiro, os cantores e os meninos do coro, que eu me encarrego do padre.

O *maire* entrava na igreja, conduzindo o caixão.

Pitou saiu em procura dos cantores, dos meninos do coro, do bedel e do porteiro, fazendo-se acompanhar pelo seu tenente Desiré Maniquet e por mais quatro homens, prevenindo assim o caso em que achasse recalcitrantes nos indivíduos que procurava.

Billot dirigiu-se a casa do abade Fortier.

Muitas pessoas, das que formavam o cortejo, quiseram acompanhá-lo.

- Deixem-me ir só - disse ele - talvez tenha conseqüências graves o que vou fazer, e penso que cabe a cada um a responsabilidade das suas acções.

- E afastou-se descendo a rua onde era situada a igreja e metendo pela rua de Soissons.

Era a segunda vez que, com intervalo de um ano, o revolucionário lavrador se ia

encontrar face a face com o sacerdote realista.

O leitor deve lembrar-se do que se passou na primeira vez; provavelmente ia repetir-se a mesma cena.

Por isso, vendo-o encaminhar-se com passo rápido para casa do abade Fortier, todos se conservaram imóveis à porta da igreja, e limitaram-se unicamente a acompanhá-lo com a vista, até que desapareceu.

– Billot não quis que ninguém o seguisse
– diziam os espectadores uns para os outros.

A porta da casa do abade Fortier, também estava fechada.

Billot olhou em volta de si para ver se haveria por ali alguma casa em construção, donde pudesse tirar outra viga; não havia senão um marco de pedra, quase arrancado pela ociosidade dos rapazes e tremendo na cavidade, como um dente no seu alvéolo.

Billot encaminhou-se para o marco de pedra, sacudiu-o violentamente, alargou a cova e arrancou o marco do ponto onde

estava encravado.

Ergueu-o depois acima da cabeça, qual outro Ajax, ou Diómedes, recuou uns três passos e arremessou a enorme pedra com a mesma força com que arremessaria uma catapulta.

A porta fez-se em pedaços.

Ao mesmo tempo que Billot abria aquela formidável passagem, abriu-se a janela do primeiro andar, à qual apareceu o abade Fortier chamando todos os seus paroquianos para que lhe acudissem.

Ninguém fez caso da súplica do pastor; o rebanho estava resolvido a deixar o pastor e o lobo decidirem a questão entre si.

Billot precisou ainda de um certo tempo para arrombar as duas ou três portas que o separavam do abade, mas arrombou-as como fizera à primeira.

Todo este trabalho arrojado levou-lhe proximamente dez minutos.

Passado este tempo, e depois de despedaçada a primeira porta, já se ouviam

os gritos mais violentos do abade, e pelos seus gestos, cada vez mais expressivos, poderia compreender-se que aquela agitação progressiva dependia da aproximação do perigo.

Efectivamente viram aparecer de súbito, por detrás do padre, a cabeça de Billot, e ele estender a mão e abaixa-la poderosamente sobre o ombro do abade.

O padre agarrou-se ao parapeito da janela.

Fortier era igualmente dotado de muita força, e não era fácil, ainda mesmo a um Hércules, faze-lo arredar pé.

Billot passou-lhe o braço pela cintura, firmou-se nas pernas, e com um puxão, capaz de desarreigar um carvalho, arrancou o abade Fortier do parapeito da janela, que se lhe quebrara entre os dedos.

O homem do campo e o eclesiástico desapareceram nas profundidades do quarto, e já não se ouviam, de longe, senão os gritos do abade, semelhantes aos mugidos de um

touro, arrebatado por um leão do Atlas para o seu covil.

Durante este tempo, Pitou trouxera consigo, cheios de receio, os cantores, os meninos do coro, o bedel e o porteiro, e todos, seguindo o exemplo do serpentão-porteiro se apressaram em vestir as lobs e sobrepelizes, acender as velas e preparar tudo para uma missa de defuntos.

Estava-se tratando de tudo quanto era necessário, quando se viu aparecer, por uma pequena saída, que dava para a praça do Palácio, Billot que era esperado pela porta principal da rua de Soissons.

Arrastava após si o padre, apesar da resistência que ele fazia, caminhando tão desembaraçadamente como se viesse sozinho.

Não era um homem, era uma das forças da natureza, alguma coisa semelhante a uma torrente e a uma alavanca; parecia que nenhuma força humana seria capaz de resistir-lhe.

Para lutar com ele, seria necessário um elemento.

O pobre abade, chegando a cem passos da igreja, deixou de resistir.

Estava completamente domado.

Todos abriram caminho para deixar passar aqueles dois homens.

O abade lançou um olhar desvairado sobre a porta quebrada como uma vidraça, e vendo no seu lugar, com os instrumentos, alabardas e livros na mão, todos os homens a quem proibira que pusessem pé na igreja, meneou a cabeça como se tivesse conhecido que alguma coisa de poderoso e de irresistível pesava, não sobre a religião, mas sobre os seus ministros.

Entrou na sacristia, donde saiu um instante depois paramentado para officiar, trazendo o santo cibório na mão e aparentando tranqüilidade que não tinha.

Mas, tendo subido os degraus do altar, depois de depor sobre a mesa santa o vaso sagrado, ao voltar-se para recitar as primeiras

palavras do ofício, Billot estendeu a mão e disse:

- Basta, mau servo de Deus! Não quis senão curvar o teu orgulho. Quero igualmente que se saiba que uma santa mulher como era a minha, pode dispensar as orações de um sacerdote fanático e odiento como tu.

Ouvindo-se a tempo grande rumor na igreja, acrescentou:

- Se há nisto sacrilégio, que ele caia sobre ti!

E voltando-se para o imenso cortejo, que enchia a igreja, bradou:

- Cidadãos, vamos para o cemitério.

Todas as pessoas repetiram em coro:

- Para o cemitério!

VIII

Terrível juramento de Billot sobre a sepultura, da mulher

Os quatro homens que haviam transportado o caixão colocaram-no novamente sobre os canos das espingardas para o conduzirem como tinham vindo, sem padre, sem cânticos da igreja e sem nenhuma das pompas funerárias com que a religião costuma escoltar a dor dos homens, e sob a direcção de Billot, encaminharam-se seiscentas pessoas, seguindo o acompanhamento, para o cemitério, o qual, como se devem lembrar, era situado no fim da travessa, a vinte e cinco passos de distância da casa da tia Angélica.

A porta do cemitério estava fechada.

Chegando ali - coisa singular - Billot deteve-se em frente daquele fraco obstáculo.

A morte respeitava os mortos.

A um sinal de Billot, Pitou correu a casa do coveiro, que, como era natural, tinha a chave do cemitério.

Cinco minutos depois Pitou trazia as chaves e duas enxadas.

O abade Fortier não só prescrevera da igreja a pobre finada, senão também da terra sagrada.

O coveiro recebera ordem para não abrir a cova.

À vista daquela última manifestação do ódio do padre contra Billot, alguma coisa semelhante a um estremecimento de ameaça correu entre os assistentes.

Se houvesse no coração de Billot a quarta parte do fel que há na alma dos beatos, e que fizera a admiração de Molière, bastava que Billot dissesse uma palavra, e o abade Fortier conseguiria finalmente a satisfação de martírio, por que chamava em altas vozes no dia em que se recusou a dizer missa solene sobre o altar da pátria.

Mas Billot tinha a cólera do povo e do

leão: despedaçava, esmagava, quebrava tudo na sua passagem, mas não retrocedia.

Deu um sinal de agradecimento a Pitou cujas intenções conheceu, tomou as chaves das mãos dele, abriu a porta, deixou entrar o caixão, seguiu-o, e ele mesmo foi seguido pelo cortejo funerário, que se compunha de todos quantos podiam andar, e que foram recrutados pelo caminho.

Só os beatos e os realistas ficaram em casa.

Não deixaremos de dizer que a tia Angélica, que era beata e realista, fechara aterrada a porta, vociferando contra o que via, e pedindo que todos os raios celestes caíssem sobre a cabeça do seu sobrinho.

Mas todas as pessoas de bom coração, de bom senso, dotadas do amor da família, todos aqueles a quem revoltava que o ódio substituísse a misericórdia, e a vingança a mansidão, todas essas pessoas, isto é, três quartas partes da cidade, ali estavam, não protestando contra Deus nem contra a

religião, mas contra os padres e o seu fanatismo.

Chegando ao lugar onde devia ser a cova, que já fora marcada pelo coveiro, que ignorava as ordens ulteriores para não enterrar a finada, Billot estendeu a mão a Pitou, o qual acto contínuo lhe deu uma das duas enxadas. Então Billot e Pitou, com a cabeça descoberta, no meio de um círculo de cidadãos igualmente descobertos, debaixo do Sol ardente dos últimos dias de Julho, começaram a abrir a cova da pobre criatura, que sendo muito piedosa e resignada, ficaria maravilhadíssima se, quando viva, lhe dissessem qual seria o escândalo a que daria causa depois de morta.

O trabalho durou uma hora, e nenhum dos dois trabalhadores se lembrou de o deixar antes de concluído.

Durante este tempo, foram buscar cordas, que já estavam prontas quando se concluiu o trabalho.

Billot e Pitou desceram o caixão à cova.

Aqueles dois homens cumpriram tão simples, tão naturalmente o dever supremo que aguardava a finada, que nenhum dos assistentes se lembrou de se oferecer para os auxiliar.

Seria um verdadeiro sacrilégio não os deixar terminar aquela tarefa.

Apenas, às primeiras pás de terra que caíram sobre o caixão, Billot passou pelos olhos a mão e Pitou o canhão da farda.

Depois continuaram resolutamente a deitar terra.

Acabado o trabalho, Billot arremessou a enxada para longe de si e estendeu os braços para Pitou.

Este inclinou-se sobre o peito de Billot.

- Deus é testemunha - disse Billot - que abraço em ti tudo quanto há de virtude na terra, a caridade, a dedicação, a abnegação, a fraternidade, e que hei-de dedicar toda a minha vida para ver triunfar estas virtudes.

Depois, estendeu a mão sobre a sepultura e continuou:

- Deus é testemunha em como juro guerra eterna ao rei, que me mandou assassinar; aos nobres, que desonraram minha filha, e aos padres, que negaram sepultura a minha mulher.

Voltando-se ainda para os espectadores, cheios de simpatia por aquele duplo juramento, disse:

- Irmãos! Vai convocar-se outra Assembléia para substituir os traidores que agora se assentam no clube dos Bernardos: querem que eu os represente nessa Assembléia? Verão se sou capaz de cumprir o meu juramento.

Um grito geral de adesão correspondeu à proposta de Billot, e desde aquele momento ficou tratada a candidatura de Billot à Assembléia legislativa, sobre a sepultura de sua mulher, altar do terrível juramento.

Depois disto Billot agradeceu aos seus companheiros a simpatia que acabavam de mostrar na sua amizade e no seu ódio; tanto os habitantes da cidade como os do campo se

retiraram, levando no coração o espírito da propaganda revolucionária, à qual, na sua própria cegueira, forneceram as armas mais mortais aqueles mesmos que ela devia devorar, isto é, os reis, os nobres e os padres.

IX

Billot deputado

Os acontecimentos que acabamos de relatar tinham produzido profunda impressão, não só nos habitantes de Villers-Cotterets, mas nos lavradores das aldeias circunvizinhas.

Ora, os lavradores são uma grande potência em matéria de eleições; cada qual dá trabalho a dez, vinte, trinta operários, e conquanto naquela época as eleições fossem indirectas, dependiam completamente do que chamavam os campos.

Cada lavrador, ao deixar Billot, apertara-lhe a mão e dissera-lhe esta simples palavra:

– Descansa!

E Billot voltara para casa efectivamente descansando, porque entrevia pela primeira vez um meio poderoso de pagar à nobreza e à

realeza o mal que lhe tinham causado.

Billot sentia, não raciocinava, e o seu desejo de vingança era cego como os golpes que sofrera.

Entrou sem dizer uma palavra de Catarina; ninguém poderia dizer se ele conhecera a momentânea estada da filha na herdade. Havia um ano que ele lhe não pronunciava o nome; a filha para ele era como se não existisse.

Não assim Pitou: deplorava do fundo do coração que Catarina não pudesse curá-lo; mas, ao ver Isidoro, ao comparar-se com o elegante fidalgo, compreendera perfeitamente que Catarina o preferisse no seu amor.

Invejara Isidoro, mas não quisera mal a Catarina; pelo contrário, amara-a sempre com absoluta dedicação.

Dizer que essa dedicação fosse completamente isenta de angústias, seria mentir; mas essas mesmas angústias, que torturavam o coração de Pitou a cada nova

prova de amor que Catarina dava ao amante, provavam a inefável bondade daquele coração.

Morto Isidoro em Varennes, Pitou só experimentava por Catarina profunda piedade: era, então que, fazendo plena justiça ao desventurado moço ao contrário de Billot, se lembrava de quanto havia de belo, bom e generoso naquele que, sem o saber, fora seu rival.

Daí resultara o que vimos, isto é que não só Pitou amava ainda mais Catarina triste e vestida de luto do que a tinha amado risonha e garrida e o que mais é chegava a amar – o que parecia impossível – o pobre orfãozinho quase tanto como ela.

Não será portanto de admirar que ele, depois de ter-se como os demais despedido de Billot, em vez de dirigir-se para o lado da herdade, se encaminhasse para Haramont.

Que finalmente, estavam tão acostumados aos inesperados desaparecimentos e regressos de Pitou, que,

apesar da alta posição que ele ocupava na aldeia como capitão, ninguém se ocupava já das suas ausências.

Quando Pitou partia, dizia-se em segredo que Lafayette o mandara chamar e ficava tudo explicado.

Quando voltava, pediam-lhe notícias da capital, e como ele, graças a Gilberto, as dava das mais frescas e das melhores, e alguns dias depois apareciam realizadas, todos continuavam a ter em Pitou uma cega confiança não só como capitão, senão também como profeta.

Gilberto, pela sua parte, conhecia toda a bondade e dedicação de Pitou, e sabia que em qualquer ocasião era homem a quem podia confiar a sua vida, a vida de Sebastião, um tesouro, uma missão finalmente, quando se entrega com confiança à lealdade e à força.

Sempre que Ângelo Pitou ia a Paris, sem que a pergunta o vexasse, Gilberto perguntava-lhe se precisava de alguma coisa.

Pitou respondia quase sempre:

- Não Sr. Gilberto.

O que não impedia o doutor de lhe dar alguns luíses, que Pitou metia no bolso.

Alguns luíses, os seus recursos particulares e o dízimo em géneros que tirava da coutada do duque de Orleans, eram uma fortuna para Pitou: por isso nunca via acabados os seus luíses, especialmente quando visitava Gilberto, e quando um aperto de mão do doutor renovava nas suas algibeiras a fonte de Pactolo.

Ninguém portanto se deve admirar de que, na disposição em que estava Pitou a respeito de Catarina e de Isidoro, se separasse apressadamente de Billot para se informar da mãe e do filho. Indo para Haramont, ficava-lhe em caminho a choupana de Clouis.

A cem passos de distância encontrou o tio Clouis, que voltava com uma lebre na rede.

Era dia de lebre.

Em duas palavras, Clouis participara a Pitou que Catarina fora pedir-lhe o seu antigo

domicílio, que ele imediatamente lhe cedera.

A pobre rapariga chorara muito ao entrar naquele quarto, onde dera à luz o seu filho, e onde Isidoro lhe manifestara provas tão vivas de amor.

Todavia, aquelas tristezas não deixavam de ter uma espécie de encanto. Sabem os que têm experimentado um grande desgosto que as horas mais cruéis são aquelas em que as lágrimas deixam de correr; suaves e felizes são então as horas em que podemos chorar quase despreocupados por o que fazemos.

Por isso, quando Pitou se apresentou à porta da choupana, encontrou Catarina assentada em cima da cama, com as faces úmidas e o filho ao peito.

Catarina, ao ver Pitou, pôs o filho nos joelhos, e estendeu as mãos e a fronte para o mancebo.

Pitou pegou-lhe nas mãos contentíssimo, deu-lhe um beijo na testa, e o pequenito achou-se momentaneamente abrigado sob o arco que formavam sobre a

sua cabeça aquelas mãos dadas e os beijos de Pitou apoiados na fronte da mãe.

Depois, caindo de joelhos diante de Catarina e beijando as mãozinhas do pequenito, Pitou disse:

- Ah! Sr^a. Catarina, esteja descansada que sou rico; ao menino Isidoro não há-de faltar nada.

Pitou tinha de seu quinze luíses e chamava a isso ser rico. Catarina, que era dotada de bom coração, sabia apreciar as acções boas.

- Obrigado, Sr. Pitou - disse-lhe - acredito e julgo-me feliz em acreditá-lo, porque é o meu único amigo, e se me abandonasse, ficaríamos sem apoio na terra. Não me há-de abandonar, não é verdade?

- Não me diga essas coisas - respondeu Pitou soluçando - que me faz chorar.

E Pitou chorava efectivamente, a ponto de parecer sufocar-se.

- Fiz mal, fiz mal, desculpe-me - disse Catarina.

- Não, não Sr^a. Catarina, tem razão, eu é que sou um asno em chorar deste modo.

- Sr. Pitou - disse Catarina - preciso tomar ar; dê-me o braço e passemos um pouco por baixo destas árvores. Creio que me há-de fazer bem.

- E a mim também, porque me sinto abafar - respondeu Pitou.

O pequenito não precisava tomar ar: alimentara-se largamente no seio materno; tinha necessidade, mas era de dormir. Catarina deitou-o e deu o braço a Pitou.

Cinco minutos depois, passeavam debaixo do arvoredado do bosque, templo magnífico levantado pela mão do Senhor à Natureza, sua divina, sua eterna filha.

Aquele passeio, durante o qual Catarina se lhe apoiava no braço, lembrava-lhe, mau grado seu, o passeio que dera, havia dois anos e meio, no dia de Pascoela, acompanhando a mesma Catarina à sala do baile, onde com tanta mágoa sua Isidoro dançara com ela.

Quantos acontecimentos se tinham passado durante aqueles dois anos e meio, e de que modo Pitou, sem ser filósofo como Voltaire e Rousseau, compreendia que ele e Catarina não eram mais do que uns átomos levados no turbilhão geral!

Mas aqueles átomos, na sua pequenez, nem por isso deixavam de ter as suas alegrias e os seus desgostos como os fidalgos, os príncipes, o rei e a rainha.

A mó, que, agitada pelas mãos da fatalidade, varria as coroas e reduzia os tronos a pó, varrera e reduzira a pó a ventura de Catarina, nem mais nem menos do que se ela estivesse assentada num trono e tivesse uma coroa na cabeça.

Em suma, ao cabo de dois anos e meio, eis qual era a diferença, que verificara na situação de Pitou a revolução, para que ele tão poderosamente concorrera, sem saber o que fazia.

Dois anos e meio antes, Pitou era um pobre rapazito expulso pela tia Angélica,

recolhido por Billot, protegido por Catarina e sacrificado por Isidoro.

Pitou era agora uma potência, tinha uma espada à cinta, dragonas de oficial e chamavam-lhe capitão.

Isidoro tinha sido morto e era Pitou quem protegia Catarina e o filho do fidalgo.

Relativamente a Pitou, era uma perfeita exactidão a seguinte resposta, que Danton dera a esta pergunta:

– Para pôr em cima o que está em baixo, e em baixo o que está em cima.

Mas já vimos que o bondoso, o modesto Pitou, não obstante revolverem-se-lhe na cabeça todas aquelas idéias não tirava delas nenhuma vantagem para si, e era ele quem de joelhos suplicava a Catarina que lhe permitisse protege-la tanto a ela como ao filho que ela tanto amava.

– Catarina, pela sua parte, como todos os corações que sofrem, tinha uma percepção muito mais fina na dor do que na alegria.

Pitou, que no tempo da sua ventura, não

era para ela mais do que um pobre rapaz sem importância, convertia-se na boa e santa criatura que realmente era, isto é, o homem da bondade, da candura e da dedicação, e daí resultou que ela, infeliz e carecida da amizade de alguém, compreendera que Pitou era a pessoa de quem precisava, e que recebido sempre por Catarina com o sorriso nos lábios e perfeita franqueza, começou a passar uma vida, que nunca imaginara, nem sequer nos seus sonhos do Paraíso.

Durante esse tempo, Billot, sempre mudo acerca da filha, continuando nos seus trabalhos da lavoura, prosseguia na idéia de ser eleito deputado à Assembléia Legislativa; só um homem o teria vencido, se tivesse a mesma ambição, mas, todo entregue ao seu amor e ventura, o conde de Charny, encerrado com Andréa no seu palácio de Boursonnes, desfrutavam todas as alegrias de uma felicidade inesperada, esquecendo-se de todo o mundo, e julgando-se esquecido por ele, nem sequer pensava nisso.

O resultado foi que, não havendo oposição no círculo de Villers-Cotterets à eleição de Billot, foi este eleito deputado por grande maioria.

Logo que Billot se viu eleito, tratou de realizar a maior soma de dinheiro que pôde.

O ano fora bom: dividiu as suas propriedades, guardou o grão de que precisava para as sementeiras, a aveia, a palha, o feno necessários para sustento dos seus cavalos e o dinheiro preciso para pagar à gente de trabalho, e mandou chamar Pitou.

Pitou, como já dissemos, visitava Billot de vez em quando; Billot recebia-o sempre de braços abertos, oferecia-lhe de almoçar, se era hora de almoço, de jantar, se era hora de jantar, um copo de vinho ou de cidra, se era hora para beber.

Mas Billot nunca mandara chamar Pitou.

Não foi, pois, sem alguma inquietação que Pitou se dirigiu à herdade.

O aspecto de Billot era mais grave ainda

do que costumava ser. Entretanto estendeu, como costumava, a mão a Pitou, apertou a dele com mais vigor do que o seu usual, e conservou-a por algum tempo estreitada na sua.

Pitou olhava para ele muito admirado.

- Pitou - disse-lhe o lavrador - és um homem de bem.

- Creio que sim - respondeu Pitou.

- Tenho a certeza de que o és.

- É bondade sua, Sr. Billot.

- Resolvi que, na minha ausência, serias tu quem ficasses dirigindo a minha herdade.

- Eu, senhor? É impossível - respondeu Pitou muito admirado.

- Por quê?

- Porque em semelhante administração há uma infinidade de pequenas coisas em que é indispensável a direcção de uma mulher.

- Bem sei - respondeu Billot. Deixo-te a escolha da mulher que deve compartilhar contigo este trabalho. Não te pergunto o

nome. Não preciso sabê-lo, e quando tencionar vir à herdade avisar-te-ei oito dias antes, para que a mulher que escolheres tenha tempo de se retirar, se não for conveniente vê-la ou que ela me veja.

– Muito bem, Sr. Billot.

– Agora, – continuou Billot – no celeiro há o grão necessário para as sementeiras, nos palheiros há o feno, a palha e a aveia para sustento dos cavalos, e nesta gaveta há o dinheiro suficiente para o salário e alimento dos trabalhadores da herdade.

Billot abriu uma gaveta cheia de dinheiro.

– Um instante, um instante, Sr. Billot, quanto dinheiro está nesta gaveta?

– Não sei – respondeu Billot, fechando a gaveta à chave e dando-lhe esta; – quando não tiveres dinheiro manda-mo pedir.

Pitou compreendeu toda a confiança que havia naquela resposta, e abriu os braços para abraçar Billot; mas de repente, considerando que era atrevimento o que

praticava, disse:

- Peço perdão, peço perdão, mil vezes perdão, meu caro Sr. Billot.

- Perdão de quê, meu amigo? - perguntou-lhe Billot muito enternecido por aquela prova de humildade. - Pedes perdão, porque um homem de bem abriu os braços a outro homem de bem! Vem! Pitou, abraça-me.

Pitou lançou-se nos braços de Billot.

- E se por acaso tiver necessidade de mim em Paris?

- Fica descansado, que não me esquecerei de ti.

Depois acrescentou:

- São duas horas da tarde; parto para Paris às cinco; às seis podes estar aqui com a mulher que tiveres escolhido para te ajudar.

- Bem; então - disse Pitou - não devo perder tempo. Até à vista, meu caro Sr. Billot.

- Até à vista, Pitou.

Pitou saiu da herdade - Billot seguiu-o com os olhos enquanto o pôde ver, e quando

o perdeu de vista, disse:

– Por que razão não se namorou minha filha Catarina de um bom rapaz como este é, em lugar de se namorar daquele canalha do fidalgo, que a deixou viúva sem ser casada, e mãe sem ser esposa?

Agora é inútil dizer que às cinco horas Billot entrava na diligência de Villers-Cotterets para Paris, e que às seis Pitou entrava na herdade com Catarina e o pequenito Isidoro.

X

Aspecto da câmara

No primeiro dia de Outubro devia realizar-se a primeira sessão da Assembléia Legislativa.

Como os outros deputados, Billot chegara no fim de Setembro.

A nova Assembléia compunha-se de setecentos e quarenta e cinco membros.

Entre eles contavam-se quatrocentos advogados e jurisconsultos; setenta e dois literatos, jornalistas e poetas, e setenta sacerdotes constitucionais, isto é, que haviam jurado a Constituição.

Os outros duzentos e três deputados eram proprietários ou lavradores como Billot, ou homens que exerciam profissões liberais e, muito embora em minoria, alguns manuais.

O carácter particular sob que apareciam os novos deputados era a mocidade, porque a

maior parte deles não tinha mais de vinte e seis anos.

Podia verdadeiramente dizer-se que era uma geração nova e desconhecida, enviada pela França para acabar violentamente com o passado.

Ruidosa, tempestuosa e revolucionária, vinha destronar a tradição.

Quase todos eram homens de espírito culto: uns eram poetas, como já dissemos, outros advogados, outros químicos, cheios de energia e de espírito, de uma veia extraordinária, de uma dedicação ilimitada pelas idéias, muito ignorantes dos negócios de Estado, inexperientes, faladores, trabalhadores, levianos, evidentemente traziam em si essa coisa grande, mas terrível, o *desconhecido*.

Ora, o desconhecido em política é sempre assustador. À excepção de Condorcet e Brissot, quase se podia perguntar a cada um daqueles homens: *Quem sois?*

Com efeito, onde estavam os fachos, e

até os archotes da Constituinte?

Onde estavam os Mirabeaus, os Sieyès, os Dupont, os Bailly, os Robespierre, os Barnave, os Cazalés?

Tudo isso desaparecera: de lugar em lugar, de intervalo em intervalo, apareciam algumas cabeças de cabelos brancos como perdidas entre aquela ardente mocidade. Todo o resto representava à França nova e viril, a França de cabelos pretos.

Belas cabeças para uma revolução decepar, e que quase todas foram cortadas.

Todos aqueles mancebos não eram simples deputados, eram combatentes, porque se sentia germinar a guerra no interior do reino, e encaminhar-se a guerra estrangeira contra o país.

A Gironda que, em caso de guerra, se oferecia toda, desde os vinte anos até aos cinqüenta, enviava a sua vanguarda.

A vanguarda compunha-se dos Vergniaud, dos Gaudet, dos Gensonné, dos Fonfréde, dos Ducos.

Finalmente, este núcleo era o que se devia chamar Gironda e dar o seu nome a um partido, que se tornou simpático pelas suas desventuras apesar dos seus erros.

Este partido era o dos Girondinos!

Nascido de um sopro de guerra, entravam de um só jacto, e como se fossem atletas, anelando por combater, na arena sanguinolenta da vida pública.

Só vendo-os tomar tumultuosamente o seu lugar na câmara é que se podia adivinhar neles a influência de tempestade, que produziu os furacões de 20 de Junho, 10 de Agosto e 21 de Janeiro.

Não havia lado direito; a direita fora suprimida, e por conseqüência não havia aristocratas.

Toda a Assembléia estava armada contra dois inimigos: os nobres e os padres.

Se resistissem, tinham o mandato para lhes quebrar a resistência.

Quanto ao rei, deixou-se que a consciência dos deputados fosse o juiz do

procedimento que devia haver para com ele.

Deploram-no e esperam que escape ao tríplice poder da rainha, da aristocracia e do clero; se os sustenta, será esmagado com eles.

Ao rei já se não dava tratamento de rei, nem de Luís XVI, nem de majestade; chamavam-lhe *poder executivo*.

O primeiro movimento dos deputados, quando entraram na sala, que lhes era completamente desconhecida, foi olhar em volta de si.

De cada um dos lados havia uma grande tribuna.

- Para quem são essas duas tribunas? - perguntaram alguns deles.

- Para os deputados da última legislatura - respondeu o architecto.

- Ah! Ah! - resmungou Vergniaud - quer dizer que são as tribunas para uma comissão de censura! Então a Assembléia Legislativa é uma câmara de representantes ou uma escola de rapazes?

- Esperemos - disse Hérault de

Séchelles – veremos como procedem os nossos mestres.

– Porteiro! – bradou Thuriot – à medida que eles entrarem, diga-lhes que há na Assembléia um homem que esteve a ponto de precipitar do alto das muralhas o governador da Bastilha, e que esse homem chama-se Thuriot.

Ano e meio depois, aquele homem chamava-se o mata-reis.

O primeiro acto da Assembléia foi mandar uma deputação às Tulherias. O primeiro acto da velha realeza foi uma imprudência. Foi um ministro quem recebeu os deputados.

– Meus senhores – disse ele – el-rei não os pode receber agora; voltem às três horas.

Os deputados retiraram-se.

– Então, já?! – disseram os outros membros, quando os viram voltar.

– Cidadãos – disse um dos enviados – o rei não está pronto, e só nos recebe daqui a três horas.

- Pois utilizemos essas três horas - disse Couthon assentado no seu lugar, porque não tinha força nas pernas. - Proponho que seja suprimido o título de majestade.

- Então que nome se há-de dar ao poder executivo? - perguntou uma voz.

- Chamar-se-á rei dos franceses - respondeu outra voz. - Creio que é um belo título e que deve contentar o *Sr. Capeto*.

Todos se voltaram para o homem que acabava de chamar *Sr. Capeto* ao rei de França. Deparam com um homem de estatura atlética, vestido à camponesa e com uma grande cicatriz na fonte esquerda.

Era Billot.

- Pois chame-se *rei dos franceses* - disseram quase unanimemente.

- Esperem - disse Couthon - restam-nos ainda 2 horas e tenho que fazer outra proposta.

- Faça! - gritaram todos.

- Proponho que quando o rei entrar, nos levantemos, mas depois da sua entrada, nos

assentemos e cobramos.

Houve por um instante, um tumulto terrível; os gritos de adesão eram tão violentos que durante muito tempo era possível toma-lo por gritos de oposição. Acalmado finalmente o ruído, conheceu-se que todos estavam de acordo.

A proposta estava adoptada. Couthon olhou para o relógio.

- Apenas temos uma hora - disse ele - e tenho que apresentar outra proposta.

- Diga, diga! - bradaram todos.

- Proponho - disse Couthon com uma voz suave, que sabia vibrar terrivelmente quando era necessário - proponho que não haja trono para o rei, mas única e simplesmente uma cadeira.

O orador foi interrompido por aplausos.

- Esperem, esperem - disse ele erguendo a mão - ainda não acabei.

Restabeleceu-se prontamente o silêncio.

- Proponho que a cadeira do rei seja à esquerda do presidente.

- Mas isso - disse um - é não suprimir o trono, mas também subordinar o rei.

- Pois proponho - disse Couthon - não só que se suprima o trono, mas até o rei seja subordinado.

As aclamações foram ruidosas. Em todos aqueles terríveis aplausos se conheciam já os dias 20 de Junho e 10 de Agosto.

- Muito bem, cidadãos - disse Couthon - estão passadas as três horas. Agradeçam ao rei dos franceses por nos ter feito esperar, porque não perdemos o tempo.

A deputação voltou às Tulherias. O rei recebeu-a, mas com segunda tenção.

- Meus senhores - disse-lhes ele - só daqui a três dias posso comparecer na Assembléia.

Os deputados olharam uns para os outros.

- Então, senhor, será no dia 4.

- Sim, senhores, será no dia 4.

E voltou-lhes as costas.

No dia 4, o rei participou que estava

doente, e quê só iria à sessão no dia 7.

Isto não impediu que no dia 4, e na ausência do rei, desse entrada na nova Assembléia a Constituição de 1791, isto é, o trabalho mais importante da última Assembléia.

Foi cercada e guardada pelos deputados mais idosos da Constituinte.

– Bem! – disse alguém – ali estão os doze velhos do Apocalipse!

O arquivista Camus fora quem levava a Constituição: subindo com ela à tribuna, e mostrando-a como se fora um novo Moisés, disse:

– Povo! Eis aqui as tábuas da lei!

Começou então a cerimônia do juramento.

Toda a assistência desfilou triste e fria. Muitos dos seus membros já sabiam que aquela constituição impotente não viveria um ano. Fez-se o juramento porque tinha de se prestar, porque era uma cerimônia imposta.

Três partes dos indivíduos que juraram

estavam resolvidos a não cumprir o juramento.

Entretanto, divulgava-se em Paris a notícia dos três decretos.

Já não há majestade!

Já não há trono!

Uma simples cadeira à esquerda.

Era quase o mesmo que dizer que já não havia rei.

O dinheiro como sempre acontece, foi o primeiro que *teve medo*. Os fundos baixaram espontaneamente: os banqueiros começavam a temer.

A 9 de Outubro operara-se uma grande mudança.

Segundo a nova lei, não havia comandante geral da guarda nacional.

A 9 de Outubro, Lafayette devia dar a sua demissão e cada um dos seis chefes da divisão comandaria por escala.

Chegou o dia 7, que era o fixado para a sessão real, de que já se não lembravam na Assembléia.

O rei entrou.

Em contradição com o que se podia esperar, tão grande era ainda o prestígio que, quando o rei entrou, não só os deputados se levantaram e descobriram, mas até prorromperam em unânimes aplausos.

A Assembléia bradou: *Viva o rei!*

No mesmo instante, e como se os realistas pretendessem desafiar os novos deputados, das tribunas bradaram:

– Viva sua majestade!

Um longo murmúrio circulou os bancos dos deputados, que, volvendo os olhos para as tribunas, notaram ter sido especialmente das tribunas reservadas para os antigos membros da Constituinte que saíram aqueles gritos.

– Muito bem, meus senhores – disse Couthon – amanhã impreterivelmente nos ocuparemos das suas pessoas.

O rei deu sinal de que pretendia falar.

Escutaram-no.

O discurso que pronunciou, composto

por Duport du Tertre, era feito com a maior habilidade, e produziu muito efeito na Assembléia. Versava todo sobre a necessidade de manter a ordem e de revigorar o amor à pátria.

Pastoret realista, era o presidente.

O rei disse no seu discurso que precisava de ser amado pelo povo.

– E nós também senhor, precisamos de que nos ameis – disse Pastoret.

A estas palavras toda a sala prorrompeu em calorosos aplausos.

O rei no seu discurso, julgava que estava acabada a revolução.

Por um instante toda a Assembléia foi da opinião do rei.

Para isso ser assim, senhor, era necessário não ser o rei partidário dos padres e mostrar-se indiferente para com os emigrados.

A impressão produzida na Assembléia reproduziu-se no mesmo momento em Paris.

À noite o rei foi ao teatro com a sua

família; e foi ali recebido com um trovão de aplausos.

Muitas pessoas choravam, e ele mesmo derramou lágrimas, posto que fosse pouco sensível a semelhante sensibilidade.

Durante a noite o rei escreveu a todos os gabinetes estrangeiros, comunicando-lhes que aceitara a constituição de 1791.

Todos se lembram de que ele, num dia e num momento de entusiasmo, jurara aquela constituição antes de estar acabada.

No dia seguinte, Couthon lembrou-se do que na véspera prometera aos membros da Constituinte. Anunciou, portanto, que tinha que apresentar uma moção.

As moções de Couthon já eram conhecidas.

Todos se calaram.

- Cidadãos - disse Couthon - peço que se faça desaparecer desta Assembléia toda a espécie de privilégio, e que, por consequência, sejam franqueadas ao público todas as tribunas.

A moção foi adoptada por unanimidade.

No dia seguinte o povo invadia as tribunas dos antigos deputados, e a sombra da Constituinte desaparecera diante daquela invasão.

XI

A França e o estrangeiro

Já dissemos que a nova Assembléia era particularmente deputada contra a nobreza e o clero.

Era uma verdadeira cruzada; mas em lugar de se ler no seu estandarte: *Quere-o Deus*, havia esta legenda *Quere-o o povo*.

A 9 de Outubro, dia da demissão de Lafayette, Gallois e Gensonné leram o seu relatório acerca das desordens religiosas da Vendéa.

O relatório era sensato e moderado, e por isso mesmo fez profunda impressão.

Quem o inspirou, se é que o não escreveu?

Um político muito hábil, e que brevemente veremos dar entrada em cena e no nosso livro.

A Assembléia foi tolerante.

Fauchet, um dos seus membros, pediu unicamente que o Estado deixasse pagar aos sacerdotes que declarassem não querer obedecer à voz do Estado, dando todavia pensão aos refractários que fossem velhos ou enfermos.

Ducos foi mais longe: invocou a tolerância e pediu que se lhes deixasse toda a liberdade de prestarem ou não o juramento.

Mais longe foi ainda o bispo constitucional Torne, declarando que a recusa dos sacerdotes procedia de grandes virtudes.

Depois veremos de que modo os beatos de Avinhão corresponderam a esta tolerância.

Depois da discussão, ainda não terminada acerca do clero constitucional, passou-se a tratar dos emigrados.

Era caminhar da guerra interior para a guerra exterior, isto é tocar nas duas feridas da França.

Fauchet tratara a questão do clero; Brissot tratou a questão dos emigrados.

Tomou-a pelo seu lado elevado e

humano, tomou-a pelo lado onde um ano antes Mirabeau a deixara cair das suas mãos moribundas.

Pediou que se fizesse diferença entre a emigração que precedia do medo e a que precedia do ódio: pediu que houvesse indulgência para com uma e severidade para com a outra.

Era de opinião que se não podiam encerrar os cidadãos no reino, e que, pelo contrário, cumpria deixar-lhes todas as portas abertas. Não queria que houvesse seqüestro contra a emigração que precedia do ódio. Pediu somente que se deixasse de pagar aos que tinham tomado armas contra a França.

Coisa maravilhosa! A França continuava a pagar nos países estrangeiros os honorários dos Condes, dos Lambesc, dos Carlos de Lorraine!

Em breve veremos como os emigrados corresponderam a esta brandura.

Quando Fauchet concluía o seu discurso, receberam-se notícias de Avinhão.

Ainda Brissot não tinha acabado de falar, receberam-se notícias da Europa.

Seguiu-se depois, aparecendo no poente, um grande clarão, como se fora um incêndio, eram notícias da América.

Comecemos por Avinhão.

Digamos em poucas palavras a história desta segunda Roma.

Bento XI morrera em 1304, de um modo escandalosamente súbito.

Dizia-se que tinha sido envenenado nuns figos.

Filipe o Belo, que esbofeteara Bonifácio VIII da Colona, tinha os olhos cravados em Perusa, onde o conclave estava reunido.

Havia muito que nutria a idéia de tirar a sede pontifícia de Roma e de transferi-la para França, e assim que a tivesse no seu cárcere, queria fazê-la trabalhar em seu proveito, para, como diz o nosso grande Michelet, lhe ditar bulas lucrativas, explorar-lhe a infalibilidade e constituir o Espírito Santo escriba e preceptor da casa de França.

Um dia chegou um correio coberto de pó, morto de cansaço, podendo apenas falar; vinha trazer-lhe esta notícia:

O partido francês e o partido anti-francês contrabalançavam-se por tal forma no conclave, que nenhum papa sairia eleito pelos escrutínios, e falava-se em reunir outro conclave noutra cidade.

Esta resolução não fazia conta aos de Perusa, que levavam em capricho que fosse eleito um papa na sua cidade; por isso usaram de um meio um tanto ou quanto engenhoso.

Estabeleceram um cordão em volta do conclave, para impedir em que se levasse de comer e de beber aos cardeais.

Estes gritaram contra o atentado.

– Nomeiem um papa – bradaram os de Perusa, – e terão que comer e que beber.

Os cardeais resistiram por espaço de vinte e quatro horas, passadas as quais tomaram uma deliberação.

Decidiu-se que o partido anti-francês

escolhesse três cardeais, e que o partido francês escolhesse um papa entre aqueles três candidatos.

O partido anti-francês escolheu três inimigos declarados de Filipe o Belo, porém no número desses inimigos estava Bertrand de Got, o arcebispo de Bordéus, que se sabia ser mais amigo do seu interesse do que inimigo de Filipe o Belo.

Partiu um mensageiro trazendo esta notícia.

Fora esse mensageiro que andara o caminho em quatro dias e quatro noites e chegara morto de cansaço. Não havia tempo a perder.

Filipe o Belo deu ponto de reunião na floresta de Audelys, a Bertrand de Got, que ignorava completamente ainda o alto cargo a que era promovido.

Foi numa noite sombria, que assemelhava a uma noite de evocação, numa clareira onde desembocavam três caminhos; era em condições semelhantes que beijavam o

pé rachado de Satanás os que pretendiam alcançar favores ou mercês sobre-humanos, jurando ser homens servos do próprio Satanás.

Mas para sossegar o espírito do arcebispo, começou-se por ouvir uma missa; depois, sobre o altar, e no acto da elevação da hóstia, o rei e o prelado juraram mutuamente segredo. Apagaram-se as luzes, o acólito afastou-se acompanhando os meninos do coro e levando a cruz e os vasos sagrados, julgando por certo, que haveria profanação, se assistissem ao que se ia verificar.

O arcebispo e o rei ficaram sós.

Quem relatou a Villani, de quem o copiamos, o que vamos dizer?

Naturalmente foi Satanás que entrava como terceiro na entrevista.

- Arcebispo - disse o rei Bertrand de Got - tenho o poder de te fazer papa, se quiseres, por isso me dirige a ti.

- A prova? - perguntou Bertrand de Got.

- Está aqui - disse o rei.

E mostrou uma carta dos seus cardeais, que em vez de lhe dizerem que estava feita a escolha, lhe perguntavam quem era que deviam escolher.

- Que devo fazer para ser papa? - perguntou Got, doido de alegria e lançando-se aos pés do rei.

- Comprometeres-te - respondeu o rei - a fazeres-me os seis favores que te pedir.

- Diga meu rei - respondeu Bertrand - sou vassalo de vossa majestade, e o meu dever é obedecer-lhe.

O rei ergueu-o, beijou-o na boca, e disse-lhe:

- Os seis favores especiais que te peço, são os seguintes:

Bertrand de Got prestava toda a sua atenção, porque receava, não que o rei lhe pedisse coisas que comprometessem a sua salvação mas que lhe pedisse coisas impossíveis de cumprir.

- O primeiro favor - disse Filipe - é que

me reconcilies com a Igreja, e faça com que se perdoe o crime que cometi, por ter mandado prender o papa Bonifácio VIII em Anagni.

- Concedido - respondeu prontamente Bertrand.

- O segundo é que me dê a comunhão a mim e aos meus.

Filipe o Belo estava excomungado.

- Concedido - respondeu Bertrand, muito admirado de que se lhe pedisse tão pouco para o elevar a tão alto cargo.

É certo que ainda faltavam quatro favores.

- O terceiro é que me dê os dízimos do clero do meu reino por espaço de cinco anos, para auxílio das despesas feitas com a guerra de Flandres.

- Concedido.

- O quarto é que anules e destruas a memória do papa Bonifácio.

- Concedido, concedido.

- O quinto é que dê a dignidade de

cardeal a Marco Jacopo e ao senhor Pietro de Colonna, e faça cardeais alguns dos meus amigos.

- Concedido, concedido, concedido.

E como Filipe se conservasse silencioso, o arcebispo perguntou-lhe com inquietação:

- E o sexto favor, meu senhor?

- O sexto - respondeu Filipe - reservo-me para falar dele em ocasião oportuna, porque é assunto muito importante e secreto.

- Importante e secreto! - repetiu Bertrand.

- Tão importante e tão secreto - disse o rei - que desejo que desde já jures sobre um crucifixo guardar o maior segredo.

E tirando um crucifixo do peito, apresentou-o ao arcebispo.

Este não hesitou um momento: era o último fosso que lhe faltava passar: passado e vencido, estava eleito papa.

Estendeu a mão sobre a imagem do Salvador, e com voz firme, disse:

- Juro!

- Muito bem - disse o rei; - qual é a cidade do meu reino onde queres ser coroado?

- Em Lião.

- Vem comigo e és papa sob o nome de Clemente V.

Clemente V acompanhou Filipe o Belo, mas muito inquieto por causa do sexto favor que o seu suserano se reservava pedir-lhe.

No dia em que lho pediu, viu que era de pouca importância, e por isso lho concedeu sem dificuldade. Era a destruição da ordem dos templários.

Provavelmente, nada disto era conforme com a vontade de Deus, por isso Deus mostrou o seu descontentamento por um modo manifesto.

Quando, ao sair da igreja, em que fora coroado Clemente V, o cortejo passava pela frente de um muro carregado de povo, o muro caiu, feriu o rei, matou o duque de Bretanha e deitou o papa ao chão. A tiara caiu e o símbolo do papismo aviltado rolou para a

lama.

Oito dias depois, num banquete dado pelo novo papa, os familiares de sua santidade e os cardeais travaram-se de razões.

O irmão do papa quis separá-los e foi assassinado.

Estes presságios eram maus.

Aos maus presságios juntou-se um mau exemplo: o papa extorquia a Igreja e uma mulher extorquia o papa.

A mulher era a linda Brunissanda, a qual na opinião dos cronistas da época, custava mais caro à cristandade do que a Terra Santa.

Todavia o papa cumpria as promessas uma após outra. Filipe tinha feito um papa para si, uma espécie de galinha que punha ovos de ouro, e que ele ameaçava de morte se não lhe pusesse um ovo pela manhã e outro de tarde.

Finalmente o papa Bonifácio VIII foi declarado herege e falso papa, e o rei

absolvido da excomunhão.

Os dízimos do clero foram-lhe concedidos por cinco anos. Foram nomeados doze cardeais da confiança do rei; foi revogada a bula de Bonifácio VIII, que fechava a Filipe o Belo a bolsa do clero, abolida a ordem do Templo e presos os templários.

A este tempo aconteceu que, no 1.º de Maio de 1308, faleceu o imperador Alberto de Áustria.

Filipe o Belo lembrou-se então de fazer nomear imperador seu irmão Carlos de Valois.

Era ainda Clemente V quem devia manobrar para chegar a este resultado.

A escravidão do homem vendido continuava: a pobre alma de Bertrand de Got, selada e enfreada, devia ser cavalgada pelo rei de França até ao inferno.

Por fim teve a veleidade de deitar por terra o seu terrível cavaleiro.

Clemente V escreveu ostensivamente

em favor de Carlos de Valois, e secretamente contra ele.

Feito isto, era necessário sair do reino; a vida do papa tinha tanto menor confiança nas terras do rei, quanto a nomeação dos doze cardeais punha as futuras eleições pontifícias nas mãos do rei de França.

Clemente V lembrou-se dos figos de Bento XI.

Estava em Poitiers.

Conseguiu fugir de noite.

Era estar e não estar em França.

Era uma fronteira, uma terra de asilo, um resto do império, um velho município, uma república como a de S. Marino, mas era governada por dois reis.

Pelo rei de Nápoles, como conde de Provença, pelo rei de França, como conde de Tolosa.

Cada um deles tinha o senhorio de metade de Avinhão.

Nenhum deles podia prender um fugitivo nas terras do outro.

Clemente V refugiou-se naturalmente na parte de Avinhão que pertencia ao rei de Nápoles.

Mas se escapava ao poder de Filipe o Belo, não escapava por certo à maldição do grão-mestre dos templários.

Subindo à fogueira no terraplano da ilha da Cité, Jacques de Molay emprazara os seus dois algozes a comparecerem no fim do ano na presença de Deus.

Clemente V foi o primeiro que obedeceu ao fúnebre convite; sonhou uma noite que via o seu palácio a arder; dali em diante, diz o seu biógrafo, *nunca mais teve alegria e pouco tempo durou.*

Sete meses depois, coube a vez a Filipe.

De que morreu ele?

Há duas versões acerca da sua morte.

Qualquer delas parece ter sido uma vingança caída das mãos de Deus.

A crónica traduzida por Sauvage diz que morreu na caça.

“Viu correr um veado para ele, tirou a espada, picou o cavalo, e julgando ferir o veado, foi levado pelo cavalo de encontro a uma árvore. O choque foi tão forte que o bom rei caiu no chão ferido no coração, e foi transportado a Corbeil.”

Diz a crónica que ali se lhe agravou a doença e morreu. Bem se vê que a enfermidade não podia tornar-se mais grave.

Guilherme de Nangis, pelo contrário, refere assim a morte do rei:

“Vítima de uma doença prolongada, cuja causa era desconhecida pelos médicos, tanto para estes como para muitas outras pessoas foi objecto de espanto e admiração, porque nem o pulso, nem a urina indicavam sintomas de doença ou perigo de morte. Finalmente, ordenou que o transportassem a Fontainebleau, terra do seu nascimento. Ali, depois de ter recebido os sacramentos com fervor e devoção na presença de grande

número de pessoas, rendeu a alma ao Criador, no trigésimo ano do seu reinado, numa sexta-feira, véspera da festa do apóstolo Santo André.”

Nem o Dante deixou de descobrir a morte ao homem que odiava.

Di-lo estripado por um javali.

“O ladrão que no Sena viram falsificar moeda, foi morto com chavelho de porco.”

Os papas que residiram em Avinhão, depois de Clemente V, isto é João XXII, Bento XII e Clemente VI, todos procuraram ocasião de comprar Avinhão.

Foi ao último que se ofereceu o ensejo.

Uma mulher ainda menor, Joana de Nápoles, não o vendeu, deu-o pela absolvição de um assassinio cometido pelos seus amantes.

Chegada à maioridade, reclamou contra a cessão, mas Clemente VI não desistiu dela.

E tão segura era a posse que, quando em 1377 Gregório XI transferiu a sede pontifícia para Roma, Avinhão ficou sendo administrado por um legado, sob a obediência da Santa Sé.

Ainda o era em 1791, quando se verificaram os acontecimentos, que são causa desta longa digressão.

XII

A França e os estrangeiros

Havia então dois Avinhões em Avinhão, como acontecia no tempo em que estava dividido entre o rei de Nápoles, conde de Provença, e o rei de França, conde de Tolosa.

O Avinhão do clero tinha cem igrejas, duzentos conventos e o palácio papal.

O Avinhão dos negociantes tinha o rio, os fabricantes de seda, e o trânsito em cruz de Lião a Marselha e de Nimes a Turim.

Naquela desgraçada cidade quase que só havia os franceses do rei e os franceses do papa.

Os franceses da França eram verdadeiros franceses, os franceses da Itália eram quase italianos.

Os franceses da França, isto é, os comerciantes trabalhavam muito para viver, para alimentar as mulheres e os filhos, e

difícilmente o conseguiam.

Os franceses de Itália, isto é, os padres tinham tudo, riqueza e poder.

Eram abades, bispos, arcebispos, cardeais, ociosos, elegantes e atrevidos chichisbéus das damas da alta aristocracia, senhores das mulheres do povo, as quais ajoelhavam, quando eles passavam, para lhes beijar as mãos alvíssimas.

Querem um tipo?

Têm o abade Maury. É um franco-italiano do Comtat, filho de um sapateiro, aristocrata como Lauzun, orgulhoso como um Clermont Tonerre, insolente como um lacaio.

As crianças amam-se em toda a parte antes de serem homens, e, por consequência, antes de terem paixões.

Em Avinhão, já se nasce com ódios.

A 14 de Setembro, no tempo da Constituinte, por decreto do rei, foi reunido à França o Avinhão é o Condado-Venezino.

Havia um ano que Avinhão ora estava

nas mãos do partido francês, ora nas mãos do anti-francês.

A tempestade começara em 1790.

Uma noite os papistas divertiram-se em enforcar um boneco, adornado com três cores.

Pela manhã os habitantes de Avinhão sobressaltaram-se àquele aspecto.

Arrancaram de casa quatro papistas, porque não puderam alcançar mais, dois fidalgos, um burguês e um operário, enforcaram-nos em lugar do boneco.

O partido francês tinha por chefes dois rapazes, Duprat e Mainvielle, e um homem de certa idade, chamado Lescuyer.

Este último era francês em toda a força da expressão; era da Picardia, dotado de carácter ardente e reflectido ao mesmo tempo, e estava estabelecido em Avinhão na qualidade de tabelião e de secretário da municipalidade.

Os três chefes haviam arranjado uns dias antes mil soldados e tentaram com eles

uma expedição sobre Carpentras, que não produziu bom êxito.

A chuva fria e misturada com granizo, como a que costuma descer do monte Ventoux, dispersou o exército de Mainvielle, Duprat e Lescuyer, como a tempestade dispersou a esquadra de Filipe II.

Quem fez cair aquela chuva milagrosa, que teve o poder de dispersar o exército revolucionário?

Nossa Senhora.

Mas Duprat, Mainvielle e Lescuyer desconfiavam de um catalão, chamado o cavalleiro Patrix, que tinham nomeado general, e a quem, por ter secundado tão eficazmente Nossa Senhora no seu milagre, atribuíam toda a honra.

Em Avinhão fazia-se justiça pronta à traição. Morte ao traidor! Patrix foi morto.

Ora, de quem se compunha o exército que representava o partido francês?

De camponeses, de moços de fretes e de desertores.

Procurou-se um homem do povo para se colocar à frente daqueles homens do povo.

Julgaram ter encontrado o homem que procuravam um certo indivíduo chamado Mateus Jouve, que se dizia Jourdan.

Era natural de Saint-Just, próximo do Puy-en-Velay; fora almocreve, depois soldado e ultimamente taberneiro em Paris.

Em Avinhão vendia ruiva dos tintureiros.

Aquele homem era um gabarola de assassínios, um fanfarrão de crimes.

Mostrava a toda a gente uma espada muito grande, e dizia que cortara com ela a cabeça do governador da Bastilha e ainda as de mais dois oficiais, no dia 6 de Outubro.

Por chalaça ou por temor, o povo acrescentou ao apelido de Jourdan, que ele adoptara, a alcunha de *Corta-cabeças*.

Duprat, Mainvielle, Lescuyer e o seu general Jourdan, *Corta-cabeças*, tinham sido por muito tempo senhores da cidade e começavam a ser temidos.

Organizou-se contra eles uma conspiração oculta e poderosa, hábil e tenebrosa, como costumam ser as conspirações do clero. Trataram de despertar as paixões religiosas.

A mulher de um patriota francês tinha dado à luz um filho sem braços.

Espalhou-se o boato de que o patriota, roubando nessa noite de uma igreja um anjo de prata, lhe quebrara um braço; diziam por isso que o aleijão do recém-nascido era um castigo do Céu.

O pai foi obrigado a esconder-se; eram capazes de o fazer em pedaços, mesmo antes de se informarem de qual era a igreja donde fora roubado o anjo.

Mas, diziam eles que era especialmente Nossa Senhora quem protegia os realistas, quer fossem *chouans* na Bretanha, quer papistas em Avinhão.

Em 1789, diziam que Nossa Senhora chorara numa igreja da rua do Bac.

Em 1890, que aparecera no Bocage

vendeano, atrás de um velho carvalho.

Em 1791, que dispersara o exército de Duport e Mainvielle, mandando-lhes contra as caras uma chuva de pedra.

Finalmente, que, na igreja dos Franciscanos, se lhe haviam corado as faces de vergonha, decerto pela indiferença do povo de Avinhão.

Este último milagre, confirmado particularmente pelas mulheres, porque os homens não lhe davam muito crédito, já elevara os espíritos até certa altura, quando em Avinhão se espalhou um boato muito mais assustador.

Circulava a notícia de que fora transportado para fora da cidade um cofre de prata.

No dia seguinte já não era só um cofre, eram seis.

Dali a dois dias eram dezoito malas cheias.

Que prata continham as dezoito malas?

Dizia-se que eram os penhores que

estavam no monte-pio, e que o partido francês levara consigo, quando evacuou a cidade.

Ao saber-se esta notícia, um vento de tempestade passou sobre a cidade; esse vento é o famigerado zunzum que assobia por entre os elementos, e que é o meio termo entre o rugido do tigre e o assobio da serpente.

Era tal a miséria em Avinhão, que todos tinham alguma coisa empenhado.

Por pouco que o indivíduo mais pobre tivesse empenhado, julgava-se arruinado para sempre.

Se o rico se julga arruinado quando perde um milhão, o pobre julga o mesmo quando perde um farrapo: tudo é relativo.

Isto acontecia a 16 de Outubro, num domingo pela manhã.

Todos os camponeses da vizinhança tinham vindo ouvir missa à cidade.

Naquela época todos andavam armados.

O momento era pois perfeitamente escolhido e o golpe bem jogado.

Neste caso não havia partido francês nem anti-francês.

Havia ladrões, que tinham cometido um roubo infame, porque tinham roubado os pobres!

A multidão afluía à igreja dos Franciscanos: camponeses, artistas e moços de fretes, brancos, vermelhos, tricolores, todos bradavam que era necessário, e no mesmo instante, que a municipalidade lhes desse contas por intervenção do seu secretário Lescuyer.

Porque estava o povo tão encolerizado contra Lescuyer?

Ignorava-se.

Quando se quer tirar violentamente a vida a um homem, acontecem destas fatalidades.

Lescuyer foi repentinamente conduzido para o centro da igreja.

La refugiar-se na municipalidade, mas foi logo conhecido e preso, e até maltratado com murros, pontapés e pauladas dentro da

igreja.

Chegado à igreja, o desgraçado, muito pálido, mas sereno e tranqüilo, subiu ao púlpito e começou a justificar-se.

A justificação era fácil; bastava que dissesse:

“Abra-se e mostre-se o monte-pio ao povo, e ele verá que estão lá todos os objectos que supõe terem sido extraviados”.

E começou:

– Meus irmãos, julguei que a revolução era necessária e contribuí para ela com todas as minhas forças.

Mas não o deixaram prosseguir; estavam receosos de que se justificasse.

Começou a ouvir-se o terrível zunzum, áspero como o mistral.

Um moço de fretes subiu ao púlpito atrás dele, e arremessou-o para o meio da multidão.

Começaram então as torturas.

Arrastaram-no até ao altar.

Era ali que cumpria tirar a vida àquele

revolucionário, para que o sacrifício fosse agradável a Nossa Senhora, em cujo nome se fazia tudo.

Dentro do coro, e ainda vivo, Lescuyer desembaraçou-se das mãos dos seus assassinos e refugiou-se num confessionário.

Mão caridosa lhe forneceu os meios para escrever.

Cumpria que escrevesse o que não tivera tempo de dizer.

Um socorro inesperado fez que por alguns momentos fosse poupado.

Um fidalgo bretão, que por acaso passava por ali, indo para Marselha, entrou na igreja, teve compaixão da pobre vítima, e quis salva-la, com o valor e obstinação próprios de um bretão.

Duas ou três vezes desviara os paus e as facas que o ameaçavam, gritando:

- Meus senhores, em nome da lei, em nome da honra, em nome da humanidade!

As facas e os paus Voltaram-se então contra ele, mas o bretão cobria o corpo do

pobre Lescuyer, bradando:

– Meus senhores, em nome da humanidade!

Depois soltaram-no, dizendo:

– Acabemos primeiro com Lescuyer, que depois encontraremos este.

O povo compreendeu o vigor do raciocínio e largou o bretão.

Obrigaram-no a fugir.

Chamava-se o Sr. de Rosély.

Lescuyer não tivera tempo de escrever, e ainda que o tivesse, ninguém teria lido o seu escrito, porque o tumulto era muito grande. Mas no meio daquela desordem, Lescuyer avistou uma portinha atrás do altar: se conseguisse alcançar aquela porta, estava salvo.

Correu para ela na ocasião em que o julgavam aniquilado pelo terror.

Lescuyer ia lograr os seus intentos, os assassinos tinham sido surpreendidos, mas ao pé do altar estava um fabricante de tafetás, que lhe descarregou sobre a cabeça uma

bastonada tão forte, que o pau quebrou-se.

Lescuyer caiu aturdido como um boi no matadouro.

Caíra justamente no lugar onde queriam que caísse: ao pé do altar!

Então as mulheres, para punir aqueles beijos, que tinham proferido a blasfêmia de *Viva a liberdade!* Retalharam-lhos e os homens dançaram-lhe sobre o corpo e atiraram-lhe pedradas como a Santo Estêvão. Com os beijos a escorrer em sangue, Lescuyer bradava:

– Por favor, meus irmãos, em nome da humanidade, minhas irmãs, matem-me!

Era pedir muito.

Queriam que ele gozasse a agonia.

Durou até à noite.

O desgraçado saboreou largamente a morte.

Eram estas as notícias que chegavam à Assembléia Legislativa, em resposta ao discurso filantrópico de Fauchet. Verdade é

que, dias depois, chegavam outras.

Duprat e Jourdan foram prevenidos do acontecimento.

Onde poderiam encontrar a sua gente dispersa?

Duprat teve uma lembrança.

Lembrou-se de tocar, à maneira de chamada, o famoso sino de prata, que só tocava em duas ocasiões:

Na sagração dos papas e quando eles faleciam.

Aquele som produziu dois efeitos contrários.

Gelou o coração aos papistas e restituiu o valor aos revolucionários.

Ao vibrar daquele sino, que dava um som tão desconhecido, os homens do campo saíram da cidade, e cada qual fugiu em direcção ao seu domicílio.

Jourdan, ouvindo tocar o sino, reuniu quase trezentos dos seus soldados.

Tomou as portas da cidade, as quais colocou de guarda cento e cinquenta homens.

Com os outros cento e cinqüenta marchou para os Franciscanos.

Tinha duas peças de artilharia, com as quais atirou ao acaso sobre a multidão, e matou gente.

Depois entrou na igreja.

A igreja estava deserta. Lescuyer agonizava junto do altar da Virgem, que fizera tantos milagres, e que não se dignara estender a sua mão divina para salvar aquele desgraçado; dir-se-ia que ele não podia morrer.

Aqueles restos ensangüentados teimavam em viver. Assim o levaram pelas ruas, e por onde passava, todos fechavam as janelas, gritando:

- Eu não estava na igreja dos Franciscanos!

Era tal o terror que havia em Avinhão, que Jourdan e os seus cento e cinqüenta homens teriam feito o que quisessem dos trinta mil habitantes.

Fizeram em ponto pequeno o mesmo

que Marat e Panis fizeram em Paris no dia 2 de Setembro.

Ver-se-á mais adiante a razão por que dizemos Marat e Panis e não falamos em Danton.

Foram mortos setenta e oito desgraçados, precipitados para os segredos pontifícios, na torre de La Glacière, ou torre *Trouillas*, como lá lhe chamam.

Era esta a notícia que se recebia e que fazia esquecer a morte de Lescuyer por terríveis represálias.

Quanto aos emigrados, que Brissot defendia, e aos quais desejava que fossem abertas as portas da França, eis o que eles faziam nos países estrangeiros.

Faziam as pazes entre a Áustria e a Prússia, e convertiam em potências amigas duas inimigas naturais.

Faziam com que a Rússia proibisse ao nosso embaixador que aparecesse nas ruas de S. Petersburgo, e que aquele gabinete enviasse um ministro aos refugiados em

Coblentz.

Faziam com que Berne castigasse uma cidade suíça, porque havia cantado o *Ça ira revolucionário*.

Faziam com que Genebra, pátria de Rousseau, que tanto concorrera para a revolução que se realizava, dirigisse contra nós as bocas das suas peças de artilharia.

Faziam com que o bispo de Liège se negasse a receber um embaixador francês.

É certo que os reis também se não descuidavam.

A Rússia e a Suécia devolviam a Luís XVI os despachos em que este lhes participava a sua adesão à Constituição.

A Espanha recusava-se a receber os mesmos despachos, mas respondia entregando à inquisição um francês, que só pelo suicídio pôde escapar ao *san-benito*.

Veneza lançava sobre a praça de S. Marcos o cadáver de um homem, estrangulado essa noite por ordem do Conselho dos Dez, tendo pendente esta

inscrição:

“Estrangulado por ser pedreiro livre...”

Finalmente, o imperador e o rei da Prússia respondiam com uma ameaça.

- Desejamos - diziam eles - que se previna a necessidade de tomar precauções sérias contra a renovação de coisas, que dão lugar a tão tristes agouros.

Por isso havia guerra na Vendéia e no Meio-Dia, e a ameaça geral de guerra estrangeira.

Do outro lado do Atlântico, ouviam-se os gritos de uma população inteira, que era degolada.

O que aconteceu no Ocidente? Quem são esses escravos negros que mataram, por estarem cansados de ser maltratados?

São os negros de São Domingos, que tiram uma sanguinolenta desforra.

Como foram esses acontecimentos?

Em duas palavras vamos narrá-los; não

seremos tão prolixos como a respeito de Avinhão.

A Constituinte prometera a liberdade aos negros.

Ogé, jovem mulato, um desses corações ardentes e dedicados, como tenho conhecido tantos, tornou a atravessar os mares levando o decreto libertador logo que foi promulgado.

Posto que não houvesse chegado ainda nada de oficial a respeito daqueles decretos, pressuroso pela liberdade, intimou o governador para que lhes desse cumprimento.

O governador deu ordem para o prenderem.

Ogé refugiou-se na parte espanhola da ilha.

Foi entregue pelas autoridades espanholas, cujo ódio pela revolução era bem conhecido.

Ogé foi rodado vivo.

Este suplício foi seguido de terror por parte dos brancos. Supondo que tivesse

muitos cúmplices na ilha, os plantadores tornaram-se juízes e multiplicaram as execuções.

Uma noite sublevaram-se setenta mil negros; os brancos foram despertados por um incêndio imenso que devorava as suas plantações.

Oito dias depois, o incêndio estava apagado com sangue.

Que fará a França, pobre salamandra encerrada neste círculo de fogo?

Vamos ver.

XIII

A guerra

No seu enérgico discurso acerca dos emigrados, Brissot demonstrara claramente as intenções dos reis e o género de morte que reservavam à revolução.

Como a matariam?

Sufocando-a.

Tendo apresentado o quadro da liga européia, tendo mostrado o círculo de soberanos, uns com a espada na mão, arvorando francamente o estandarte do ódio, e outros cobrindo ainda o rosto com a máscara da hipocrisia, até que a pudessem largar, bradara:

– Pois bem! Seja assim. Não só aceitamos o desafio da Europa aristocrata, mas ainda o queremos prevenir. Não esperemos que nos ataquem, sejamos os primeiros a atacar.

A este brado do orador correspondeu

um aplauso imenso. É que Brissot, que era mais um homem de instinto que homem de génio, acabava de responder ao pensamento santo, ao pensamento de dedicação que dominara nas eleições de 1791: a guerra.

Não a guerra egoísta, que um déspota declara para vingar um insulto feito ao seu trono, ao seu nome, ou ao nome dos seus aliados, ou para acrescentar uma província submissa ao seu reino ou ao seu império, mas a guerra que é acompanhada pelo sopro da vida, a guerra cujas trombetas dizem em toda a parte onde são ouvidas: “Levantai-vos, ó vós que quereis ser livres! Trazemos-vos a liberdade!”

E efectivamente o povo começava a ouvir como que um grande murmúrio, murmúrio semelhante ao ruído da maré.

Este murmúrio era o balbuciar de trinta milhões de vozes, que não falavam ainda, mas que já rugiam, e Brissot traduziu esse rugido por estas palavras:

- Não esperemos que nos ataquem,

sejamos os primeiros a atacar.

Logo que a estas palavras ameaçadoras respondera um aplauso geral, a França era forte, e não só devia atacar, mas cumpria-lhe vencer.

Faltavam as questões secundárias. Os nossos leitores já devem ter notado que não escrevemos um romance, mas sim uma obra histórica. Não tornaremos provavelmente a referir-nos a esta grande época, da qual já tiramos: *Branca de Beaulieu, o cavaleiro da Casa Vermelha*, e um livro escrito, *O último rei dos franceses*, que será publicado brevemente, e por isso devemos exprimir tudo quanto se contém nessa época.

Vamos passar rapidamente sobre essas questões de importância secundária, para chegarmos com a maior brevidade aos acontecimentos que nos falta relatar, e nos quais estão mais particularmente envoltos os personagens do nosso livro.

A notícia dos acontecimentos da Venda dos assassínios de Avinhão, e dos

insultos da Europa, ecoou na Assembléia com o estampido do raio. Já vimos que a 20 de Outubro, Brissot se contentara com um imposto sobre os bens dos emigrados. No dia 25, Condorcet condenava aqueles bens ao seqüestro e exigia dos emigrados o juramento cívico.

Exigir juramento cívico a homens que estavam fora de França e armados contra a França!

Apareceram então dois homens, que se tornaram, um o Barnave, e o outro o Mirabeau da nova Assembléia.

Eram Vergniaud e Isnard.

Vergniaud, uma dessas figuras meigas, poéticas e simpáticas, que as revoluções arrastam após si, era filho da fértil Limoges; meigo, lento, e mais afectuoso do que apaixonado, bem nascido e bem dotado, distinguido por Turgot, intendente de Limousin, e por ele mandado às escolas de Bordéus, a sua palavra era menos áspera, menos violenta do que a de Mirabeau, e, bem

que inspirada pela escola grega e um tanto sobrecarregada de mitologia, era menos prolixa, menos de advogado do que a de Barnave.

O que constituía a parte vivaz e influente da sua eloquência, era a nota humana, que eternamente vibrava na Assembléia. Mesmo no meio das ardentes e sublimes cóleras das tribunas, ouvia-se sempre irromper-lhe do peito a expressão da natureza ou da compaixão. Chefe de um partido azedo, violento, disputador, pairou constantemente sereno e digno sobre a situação, mesmo quando a situação foi mortal; os inimigos diziam-no indeciso, mole, indolente; muitas vezes perguntavam onde estava a sua alma, que parecia ausente; tinham razão: a sua alma não habitava nele senão quando ele fazia um esforço para prendê-la no peito; toda a sua alma vivia numa mulher, vagava-lhe sobre os lábios, transparecia-lhe nos olhos, vibrava na sublime harpa da bondosa, da bela, da

deliciosa Candeille.

Isnard era a antítese de Vergniaud; este era de algum modo a serenidade, o outro era a cólera da Assembléia.

Isnard, nascido em Grasse, no país dos perfumes e do mistral, tinha os furores violentos e súbitos desse gigante das tempestades, que com o mesmo sopro desarraiga os rochedos e desfolha as rosas; a sua voz desconhecida estrondeou de repente na Assembléia como um dos inesperados trovões das primeiras tempestades do Estio. Ao primeiro acento daquela voz, estremeceu toda a Assembléia, os mais distraídos ergueram a cabeça, e cada qual esteve prestes a dizer como Caim à voz de Deus: “É a mim que falais, Senhor?”

Como fosse interrompido, bradou:

- “Pergunto à Assembléia, pergunto à França, pergunto ao mundo, pergunto-vos a vós, senhor, designando quem o interrompera, pergunto se há alguém que de boa fé, e no voto íntimo da sua consciência,

queira sustentar que os príncipes emigrados não conspiram contra a pátria; pergunto em segundo lugar, se há alguém nesta Assembléia que se atreva a sustentar que quem conspira não deva ser imediatamente acusado, perseguido e castigado com todo o rigor.”

“Se há alguém que se levante...”

“Disseram-vos que a indulgência era o dever da força, que certas potências desarmavam, e eu digo-vos que é necessário estar alerta, que o despotismo e a aristocracia não conhecem nem morte nem sono e que se as nações adormecerem um momento que seja, acordarão algemadas. O crime que menos perdão merece é o que tem por fim escravizar o homem; se o fogo do Céu estivesse ao alcance dos homens, com ele deviam fulminar os que atentam contra a liberdade dos povos!”

Era a primeira vez que se ouviam semelhantes palavras. Aquela eloquência selvagem arrastou tudo consigo, como o gelo

desprendido nos Alpes, arrasta na sua queda árvores, rebanhos, pastores e casas.

Na mesma sessão decretou-se o seguinte:

“Que se Luís Estanislau Xavier, príncipe francês, não recolhesse ao país no prazo de dois meses, abdicava os seus direitos à regência”.

A 8 de Novembro decretou-se:

“Os emigrados que não recolherem até ao 1.º de Janeiro, serão declarados criminosos de conspiração, perseguidos e punidos de morte”.

Finalmente, a 29 de Novembro chegou a vez ao clero.

“Será exigido ao clero o juramento cívico no prazo de oito dias.”

“Os que se recusarem serão tidos por

suspeitos de revolta e recomendados à vigilância das autoridades.”

“Se acharem numa comuna, onde se dêem desordens religiosas, o directório do departamento poderá afastá-los do seu domicílio ordinário.”

“Se desobedecerem, serão presos até um ano.”

“Se provocarem a desobediência serão presos até dois anos.”

“A comuna, onde a força armada for obrigada a intervir, pagará as despesas.”

“As igrejas servirão unicamente para o culto pago pelo Estado; as que não forem necessárias, poderão ser compradas para outro culto, mas não por aqueles que se recusarem ao juramento.”

“As municipalidades enviarão aos departamentos, e estes à Assembléia, a lista dos sacerdotes que jurarem e dos que tiverem recusado, com observações sobre a coalizão deles entre si e com os emigrados, a fim de que a Assembléia preveja aos meios de

extirpar a rebelião.”

“A Assembléia considera como um benefício os bons livros que possam esclarecer os habitantes de campo acerca das pretendidas questões religiosas, fá-los-á imprimir e recompensará os seus autores”.

Já dissemos o que fora feito dos Constituintes, ou por outra dos constitucionais, e dissemos qual fora o intuito com que criaram o clube dos Bernardos.

O espírito deles estava em perfeita harmonia com o do departamento de Paris.

Era o espírito de Barnave, de Lafayette, de Lameth, de Duport e de Bailly, ainda *maire*, mas que ia deixar de o ser.

Viam no decreto do clero, que diziam promulgado contra a consciência pública, e no dos emigrados, que consideravam atentatório dos laços da família, um meio de experimentar o poder do rei, e opunham-se-lhes.

O clube dos Bernardos deu-se pressa em

redigir, e o directório de Paris assinou um protesto contra aqueles dois decretos, pedindo a Luís XVI que pusesse imediatamente o veto no decreto que dizia respeito aos sacerdotes.

Como se sabe, a constituição ainda reservava a Luís XVI o direito do veto.

Quem assinava aquele protesto?

Talleyrand, o homem que fora o primeiro a atacar o clero, o Mefistófeles, que com o pé aleijado quebrara o gelo.

O homem que depois fez vilíssima diplomacia, nem sempre via claro em matéria de revoluções.

Espalhou-se com antecedência o boato do veto.

O clube dos Franciscanos impelira para a frente Camilo Desmoulins, o archeiro da revolução, sempre pronto para pregar a flecha em pleno alvo.

Desmoulins também fez a sua petição.

Como lhe fosse difícil fazer-se entender quando falava, Camilo Desmoulins

encarregou Fauchet de fazer a leitura.

Fauchet leu a petição.

Foi unanimemente aplaudida do princípio ao fim.

Não era possível tratar a questão com mais ironia, nem ao mesmo tempo profunda-la tanto.

“Não nos queixamos – dizia o condiscípulo de Robespierre, o amigo de Danton – não nos queixamos, nem da Constituição que concedeu o veto, nem do direito que dele faz uso, porque nos lembramos da máxima de um grande político, de Maquiavel, que diz:

‘Se o príncipe tem de renunciar à soberania, a nação seria muito injusta, muito cruel, se o censurasse por se opor constantemente à vontade geral; porque é difícil e contra o natural cair voluntariamente de tão alto.’

Compenetrado desta verdade, tomando

o exemplo do próprio Deus, cujos mandamentos não são impossíveis, nunca exigiremos do que outrora foi soberano, um amor impossível pela soberania nacional, e não levamos a mal que oponha o seu veto justamente aos melhores decretos.”

A Assembléia, como já dissemos, aplaudiu, adoptou a petição, decretou que fosse inserta na acta, e que esta fosse enviada aos departamentos.

Nessa noite houve movimento nos Bernardos.

Muitos membros do clube, representantes na Legislativa, não tinham assistido à sessão.

Os ausentes da véspera invadiram no dia seguinte a Assembléia.

Eram duzentos e sessenta.

O decreto do dia antecedente foi anulado, entre os apupos e os assobios das tribunas.

Isso foi a declaração de guerra entre a

Assembléia e o clube, que se apoiou daí em diante nos Jacobinos, que Robespierre representava, e nos Franciscanos representados por Danton.

Este, efectivamente, ganhava popularidade e a sua cabeça monstruosa começava a destacar entre a multidão. Gigante Adamastor, crescia diante da realeza e dizia-lhe:

“Sentido, que o mar em que navegas chama-se o mar das tempestades!”

Depois, inesperadamente, a rainha veio em auxílio dos Jacobinos contra os Bernardos.

Os rancores da rainha foram para a revolução o mesmo que os grãos de areia e as borrascas são para o Atlântico.

A rainha odiava Lafayette, o homem que a salvara em 6 de Junho e que perdera a sua popularidade por causa do paço em 17 de Julho.

Lafayette apresentava-se para substituir Bailly como *maire* de Paris.

A rainha, em lugar de auxiliar a eleição

de Lafayette, fez com que os realistas votassem em Pétion.

Extraordinária cegueira! Votar em Pétion, o seu brutal companheiro na viagem de Varennes!

A 19 de Dezembro o rei apresentou-se na câmara para dar o veto ao decreto promulgado contra o clero.

Na véspera dera-se nos Jacobinos uma grande demonstração.

Virchaux, suíço de Neuchâtel, o mesmo homem que no Campo de Marte escrevia a petição a favor da República, vinha trazer aos Jacobinos uma espada de Damasco, destinada ao primeiro general que vencesse os inimigos da liberdade.

Isnard estava presente; pegou na espada do jovem republicano, subiu à tribuna e desembainhou-a, exclamando:

- Esta é a espada do anjo exterminador; será vitoriosa, a França soltará um grande brado, e os povos lhe responderão; então a terra há-de cobrir-se de combatentes e os

inimigos da liberdade serão riscados da lista dos homens.

Ezequiel não o diria melhor.

A espada desembainhada não devia volver à bainha; estava declarada uma dupla guerra.

A espada do republicano de Neuchâtel devia primeiramente ferir o rei de França, e depois dele os reis estrangeiros.

XIV

Um ministro da feição da senhora de Staël

Gilberto não pudera tornar a ver a rainha desde o dia em que tendo-lhe pedido que a esperasse um instante no gabinete, ali o deixara para ouvir o plano político que o Sr. de Bréteuil trazia de Viena, e que era concebido nos termos seguintes:

“Fazer com Barnave o mesmo que se fizera com Mirabeau, ganhar tempo, jurar a Constituição, executa-la literalmente para mostrar que é inexecutável; a França há-de esfriar e enfadar-se: os franceses têm a cabeça leve, inventar-se-á outra moda e esquecer-se-á a moda da liberdade.”

“Se esta moda não esquecer, ganhar-se-á um ano, e dentro desse tempo estaremos

prontos para fazer e sustentar a guerra”.

Haviam decorrido seis meses desde aquela época e a moda da liberdade não tinha passado, e era evidente que os soberanos estrangeiros se preparavam para cumprir a sua promessa e fazer a guerra.

Gilberto admirou-se muito de ver entrar em sua casa uma manhã o particular de el-rei. A primeira coisa de que se lembrou foi de que o rei estivesse doente e o mandasse chamar; mas, quanto a esse ponto, o criado sossegou-o.

Mandavam-no chamar ao palácio.

Gilberto não insistiu para saber quem o mandava chamar; mas o particular, que naturalmente tinha as suas instruções, não saiu sem lhe dizer:

– Pedem-lhe que apareça no palácio.

Gilberto era muito dedicado a el-rei: deplorava Maria Antonieta mais ainda como mulher do que rainha; não lhe inspirava nem amor nem dedicação, mas tinha muito dó

dela.

Apressou-se em obedecer.

Introduziram-no na sobreloja onde fora recebido Barnave.

Assentada numa cadeira estava uma mulher, que se ergueu quando Gilberto entrou.

Gilberto conheceu naquela dama a princesa Isabel.

Por esta tinha ele profundíssimo respeito; sabia quanto tinha de angélica a bondade do seu coração.

Fez-lhe uma reverência profunda, e percebeu desde logo a situação.

Nem o rei nem a rainha se tinham atrevido a mandá-lo chamar em seu nome, e por isso punham a princesa Isabel como intermediária.

As primeiras palavras da princesa Isabel ao doutor provaram-lhe que não se enganara nas suas conjecturas.

– Sr. Gilberto – lhe disse ela – não sei se outras pessoas se esqueceram dos sinais de

interesse que deu a meu irmão no seu regresso de Versalhes, e o interesse que lhe deveu minha irmã na sua volta de Varennes; mas eu lembro-me muito bem.

Gilberto inclinou-se e disse:

- Minha senhora, Deus resolveu na sua sabedoria que vossa alteza tivesse todas as virtudes, e até a virtude da memória, hoje tão rara, especialmente nas pessoas reais.

- Não diz isso com referência a meu irmão, não é verdade, Sr. Gilberto? Meu irmão fala-me muitas vezes no Sr. Gilberto, e tem em muita consideração a sua experiência.

- Como médico? - perguntou Gilberto sorrindo.

- Como médico, sim senhor, mas acredita que a sua experiência não só se pode aplicar à saúde de el-rei, senão também à salvação do reino.

- Bondade de el-rei, minha senhora - respondeu Gilberto. - Para qual dos dois sou chamado agora, é para el-rei ou para o reino?

- Não foi el-rei quem o mandou chamar,

fui eu – disse a princesa corando um pouco, porque aquele coração casto não sabia mentir.

– Vossa alteza! – disse Gilberto – por certo que não é a sua saúde que lhe dá cuidado: a palidez de vossa alteza é produzida pela fadiga e pela inquietação, mas não pela doença.

– Não, senhor, tem razão; não me inquieto por mim, mas sim por meu irmão.

– E eu também, minha senhora.

– A nossa inquietação não precede da mesma origem, isto é, a falta de saúde – redargüiu a princesa sorrindo.

– El-rei está doente?

– Não direi que esteja doente – respondeu a princesa – mas está abatido e desanimado; olhe, há dez dias (eu costumo contar os dias), faz hoje dez dias que não diz uma única palavra, a não ser a mim, ou quando joga o gamão, em que é obrigado a dizer as palavras que são indispensáveis ao jogo.

- Faz hoje onze dias - disse Gilberto - que ele se apresentou na câmara para significar o seu veto; porque não emudeceu ele nessa manhã, em vez de emudecer no dia seguinte?

- Então era de opinião - bradou vivamente a princesa - que meu irmão sancionasse aquele decreto?

- Minha senhora, a minha opinião é que pôr el-rei na frente do clero contra a corrente que desce, contra a maré que sobe e contra a tempestade que troveja, é querer que el-rei e o clero sejam despedaçados pelo mesmo golpe.

- Que faria o Sr. Gilberto no lugar de meu irmão?

- Minha senhora, existe neste momento um partido que cresce como os gigantes das *Mil e uma Noites*, os quais, encerrados num vaso, têm cem côvados de altura uma hora depois de quebrado o vaso.

- Refere-se aos Jacobinos?

- Não, minha senhora, quero falar da

Gironda: os Jacobinos não querem a guerra, é a Gironda que a quer; a guerra é nacional.

- A guerra? Contra quem? Contra o imperador, nosso irmão? Contra o rei de Espanha, nosso sobrinho? Os nossos inimigos, Sr. Gilberto, estão em França e não fora de França, e a prova...

A princesa hesitou.

- Diga, minha senhora - redargüiu Gilberto.

- Não sei, na verdade, se o posso dizer, doutor, posto que foi para isso mesmo que o mandei chamar.

- Pode dizer-me tudo, minha senhora, como a um homem dedicado e pronto a dar a sua vida por el-rei.

- Acredita que existam contravenenos? - lhe perguntou a princesa.

Gilberto sorriu e respondeu:

- Contravenenos infalíveis, não, minha senhora, mas cada substância venenosa tem o seu antídoto, posto que em geral, cumpre dizê-lo, tais antídotos são quase sempre

impotentes.

– Oh! Meu Deus!

– Em primeiro lugar é preciso saber se o veneno é mineral ou vegetal: geralmente os venenos minerais oprimem sobre o estômago e as entranhas, e os vegetais oprimem sobre o sistema nervoso, isto é, uns irritam e outros reduzem à insensibilidade. De que género de veneno quer vossa alteza falar?

– Ouça; vou revelar-lhe um grande segredo.

– Eu escuto, minha senhora.

– Receio que envenenem el-rei.

– Quem supõe vossa alteza que seja capaz de cometer semelhante crime?

– Eu lhe digo o que aconteceu. O Sr. Laport, intendente da lista civil... Conhece-o?

– Conheço sim, minha senhora.

– Pois o Sr. Laport mandou-nos prevenir de que um homem das cozinhas reais, que estabelecera uma loja de pasteleiro no Palais-Royal, por morte do antigo fornecedor da pastelaria, ia ser encarregado desse

fornecimento. Ora, esse homem, que é um grande Jacobino, disse em voz muito alta que se prestaria um grande benefício à França se se envenenasse el-rei.

– Minha senhora, as pessoas que querem cometer um crime semelhante, geralmente, não se gabam dele antes de o cometer.

– Mas é coisa tão fácil envenenar el-rei! Felizmente, o indivíduo de quem desconfiamos somente fornece as massas.

– Vossa alteza já tomou precauções?

– Sim, está resolvido que el-rei só coma carne assada, e que seja o Sr. Thierry, de Ville d'Avray, quem traga o pão, sendo ele igualmente quem forneça o vinho. Quanto aos pastéis e massas, como el-rei gosta muito deles, a Sr^a. Campan recebeu ordem de os encomendar para si ora num ora noutro pasteleiro. Recomendaram-nos, sobretudo, que desconfiássemos do açúcar em pó.

– Porque se lhe pode misturar arsénico, sem que se conheça, não é assim?

– Justamente.

- Por certo que a precaução é justíssima.

- A rainha costumava sempre tomar água com açúcar; mas já lhe fizemos perder esse costume. El-rei, a rainha e eu, comemos sempre juntos, e ninguém nos serve à mesa. Se algum de nós carece de alguma coisa, tocamos a campainha. A Sr^a. Campan, logo que o rei se assenta à mesa, traz por uma entrada particular, massas, pão e vinho, esconde tudo isto debaixo da mesa, e simulamos que bebemos vinho da copa, e que comemos o pão e as massas da ucharia. É deste modo que vivemos, Sr. Gilberto, e contudo, tememos a todo o momento, tanto eu como a rainha, de vermos empalidecer de repente el-rei, e de lhe ouvirmos dizer: Estou doente; não me sinto bem.

- Em primeiro lugar, minha senhora - disse o doutor - deixe-me afirmar-lhe que não acredito nessas ameaças de envenenamento, mas, nem por isso, deixo de me oferecer inteiramente para o serviço de suas majestades. Que deseja el-rei? Se quiser

dar-me um quarto no paço, aqui me conservarei de modo que me encontrem logo que os seus receios...

- Meu irmão não receia nada - disse vivamente a princesa.

- Enganei-me, minha senhora; queria dizer até que passem os receios de vossa alteza. Tenho alguma prática dos venenos e dos contravenenos, e conservar-me-ei pronto para combatê-los sejam de que natureza forem; mas, permita-me vossa alteza que diga que se el-rei quisesse, nada teria que recear.

- E que se há-de fazer para isso? - perguntou uma voz, que não era a voz da princesa Isabel, e cujo timbre vibrante e acentuado fez com que Gilberto voltasse a cabeça.

O doutor não se enganava, era a voz da rainha.

Gilberto inclinou-se.

- Senhora - disse ele - devo renovar a vossa majestade os protestos que ainda agora fiz à Sr^a. princesa Isabel?

- Não, senhor; ouvi tudo, mas desejava saber quais são ainda as suas disposições a nosso respeito.

- A rainha duvida porventura da solidez dos meus sentimentos?

- Ai, Sr. doutor, há tantas cabeças e tantos corações que mudam com o vento das tempestades, que nunca se sabe em quem nos havemos de fiar.

- E é por isso que vossa majestade vai receber das mãos dos Bernardos um ministro da feição da Sr^a. de Staël.

A rainha estremeceu.

- Sabe isso? - perguntou ela.

- Sei que vossa majestade está empenhada com o Sr. de Narbonne.

- E censura-me por isso, não é verdade?

- Não, senhora. É um ensaio como outro qualquer. É provável que el-rei, depois de esgotar todas as tentativas, acabe por onde devia começar.

- Conheceu a Sr^a. de Staël? - perguntou a rainha.

- Tive essa honra, minha senhora - respondeu Gilberto - quando saí da Bastilha, apresentei-me em casa dela e foi pelo Sr. Necker que soube ter sido preso por expressa recomendação de vossa majestade.

A rainha corou visivelmente e disse com um sorriso:

- Tínhamos prometido não tocar mais nesse erro.

- Não me refiro ao erro, senhora, respondo a uma pergunta que vossa majestade se dignou dirigir-me.

- Qual é a sua opinião a respeito do Sr. de Necker?

- É um bravo alemão composto de elementos que não estão de acordo, e que toca todas as claves do estilo, chegando a ser enfático.

- Mas o Sr. Dr. Gilberto não foi das pessoas que aconselharam el-rei a que tornasse a chamá-lo para o ministério?

- Ou com justiça, ou sem ela, o Sr. Necker era o homem mais popular do reino.

Eu disse a el-rei: “Senhor, apoie-se vossa majestade na popularidade daquele homem”.

– E da Sr^a. de Staël?

– Creio que vossa majestade me faz a honra de perguntar-me qual é a minha opinião a respeito da Sr^a. de Staël?

– Sim.

– Pelo lado físico, aquela dama tem o nariz grosso, as feições pouco delicadas e a figura não é esbelta.

A rainha sorriu-se; como era mulher, não lhe desagradava ouvir dizer que não era uma bela mulher, de quem todos falavam.

– Continue – disse a rainha.

– Não tem a pele fina; os gestos são mais enérgicos do que graciosos, a voz é rude, e tão rude que algumas vezes chega-se a desconfiar que não seja uma voz feminina; com tudo isto, tem vinte e quatro ou vinte e cinco anos, um colo de deusa, magníficos cabelos pretos, dentes soberbos, olhos chamejantes. O seu olhar é um mundo.

– Mas pelo lado moral, como talento,

como mérito? – apressou-se a rainha em perguntar.

– Tem bondade e é generosa; depois de a ouvir falar por um quarto de hora, nenhum dos seus inimigos continua a sê-lo.

– Falo do seu génio; não é com o coração que se faz política.

– Minha senhora, o coração nada deita a perder, nem sequer em política; quanto à palavra *génio*, que vossa majestade proferiu, sejamos avaros dessa palavra. A Sr^a. de Staël tem um talento grande, imenso, mas que não se eleva até ao génio; quando ela se quer elevar, há alguma coisa de pesado, de espesso, de poderoso, que lhe prende os pés. Entre ela e João Jacques Rousseau, seu mestre, há a mesma diferença que entre o ferro e o aço.

– O Sr. Dr. Gilberto fala-me do seu talento simplesmente como escritora; queira dizer-me alguma coisa dela como mulher política?

– Sob esse aspecto, minha senhora, sou

de opinião que se dá à Sr^a. de Staël mais importância do que merece; desde a emigração do Sr. conde de Provença e de Lally, a sua sala e a tribuna do partido inglês aristocrático com as suas duas câmaras. Como é burguesa, e muito burguesa, tem a fraqueza de adorar os nobres; admira os ingleses, porque acredita que o povo inglês é um povo eminentemente aristocrático; não sabe a história de Inglaterra, ignora o mecanismo do seu governo, de sorte que toma por fidalgos do tempo das cruzadas os seus nobres de ontem, tirados incessantemente da classe baixa; os outros povos, com o que possuem de antigo, fazem algumas vezes coisas novas, a Inglaterra é o contrário.

- Acredita que foi esse sentimento que a levou a propor-nos o Sr. de Narbonne?

- Desta vez, minha senhora, combinaram-se dois amores; o amor da aristocracia e o amor do aristocrata.

- Parece-lhe que a Sr^a. de Staël ame o Sr.

de Narbonne pela sua aristocracia?

– Pelo menos, não é pelo seu mérito.

– Mas ninguém é menos aristocrata do que o Sr. de Narbonne, nem sequer se sabe quem fosse o pai dele.

– Porque ninguém se atreve a olhar para o Sol.

– Vejamos Sr. Gilberto, eu sou mulher, e por conseqüência gosto de palestrar. O que se diz do Sr. de Narbonne?

– Diz-se que é um homem farto deste mundo, valente e espirituoso.

– Falo do seu nascimento.

– Diz-se que, quando o partido jesuíta fez expulsar Voltaire, Machult e d'Agenson, homens a quem chamavam filósofos, tiveram que lutar contra a Sr^a. de Pompadour. Ora, ali é que existiam as tradições do regente: sabia-se quanto é poderoso o amor paternal duplicado por outro amor, escolheu-se (os jesuítas têm a mão feliz para estas escolhas) uma filha de el-rei, e alcançou-se dela que se votasse à obra incestuosamente heróica: daí

procede o gentil cavaleiro como vossa majestade diz, não porque o seu nascimento se perca na escuridão, mas porque se derrete com a luz.

- Então o Sr. Gilberto não acredita como os Jacobinos, como o Sr. de Robespierre, por exemplo, que o Sr. de Narbonne sai da embaixada da Suécia?

- Acredito sim, minha senhora, mas sai do toucador da mulher, em lugar de sair do gabinete do marido. Supor que o Sr. de Staël tenha alguma parte em todos esses arranjos políticos, seria acreditar que seja marido de sua mulher... Ó meu Deus! Aqui não há traição do embaixador, há uma fraqueza de amante. Só o amor, o grande e eterno fascinador, é que pode impelir uma mulher a entregar nas mãos de um homem frívolo, a espada gigantesca da revolução.

- Está falando da espada que o Sr. Isnard beijou no clube dos Jacobinos?

- Ai! Senhora, falo da espada que está suspensa sobre a cabeça de vossa majestade.

- Pelo que vejo, Sr. Gilberto, a sua opinião é que fazemos mal em aceitar o Sr. de Narbonne para ministro da guerra?

- Parecia-me que era melhor tomar desde já o homem que lhe há-de suceder.

- Quem é?

- Dumouriez.

- Dumouriez, um aventureiro?

- Ai, senhora, esse é um palavrão que se emprega, e que é injustíssimo quando se emprega contra quem não o merece.

- O Sr. Dumouriez não foi soldado raso?

- Senhora, sei muito bem que o Sr. Dumouriez não pertence à nobreza do paço, à qual tudo sacrifica; o Sr. Dumouriez, homem de província, não podendo alcançar nem comprar o comando de um regimento, alistou-se como um simples hussard; quando tinha vinte anos foi acutilado por cinco ou seis soldados da cavalaria inimiga, mas não quis entregar-se, e apesar desse rasgo de valor, apesar de uma inteligência real, permaneceu muito tempo nos postos

inferiores.

- Sim, inteligência que ele desenvolveu servindo de espião a Luís XV.

- Porque é que nele se há-de chamar espionagem ao mesmo que nos outros se chama diplomacia? Sei que ele sustentava uma correspondência com el-rei às escondidas dos ministros. Qual é o nobre da corte que não tenha feito o mesmo?

- Mas, Sr. Gilberto - bradou a rainha - traindo o seu profundo estudo da política pelas minuciosidades em que entrava, o homem, que me recomenda, é um homem essencialmente imoral; não tem princípios, nem sentimentos de honra. O Sr. de Choiseul disse-me que Dumouriez lhe apresentara dois projectos relativos aos corsos: um para os escravizar e outro para os libertar.

- É verdade, minha senhora, mas esqueceu-se de dizer a vossa majestade que foi preterido o primeiro projecto, e que Dumouriez se bateu valorosamente por ele.

- Aceitarmos o Sr. Dumouriez por

ministro, é como que fazer uma declaração de guerra à Europa.

- Ai, senhora - disse Gilberto - a declaração de guerra está feita em todos os corações. Sabe vossa majestade quantos cidadãos inscritos voluntariamente para partir dão os registros nos departamentos? Seiscentos mil. No departamento do Jura, as mulheres declararam que os homens podiam partir para a guerra e que, se lhes quisessem dar uns chuços, elas se ofereciam para defender o departamento.

- Acaba de proferir uma palavra que me faz estremecer.

- Queira desculpar-me, senhora, e digne-se vossa majestade dizer-me qual é essa palavra, para que não torne a acontecer-me semelhante desgraça.

- Acaba de pronunciar a palavra chuço... Oh! Os chuços de 1789! Parece-me que ainda estou vendo as cabeças dos meus dois guardas espetadas naqueles chuços!

- E todavia, senhora, foi uma mãe, quem

propôs que se abrisse uma subscrição para se fabricarem os chuços.

- E também foi uma mulher, uma mãe, que fez adoptar pelos seus Jacobinos o barrete vermelho, isto é, cor de sangue?

- É mais um erro em que vossa majestade labora: quis-se consagrar a igualdade por um símbolo; não era possível decretar que todos os franceses adoptassem um modo de trajar igual; para maior facilidade, adoptou-se unicamente uma parte do trajo, que foi o barrete vermelho dos pobres camponeses; mas preferiu-se a cor encarnada, não porque seja a sombria cor do sangue, senão porque, pelo contrário, a cor vermelha é alegre, brilhante e agradável à multidão.

- Está bom, doutor, uma vez que é partidário das inovações não perco a esperança de alguma vez o ver tomar o pulso a el-rei com um chuço na mão e um barrete encarnado na cabeça.

E vendo que não podia abalar aquele

homem em nenhum ponto, a rainha retirou-se, conservando um tom meio sarcástico: meio amargo.

A princesa Isabel ia sair atrás dela; mas Gilberto, com voz quase suplicante, disse-lhe:

- Vossa alteza ama seu irmão não é verdade?

- Não só o amo muito, mais adoro-o - respondeu a princesa Isabel.

- E está resolvida a transmitir-lhe um bom conselho, um conselho de amigo?

- Diga qual é; se o conselho for realmente bom...

- Creio que é excelente.

- Então diga.

- É que el-rei, quando sair o seu ministério do partido *feuillant*, o que não tardará muito, escolha um ministério que use do barrete escarlate que tanto medo faz à rainha.

E cumprimentando profundamente a princesa, saiu.

XV

Dumouriez

Referimos a conversação da rainha e do Dr. Gilberto para interromper o curso, sempre um tanto monótono, de uma narração histórica, e para mostrar menos friamente num quadro cronológico a sucessão dos acontecimentos e a situação dos partidos.

O ministério Narbonne durou três meses.

Derrubou-o um discurso de Vergniaud.

Do mesmo modo que Mirabeau dissera: “Eu vejo daqui a janela...” assim também Vergniaud, sabendo a notícia de que a imperatriz da Rússia fizera um tratado com a Turquia, e que a Áustria e a Prússia tinham assinado no dia 7, em Berlim, um tratado de aliança ofensiva e defensiva, subiu à tribuna e exclamou:

“Eu também posso dizer, desta tribuna

vejo o palácio em que se acha a contra-revolução e onde se preparam as manobras que devem entregar-nos à Áustria. Chegou o dia em que podeis pôr um termo a tanta audácia e confundir os conspiradores; o espanto e o terror saíram muitas vezes daquele palácio, nos tempos antigos, em nome do despotismo; pois bem, entrem hoje no mesmo palácio o espanto e o terror em nome da lei”.

E com um gesto potente, o magnífico orador parecia que expulsava diante de si as duas figuras desgrenhadas do medo e do terror.

Essas figuras entravam, efectivamente, nas Tulherias, e Narbonne, elevado por um sopro de amor, caiu pelo bafejo da tempestade.

A queda daquele ministro deu-se no começo de Março de 1792.

Assim passados apenas três meses depois da entrevista da rainha com Gilberto, era introduzido no gabinete de Luís XVI um

homem baixo, lesto, nervoso, de olhos de fogo e cuja cabeça revelava talento; teria cinqüenta e seis anos, bem que parecesse ter dez anos menos, o tipo era de militar.

Vestia o uniforme de marechal de campo.

Apenas se demorou um instante só na sala onde fora introduzido; a porta abriu-se e apareceu el-rei.

Era a primeira vez que aqueles dois homens se encontravam face a face.

O rei lançou sobre ele um olhar sombrio e pesado, que não deixava de ser observador; o homem cravou em el-rei um olhar perscrutador cheio de confiança e de fogo.

Ninguém ficara ali para o anunciar, o que provava ser sabida a sua chegada.

- É o Sr. Dumouriez? - perguntou o rei.

- Sim, senhor - respondeu Dumouriez inclinando-se.

- Desde quando está em Paris?

- Desde os primeiros dias de Fevereiro.

- Foi o Sr. de Narbonne que o mandou

chamar?

- Sim, senhor, para me participar que estava empregado no exército de Alsácia, debaixo das ordens do marechal Luckner, e que ia comandar a divisão de Besançon.

- Mas então por que motivo não partiu ainda para o seu destino?

- Senhor, aceitei a comissão, mas observei ao Sr. de Narbonne que estando próxima a guerra...

Luís XVI estremeceu visivelmente.

- Guerra que ameaça tornar-se geral, - continuou Dumouriez, sem dar mostras de que notara o estremecimento do rei - entendia que era útil que nos ocupássemos do sul, onde podíamos ser atacados de improviso; por conseqüência, fiz-lhe notar que me parecia igualmente útil que fizéssemos um plano de defesa para o sul, destinando para aquele ponto um general em chefe e um exército.

- É verdade, e o Sr. Dumouriez entregou esse plano ao Sr. de Narbonne depois de o

comunicar ao Sr. Gensonné e a muitos membros da Gironda?

- O Sr. Gensonné é meu amigo, e creio que também é, como eu, amigo de vossa majestade.

- Então - disse o rei sorrindo - já vejo que tenho que tratar com um Girondino?

- Senhor, vossa majestade, está falando com um patriota, súbdito fiel de el-rei.

Luís XVI mordeu os beiços.

- E foi para servir com mais eficácia o rei e a pátria que se recusou a aceitar ser ministro dos negócios estrangeiros interinamente?

- Senhor, primeiro respondi que preferia o comando que me era prometido a uma pasta, interina ou não; sou soldado e não diplomata.

- Pois asseguraram-me que era uma e outra coisa.

- Foi muita honra que me fizeram, senhor.

- E por me dizerem isso é que insisti.

- Sim senhor, e eu continuei a recusar, não obstante o grande pesar que tinha em não obedecer a vossa majestade.

- E por que motivo se recusou?

- Porque a situação é grave, senhor, porque acaba de fazer cair Narbonne e de comprometer de Lessart; todo o homem que se julga alguma coisa tem o direito, ou de não se deixar empregar, ou de pedir que o empreguem conforme o que vale. Ora, senhor, ou valho alguma coisa, ou nada valho. Se nada valho, deixem-me na minha obscuridade. Quem sabe para que destino vossa majestade mandava que eu saísse dessa obscuridade? Se valho alguma coisa, não façam de mim um ministro de vinte e quatro horas, um poder momentâneo, mas dêem-me em que me apóie, para que vossa majestade possa apoiar-se em mim.

Os nossos negócios, perdoe vossa majestade que eu faça meus os seus negócios, os nossos negócios estão em grande desfavor nos países estrangeiros, para que as cortes

possam tratar com um ministro *interino*.

Essa *interinidade*, desculpe-me vossa majestade a franqueza de um soldado (ninguém era menos franco do que Dumouriez, mas em certas circunstâncias forçava-se em parece-lo), essa *interinidade* seria uma inépcia, contra a qual se levantaria a Assembléia e que me despopularizaria perante ela.

Direi mais; essa *interinidade* comprometeria vossa majestade, que pareceria ter ainda vistas sobre o seu antigo ministério, e que só aguardava a ocasião oportuna para tornar a chamá-lo.

- Se tais fossem as minhas intenções, acha que fosse impossível realizá-las?

- Entendo, senhor, que é tempo de vossa majestade romper de uma vez com o passado.

- Sim, e de fazer-me Jacobino, não é verdade? O Sr. Dumouriez disse isso a Laport.

- Se vossa majestade tal fizesse, estou

certo de que causaria fortíssimos embaraços a todos os presentes.

- Então porque não me aconselha que use desde já o barrete escarlate?

- Ai, senhor, se isso fosse um meio?

O rei olhou, por um instante, com certa desconfiança para o homem que lhe dera semelhante resposta, e continuou:

- Então o que quer é um ministério que não seja *interino*?

- Senhor, eu não quero nada; estou pronto para receber as ordens de el-rei; mas preferia que vossa majestade me mandasse para a fronteira, a que me desse ordem para ficar em Paris.

- E se lhe desse ordem para ficar em Paris e para se encarregar definitivamente da pasta dos negócios estrangeiros, o que diria?

Dumouriez sorriu e respondeu:

- Diria, senhor, que vossa majestade pusera termo às prevenções que lhe tinham inspirado contra mim.

- Pus-lhe termo completamente... Sr.

Dumouriez, é meu ministro.

- Senhor, dedico-me inteiramente ao serviço de vossa majestade; mas...

- Restrições?

- Explicações, senhor.

- Diga quais.

- Senhor, o lugar de ministro não é o mesmo que já foi. Eu, entrando no ministério, sem deixar de ser criado fiel de vossa majestade, torno-me homem da nação.

De hoje em diante não peça vossa majestade a linguagem a que o habituaram os meus predecessores; eu só saberei falar conforme a liberdade e a constituição.

Restringindo-me às minhas funções, não lhe hei-de fazer a corte, não terei tempo para isso, e romperei com toda a etiqueta real para melhor servir o meu rei; somente trabalharei com vossa majestade ou com o conselho de ministros, e desde já digo a vossa majestade que esse trabalho há-de ser uma luta.

- Por quê?

- A razão é muito simples, senhor.

Quase todo o corpo diplomático é abertamente contra-revolucionário; eu hei-de fazer com que vossa majestade o mude, e nessa mudança hei-de contrariar-lhe a sua vontade; proporei a vossa majestade alguns homens, que nem ao menos de nome conhece, e outros que não lhe hão-de agradar.

- E nesse caso...- interrompeu vivamente Luís XVI.

- Nesse caso, senhor, quando a repugnância de vossa majestade for muito forte, muito motivada, obedecerei, porque vossa majestade é o senhor, mas se a sua escolha for sugerida pelas pessoas que o cercam, e visivelmente no caso de o comprometerem, suplicarei a vossa majestade que me dê sucessor. Senhor, pense bem nos perigos terríveis que cercam o trono de vossa majestade, e que cumpre sustentá-lo pela confiança pública, que só de vossa majestade depende atrair-lhe.

- Permita-me que o interrompa Sr. Dumouriez.

- Senhor!

E Dumouriez inclinou-se.

- Há muito tempo que penso nesses perigos.

E estendendo a mão para o retrato de Carlos I, Luís XVI, limpando a testa com um lenço, continuou:

- E desejava esquecê-los, mas este retrato lembra-nos a todo o momento.

- Senhor!...

- Ouça Sr. Dumouriez, que ainda não acabei. A situação é a mesma e os perigos são semelhantes; talvez que o cadafalso de White-Hall venha a levantar-se na praça de Grève.

- Isso é ver muito longe, senhor.

- É ver no horizonte, Sr. Dumouriez. Nesse caso, caminharei para o cadafalso como caminhou Carlos I, não tão cavalheirescamente como ele, talvez, mas, ao menos, como cristão. Continue, Sr. Dumouriez.

Dumouriez deteve-se, admirando-se muito de semelhante firmeza, que não

esperava encontrar.

- Senhor - disse ele - Permita-me que dirija a conversação para outro terreno.

- Como quiser - respondeu o rei - mas quero provar-lhe que não receio o futuro que me querem fazer temer, ou se o receio estou preparado para ele.

- Senhor, apesar do que tive a honra de dizer a vossa majestade, devo continuar a considerar-me seu ministro dos negócios estrangeiros?

- Deve.

- Então na primeira reunião do conselho, apresentarei quatro despachos; previno vossa majestade de que não se assemelharão de modo nenhum, nem em princípios, nem em estilo com os dos meus predecessores, mas que serão como convém às circunstâncias. Se esse primeiro trabalho for do agrado de vossa majestade, continuarei; senão, senhor, terei sempre pronta a minha bagagem para ir servir na fronteira a França e o meu rei; e por mais que

encareçam a vossa majestade os meus talentos diplomáticos, a guerra é o meu verdadeiro elemento, e o objecto de todos os meus trabalhos há trinta e seis anos.

Dizendo isto Dumouriez cortejou para sair.

- Espere - disse o rei - estamos de acordo num ponto, mas ainda nos falta acordar em mais seis.

- A respeito dos meus colegas?

- Sim; não quero que o Sr. Dumouriez venha dizer que é estorvado por este ou por aquele. Escolha o seu ministério.

- É uma grave responsabilidade, que vossa majestade me impõe.

- Encarregando-o de escolher os seus colegas, creio que satisfaço os seus desejos.

- Senhor, eu não conheço ninguém em Paris, à excepção de um homem chamado Lacoste, que recomendo a vossa majestade para o ministério da marinha.

- Lacoste, não é um simples intendente da marinha? - perguntou o rei.

- Sim, senhor; foi o que pediu a demissão ao Sr. Boyne para não tomar parte numa injustiça.

- É uma boa recomendação; e quanto aos outros, o que diz?

- Consultarei alguém.

- Posso saber quem é que tenciona consultar?

- Brissot, Condorcet, Pétion, Roederer, Gensonné...

- É todo o partido Girondino.

- Sim, senhor.

- Pois bem, seja a Gironda, e veremos se sairá melhor do que os constitucionais e os *feuillants*.

- Ainda falta uma coisa.

- Qual é?

- Saber se convirão a vossa majestade os quatro ofícios a quem vou escrever.

- Saberemos isso esta noite.

- Esta noite?!

- Sim, os negócios urgem. Reuniremos um conselho extraordinário, que será

composto do senhor, de Grave e de Cahier de Gerville.

- E Duport du Tertre?

- Pediu a demissão.

- Esta noite, visto isso, estarei às ordens de vossa majestade.

E Dumouriez inclinou-se para sair.

- Não - disse o rei - demore-se um instante; quero comprometê-lo.

Neste momento apareceram a rainha e a princesa Isabel.

Vinham ambas com os seus livros de oração na mão.

- Minha senhora - disse o rei - aqui está o Sr. Dumouriez, que promete servir-nos bem, e com o qual vamos esta noite formar o novo ministério.

Dumouriez inclinou-se, enquanto a rainha olhava com curiosidade para aquele homem baixinho, que tanta influência devia ter nos negócios da França.

- Conhece o Dr. Gilberto? - perguntou-lhe a rainha.

- Não, senhora - respondeu Dumouriez.
- Pois tome conhecimento com ele.
- Posso saber qual é o título por que vossa majestade me faz essa recomendação?
- Como excelente profeta; há três meses que me vaticinou que o Sr. Dumouriez seria o sucessor do Sr. de Narbonne.

Neste momento abriram-se as portas do gabinete do rei, que ia ouvir missa.

Dumouriez saiu após ele.

Todos os cortesãos se desviaram dele como se fora um homem empestado.

- Não lhe dizia eu que o queria comprometer - disse-lhe o rei sorrindo.

- Para com a aristocracia, senhor - respondeu Dumouriez inclinando-se - é uma nova desgraça que vossa majestade se digna acarretar-me.

E retirou-se.

XVI

Atrás do reposteiro

À noite e à hora aprazada, Dumouriez entrou com os seus despachos. De Grave e Cahier de Gerville já estavam reunidos e esperavam com impaciência pela chegada do rei.

Como se o próprio rei só esperasse para aparecer que Dumouriez entrasse, após este ter entrado por uma porta, o rei entrou por outra.

Os dois ministros levantaram-se prontamente; Dumouriez ainda estava de pé; o rei cumprimentou-os com um aceno de cabeça.

Tomando depois uma cadeira e colocando-se ao meio da mesa, disse:

– Assentem-se, meus senhores.

Pareceu então a Dumouriez que ficara aberta a porta por onde entrara o rei, e que o

reposteiro se agitava.

Era o vento ou o contacto de uma pessoa que escuta por detrás daquele pano, que interceptava a vista, mas deixava passar o som das vozes?

Os três ministros sentaram-se.

– Traz os seus despachos? – perguntou o rei a Dumouriez.

– Sim, senhor.

E o general tirou quatro ofícios da algibeira.

– Quais são as potências a que são dirigidos? – perguntou Luís XVI.

– À Espanha, à Áustria, à Prússia e à Inglaterra.

– Leia.

Dumouriez olhou novamente para o reposteiro da porta, e pelo movimento conheceu que por detrás dele estava alguém escutando.

Começou a leitura com voz firme.

O ministro falava em nome do rei, mas no sentido da Constituição.

Sem ameaçar, mas também sem fraqueza.

Discutia os verdadeiros interesses de cada uma das potências relativamente à revolução francesa.

Como cada uma das potências se queixava por sua parte dos panfletos dos Jacobinos, atribuiu ele aquelas injúrias desprezíveis à liberdade de imprensa, cujo Sol faz nascer tantos vermes impuros, mas que ao mesmo tempo amadurece searas tão ricas.

Finalmente, pedia a paz, mas sem fraqueza e em nome de uma nação livre, cujo representante hereditário era o rei.

O rei ouviu e a cada uma das circulares prestava maior atenção.

- Ainda não ouvi nada semelhante, general - lhe disse o rei quando Dumouriez acabou de ler.

- Ah - disse Cahier de Gerville - deste modo é que os ministros deviam sempre escrever e falar em nome dos reis.

- Muito bem! - disse o rei - dê-me esses despachos, amanhã serão remetidos.

- Senhor, os correios estão prontos, esperam no pátio das Tulherias - redargüiu Dumouriez.

- Desejava guardar um duplicado desses documentos para os mostrar à rainha - disse o rei com certo embaraço.

- Previ os desejos de vossa majestade - respondeu Dumouriez - e aqui estão quatro cópias autênticas, certificadas por mim.

- Então mande expedi-los.

Dumouriez chegou-se à porta, por onde entrara; estava ali esperando um ajudante de ordens, a quem entregou os despachos.

Passado um instante ouviu-se o galope de alguns cavalos, que saíam ao mesmo tempo do pátio de honra do palácio.

- Seja assim - disse o rei respondendo aos seus pensamentos, logo que se extinguiu aquele rumor significativo. - Vejamos agora qual é o ministério que formou.

- Senhor - respondeu Dumouriez -

desejava primeiramente que vossa majestade pedisse ao Sr. Cahier de Gerville que se dignasse ser dos nossos.

- Já lhe expus esse desejo - disse o rei.

- E eu tive o pesar de persistir na demissão; senhor, a minha saúde enfraquece progressivamente e preciso descansar.

- Ouve o que ele diz? - disse o rei voltando-se para Dumouriez.

- Ouço, senhor.

- E então - insistiu o rei - e os seus ministros?

-Tenho o Sr. de Grave, que se presta a ficar.

De Grave estendeu a mão.

- Senhor - disse ele - vossa majestade admirou-se ainda agora da fraqueza da linguagem do Sr. Dumouriez; pois agora vai admirar-se muito mais do meu modo de falar, pela humildade.

- Fale, Sr. de Grave - disse o rei.

- Senhor - disse ele tirando um papel da algibeira - aqui está uma apreciação, talvez

um tanto severa, que uma mulher de algum merecimento fez a meu respeito. Tenha vossa majestade a bondade de lê-la.

O rei pegou no papel e leu:

“De Grave é pela guerra: é um homem pequeno a todos os respeitos. A natureza fê-lo meigo e tímido; os seus preconceitos impõem-lhe a altivez, ao passo que o coração lhe inspira amabilidade: resulta daí que, não podendo conciliar tudo, não é nada verdadeiramente. Parece-me que o estou vendo andar como cortesão atrás do rei, com a cabeça erguida, apesar da fraqueza do corpo, mostrando o alvo dos olhos azuis, que não pode ter abertos depois de comer senão com o auxílio de três ou quatro chávenas de café, falando pouco, como se fosse por motivo de reserva, mas na realidade por lhe faltarem idéias, e perde tanto o juízo por causa dos negócios do seu ministério, que qualquer dia pedirá para se retirar”.

- Com efeito - disse o rei - que hesitara em ler até ao fim, e que só o fizera por convite

do próprio de Grave, é uma verdadeira apreciação de mulher. É da Sr^a. de Staël.

- Não, senhor, é da Sr^a. Roland, que tem mais talento que a Sr^a. de Staël.

- E é essa opinião que de si forma, Sr. de Grave?

- Em muitos pontos, senhor. Conservar-me-ei no ministério, até que possa informar dos meus negócios o meu sucessor; depois disso, pedirei a vossa majestade que aceite a minha demissão.

- Tem razão, essa sua linguagem ainda me admira mais do que a do Sr. Dumouriez. Mas, uma vez que quer absolutamente retirar-se, pedia-lhe que me indigitasse o seu sucessor.

- Ia pedir a vossa majestade que me permitisse apresentar-lhe o Sr. Servan, homem de bem em toda a extensão da palavra, de têmpera ardente e costumes puros; tem toda a austeridade de um filósofo e toda a bondade de um coração feminino, e com todas estas condições, senhor, é um

patriota esclarecido, um militar valente e um ministro vigilante.

- Pois venha o Sr. Servan. Já temos três ministros: o Sr. Dumouriez para os estrangeiros, o Sr. Servan para a guerra e o Sr. Lacoste para a marinha. A quem entregaremos a pasta da fazenda?

- Ao Sr. Clavières, se for do agrado de vossa majestade. É homem de grandes conhecimentos financeiros e grande habilidade para a administração do numerário.

- É certo - disse o rei; - dizem-me que é activo e trabalhador; mas que é irascível, obstinado, cheio de pontinhos e difícil numa discussão.

- Senhor, esses defeitos são comuns a todos os homens de gabinete.

- Não façamos caso dos defeitos do Sr. Clavières, e será o nosso ministro das finanças. A quem daremos a pasta da justiça?

- Senhor, foi-me recomendado o Sr. Duranton, advogado em Bordéus.

- É girondino, bem entendido?

- Sim, senhor. É homem muito esclarecido, muito recto, muito bom cidadão; mas fraco e lento; espertá-lo-emos e seremos fortes para que ele o seja.

- Falta a pasta do interior.

- A opinião unânime, senhor, é que esse ministério convém ao Sr. Roland.

- Querem dizer à Sr^a. Roland.

- Ao esposo e à esposa.

- Conhece-os?

- Não, senhor; mas, segundo me dizem, o Sr. Roland parece-se com um homem de Plutarco, e a Sr^a. Roland com uma mulher de Tito Lívio.

- Sabe que nome darão ao seu ministério?

- Não, senhor.

- O ministério *sans-cullote*.

- Aceito a denominação, senhor; melhor se verá que somos homens.

- E estão prontos todos os seus colegas?

- Só estão prevenidos dois ou três.

- Os outros aceitarão?

- Estou certo que sim.

- Pois bem! Depois de amanhã haverá o primeiro conselho.

- Até depois de amanhã, senhor.

- Bem sabem - disse o rei voltando-se para Cahier de Gerville e de Grave, - que têm até depois de amanhã para fazer as suas reflexões, meus amigos.

- Senhor, nós já reflectimos, e voltaremos depois de amanhã para instalar os nossos sucessores.

Os três ministros retiraram-se.

Antes porém de chegarem ao fim da escada, corria atrás deles um criado particular, que, dirigindo-se a Dumouriez, lhe disse:

- Sr. general, o rei pede-lhe que me acompanhe; quer falar-lhe.

Dumouriez despediu-se dos colegas, e ficando para trás perguntou ao criado:

- El-rei ou a rainha?

- A rainha; mas sua majestade julgou

inútil que se dissesse diante daqueles senhores que lhe pretendia falar.

Dumouriez abanou a cabeça e disse:

- Isso receava eu!

- Recusa vir? - perguntou o criado que não era outro senão Weber.

- Não, acompanho-o.

- Então venha.

O criado conduziu Dumauriez à câmara da rainha, por uns corredores mal alumados. Depois, sem anunciar o oficial pelo seu nome, disse:

- Aqui está a pessoa que vossa majestade mandou chamar.

Dumouriez entrou.

Nunca, no momento de dar uma carga de cavalaria, ou de subir à brecha, o coração do general batera com tanta violência; é que compreendia perfeitamente que nunca correria tanto risco.

O caminho que lhe acabavam de abrir era semeado de mortos e de vivos, e nesse caminho podia tropeçar com os corpos de

Calonne, de Necker, de Mirabeau, de Barnave e de Lafayette.

A rainha passeava agitadíssima e muito corada.

Dumouriez parou entre portas: a porta fechou-se atrás dele.

A rainha dirigiu-se-lhe com ar majestoso e irritado, e indo direita à questão com a sua vivacidade ordinária, disse-lhe:

- Sr. Dumouriez, sei que é poderoso neste momento, mas pelo favor do povo, e o povo depressa despedaça os seus ídolos. Dizem que o Sr. tem muito talento. Em primeiro lugar tenha o talento de compreender que nem eu, nem o rei podemos sofrer todas estas inovações. A sua constituição é uma máquina pneumática, onde a realeza morre à falta de ar. Mande-o chamar para lhe dizer que, antes de ir mais longe, deve tomar o seu partido e escolher entre nós e os Jacobinos.

- Senhora - respondeu Dumouriez - contrista-me muito a penosa confidência que

vossa majestade acaba de comunicar-me; mas esperei que me acontecesse isso mesmo, porque adivinhei que vossa majestade estava atrás do reposteiro.

- Nesse caso, já preparou a sua resposta.

- Sim, senhora, e é a seguinte: Estou colocado entre o rei e a nação; mas primeiro do que tudo, pertenço à pátria.

- À pátria! À pátria! - repetiu a rainha. - Então o rei não é nada? Agora todos pertencem à pátria e ninguém pertence ao rei!

- Senhora. El-rei é sempre rei, mas sua majestade jurou a Constituição, e desde o dia em que pronunciou tal juramento, deve ser um dos primeiros escravos dessa Constituição.

- Juramento forçado, Sr. Dumouriez, juramento nulo.

Dumouriez conservou-se um instante silencioso, e como cómico hábil, olhou momentaneamente para a rainha com profunda compaixão e disse-lhe:

- Senhora, permita que lhe diga que a

salvação de vossa majestade, a de el-rei e de seus augustos filhos está ligada a essa constituição que vossa majestade despreza, e que a há-de salvar, se consentir em que ela a salve. Se lhe falasse doutro modo, serviria mal a vossa majestade e a el-rei.

Mas a rainha, interrompendo-o logo, disse-lhe com gesto imperioso:

– Digo-lhe, Sr. Dumouriez, que vai por caminho errado.

E acrescentou com acento indefinível de ameaça:

– Tome sentido em si!

– Senhora – respondeu Dumouriez com o maior sossego – tenho mais de cinquenta anos, tenho atravessado muitos perigos, e quando tomei conta do ministério, disse a mim mesmo que a responsabilidade ministerial não era o maior perigo que eu corria.

– Ah! – exclamou a rainha batendo com as mãos uma na outra – não lhe faltava mais que caluniar-me!

- Caluniar a vossa majestade, senhora!

- Sim. Quer que lhe explique o sentido das palavras que acaba de pronunciar?

- Ouvirei, senhora.

- Acaba de dizer-me que eu era capaz de o mandar assassinar!

E dos olhos da rainha deslizaram duas grandes lágrimas.

Dumouriez fora tão longe quanto era possível ir. Sabia o que queria saber, isto é, se ainda havia alguma fibra sensível naquele coração dissecado.

- Deus me livre - disse ele - de fazer semelhante injúria à minha rainha. O carácter de vossa majestade é muito nobre, muito grande para que pudesse inspirar ao seu mais cruel inimigo semelhante suspeita; vossa majestade já deu provas heróicas, que eu admirei, e que muito me ligaram à sua real pessoa.

- Diz a verdade Sr. Dumouriez? - perguntou a rainha com uma voz, em que só havia comoção.

- Pela minha honra o juro, senhora.

- Então, desculpe-me, e dê-me o seu braço. Estou tão fraca, que há momentos em que me sinto desfalecer.

E, com efeito, a rainha empalideceu, e deitou a cabeça para trás.

Era uma realidade, ou era uma daquelas cenas terríveis em que a Medeia era tão hábil?

Dumouriez, apesar de ser também muito hábil, deixou-se arrastar, ou mais hábil do que a rainha, simulou o que não sentia.

- acredite-me, senhora - disse-lhe - não tenho interesse em enganar a vossa majestade. Aborreço, tanto como vossa majestade a anarquia e os crimes. acredite-me, tenho experiência, estou mais no caso do que vossa majestade de julgar os acontecimentos. O que se está passando não é uma intriga do Sr. duque de Orleans, como quiseram fazer acreditar a vossa majestade. Não é efeito do rancor de Pitt, como vossa majestade acreditou. Também não é um movimento popular momentâneo. É a

insurreição quase unânime de uma grande nação contra abusos inveterados. Bem sei que em tudo isto há grandes ódios, que ateiam o incêndio; deixemos de parte os malvados e os loucos. Na revolução que se está fazendo encaremos unicamente o rei e a nação. Tudo quanto tende a separá-los tende para a sua mútua ruína. Eu, senhora, vim para trabalhar quanto possa para os remir. Auxilie-me, em lugar de me contrariar. Desconfia de mim? Sou um obstáculo aos seus projectos contra-revolucionários? Diga-o, senhora, e imediatamente pedirei ao rei a minha demissão e irei para um canto muito retirado lamentar a sorte da minha pátria e a de vossa majestade.

- Não, não - disse a rainha - fique e desculpe-me.

- Eu senhora, desculpar vossa majestade! Suplico-lhe que não se humilhe tanto.

- Porque não hei-de humilhar-me! Sou ainda rainha? Sou sequer mulher?

E dirigindo-se a uma janela, abriu-a apesar do frio da noite; a lua resplandecia nos troncos despidos de folhas de árvores das Tulherias.

- Todos têm o direito de tomar ar e Sol, não é verdade? Pois a mim isso me recusam. Não me atrevo a chegar a uma janela, nem para o lado do átrio nem para o lado do jardim. Antes de ontem cheguei a uma janela que deita para o átrio, e um artilheiro da guarda dirigiu-me uma apóstrofe grosseira e injuriosa e acrescentou: “Que prazer tinha em espetar a tua cabeça na ponta da minha baioneta!” Ontem abri uma janela do jardim, e de um lado, vi um homem em pé numa cadeira lendo coisas horrorosas contra nós, e do outro vi um padre arrastado para o tanque, injuriarem-no e darem-lhe muita pancada, e durante esse tempo, como se aquelas cenas fossem as mais ordinárias da vida, havia pessoas que, sem se importarem com o que se passava, passeavam tranquilamente ou jogavam a bola! Que

tempo este, Sr. Dumouriez! Que residência! Que povo! E quer que acredite que ainda sou rainha e que ainda sou mulher!

E a rainha atirou consigo para um canapé, escondendo a cabeça entre as mãos.

Dumouriez pôs um joelho em terra, pegou respeitosamente na fímbria do vestido da rainha e beijou-a.

– Senhora – disse ele – uma vez que me encarreguei de sustentar a luta, ou vossa majestade há-de tornar a ser mulher feliz e rainha poderosa, ou eu hei-de morrer.

E erguendo-se, cumprimentou respeitosamente a rainha e saiu precipitadamente.

A rainha viu-o sair com um olhar desesperado.

– Rainha poderosa! – murmurou ela, – talvez que ainda seja possível, graças à tua espada; mas mulher feliz! Nunca! Nunca e nunca!

E encostou a cabeça entre as almofadas do canapé, dizendo em voz baixa um nome

que, de dia para dia, depois da sua ausência,
se lhe tornava mais querido e mais doloroso.

O nome de Charny!

XVII

O barrete vermelho

Dumouriez retirou-se rapidamente, por lhe ser penoso presenciar o estado de desesperação em que estava a rainha.

Dumouriez, a quem as idéias abalavam pouco, impressionava-se muito pelas pessoas. Não tinha sentimento da consciência política, mas era muito sensível à compaixão humana.

Outra causa da precipitada retirada de Dumouriez era Brissot estar esperando por ele para o apresentar no clube dos Jacobinos, e Dumouriez não querer demorar-se em prestar submissão ao terrível clube.

A Assembléia pouco cuidado lhe dava desde o momento em que ele se reputava o homem de Pétion, de Gensonné e da Gironda.

Mas não era o homem de Robespierre, de Collot-d'Herbois e de Couthon, e eram

estes três homens que dirigiam os Jacobinos.

Ninguém o esperava no clube e para um ministro do rei, era razão de grande audácia apresentar-se nos Jacobinos; por isso logo que o seu nome foi pronunciado, todos os olhares se voltaram para ele.

Que faria Robespierre em presença de semelhante acontecimento?

Robespierre olhou, como todos os outros membros do clube, e escutou o nome que passava de boca em boca; depois, franzindo o sobrolho, voltou-se de novo, conservando-se frio e silencioso.

Um silêncio de gelo se espalhou pela multidão. Dumouriez compreendeu que devia dar um golpe de mestre.

Para sinal de igualdade, os jacobinos tinham recentemente adoptado o barrete vermelho. Só três ou quatro membros se dispensaram de dar essa prova, julgando por certo, que o seu patriotismo era bem mais que conhecido; Robespierre era dos que pertenciam a esse número.

Dumouriez não hesitou; arremessou para longe de si o chapéu, tirou o barrete vermelho da cabeça do primeiro patriota que estava ao pé de si, pô-lo na sua, enterrando-o até às orelhas, e subiu à tribuna, arvorando o sinal da igualdade.

Toda a sala rompeu em aplausos.

Um som semelhante ao silvo de uma víbora serpenteou por entre aqueles aplausos, e os extinguiu de repente.

Era um psiu! saído dos delgados beijos de Robespierre.

Dumouriez, posteriormente, confessou mais de uma vez, que o sibilar das balas, passando-lhe por cima da cabeça, não o fizera estremecer tanto como o psiu! que se escapara dos lábios do deputado de Arras.

Mas Dumouriez era um combatente rude; general e orador, era difícil fazê-lo retirar do campo de batalha ou da tribuna. Esperou com um sorriso sereno que se estabelecesse na Assembléia o silêncio glacial, e com voz vibrante disse:

- Irmãos e amigos, todos os momentos da minha vida vão de ora avante ser consagrados a fazer a vontade do povo e a justificar a confiança do rei constitucional. Em todas as minhas negociações com os gabinetes estrangeiros empregarei todas as forças de um povo livre, e essas negociações brevemente produzirão uma paz sólida, ou uma guerra decisiva.

Neste ponto prorromperam novamente os aplausos, apesar do psiu! de Robespierre.

- Se tivermos guerra - continuou o orador - quebrarei a minha pena política e tomarei o meu lugar no exército, para triunfar, ou morrer livre com meus irmãos.

Tenho um grande peso sobre os ombros; ajudai-me a levá-lo, meus irmãos. Careço de conselhos, daí-mos pelos vossos jornais, disse-me a verdade, as verdades mais duras, mas repeli a calúnia, mas não rejeiteis um cidadão, que sabeis ser sincero e intrépido, e que se dedica à causa da revolução.

Dumouriez tinha concluído, e desceu da

tribuna entre aplausos.

Tais aplausos irritaram Collot-d'Herbois, o actor tantas vezes pateado, e tão raras vezes aplaudido.

– Porque são estes aplausos? – gritou ele do seu lugar. – Se Dumouriez veio aqui como ministro, não há nada que se lhe responder; se veio como filiado e como irmão, não fez mais do que o seu dever; e se se coloca ao nível das nossas opiniões, só lhe devemos dizer: “Cumpra o que disse.”

Dumouriez fez um sinal com a mão, que queria dizer: “É o que tenciono fazer.”

Robespierre ergueu-se então com o seu sorriso severo; conheceu-se que pretendia subir à tribuna, e todos se desviaram e calaram, porque ele queria falar.

Mas este silêncio, comparado com o silêncio que acolhera Dumouriez era suave e aveludado.

Subiu gravemente à tribuna e com a solenidade que lhe era habitual, disse:

– Não sou daqueles que julgam

absolutamente impossível que um ministro seja patriota e aceite mesmo com o máximo prazer os presságios que nos dá o Sr. Dumouriez.

Quando tiver cumprido esses presságios, quando tiver dissipado os inimigos armados contra nós pelos seus predecessores e pelos conjurados, que ainda hoje dirigem o governo, apesar da expulsão de alguns ministros, então, e só então, me resolverei a decretar-lhe encômios, mas mesmo então não pensarei que não seja nosso igual qualquer cidadão desta sociedade.

Só o povo é grande, só ele é respeitável aos meus olhos: as ninharias do poder ministerial desaparecem na presença do povo. É em sinal de respeito pelo povo e pelo próprio ministro, que eu peço que não se note a sua entrada aqui por homenagens que atestariam a decadência do espírito público.

Pede-nos conselhos; pela minha parte prometo dar-lhos, úteis a ele e à causa pública. Enquanto o Sr. Dumouriez, por

provas brilhantes de patriotismo e sobretudo por serviços reais feitos à pátria, demonstrar que é irmão dos bons cidadãos e defensor do povo, terá sempre aqui quem o sustente e apóie.

Não temo para esta sociedade a presença de nenhum ministro, mas declaro que pedirei o seu ostracismo logo que um ministro tenha nesta sociedade mais ascendente de que qualquer outro cidadão. Nunca assim há-de ser.

E o orador acerbo desceu da tribuna entre aplausos; mas um laço o esperava no último degrau.

Dumouriez, simulando-se entusiasmado, estava ali com os braços abertos.

- Virtuoso Robespierre! - bradou ele - cidadão incorruptível, permite que te abrace.

E apertou-o contra o coração, apesar dos esforços do enfezado deputado de Arras.

Todos repararam no abraço, mas ninguém viu a repugnância com que

Robespierre se deixava abraçar.

Toda a sala prorrompeu em aplausos.

- Bem - disse Dumouriez em voz baixa a Brissot - está representada a comédia. Pus na cabeça o barrete vermelho e abracei Robespierre, estou canonizado.

E com efeito, chegou à porta, entre as aclamações da sala e da tribuna.

À porta estava um mancebo, vestido de porteiro, que trocou com o ministro um olhar rápido, e um aperto de mão mais rápido ainda.

Era o jovem duque de Chartres.

Eram onze horas da noite. Brissot guiava Dumouriez, e ambos com passo rápido se dirigiram a casa de Roland.

Os cônjuges Roland continuavam a morar na rua Guénégaud.

Tinham sido prevenidos na véspera por Brissot de que Dumouriez, por instigação sua e de Gensonné, devia apresentar Roland ao rei, na qualidade de ministro do interior.

Brissot perguntou então a Roland, se se

sentia com bastante força para semelhante cargo, e Roland, simples como sempre era, respondeu com a maior naturalidade que sim.

Dumouriez vinha participar-lhe que o negócio estava arranjado.

Roland e Dumouriez só se conheciam de nome e nunca se tinham visto; julgue-se portanto qual seria a curiosidade com que os futuros colegas olhavam um para o outro.

Depois dos cumprimentos do estilo, nos quais Dumouriez testemunhou a Roland a sua satisfação particular em ver chamar para o governo um patriota esclarecido e virtuoso como ele era, a conversação caiu naturalmente sobre o rei.

– Daí é que há-de nascer o obstáculo – disse Roland sorrindo.

– Pois bem, vai encontrar em mim uma ingenuidade, de que certamente me não fazem honra – disse Dumouriez: – julgo o rei homem de bem e patriota sincero.

E vendo que a Sr^a. Roland não respondia

e apenas sorria, perguntou-lhe:

– Não é essa a sua opinião, minha senhora?

– Já falou com o rei? – perguntou ela.

– Falei sim, minha senhora.

– E com a rainha?

Dumouriez não respondeu e sorriu também.

Ajustaram reunir-se no dia seguinte às onze horas da manhã, para prestar juramento.

Quando saíssem da Assembléia deviam dirigir-se ao paço.

Eram onze horas e meia. Dumouriez desejava demorar-se ainda, mas para pessoas como os Roland, era muito tarde.

Porque é que Dumouriez se demoraria?

Eis o motivo.

No rápido volver de olhos que Dumouriez, quando entrou, lançou sobre a mulher e o marido, notou imediatamente a idade avançada do marido.

Roland tinha dez anos mais que

Dumouriez, que parecia ter menos vinte anos do que Roland.

E a riqueza de formas da mulher?

A Sr^a. Roland, filha de um gravador, como já dissemos, trabalhara desde criança na oficina do pai, e depois de mulher, no escritório do marido, onde era uma bela auxiliar.

O trabalho, esse rude protector, fora a defesa da donzela, do mesmo modo que devia ser a defesa da esposa.

Dumouriez era dessa raça de homens que não pode ver um marido velho sem se rir, nem uma mulher moça sem a desejar. Por isso desagradou igualmente à mulher e ao marido.

Foi essa a razão por que eles observaram a Brissot e ao general que já era tarde.

Dumouriez e Brissot saíram.

- Então o que pensa do nosso futuro colega? - perguntou Roland a sua mulher logo que se fechou a porta.

A Sr^a. Roland sorriu e respondeu:

- Há homens que não é necessário vê-los duas vezes para se formar opinião a respeito deles. Dumouriez é um espírito requintado, um carácter flexível e tem um olhar falso. Expressou uma grande satisfação pela escola patriótica que era encarregado de te participar; pois bem, não te admires de que te faça demitir qualquer dia.

- Essa é exactamente a minha opinião - respondeu Roland.

E ambos se deitaram com a sua serenidade habitual, sem um nem outro desconfiarem de que a mão de ferro do destino acabava de escrever os seus dois nomes no ensangüentado canhenho do algoz.

No dia seguinte o novo ministério prestou juramento na Assembléia nacional e em seguida dirigiu-se para o palácio das Tulherias.

Roland levava os seus sapatos de cordões, porque provavelmente não tinha dinheiro para comprar um par de fivelas. Levava chapéu redondo, porque nunca usara

outro. Dirigia-se às Tulherias no seu trajo habitual. Ia atrás dos seus colegas.

O mestre de cerimónias deixou passar os primeiros cinco, mas deteve Roland, que ignorava a razão por que lhe vedavam o passo.

Mas o mestre de cerimónias não se dava por convencido. Dumouriez ouviu o debate e interveio.

– Porque recusa a entrada ao Sr. Roland?
– perguntou ele.

– Mas, meu senhor – exclamou o mestre de cerimónias, estorcendo os braços – vem de chapéu redondo e não traz fivelas!

– Ah! – disse Dumouriez com o maior sangue frio: – chapéu redondo e nada de fivelas, está tudo perdido.

E fez entrar Roland no gabinete do rei.

XVIII

O exterior e o inferior

Aquele ministério, que tanto custara a introduzir no gabinete do rei, podia chamar-se o ministério da guerra.

No 1.º de Março falecera o imperador Leopoldo, no meio do seu harém italiano, vítima dos afrodisíacos que ele mesmo compunha.

A rainha, que lera uma vez, não sabemos em que panfleto jacobino, que a côdea de um pastel faria justiça ao imperador de Áustria; a rainha, que mandara chamar Gilberto para lhe perguntar se existia um contraveneno infalível; a rainha dissera alto e bom som que seu irmão fora envenenado.

Com Leopoldo morrera a política contemporizadora da Áustria.

O imperador que subia ao trono, Francisco II, que nós conhecemos, e que foi

nosso contemporâneo e de nossos pais, tinha sangue misturado de italiano e de alemão.

Austríaco, nascido em Florença, fraco, violento, astucioso, homem de bem na opinião dos padres, alma dura e hipócrita, ocultando a sua duplicidade debaixo de uma fisionomia plácida, sob uma máscara rosada de uma serenidade espantosa, andando como se fora movido por uma mola, como a estátua do comendador, ou como o espectro do rei da Dinamarca, dando a filha ao seu vencedor para não lhe dar os seus estados, e ferindo-o pelas costas, ao primeiro passo da retirada que o vento norte o obrigou a dar: Francisco II, o homem dos chumbos de Veneza e dos segredos de Spitzberg, o algoz de Andryanne e de Sílvio Pelico, era o protector dos emigrados, o aliado da Prússia e o inimigo da França.

O Sr. de Noailles, nosso embaixador em Viena, quase que estava preso no seu próprio palácio.

O Sr. de Ségur, nosso embaixador em

Berlim, fora, precedido naquela capital pelo boato de que surpreendera os segredos do rei da Prússia, fazendo-se amante das amantes do rei.

Por acaso, aquele rei da Prússia tinha amantes.

O Sr. de Ségur apresentou-se em audiência pública ao mesmo tempo que se apresentava o enviado de Coblentz. O rei da Prússia voltou as costas ao embaixador de França, e perguntou em voz alta ao agente dos príncipes pela saúde do conde de Artois.

Naquela época, a Prússia julgava-se, como ainda actualmente se julga, à testa do progresso alemão; vivia da singular tradição filosófica do rei Frederico, que, animando a resistência dos turcos e as revoluções dos polacos, afoga as liberdades da Holanda, e, governa de garras aduncas, nas águas turvas das revoluções, ora pesca o Neufchâtel, ora uma parte da Pomerânia, ora uma parte da Polónia.

Os nossos dois inimigos visíveis eram:

Francisco II e Frederico Guilherme; os inimigos ainda invisíveis eram a Inglaterra, a Rússia e a Espanha.

O chefe de toda esta coalizão devia ser o belicoso rei da Suécia, o anão, armado em gigante, que se chamava Gustavo III e era sempre dominado por Catarina II.

A presença de Francisco II no trono da Áustria manifestou-se pela seguinte nota diplomática:

“1.º Satisfazer os príncipes alemães possessionados neste reino. Por outra, reconhecer a suserania imperial no meio dos nossos departamentos. Suportar a Áustria, na própria França.”

“2.º Entregar Avinhão, para que a Provença fosse desmembrada, como noutro tempo.”

“3.º Restabelecer a monarquia como estava em 23 de Junho de 1789.”

Era evidente que esta nota correspondia

aos desejos secretos do rei e da rainha.

Dumouriez encolheu os ombros.

Podia dizer-se que a Áustria adormecera a 14 de Julho, e julgava acordar, no dia 15, depois de um sono de três anos.

A 16 de Abril, Gustavo foi assassinado num baile. Dois dias depois desse assassinio ainda ignorado em França, era entregue a Dumouriez a nota austríaca. Ele levou-a a Luís XVI.

Tanto Maria Antonieta, mulher dos partidos extremos, desejava uma guerra, que supunha poder salva-la, quanto a temia Luís XVI, que era o homem das meias medidas, da lentidão, das tergiversações. E, com efeito, declarada a guerra, se fosse alcançada uma vitória, ficaria à mercê do general vencedor.

Se houvesse uma derrota, o povo torná-lo-ia responsável por ela, gritaria que tinha havido traição e corria sobre as Tulherias.

Finalmente, se o inimigo entrasse em Paris, quem é que o trazia?

O conde de Provença, isto é, o regente

do reino.

A deposição de Luís XVI, Maria Antonieta acusada de infidelidade, talvez proclamados adúlteros os príncipes! tais eram os resultados da emigração e do regresso a Paris.

O rei tinha confiança nos austríacos, nos alemães e nos prussianos, mas desconfiava dos emigrados.

Contudo à leitura da nota, entendeu que estava chegada a hora da França desembainhar a espada, e que não era possível recuar.

A 20 de Abril, o rei e Dumouriez entraram na Assembléia Nacional. Eram portadores da declaração de guerra à Áustria.

Esta declaração foi recebida com entusiasmo.

Naquela hora tão solene, que não temos o valor de entregar às mãos do romance, e que inteiramente consagramos à história, existiam em França quatro partidos perfeitamente separados.

Os realistas absolutos, aos quais em primeiro lugar pertencia a rainha.

Os realistas constitucionais, a que o rei desejava pertencer.

Os republicanos.

Os monarquistas.

Os realistas absolutos não tinham chefes ostensivos em França, exceptuando a rainha.

Eram representados, fora de França pelo conde de Provença, pelo príncipe de Condé e pelo duque Carlos de Lorraine.

O Sr. de Bréteuil em Viena, e o Sr. de Merci de Argenteau em Bruxelas, eram os representantes da rainha junto daquele partido nefasto.

Os chefes do partido constitucional eram: Lafayette, Bailly, Barnave, Lameth, Duport e, finalmente, os Bernardos.

O rei estava pronto a abandonar a realza absoluta e a marchar com eles; inclinava-se a ficar para trás, e não ia para diante.

Os chefes do partido republicano eram:

Brissot, Vergniaud, Gaudet, Pétion, Roland, Isnard, Ducos, Condorcet e Couthon.

Os chefes dos anarquistas eram: Marat, Danton, Santerre, Couchon, Camilo Desmoulins, Hébert, Legendre, Fabre-d'Eglantine e Collot-d'Herbois.

Dumouriez seria, de quem o quisesse, contanto que nesse partido encontrasse interesse e reputação.

Robespierre estava retirado. Esperava.

Mas a quem ia naquela hora ser entregue a bandeira da revolução agitada por Dumouriez, esse vago patriota, na tribuna da Assembléia?

A Lafayette, o homem do Campo de Marte!

A Luckner, que a França não conhecia senão pelo mal que lhe fizera, como partidário da guerra de sete anos.

A Rochambeau, que não queria senão a guerra defensiva, e que se mortificava por ver Dumouriez dar directamente ordens aos seus ajudantes, sem que essas ordens passassem

pela censura da sua velha experiência.

Eram estes os três homens que comandavam os três corpos de exército, prontos para entrar em campanha.

Lafayette comandava o centro, e devia descer vivamente o Mosa, marchando de Givet a Namur.

Luckner defendia o Franche-Comté.

Rochambeau defendia a Flandres.

Lafayette, apoiando-se num corpo que Rochambeau lhe enviaria de Flandres, debaixo do comando de Biron, ganharia Namur, e marcharia para Bruxelas, onde o esperava de braços abertos a revolução do Brabante.

Lafayette tinha o melhor papel: estava na vanguarda, e Dumouriez reservava-lhe a primeira vitória.

Essa vitória fazê-lo-ia general em chefe.

Ficando Lafayette vitorioso e general em chefe, sendo Dumouriez ministro da guerra, arremessava-se o barrete vermelho às urtigas, com uma das mãos despedaçava-se a

Gironda, e com a outra esmagavam-se os Jacobinos.

A contra-revolução estava feita.

Mas Robespierre? Robespierre retirara-se, como dissemos, e muitas pessoas pretendiam que havia uma comunicação oculta da casa do marceneiro Duplay para a habitação real de Luís XVI.

Não era dessa residência que saía a pensão, paga pela duquesa de Angouleme à irmã de Robespierre?

Mas desta vez, como sempre, Lafayette faltou a Lafayette.

A guerra ia fazer-se com os partidários da paz, e sobretudo, os fornecedores eram amigos dos nossos inimigos. Da melhor vontade deixariam as nossas tropas sem víveres e munições e foi o que fizeram, para não faltar pão nem pólvora aos prussianos e aos austríacos.

E note-se igualmente que Dumouriez, o homem dos manejos clandestinos e tenebrosos, não desprezava as suas relações

com os Orleans, relações que o deitaram a perder.

Biron e Valence eram generais orleanistas.

Por isso, eram orleanistas e bernardos, Lafayette e Biron, que devia dar as primeiras cutiladas e cantar os primeiros hinos de vitória.

Na manhã de 28 de Abril, Biron assenhoreia-se do Quiévrain e marcha sobre Mons.

Ao mesmo tempo, no dia seguinte, 29, Theobaldo Dillon marchava de Lille a Tournay.

Biron e Dillon eram dos aristocratas, mas eram dois excelentes moços valentes, finos, espirituosos, da escola de Richelieu; um tinha a franqueza das suas opiniões patriotas; o outro não teve tempo de saber quais fossem as suas: ia ser assassinado.

Dissemos já que os dragões eram a arma aristocrática do exército. À frente de três mil homens de Biron marcham dois regimentos

de dragões.

De repente, os dragões, sem verem sequer o inimigo começaram a gritar:

“Salve-se quem puder! Estamos traídos.”

E voltando à retaguarda, gritando sempre, passam sobre a infantaria, que esmagam na passagem, e que, julgando-os perseguidos, foge também.

O pânico foi completo.

A Dillon aconteceu a mesma coisa.

Dillon encontrou-se com um corpo de novecentos austríacos, e os dragões da sua vanguarda intimidam-se e fogem, arrastando consigo a infantaria, abandonando os carros, a artilharia, as bagagens, e parando unicamente em Lille.

Chegados a esse ponto, os fugitivos atribuem a cobardia aos seus chefes, assassinam Theobaldo, Dillon e o tenente coronel Bertois, e entregam os cadáveres ao populacho de Lille, que os enforca e lhes dança em volta.

Por quem foi organizada esta derrota, que tinha por intuito fazer hesitar o patriota e despertar a confiança do inimigo?

A Gironda, que fizera a guerra e gotejava pelas duas feridas que recentemente recebera, a Gironda acusou a corte, isto é, a rainha, e todas as aparências lhe haviam de dar razão.

A sua primeira idéia foi de retribuir a Maria Antonieta, golpe por golpe. Mas deixara-se à realeza o tempo de se revestir de uma couraça muito mais sólida de que o peito de aço que a rainha mandara fazer para o rei, e que numa noite, ao experimentá-lo, com Andréa, conhecera-o como feito à prova de bala!

A rainha reorganizara a pouco e pouco a famosa guarda constitucional, que fora autorizada pela Constituinte. Não subia a menos de seis mil homens.

E que homens! Compunha-se de espadachins e homens de esgrima, que iam insultar os representantes patriotas até aos

bancos da Assembléia; compunha-se de fidalgos bretões e vendeanos; dos provençais de Nimes e de Aries, e de padres robustos, que sob o pretexto de não quererem jurar, tinham despido a roupeta, e em vez dela haviam empunhado a espada, o punhal e a pistola.

Havia igualmente uma quantidade espantosa de cavaleiros de S. Luís, que ninguém sabia donde tinham saído, e que eram condecorados sem se saber a razão porquê.

O próprio Dumouriez, que em menos de dois anos deu seis mil hábitos de S. Luís, queixa-se disto nas suas Memórias, dizendo nelas: “Nenhum governo que suceda ao que existe poderá reabilitar a bela e desgraçada cruz de S. Luís, que se dá a toda a gente.”

E a coisa chegou a ponto que recusou para si a Grã-Cruz e fez com que fosse dada ao Sr. de Watteville, major do regimento suíço de Ernesto.

Cumpria começar por inutilizar a

couraça, que depois se daria o golpe no rei e na rainha.

Espalhou-se de repente o boato de que na antiga escola militar havia uma bandeira branca, que devia ser hasteada prontamente, e que fora o rei quem a dera. Fazia isso lembrar o laço preto dos dias 5 e 6 de Outubro.

Com as opiniões contra-revolucionárias do rei e da rainha, todos se admiravam de não ver flutuar a bandeira branca nas Tulherias, e esperavam vê-la surgir, de um momento para o outro, em qualquer outro edifício.

O povo, ao ouvir a notícia dirigiu-se aos quartéis.

Os oficiais quiseram resistir, mas os soldados abandonaram-nos. Encontrou-se uma bandeira branca, de um palmo de tamanho, que fora espetada num pastel dado pelo delfim.

Mas além dessa amostra sem importância, acharam-se muitos hinos em

honra do rei, muitas canções injuriosas para a Assembléia e milhares de impressos contra-revolucionários.

Por esta ocasião Bazire apresentou um relatório à Assembléia; a guarda do rei soltara gritos de alegria ao ouvir a notícia da derrota de Tournay e Quiévrain, e manifestara a esperança de que em três dias seria tomada Valenciennes, e dentro de quinze estaria o inimigo em Paris.

Ainda mais: um cavaleiro daquela guarda, bom francês, chamado Joaquim Murat, que julgara entrar numa verdadeira guarda constitucional, como o indicava o título, dera a demissão. Tinham querido vencê-lo a poder de dinheiro e mandá-lo para Coblenz.

Não podia sair com o rei para fora de Paris, conduzi-lo à fronteira, operando uma segunda fuga de Varennes, que desta vez teria bom êxito?

Aquela guarda era uma arma terrível nas mãos da realeza. Não podia ela, por

ordem do rei, marchar sobre a Assembléia, fazer prisioneiros ou matar os deputados do primeiro até ao último.

Menos do que isto.

Por isso, desde o dia 22 de Maio, isto é, três semanas antes do duplo revés de Tournay e Quiévrain, Pétion, que era o novo *maire* de Paris, o homem nomeado pela influência da rainha, a quem conduzira de Varennes, e que ela protegia por ódio àquele que a deixara fugir; por isso Pétion escreveu ao comandante da guarda nacional, manifestando-lhe claramente os seus receios da possibilidade da partida do rei, convidando-o a que *observasse, vigiasse*, e aumentasse o número das patrulhas dos *arredores*.

Mas Pétion não lhe dizia quem devia *observar e vigiar*, nem quais eram os *arredores* onde devia aumentar o número das patrulhas.

Mas para que serviria falar nas *Tulherias* e no rei? Quem devia ser observado? O

inimigo?

Em volta de que sítio se deviam multiplicar as patrulhas? *Em volta do campo do inimigo.*

Qual era o campo inimigo? *As Tulherias.*

Quem era o inimigo? *O rei.*

Deste modo ficava estabelecida a grande questão.

Foi Pétion, advogado de Chartres, e filho de um procurador, quem a formulou ao descendente de S. Luis, ao neto de Luís XIV, ao rei de França.

E o rei de França queixou-se disso, porque compreendeu que a voz daquele homem falava mais alto do que a sua, e queixou-se numa carta, que o Directório do departamento mandou afixar nas esquinas de Paris.

Mas isso pouco cuidado deu a Pétion, que lhe não respondeu, e manteve a ordem.

Logo, Pétion era o verdadeiro rei.

Se alguém o duvidar, brevemente lhe daremos as provas.

Bazire no seu relatório pede que seja suprimida a guarda constitucional do rei e se ordene a prisão do seu comandante, o Sr. de Brissac.

O povo estava em brasa e os Girondinos aproveitaram-se dele como bons ferreiros.

Para eles tratava-se de ser, ou não ser.

O decreto foi promulgado no mesmo dia, a guarda constitucional foi licenciada, passou-se ordem de prisão contra o duque de Brissac e a guarda das Tulherias foi entregue à guarda nacional.

Ó Charny! Charny! Onde estás tu? Tu, que em Varennes estiveste a ponto de salvar a rainha com os teus trezentos cavaleiros, que terias feito nas Tulherias com seis mil homens?

Charny vivia feliz, esquecido de tudo nos braços de Andréa.

XIX

A rua Guénégaud e as Tulherias

O leitor lembra-se de que Grave pedira a demissão; mas o rei quase lha recusara e Dumouriez não lha aceitara.

Dumouriez insistia em conservar de Grave, homem da sua confiança, e conservara-o, mas à notícia do duplo revés, foi-lhe necessário sacrificar o seu ministro da guerra.

Abandonou-o. Foi um bolo que deitou ao Cérbero dos Jacobinos para não ladrar.

Aceitou em seu lugar o coronel Servan, ex-governador dos pajens.

Dumouriez ignorava, por certo, que homem tomava para colega, e que golpe esse homem ia descarregar na realeza.

Enquanto a rainha velava nas trapeiras das Tulherias, consultando o horizonte para ver se chegavam os desejados austríacos,

outra mulher velava na sua pequena sala da rua de Guénegaud.

Uma era a contra-revolução, outra a revolução.

Já se vê que pretendemos falar da Sr^a. Roland.

Foi ela quem impeliu Servan para o ministério, do mesmo modo que a Sr^a. Staël contribuíra para que Narbonne fosse ministro.

A mão das mulheres aparece em todos os acontecimentos dos três terríveis anos de 91, 92 e 93.

Servan nunca saía de casa da Sr^a. Roland, e o mesmo acontecia a todos os Girondinos, de quem ela era a inspiração, a luz, a alma, e ele inspirava-se daquela alma generosa, que ardia constantemente, mas nunca se consumia.

Diziam que ela era amante de Servan; ela deixava falar as más línguas, e segura da sua consciência, ria-se da calúnia.

Todos os dias via entrar em casa seu

marido, despedaçado pela luta. Sentia-se arrastado para o abismo com o seu colega Clavières, e contudo nada era visível. Tudo se podia negar.

Na noite em que Dumouriez viera oferecer-lhe a pasta do interior, pusera as suas condições, e dissera:

- A minha única fortuna consiste na minha honra e quero que saia intacta do ministério. Um secretário deve assistir a todas as deliberações do conselho, há-de consignar as opiniões de cada um de nós, e deste modo se verá que nunca me faltou patriotismo, nem fui infiel à liberdade.

Dumouriez assim o prometeu, porque era preciso cobrir a impopularidade do seu nome com o manto girondino.

Dumouriez era um desses homens que prometem sempre, mas que se reservam para proceder conforme as suas conveniências lho determinem.

Dumouriez não cumprira a promessa, e Roland pedira inutilmente o secretário.

Então Roland, não podendo alcançar aquele arquivo secreto, apelou para a publicidade.

Fundara o jornal o *Thermometro*, mas ele próprio conhecia muito bem que havia sessões do conselho, cuja revelação fora uma traição em favor do inimigo.

A nomeação de Servan era para ele um grande auxílio, mas não era bastante.

O conselho, neutralizado por Dumouriez nada adiantava.

A Assembléia dera um golpe recente: licenciara a guarda constitucional e prendera Brissac.

Roland, voltando com Servan, na noite de 20 de Março, deu a notícia em casa.

- Que fizeram desses guardas licenciados? - perguntou a Sr^a. Roland.

- Nada.

- Então estão em liberdade?

- Estão, mas não lhes é permitido usarem o uniforme azul.

- Amanhã vestirão o uniforme

encarnado e passearão pelas ruas como se fossem suíços.

Efectivamente no dia seguinte as ruas eram cruzadas por soldados com uniformes suíços.

A guarda licenciada mudara única e simplesmente de uniforme.

Estava em Paris, estendendo a mão aos estrangeiros dando-lhes sinal para que viessem, e pronta para lhes abrir as barreiras.

Roland e Servan não encontravam remédio contra isso.

A Sr^a. Roland pegou numa folha de papel, e dando uma pena a Servan, disse-lhe:

– Escreva:

“Proposta para estabelecer em Paris um acampamento de vinte mil revolucionários, por ocasião da festa de 14 de Julho...”

Servan deixou cair a pena antes de concluir a frase.

– Nisso nunca o rei consentirá – disse ele.

– Não é ao rei, é à Assembléia que

cumprir propor esta medida: e não deve reclamá-la como ministro, mas como cidadão.

Servan e Roland acabavam de entrar num horizonte imenso, ao clarão de um raio.

- Ah! - disse Servan - tem razão. Com esta proposta e com um decreto sobre o clero ficamos seguros do rei.

- Então compreende, não é verdade? O padre é a contra-revolução na família e na sociedade. Os padres acrescentaram ao credo a seguinte frase: *e será condenado quem pagar as contribuições!* Cinquenta sacerdotes ajuramentados foram assassinados, saqueadas as suas casas e devastados os seus campos durante seis meses. A Assembléia deve dirigir contra os padres um decreto urgente. Conclua a sua moção, Servan; Roland vai redigir o decreto.

Servan concluiu.

Durante este tempo Roland escrevia:

“O desterro do clérigo rebelde para fora do reino verificar-se-á num mês, se for pedido por vinte cidadãos activos, aprovado

pelo distrito e pronunciado pelo governo.”

“O sacerdote que for desterrado receberá três libras por dia, para despesas de jornada até à fronteira”.

Servan leu a sua proposta a respeito do acampamento dos vinte mil voluntários.

Roland leu o seu projecto acerca do degredo dos padres.

Toda a questão, efectivamente, estava nisto:

Procedia o rei francamente? O rei atraía-o?

Se o rei era verdadeiramente constitucional, sancionaria os dois decretos. Se atraía-o, punha-lhes o veto.

- Assinarei a moção do acampamento como cidadão - disse Servan.

- E Vergniaud proporá o decreto dos padres - disseram o marido e a mulher.

No dia seguinte, Servan apresentou a sua proposta à Assembléia.

Vergniaud guardou o decreto na algibeira e prometeu fazer uso dele quando

fosse ocasião.

Na noite em que Servan apresentou a sua moção na Assembléia, entrou, no conselho como costumava.

O passo que dera era já sabido; Roland e Clavières sustentavam-no contra Dumouriez, Lacoste e Duranton.

– Venha, Sr. Servan, venha dar conta do seu procedimento – disse Dumouriez.

– Faz favor de me dizer a quem hei-de dar contas? – perguntou Servan.

– Ao rei, à nação, a mim.

Servan sorriu.

– Sr. Servan – lhe disse Dumouriez – deu hoje um passo importante.

– É verdade, sei que dei um passo da maior importância.

– E para fazer o que fez teve ordem do rei?

– Confesso que não.

– Ouviu a opinião dos seus colegas?

– Também não.

– Então porque procedeu assim?

- Porque estava no meu direito de homem particular e de cidadão.

- E foi como particular e como cidadão que apresentou aquela moção incendiária?

- Tal qual.

- Então para que juntou à sua assinatura o título de ministro da guerra?

- Porque queria provar à Assembléia que estava pronto a apoiar como ministro o que pedia como cidadão.

- Sr. Servan - disse Dumouriez - isso que fez é de um mau cidadão e de um mau ministro.

- Há-de permitir-me - respondeu Servan - que só me tome a mim para juiz dos actos que tocam à minha consciência. Se houvesse de tomar juiz em questão tão delicada, decerto não seria o Sr. Dumouriez.

Dumouriez empalideceu e deu um passo para Servan.

Servan levou a mão aos copos da espada; Dumouriez fez o mesmo.

Neste momento entrou o rei, que ainda

ignorava a existência da moção de Servan.

Todos se calaram.

No dia seguinte foi discutido na Assembléia o decreto, que pedia a reunião de vinte mil confederados em Paris.

O rei ficou muito consternado com semelhante notícia e mandou chamar Dumouriez.

- Sr. Dumouriez - disse o rei - sei que é um servidor fiel e o interesse que tomou pela realza na questão com aquele miserável Servan.

- Agradeço a vossa majestade - respondeu Dumouriez.

E depois de uma pausa, perguntou:

- Vossa majestade sabe que o decreto já passou?

- Não sei - disse o rei - mas pouco me importa; neste caso estou resolvido a exercer o meu direito de veto.

Dumouriez abanou a cabeça.

- Não é desta opinião, Sr. Dumouriez? - perguntou o rei.

- Senhor - respondeu Dumouriez - sem nenhuma força de resistência, e vítima como vossa majestade é das suspeitas da maior parte da nação, do ódio dos Jacobinos e da profunda política do partido republicano, semelhante resolução da parte de vossa majestade seria uma declaração de guerra.

- Pois seja. Se faço a guerra aos meus amigos, porque não hei-de fazê-la aos meus inimigos?

- Senhor, noutra guerra tem vossa majestade dez probabilidades para vencer; mas, nesta, tem dez probabilidades para ser vencido.

- Não sabe qual é o fim para que se pedem os vinte mil homens?

- Permita-me vossa majestade que fale cinco minutos, e espero provar-lhe que não só sei o que se deseja, mas que adivinho o que há-de acontecer.

- Fale, Sr. Dumouriez, que o escuto.

Com efeito, encostando o cotovelo à cadeira e apoiando a cabeça na mão, Luís XVI

escutou.

- Senhor - disse Dumouriez - os indivíduos que solicitaram o decreto são tão inimigos da pátria como do rei.

- É o senhor mesmo quem o confessa - disse Luís XVI.

- Direi ainda que o cumprimento de semelhante medida pode produzir grandes desgraças.

- E então?

- Permita, senhor...

- Sim, diga, diga.

- O ministro da guerra é muito criminoso por ter solicitado uma reunião de vinte mil homens perto de Paris, ao passo que os nossos exércitos estão fracos, as nossas fronteiras desguarnecidas e os nossos cofres exaustos.

- Bem sei que é criminoso - disse o rei.

- Não só criminoso, mas imprudente, o que é muito pior, imprudente por haver proposto à Assembléia a reunião de uma multidão indisciplinada, chamada debaixo de

um nome que lhe há-de exagerar o patriotismo, e da qual pode lançar mão o primeiro ambicioso que aparecer.

- É sem dúvida o partido Girondino que fala pela voz de Servan.

- Sim, senhor, mas não será o partido Girondino quem aproveite.

- Talvez sejam os Bernardos.

- Nem uns nem outros; hão-de ser os Jacobinos, os Jacobinos, cujos clubes estão espalhados por todo o reino, e que entre os vinte mil confederados, talvez encontrem dez mil adeptos. Assim, acredite vossa majestade, que os promotores do decreto hão-de ser destruídos pelo próprio decreto.

- Ah! Se o acreditasse, quase me consolava! - exclamou o rei depois de um momento de silêncio.

- Penso, portanto, senhor, que o decreto é perigoso para a nação, para o rei, para a Assembléia Nacional, e especialmente para os seus autores, a quem servirá de castigo. E todavia, senhor, sou de opinião que vossa

majestade não pode deixar de o sancionar. Foi provocado por uma malícia tão profunda, que digo a vossa majestade que aí anda dedo de mulher, pela certa.

– A Sr^a. Roland, não é verdade? Porque é que as mulheres não fiam ou fazem meia, em lugar de fazer política?

– Então que quer vossa majestade! A Sr^a. de Maintenon, a Sr^a. de Pompadour e a Sr^a. Dubarry, fizeram-lhe perder o costume de se entreterem com os trabalhos próprios do seu sexo. O decreto, como já tive a honra de dizer a vossa majestade, foi provocado por uma malícia profunda, discutido com obstinação, e decretado com entusiasmo. Estão todos cegos acerca deste desgraçado decreto. Se vossa majestade lhe impuser o veto, nem por isso há-de deixar de executar-se. Em vez de vinte mil homens reunidos em nome da lei, e que, por consequência, se podem sujeitar a um regulamento, chegarão das províncias, na próxima época da confederação, quarenta mil homens sem decreto, os quais podem destruir

do mesmo golpe a constituição, a Assembléia e o trono. Se fôssemos vencedores em lugar de sermos vencidos – acrescentou Dumouriez, abaixando a voz – se eu tivesse um pretexto para nomear Lafayette general em chefe, e para lhe entregar cem mil homens, diria a vossa majestade que não aceitasse. Mas nós estamos derrotados, exterior e interiormente, e nesse caso digo a vossa majestade que aceite.

Neste momento alguém tocou de leve na porta.

– Entre! – disse Luís XVI.

Era o criado particular Thierry.

– Senhor – disse ele – o Sr. Duranton, ministro da justiça, pede para falar a vossa majestade.

– Que me quererá dizer? Veja o que isso é, Sr. Dumouriez.

Dumouriez saiu.

Ao mesmo tempo ergueu-se o reposteiro da porta de comunicação da câmara do rei e apareceu Maria Antonieta.

- Senhor - disse ela - conserve-se firme. Dumouriez é um Jacobino como os outros. Não pôs ele na cabeça o barrete vermelho? Quanto a Lafayette, bem sabe que prefiro perder-me sem ele, do que ser salva por ele.

E como se ouviam os passos de Dumouriez, que se aproximava da porta, o reposteiro caiu e a visão desapareceu.

XX

O veto

Quando o reposteiro caiu, abriu-se a porta.

- Senhor - disse Dumouriez - por proposta do Sr. Vergniaud, acaba de passar o decreto contra os padres.

- Ah! - disse o rei erguendo-se - pelo que vejo, é uma conspiração. Em que termos é concebido o decreto?

- Aqui está, senhor. O ministro da justiça, trazia-o, e entendi que vossa majestade me faria a honra de me dizer particularmente a sua opinião antes de falar no conselho.

- Tem razão. Dê-me esse papel.

E com voz trémula de agitação o rei leu o decreto, cujo texto já indicamos.

Depois o rei amarrotou o papel nas mãos e lançou-o para longe de si, dizendo:

- Nunca hei-de sancionar este decreto!

- Senhor - disse Dumouriez - desculpe-me vossa majestade de ser também agora de opinião contrária.

- Sr. Dumouriez - disse o rei - em matéria política posso hesitar, mas em matéria religiosa nunca. Em assunto político, julgo com o espírito, e o espírito pode enganar-se; em matéria religiosa julgo com a minha consciência e a consciência é infalível.

- Senhor, há um ano que vossa majestade sancionou o decreto do juramento dos padres.

- É verdade! Mas foi à força.

- Senhor, era nesse decreto que vossa majestade devia pôr o seu veto; o segundo decreto é a consequência do primeiro. O primeiro decreto produziu todos os males da França; este é remédio para esses males; é duro mas não é cruel. O primeiro era uma lei religiosa; atacava a liberdade de pensar em matéria de culto; este é uma lei política, que só respeita à segurança e tranqüilidade do

reino: é a segurança dos padres não ajuramentados contra a perseguição.

Longe de os salvar com o seu veto, vossa majestade tira-lhes o auxílio de uma lei; expõe-os a ser assassinados, e a que os franceses se convertam em algozes deles.

Por isso a minha opinião, e desculpe vossa majestade a franqueza de um soldado, é que, atrevo-me a dizê-lo, tendo vossa majestade cometido o erro de sancionar o decreto do juramento dos padres, o seu veto, aplicado a este segundo decreto, que pode suspender o dilúvio de sangue prestes a correr, o seu veto, senhor, pesará sobre a consciência de vossa majestade e torná-lo-á responsável de todos os crimes que o povo pode ser levado a cometer.

- E que maiores crimes quer que o povo cometa do que aqueles que já tem praticado?
- disse uma voz que partia do fundo do gabinete.

Dumouriez estremeceu ao ouvir aquela voz vibrante, que conheceu ser a da rainha.

- Ai, senhora, preferia terminar todo este negócio a sós com el-rei.

- Sr. Dumouriez - disse a rainha com um sorriso amargo para ele e um olhar quase de desprezo para o rei - só tenho que fazer-lhe uma pergunta.

- Qual é, minha senhora?

- Entende que el-rei deve suportar por mais tempo as ameaças de Roland, as insolências de Clavières e as poucas vergonhas do Servan?

- Não, senhora - respondeu Dumouriez - e estou tão indignado como vossa majestade. Admiro a paciência de el-rei, e uma vez que tocamos neste ponto, atrevo-me a suplicar a mudança completa do ministério.

- Mudança completa? - disse o rei.

- Sim, senhor. Demita vossa majestade os seis ministros, e se puder encontrar, escolha homens que não pertençam a nenhum partido.

- Não, não - disse o rei; - quero que o Sr. Dumouriez fique, o honrado Lacoste e

também Durantou, mas preste-me o serviço de me desembaraçar daqueles três facciosos insolentes. Juro-lhes que tenho esgotada a paciência.

– A coisa é perigosa, senhor.

– E recua diante do perigo? – disse a rainha.

– Não, senhora, mas porei as minhas condições.

– As suas condições! – disse a rainha com modo altivo.

Dumouriez inclinou-se.

– Diga, Sr. Dumouriez – redarguiu o rei.

– Senhor – disse Dumouriez – estou lutando com três facções em que se divide Paris: os Bernardos, os Girondinos e os Jacobinos, as quais me guerreiam com toda a força. Estou inteiramente despolarizado, e como só pela opinião pública se podem reter alguns fios do governo, não posso ser útil a vossa majestade senão com uma condição.

– Qual é?

– Que se diga bem alto, que eu e os

meus colegas ficamos para sancionar os dois decretos, recentemente promulgados.

- Não pode ser - disse o rei.

- É impossível, é impossível - repetiu a rainha.

- Vossa majestade recusa?

- O meu inimigo mais cruel não podia impor-me condições mais duras do que as que me impõe o Sr. Dumouriez.

- Senhor, juro pela minha palavra de homem de bem, e pela minha honra de soldado, que as julgo necessárias para a segurança de vossa majestade.

E voltando-se para a rainha, continuou:

- Senhora, se não é por vossa majestade, se a intrépida filha de Maria Teresa não só despreza o perigo, mas, como mãe, está pronta a ir-lhe ao encontro, digne-se lembrar-se que não é só, lembre-se de el-rei e dos seus filhos; em lugar de os impelir para o abismo, junte-se a mim para deter sua majestade à beira do precipício para onde o trono se inclina.

Se entendi necessária a sanção dos dois decretos antes de sua majestade expressar o desejo de se desembaraçar dos três facciosos que lhe pesam, julgue vossa majestade, quanto, demitindo-os, eu o creio indispensável, e quanto receio de se demitirem os ministros sem sancionar os decretos.

O povo terá dois motivos para lhe querer mal: vossa majestade será julgado inimigo da Constituição, os ministros demitidos serão tidos por mártires, e não respondo que dentro de poucos dias os acontecimentos mais graves ponham em risco a coroa e a vida de vossas majestades.

Quanto a mim, previno a vossa majestade que não posso nem devo, para bem o servir, já não digo contra os meus princípios, mas contra as minhas convicções. Duranton e Lacoste são da minha opinião, mas não posso responder por eles.

Quanto a mim, senhor, já disse e repito, não continuo nos conselhos de vossa

majestade sem que sejam sancionados os decretos.

O rei fez um movimento de impaciência, notando-se que estava aborrecido.

Dumouriez inclinou-se e encaminhou-se para a porta.

O rei trocou um olhar rápido com a rainha.

– Sr. Dumouriez – disse a rainha.

Dumouriez parou.

– Sr. Dumouriez – continuou a rainha – lembre-se de quanto é duro para o rei sancionar um decreto, que pode trazer a Paris vinte mil patifes que nos podem assassinar.

– Senhora – respondeu Dumouriez – bem sei que o perigo é grande, e é por isso mesmo que se deve encarar de frente e não o exagerar; o decreto diz que o poder executivo indicará o lugar de reunião dos tais vinte mil homens, que nem todos serão patifes, e diz também que o ministro da guerra se encarregará de colocar à frente deles bons oficiais.

- Mas Servan é o ministro da guerra.

- Não, senhor, quando Servan se retirar o ministro da guerra serei eu.

- Ah! Sim - disse o rei.

- Sim, senhora, e espero que hei-de voltar contra os inimigos de vossas majestades a espada que está suspensa sobre as suas reais cabeças.

O rei e a rainha olharam novamente um para o outro para se consultar.

- Suponha vossa majestade - continuou Dumouriez - que indico Soissons para ponto de reunião, e que dou o comando a um tenente general firme e inteligente, acompanhado por dois marechais de campo: aqueles homens serão formados em batalhões, e à medida que houver quatro ou cinco reunidos e armados, o ministro da guerra aproveitar-se-á das requisições dos generais para os mandar marchar para a fronteira, e então bem vê vossa majestade que o decreto, feito com más intenções, longe de ser prejudicial se tornará útil.

- Mas - disse o rei - está seguro de alcançar a permissão de fazer o acampamento de Soissons?

- Respondo por isso.

- Nesse caso - disse o rei - tome conta do ministério da guerra.

- Senhor, no ministério dos negócios estrangeiros tenho uma responsabilidade leve e indirecta; não acontece o mesmo com o ministério da guerra; os seus generais são meus inimigos, e conquanto vossa majestade acabe de ver a sua fraqueza, responderei pelos erros deles; mas como se trata da vida de vossa majestade, da segurança da rainha e de seus augustos filhos, e da manutenção da Constituição, aceito. Neste ponto estamos de acordo. Agora o que determina vossa majestade a respeito da sanção do decreto sobre o acampamento de vinte mil homens?

- Sendo o Sr. Dumouriez ministro da guerra, pode contar inteiramente com toda a minha confiança e portanto operar como for mais conveniente.

- Muito bem; ocupemo-nos agora do decreto dos padres.

- Já lhe disse - exclamou o rei - que nunca sancionarei semelhante decreto.

- Senhor, vossa majestade sancionando o primeiro, colocou-se na necessidade de sancionar o segundo.

- Cometi um erro, arguo-me por ele, mas não é razão para que cometa outro.

- Se vossa majestade não sancionar este decreto, o segundo erro é maior do que o primeiro.

- Senhor - disse a rainha.

O rei voltou-se para Maria Antonieta e disse-lhe:

- Também vossa majestade!

- Senhor - redargüiu a rainha - devo confessar que neste ponto, e depois das explicações dadas pelo Sr. Dumouriez, sou da sua opinião.

- Pois bem, então... - disse o rei.

- Então, senhor - repetiu Dumouriez.

- Consinto, mas com a condição de que

me há-de desembaraçar dos três facciosos o mais depressa possível.

- Acredite vossa majestade que hei-de aproveitar a primeira ocasião, e estou certo de que não há-de tardar muito tempo.

E cumprimentando o rei e a rainha, Dumouriez saiu tranqüilo.

Ambos acompanharam com os olhos o novo ministro da guerra até que se fechou a porta.

- Fez-me sinal para que aceitasse - disse o rei; - agora o que tem que me dizer?

- Primeiramente, que aceite o decreto dos vinte mil homens - disse a rainha - deixe-lhe fazer o acampamento em Soissons, deixe-lhe dispersar os seus homens, e depois verá o que se deve fazer dos padres.

- Mas, senhora, ele há-de exigir o cumprimento da minha palavra.

- Decerto; mas estará comprometido e vossa majestade tê-lo-á seguro.

- Pelo contrário, ele é que me tem seguro pela minha palavra.

- Ora - disse a rainha - para isso há remédio quando se é discípulo do Sr. de Lavauguyon.

E tomando o braço do rei, levou-o para a câmara contígua.

XXI

A ocasião

Já dissemos que a verdadeira guerra de momento feria-se entre a rua Guénégaud e as Tulherias, entre a rainha e a Sr^a. Roland.

Coisa singular! Ambas tinham sobre o marido uma influência que levou as quatro cabeças ao cadafalso.

Ambas porém caminharam por veredas opostas.

Os acontecimentos que acabamos de referir, deram-se a 10 de Julho, e na noite de 11 Servan entrou satisfeitíssimo em casa da Sr^a. Roland.

- Dê-me os parabéns, minha querida amiga - disse-lhe - tive a honra de ser expulso do conselho de ministros.

- Como foi isso? - perguntou a Sr^a. Roland.

- Foi deste modo; esta manhã fui ao

paço para falar com el-rei sobre alguns negócios da minha repartição, e terminados eles, ataquei calorosamente a questão do acampamento dos vinte mil homens, mas...

- Mas?...

- Mas à primeira palavra que proferi, o rei voltou-me as costas com muito mau modo, e esta noite, veio Dumouriez tirar-me em nome do rei a pasta do ministério da guerra.

- Dumouriez!

- Tal qual.

- Representou um péssimo papel, mas não me surpreende; pergunte a Roland o que lhe disse dele quando o vi pela primeira vez; e depois estamos prevenidos de que ele tem conferências todos os dias com a rainha.

- É um traidor.

- Não, é mas é um ambicioso; vá buscar Roland e Clavières.

- Onde está Roland?

- Dá audiência no seu ministério.

- E enquanto eu saio, o que fica fazendo,

minha senhora?

- Uma carta, que lhe comunicarei quando voltar.

- Em verdade, minha senhora, acredito que é a deusa da razão, que os filósofos invocam há tanto tempo.

- E que os homens de consciência encontraram; não venha sem Clavières.

- Essa recomendação há-de provavelmente demorar-me.

- Preciso de ter uma hora por minha.

- Bem; e oxalá que o génio da nossa querida França a inspire!

Servan saiu.

Mal fechou a porta, a Sr^a. Roland assentou-se à carteira, e escreveu a seguinte carta:

“Senhor.

O estado actual da França não pode subsistir por muito tempo; é um estado de crise, cuja violência chegou ao último ponto; cumpre que se determine por um acto que

deve interessar a vossa majestade tanto quanto importa à nação.

Honrado com a confiança de vossa majestade, e colocado num posto em que devo dizer a verdade, ousou dizê-la a vossa majestade cumprindo assim um dever que vossa majestade mesmo me impôs: os franceses adoptaram uma Constituição, que produziu descontentes e rebeldes; a maioria da nação quer mantê-la à custa do seu sangue e viu com prazer a guerra civil que lhe oferecia um grande meio de assegurar-lha; entretanto, a minoria, sustentada por esperanças, reuniu todos os seus esforços para triunfar; daí, a luta intestina contra as leis, a anarquia que os bons cidadãos deploram e que os malévolos procuram manter para caluniar o novo regimen. Daí, a divisão excitada em toda a parte, porque em parte nenhuma existem indiferentes; ou se quer triunfo ou a mudança da Constituição, uns tentam sustenta-la, outros pretendem altera-la. Abster-me-ei de examinar o que ela

é em si mesma, para unicamente considerar o que exigem as circunstâncias, e tornando-me quanto possível estranho, só procurarei investigar o que se pode esperar e o que convém favorecer.

Vossa majestade gozava de grandes prerrogativas, que julgava pertencerem à realza; educado na idéia de conservá-las não pôde ver gostoso que lhas arrebatassem; e era tão natural o desejo de reavê-las, quanto foi o pesar de vê-las destruir. Estes sentimentos tão naturais ao coração humano, devem ter entrado no cálculo dos inimigos da revolução; devem eles ter contado com um favor secreto, até que as circunstâncias permitissem uma protecção declarada; estas disposições não podiam escapar à nação e deviam torná-la desconfiada. Vossa majestade tem portanto estado constantemente na alternativa de ceder aos seus primeiros hábitos, às suas afeições particulares, ou de fazer sacrifícios ditados pela filosofia, exigidos pela necessidade, e

por conseqüência teve ou que animar os rebeldes, inquietando a nação, ou aplacar esta, unindo-se com eles. Tudo tem um termo, e a incerteza chegou finalmente.

Pode vossa majestade ligar-se agora abertamente com os que pretendem reformar a Constituição? Ou deve dedicar-se generosamente a fazê-la triunfar sem reserva? Tal é a verdadeira questão, cuja solução o estado actual torna inevitável.

Quanto à tese metafísica de saber se os franceses estão maduros para a liberdade, nada vale a discussão pois se não trata de julgar o que seremos daqui a um século, senão de se ver do que é capaz a geração presente.

A declaração dos direitos tornou-se um evangelho político e a Constituição francesa uma religião pela qual o povo está pronto a morrer. Por isso a sublevação já algumas vezes tem estado a ponto de suprir a lei, e quando esta não era bastante repressiva para conter os perturbadores, os cidadãos

encarregavam-se de os punir por suas próprias mãos; é assim que as propriedades dos emigrados ou das pessoas conhecidas por serem do partido dele foram expostas ao destroço inspirado pela vingança; por isso tantos departamentos foram obrigados a perseguir os padres, que a opinião pública prescrevera e que decerto vitimaria.

Neste choque de interesses, assumiram o tom da paixão. A pátria não é uma palavra que a imaginação se compraz em embelezar; é uma entidade a que se fizeram sacrifícios, a que mais nos ligamos de dia para dia pelos cuidados que dá; foi criada por mil esforços, eleva-se no meio das inquietações, e é amada tanto pelo que custa, quanto o é pelo que dela se espera; as ofensas que se lhe fizeram são outros tantos meios de inflamar o entusiasmo por ela.

A que ponto subirá esse entusiasmo quando as forças inimigas reunidas exteriormente, se convertam com os intrigantes internos, para lhe dar os golpes

mais funestos?

A fermentação é extrema em todos os pontos do império, há-de rebentar de uma maneira terrível, salvo se uma confiança justificada nas intenções de vossa majestade finalmente a acalma; mas tal confiança não pode assentar em protestos; só deve ter por base os factos.

Para a nação francesa é evidente que a sua Constituição pode caminhar, que o governo terá toda a força de que carece, logo que vossa majestade, querendo absolutamente que triunfe a Constituição sustente o corpo legislativo com todo o poder de execução, tirando todo o pretexto às inquietações do povo e todas as esperanças aos descontentes.

Por exemplo: foram promulgados dois decretos importantes, os quais interessam ambos essencialmente à tranqüilidade pública e à salvação do Estado; a demora na sua sanção inspira desconfianças; se se prolongar, causará descontentes, e devo dizê-

lo: *na efervescência actual dos espíritos, os descontentamentos podem produzir graves resultados.*

Já não é tempo de recuar, nem sequer há meio de contemporizar; a revolução está feita nos espíritos à custa de sangue e será cimentada por ele se a prudência não prevenir desgraças que ainda é possível evitar.

Sei que se pode imaginar operar e conter tudo por medidas extremas; mas, ainda que se empregasse a força para violentar a Assembléia, ainda que se espalhasse o terror na cidade de Paris, a divisão e o entorpecimento nos arrabaldes, toda a França se levantaria com indignação, e despedaçando-se nos horrores de uma guerra civil, havia de desenvolver essa energia sombria, que é a mãe das virtudes e dos crimes, sempre funestas aos que a procuram.

A salvação do Estado e a ventura de vossa majestade estão intimamente ligadas: nenhum poder é capaz de as separar; cruéis

angústias e desgraças certas cercarão o trono se não for por vossa majestade apoiado sobre as bases da Constituição e firmado na paz, como a sua manutenção nos deve finalmente garantir.

Deste modo, a disposição dos espíritos, o curso das coisas, as razões da política e os interesses de vossa majestade, tornam indispensáveis a obrigação de se unir ao Corpo Legislativo e de corresponder aos votos da nação; é uma necessidade do que os princípios apresentam como dever, mas a sensibilidade natural deste povo afectuoso há-de achar um motivo de gratidão.

Senhor, enganam-vos naturalmente nisso quando aconselham a vossa majestade que se afaste e desconfie deste povo impressionável; inquietando-vos perpetuamente, levaram vossa majestade a despertar receios; convença-se o povo de que vossa majestade está resolvido a manter a Constituição a que ele ligou a sua felicidade, e vossa majestade ver-se-á o objecto das

acções de graças.

O procedimento do clero em muitos lugares, os pretextos que o fanatismo fornecia aos descontentes, fizeram decretar uma lei sábia contra os perturbadores; dê-lhe vossa majestade a sua sanção, reclamada pela tranqüilidade pública e pela salvação do clero. Se esta lei não vigorar, os departamentos serão obrigados a substituí-la por medidas violentas, como está acontecendo e o povo irritado há-de suprimi-la com excessos.

As tentativas dos nossos inimigos, as agitações que se têm manifestado na inquietação produzida pelo procedimento da guarda de vossa majestade, agravada por testemunhos de satisfação que lhe foram dados numa proclamação verdadeiramente impolítica para as circunstâncias; a situação de Paris, a sua proximidade das fronteiras fizeram-lhe sentir a necessidade de um acampamento na sua proximidade; esta medida cuja sabedoria e urgência tem

impressionado toda a gente sensata, aguarda a sanção de vossa majestade. Para que há-de a demora dar-lhe a feição de má vontade, quando a brevidade na promulgação lhe ganharia todos os corações? As tentativas do estado maior da guarda nacional parisiense contra esta medida fizeram já suspeitar que procederiam de investigações superiores; já as declamações de alguns demagogos despertaram as suspeitas de relações, com os que se interessam na queda da Constituição, já a opinião pública compromete as intenções de vossa majestade. Algumas circunstâncias mais, e se ainda houver alguma demora o povo contristado verá no seu rei o amigo e o cúmplice dos conspiradores.

Justo Céu! Teríeis vós cegado as potestadas da terra, e só atenderão dar os conselhos que as arrastam à sua ruína?

Sei que a linguagem austera da verdade raro acolhimento encontra ao pé do trono; sei também que é porque nunca aí se faz ouvir que às revoluções se tornam necessárias, sei

sobretudo, que, não só como cidadão submisso à lei, mas também como ministro honrado pela sua confiança ou revestido de um carácter que supõe, devo dizer a verdade a vossa majestade, e não conheço coisa alguma que me impeça de cumprir um dever, de que tenho consciência.

É por igual convicção que retiro as minhas representações a vossa majestade sobre a obrigação e utilidade de executar a lei que determina que haja um secretário no conselho; não só a existência desta lei impõe poderosamente que o seu cumprimento deva seguir-se-lhe sem detenção, mas é que sobretudo importa empregar todos os meios de conservar nas deliberações a gravidade, a sabedoria e a madureza necessárias; e para ministros responsáveis, cumpre que haja um meio de lhes verificar as opiniões; se o houvesse não me dirigiria agora por escrito a vossa majestade.

A vida nada é para o homem que preza os seus deveres acima de tudo; mas depois da

ventura de os haver cumprido, a sua maior satisfação é provar que o fez com fidelidade, o que demais é uma obrigação para um homem público.

10 de Julho de 1792 (ano 4.^o da liberdade)''.

Acabava a Sr^a. Roland de concluir esta carta, escrita numa penada, quando entraram Servan, Clavières e Roland.

Em duas palavras explicou a Sr^a. Roland aos três amigos a nova situação.

A carta, que iam ler entre os três, devia ser lida novamente no dia seguinte aos três ministros ausentes, Dumouriez, Lacoste e Duranton.

Estes, ou aprovavam e juntavam a sua assinatura à assinatura de Roland; ou recusavam, e nesse caso Servan, Clavières e Roland pediam colectivamente a sua demissão motivada na recusa dos seus colegas de assinarem uma carta que a eles parecia exprimir a verdadeira opinião da

França.

A carta seria entregue na Assembléia e a França não duvidaria da causa por que saíam os três ministros patriotas.

A carta foi lida aos três amigos, que não lhe acharam uma única palavra que mudar; a Sr^a. Roland era uma alma comum, onde cada um deles vinha buscar o elixir do patriotismo.

Mas não aconteceu o mesmo no dia seguinte, quando Roland fez a leitura a Dumouriez, Duranton e Lacoste.

Todos três aprovavam a idéia, mas não estavam de acordo na maneira de a expressar; finalmente, negaram-se a assinar, dizendo ser melhor dirigirem-se pessoalmente ao paço.

Isto era um modo de iludir a questão.

À noite, Roland enviou ao rei a carta assinada por ele só.

Nessa mesma noite, Lacoste entregava as demissões a Clavières e a Roland.

A ocasião não se fizera esperar muito tempo, como dissera Dumouriez.

Verdade é que o rei também não a desperdiçara.

No dia seguinte conforme fora tratado a carta de Roland foi lida na tribuna ao mesmo tempo que era anunciada a sua demissão e a dos seus dois colegas Clavières e Servan.

A Assembléia declarou por grande maioria que os ministros demitidos *tinham bem merecido da pátria*.

Deste modo estava declarada a guerra, tanto no interior como no exterior.

A Assembléia só esperava, para dar o primeiro golpe, saber como o rei procederia a respeito dos dois decretos.

XXII

O discípulo do Sr. duque de Lavauguyon

Dumouriez apareceu à porta da Assembléia quando esta por aclamação, votava agradecimentos em nome da pátria aos três ministros demitidos e mandava imprimir e enviar para os departamentos a carta de Roland.

Todos sabiam que Dumouriez era valente, mas ignoravam que fosse audacioso.

Soubera o que se passava e vinha audazmente atacar a questão de frente.

O pretexto da sua presença na Assembléia naquele momento era uma memória notável sobre o estado das nossas forças militares.

Ministro da guerra desde a véspera, fizera e mandara fazer aquele trabalho durante a noite; era uma acusação contra

Servan, acusação que, na verdade, caía sobre de Grave, e especialmente sobre Narbonne, seu predecessor.

Servan só fora ministro dez ou doze dias.

Dumouriez apresentava-se muito forte; acabava de deixar o rei, a quem pedira que fosse fiel à palavra que lhe dera de sancionar os dois decretos, e o rei respondera não só renovando a sua promessa, mas afirmando-lhe que os eclesiásticos que consultara, para descargo da sua consciência, tinham sido todos da opinião de Dumouriez.

Por isso o ministro da guerra marchou direito à tribuna, onde subiu entre gritos confusos e vociferações.

Chegado à tribuna, pediu friamente a palavra.

Foi-lhe concedida a palavra no meio de espantoso tumulto.

Afinal, todos se acalmaram, porque havia muita curiosidade em ouvi-lo.

- Meus senhores - disse ele - o general

Gouvion foi recentemente morto. Deus recompensou o seu valor; morreu pelejando contra os inimigos da França. Foi muito feliz porque não é testemunha das nossas horrorosas discórdias. Invejo a sua sorte.

Estas palavras proferidas com grande altivez e profunda melancolia, fizeram impressão na Assembléia; além disso a notícia da morte do general Gouvion mudava um pouco a disposição das primeiras impressões.

A Assembléia deliberou sobre o que devia de fazer para significar o seu desgosto à família do general, e foi resolvido que o presidente lhe escrevesse uma carta.

Dumouriez pediu a palavra segunda vez.

Foi-lhe concedida.

Tirou da algibeira a sua memória. Porém apenas leu este título: *Relatório sobre o ministério da guerra*, os Girondinos e os Jacobinos começaram a vociferar, a fim de que lhe não fosse permitida a leitura.

Então, entre o ruído, o ministro leu o exórdio com voz tão alta e clara, que se ouviu e conheceu-se que era dirigido contra as facções, versava sobre o respeito que era devido a um ministro.

Semelhante presença de espírito exasperaria os ouvintes de Dumouriez, ainda que não estivessem numa disposição de espírito menos irascível.

- Ouvem-no? - exclamou Gaudet - já se julga tão seguro do poder que se atreve a dar-nos conselhos.

- Porque não? - responde tranquilamente Dumouriez, olhando para a montanha.

Já há muito que o dissemos: o que há de mais prudente em França é o valor. O valor de Dumouriez impôs silêncio aos seus adversários.

Todos se calaram ou pelo menos quiseram ouvi-lo, e ouviram-no.

O relatório era bem escrito, e luminoso e hábil; apesar de muito prevenidos contra o

ministro, foi aplaudido em dois pontos.

Lacué, membro da comissão militar, subiu à tribuna para responder a Dumouriez. Este, então enrolou o relatório e guardou-o na algibeira.

Os Girondinos viram este movimento, e um deles bradou:

- Vêem? O traidor guarda o relatório na algibeira, quer fugir com ele; não lho consintamos, porque aquele documento vai confundi-lo.

Mas, ao ouvir aqueles gritos, Dumouriez que ainda não dera um passo para a porta, tirou o relatório da algibeira e deu-o a um contínuo.

Um dos secretários estendeu imediatamente a mão, e logo recebeu o documento, procurou a assinatura.

- Meus senhores - disse ele - esta memória não está assinada.

- Que assine! - bradaram ao mesmo tempo de todos os lados.

- Essa era a minha intenção - disse

Dumouriez; - está feito com todo o escrúpulo, e não receio assiná-lo. Dêem-me tinta e uma pena.

Deram-lhe uma pena molhada em tinta.

Pôs os pés nos degraus da tribuna e assinou a memória sobre o joelho.

O contínuo quis pegar-lhe, mas Dumouriez afastou-lhe o braço com a mão, e foi entregar o relatório na mesa da presidência; depois atravessou a sala muito devagar, parando de quando em quando, e saiu pela porta situada no baixo da montanha.

A saída foi acompanhada do maior silêncio, ao contrário do que acontecera quando entrou. Os espectadores das tribunas precipitaram-se para os corredores para ver aquele homem, que acabava de afrontar uma Assembléia toda.

À porta dos Bernardos, foi cercado por trezentas ou quatrocentas pessoas, que se apinhavam em volta dele com mais curiosidade do que ódio, como se, por fim de

contas, pudessem prever, que, três meses depois, ele salvaria a França em Valmy.

Três ou quatro deputados realistas saíram da câmara uns após outros, e dirigiram-se a Dumouriez. Para eles não havia dúvida de que o general era dos seus.

Era isto justamente o que Dumouriez previra, e era a razão por que fizera que o rei lhe promettesse que daria a sanção aos dois decretos.

- General, lhe disse um deles, lá dentro estão fazendo o diabo.

- Devem-lhe essa paga - respondeu Dumouriez - porque só o diabo os teria feito a eles.

- Não sabe? - disse o outro deputado - tratam na Assembléia de o mandar para Orleans e instaurarem-lhe lá o processo.

- É bom - disse o general - porque estou precisado de férias; tomarei uns banhos e um pouco de leite para descansar.

- General - disse-lhe o outro - acabam de declarar que o seu relatório seja impresso.

- Melhor - respondeu Dumouriez - essa asneira só servirá para me atrair todos os homens imparciais.

Foi entre todo este cortejo e estes avisos que Dumouriez chegou ao paço.

O rei recebeu-o muito bem; agora estava o general perfeitamente comprometido.

O novo conselho estava reunido.

Demitidos Servan, Clavières e Roland, Dumouriez tratou de substituí-los.

Para ministro do interior propôs Mourgueux, de Montpellier, protestante, membro de muitas academias e antigo *feuillant*, que retirara do clube.

O rei aceitou-o.

Para ministro dos negócios estrangeiros propôs de Maulde, Semonville ou Naillac.

O rei optou pelo último.

Para as finanças propôs Vergennes, sobrinho do antigo ministro.

A escolha conveio perfeitamente ao rei, que o mandou chamar imediatamente; mas Vergennes recusou-se, mostrando aliás muita

dedicação pelo rei.

Resolveu-se então que o ministro do interior ficasse também interinamente com a pasta dos negócios estrangeiros, enquanto não viesse Naillac, que estava fora de Paris.

Mas fora da presença do rei, os quatro ministros não dissimulavam a gravidade da situação, e convencionaram em pedir a demissão, se o rei, depois de ter obtido a demissão de Roland, Servan e Clavières, não cumprisse a sua palavra.

O novo conselho de ministros estava reunido.

O rei já estava informado do que se passara na Assembléia; deu os parabéns a Dumouriez pela atitude que conservara, sancionou imediatamente o decreto sobre o acampamento de vinte mil homens, mas reservou para o dia seguinte a sanção do decreto a respeito dos padres.

Tinha escrúpulos de consciência – disse ele – que só o seu confessor lhe podia tirar.

Os ministros olharam uns para os

outros; era já uma desconfiança que se lhes despertara. Mas, enfim, a consciência timorata do rei podia carecer de mais algumas horas de demora para se tranqüilizar.

No dia seguinte, os ministros repetiram a questão da véspera; mas a noite produzira os seus efeitos, e a vontade do rei, se não a sua consciência, estava firme. Declarou que opunha o veto ao decreto.

Os quatro ministros, uns após outros, e sendo Dumouriez o primeiro que usou da palavra, falaram ao rei com respeito, mas com firmeza.

Porém o rei ouviu-os com os olhos fechados, na atitude de um homem que já tem tomado uma resolução.

Finalmente, quando acabaram, disse-lhes:

- Meus senhores, escrevi uma carta ao presidente da Assembléia para lhe dar parte da minha resolução; um dos senhores há-de referendar essa carta, e *todos quatro a levarão*

juntos à Assembléia.

Era isto uma ordem, completamente de acordo com o antigo regimen, mas que soava muito mal aos ouvidos de ministros constitucionais, e por conseqüência responsáveis.

- Senhor - disse Dumouriez, depois de ter consultado com os olhos os seus colegas - não tem nada mais que *ordenar-nos*?

- Não - respondeu o rei, retirando-se.

Os ministros ficaram, e em sessão permanente resolveram pedir uma audiência para o dia seguinte.

Ajustaram não entrar em explicações, mas darem a demissão unanimemente.

Dumouriez recolheu-se a casa. O rei quisera caçoar com ele, e quase que conseguira caçoar; com ele, o político hábil, o diplomata sagaz e o general valoroso.

Encontrou em casa três bilhetes de pessoas diferentes, nos quais lhe anunciavam que havia ajuntamentos no bairro de Santo António e conciliábulos em casa de Santerre.

Escreveu imediatamente ao rei para o prevenir do que lhe anunciavam. Uma hora depois, recebeu o seguinte bilhete, que não era assinado pelo rei, mas estava escrito por ele:

“Não creia, Sr. Dumouriez, que conseguem assustar-me com ameaças. A minha resolução está firmemente tomada”.

Dumouriez pegou na pena e escreveu:

“Senhor, vossa majestade julgou-me muito mal se acreditou que eu era capaz de empregar semelhante meio. Eu e os meus colegas tivemos a honra de escrever a vossa majestade pedindo-lhe a graça de nos receber amanhã às dez horas da manhã; entretanto suplico a vossa majestade que se digne escolher um sucessor que possa substituir-me em vinte e quatro horas, visto a urgência dos negócios da guerra, e que se digne aceitar a minha demissão”.

Enviou esta carta pelo seu secretário, com o fim de ter a certeza de receber resposta.

O secretário esperou pela resposta até à meia noite e meia hora e voltou com o seguinte bilhete:

“Receberei os meus ministros amanhã às dez horas, e falaremos acerca do que me escreve”.

Era evidente que se tramava a contra-revolução no paço.

Efectivamente, a corte tinha forças com que podia contar, e eram:

Uma guarda constitucional de seis mil homens, que estava licenciada, mas sempre pronta para reunir à primeira voz;

Sete ou oito mil cavaleiros de S. Luís, cuja fita encarnada era o sinal para se conhecerem e reunirem;

Três batalhões de suíços, de mil e

seiscentos homens cada um, força escolhida e inabalável, como os rochedos das montanhas;

E finalmente melhor do que tudo isto, uma carta de Lafayette, onde havia a seguinte frase:

“Insista vossa majestade, porque apoiando-se na autoridade que a Assembléia lhe delegou, encontrará todos os bons franceses em volta do trono.”

O que se podia fazer, e o que se propunham fazer era o seguinte:

Reunir ao mesmo tempo a guarda constitucional, os cavaleiros de S. Luís e os suíços. Ir buscar no mesmo dia e à mesma hora as peças de artilharia das secções, fechar os Jacobinos e a Assembléia, reunir todos os realistas da guarda nacional; podia-se contar com quinze mil homens, e esperar Lafayette, que em três dias de marchas forçadas podia vir das Ardenes.

Mas, infelizmente, a rainha não queria ouvir falar de Lafayette.

Lafayette era a revolução moderada, e

na opinião da rainha essa revolução podia estabelecer-se, persistir e sustentar-se. A revolução dos Jacobinos, pelo contrário, na opinião da rainha, esgotaria em pouco tempo a paciência do povo, e não podia certamente durar muito tempo.

Ah! Se Charny estivesse presente! Mas ninguém sabia onde estava, e ainda que soubesse, recorrer a ele seria uma grande baixeza, senão como rainha, como mulher.

No paço correu a noite tumultuosa e agitada pela discussão; havia os meios de defesa e até os de ataque, mas não havia uma mão bastante forte para os reunir e dirigir.

Às dez horas da manhã do dia 16 de Junho, os ministros chegaram ao paço.

O rei recebeu-os na sua câmara.

Duranton usou da palavra.

Em nome de todos, e com mágoa e profundo respeito, apresentou a sua demissão e a dos seus colegas.

- Sim, compreendo - disse o rei - a responsabilidade...

- A responsabilidade real, sim senhor - disse Lacoste.- Pela nossa parte, esteja certo de que estamos prontos a morrer por vossa majestade; mas, morrendo pelo clero, apressaríamos a queda da realeza.

Luís XVI voltou-se para Dumouriez e perguntou-lhe:

- Continua ainda a persistir nos mesmos sentimentos, expressos na sua carta de ontem?

- Sim, senhor - respondeu Dumouriez - se vossa majestade não se deixa vencer pela nossa fidelidade e dedicação.

- Pois bem - disse o rei com olhar sombrio - uma vez que está tomada a sua resolução, aceito as suas demissões e providerei de remédio.

Todos quatro cumprimentaram o rei: Dumouriez, tinha já escrito o seu decreto de demissão e apresentou-o ao rei.

Os outros três ministros deram a sua demissão vocalmente.

Os cortesãos esperavam na antecâmara;

ao verem os quatro ministros, compreenderam pelo gesto deles que estava tudo concluído.

Uns regozijaram, mas outros houve que se assustaram.

A atmosfera estava carregada como acontece nos dias calmosos do estio. Pressentia-se a trovoadas.

À porta das Tulherias, Dumouriez encontrou o Sr. de Romainvillers, comandante da guarda nacional, que chegava naquele momento e muito à pressa.

- Sr. ministro - disse ele - venho receber as suas ordens.

- Já não sou ministro - respondeu Dumouriez.

- Mas há grandes ajuntamentos nos arrabaldes.

- Vá receber as ordens de el-rei.

- O caso é urgente!

- Nesse caso, apresse-se, porque já estou demitido.

O Sr. de Romainvillers subiu as escadas

com muita pressa.

No dia 17 pela manhã, Dumouriez viu entrar em sua casa os srs. de Chambonnas e Lajard, que ambos se lhe apresentaram por parte do rei.

Chambonnas para receber a pasta dos negócios estrangeiros e Lajard a pasta da guerra.

O rei esperava Dumouriez no dia seguinte para concluir com ele o seu último trabalho de contabilidade e despesas secretas.

As pessoas que o viram apresentar-se no paço julgaram que tornava a ser nomeado ministro, e agruparam-se em volta dele para lhe dar os parabéns.

- Tomem sentido, meus senhores - disse Dumouriez - olhem que não estão falando com o ministro que entra, mas com o ex-ministro que sai: venho dar as minhas contas.

Ouvindo esta resposta, afastaram-se.

Naquele momento, um porteiro anunciou que el-rei esperava Dumouriez na sua câmara.

O rei tinha recobrado toda a sua serenidade.

Era isso resultado de firmeza de alma, ou a firmeza era ilusória?

Dumouriez prestou as suas contas e logo que acabou a conferência, levantou-se.

- Então vai unir-se ao exército de Luckner? - lhe perguntou o rei, recostando-se na poltrona.

- Sim, senhor; deixo com muito prazer esta horrorosa cidade, e só tenho pesar de deixar aqui vossa majestade em perigo.

- Conheço o perigo - disse o rei com indiferença.

- Senhor - acrescentou Dumouriez - vossa majestade deve conhecer agora que lhe não falo por interesse pessoal. Uma vez que já não sou ministro, estou para sempre separado de vossa majestade. É, pois, por fidelidade, e em nome da mais pura dedicação, é pelo amor pela pátria, por vossa majestade, pela sua salvação e pela salvação da sua coroa, da rainha e de seus filhos, e em

nome de tudo quanto há de mais caro e sagrado ao coração do homem, que suplico a vossa majestade que não insista em aplicar o veto. Essa obstinação de nada servirá, e perderá a vossa majestade.

– Não me fale nisso; a minha resolução está tomada – disse o rei com impaciência.

– Senhor, senhor, vossa majestade disse-me a mesma coisa aqui, nesta câmara diante da rainha, quando me prometeu sancionar os decretos.

– Fiz mal em lho prometer e arrependo-me de o ter feito.

– Senhor, repito a vossa majestade que é a última vez que tenho a honra de lhe falar, perdoe a minha franqueza, tenho cinqüenta e três anos e tenho experiência. Vossa majestade não fez mal quando me prometeu sancionar os decretos; agora é que não faz bem recusando-se a cumprir a sua promessa. Senhor, abusam da sua confiança e conduzem-no à guerra civil. Vossa majestade não tem força em que se apóie e há-de

sucumbir, e ao mesmo tempo que se compadecerão de vossa majestade, todos o argüirão de ter causado as desgraças da França.

- Então diz-me que é a mim que hão-de argüir das desgraças da França?

- Sim, senhor.

- Mas Deus é testemunha de que só desejo a sua ventura.

- Não duvido, senhor, mas vossa majestade deve contas a Deus não só da pureza, mas ainda do uso esclarecido das suas intenções. Julga que salva a religião, e não faz mais do que destruí-la; os padres hão-de ser assassinados e a coroa de vossa majestade há-de rolar no próprio sangue da rainha, e talvez que no sangue de seu filho. Ó meu rei! Meu rei!

E Dumouriez, sufocado em lágrimas, beijou a mão de Luís XVI.

Então o rei, com a maior serenidade, e com uma majestade de que o julgariam incapaz, disse:

- Tem razão, Sr. Dumouriez, espero a morte, e desde já perdôo aos meus assassinos. Pela sua parte, Sr. Dumouriez, serviu muito a meu contento, estimo-o muito e agradeço-lhe a sua sensibilidade. Adeus, Sr. Dumouriez.

E levantando-se vivamente, o rei retirou-se para o vão de uma janela.

Dumouriez ergueu-se, juntou lentamente os papéis para ter tempo de compor o rosto, e para dar tempo ao rei a que o chamasse; depois dirigiu-se com passos lentos para a porta, pronto para voltar à primeira palavra que Luís XVI lhe dissesse.

Mas a primeira palavra foi também a última.

- Adeus, Sr. Dumouriez - disse-lhe o rei - desejo que seja feliz.

Depois destas palavras, não havia meio de se demorar mais tempo. Dumouriez saiu.

A realeza rompeu com o seu último apoio. O rei acabava de tirar a máscara.

Encontrava-se com o rosto descoberto na presença do povo.

Vejamos o que o mesmo povo fazia pela parte que lhe tocava.

XXIII

Conciliábulo na rua de Charenton

Todo o dia passara pelo bairro de Santo António um homem com uniforme de general, montado num cavalo flamengo, distribuindo apertos de mão para um e outro lado, dando beijos nas raparigas e pagando o vinho aos rapazes.

Este homem era um dos seis herdeiros do Sr. de Lafayette, a moeda de cobre do comandante da guarda nacional; era o comandante de batalhão Santerre.

Junto dele, e como se fosse um ajudante de ordens ao lado do seu general, montava num vigoroso cavalo, um homem que pelo traje, se conhecia ser um patriota camponês.

Tinha na testa os vestígios de uma grande cicatriz, era tão franco o sorriso, tão claro o rosto do comandante de batalhão, quanto era sombrio o porte e ameaçador o

aspecto do seu companheiro.

– Estejam prontos, meus bons amigos, velem pela nação; os traidores conspiram, mas nós cá estamos – dizia Santerre.

– Que devemos de fazer, Sr. Santerre? – lhe perguntavam os moradores do bairro – bem sabe que somos dos seus. Onde estão os traidores? Leve-nos contra eles.

– Esperem pela ocasião – lhes respondia Santerre.

– E a ocasião virá?

Santerre não sabia, mas ia respondendo:

– Sim, sim; estejam descansados que hão-de ser prevenidos.

E o homem que acompanhava Santerre, inclinava-se sobre o pescoço do cavalo, falava a certos homens, que conhecia e por meio de sinais dizia-lhes:

– A 20 de Junho, a 20 de Junho, a 20 de Junho.

E os homens retiravam-se, decorando aquela data, e a dez, vinte e trinta passos reuniam-se grupos, entre os quais circulava a

referida data.

20 de Junho.

Que é que se devia fazer a 20 de Junho? Ignorava-se ainda, mas sabia-se que nesse dia alguma coisa se havia de fazer.

Entre os adeptos a quem fora comunicada aquela data, podiam-se distinguir alguns homens, que não são estranhos aos acontecimentos que já referimos. Entre eles figuravam:

Saint-Huruge, que na manhã de 5 de Outubro vimos sair do Palais-Royal, dirigindo o primeiro troço de gente para Versalhes: Saint-Huruge, o marido enganado pela mulher antes de 1789, preso na Bastilha, solto em 14 de Julho, e que se vingava na nobreza e na realeza das suas infelicidades conjugais e da sua prisão ilegal.

Verrières. O leitor conhece-o, não é verdade? Duas vezes nos apareceu, aquele corcovado do Apocalipse, rachado até à barba: uma vez na taberna de Sèvres, em companhia de Marat e do duque de Aguiillon,

que estava disfarçado de mulher; e outra vez no Campo de Marte, um momento antes de começar o fogo.

Fournier, o americano, que disparou sobre Lafayette por entre as rodas de uma carruagem, mas cuja espingarda errou fogo.

Agora promete ferir alguém que esteja em posição mais elevada do que o comandante da guarda nacional, e para o caso da espingarda errar fogo, traz uma espada.

O Sr. Beausire, de quem não ouvimos falar há muito e que não se aproveitou do tempo em que o deixamos escondido para se emendar.

É o mesmo homem, que tornou a tomar a menina Oliva das mãos de Mirabeau moribundo, do mesmo modo que o cavaleiro des Grioux retomava Manon Lescaut das mãos da pessoa que, depois de a erguer momentaneamente da lama, a deixava cair no lodo.

Mouchet, homem baixo, coxo, cambaio,

envolto numa faixa tricolor, que lhe cobria metade do corpo, membro da municipalidade, juiz de paz, e não sei que mais.

Gouchon, o Mirabeau do povo, que Pitou achava muito mais feio do que o Mirabeau da nobreza; Gouchon, que desaparecia com o tumulto, como uma peça mágica, para depois tornar a aparecer, sempre mais ardente, mais terrível, mais venenoso, isto é, o demónio de que o autor não carece neste momento.

Depois, no meio de toda aquela multidão, reunida em torno das ruínas da Bastilha, como se fora um novo Monte Aventino, passava e tornava a passar um mancebo magro, pálido, de cabelo corredio e olhos chamejantes, solitário como a águia, que no futuro havia de tomar por emblema, não conhecendo ninguém, e a quem ninguém conhecia.

Era o tenente de artilharia Bonaparte, que por acaso estava com licença em Paris, e

a respeito do qual, como nos devemos lembrar, Cagliostro fizera uma extraordinária profecia a Gilberto, na ocasião em que o mesmo tenente aparecera nos Jacobinos.

Mas quem é que mexia, remexia e excitava esta multidão?

Era um homem de aspecto robusto, com juba de leão, e voz de stentor, que Santerre devia encontrar em casa, onde ele o esperava.

Era Danton.

É a hora em que o terrível revolucionário, apenas conhecido então pela bulha que fizera na platéia do Teatro Francês, durante as representações do *Carlos IX* de Chénier, e pela sua terrível eloquência na tribuna dos Franciscanos, é a hora, dizíamos, em que ele faz a sua verdadeira aparição na cena política, onde vai estender os seus braços de gigante.

Donde precede o poder deste homem, que vai ser tão fatal à realeza? Precede da própria rainha.

A rancorosa austríaca não quis Lafayette

na *mairie* de Paris; preferiu-lhe Pétion, o homem de Varennes, que, apenas investido no lugar de *maire*, se pôs em guerra aberta com o rei, ordenando que se vigiasse o palácio das Tulherias.

Pétion tinha dois amigos, que levava, um de cada lado, no dia em que tomou posse da casa da câmara municipal. Manuel ia à direita e Danton à esquerda dele.

Nomeou Manuel procurador da comuna e Danton seu substituto.

Vergniaud dissera na tribuna, apontando para as Tulherias:

“O terror saiu muitas vezes daquele palácio funesto em nome da realeza, é necessário que ali entre em nome da lei”.

Pois chegara o momento de traduzir por um acto material a bela e terrível imagem do orador girondino; cumpria ir buscar o terror ao bairro de Santo António, e impeli-lo embravecido, com os gritos discordes e os braços torcidos para o palácio de Catarina de Médicis.

Quem melhor podia evocar o terror do que aquele terrível mágico revolucionário que se chamava Danton?

Danton tinha os ombros largos, a mão poderosa, o peito atlético, onde pulsava um coração vigoroso.

Danton era o titã das revoluções.

O golpe que recebia, retribuía-o imediatamente por uma vibração poderosa, que se derramava pela multidão e a embriagava.

Danton tocava por um lado no povo, por intermédio de Hébert, e por outro no trono pelo duque de Orleans.

Danton era o lojista da esquina da rua e o príncipe real da esquina do trono tinha diante de si um teclado intermediário, do qual cada tecla correspondia a uma fibra social. Olhai para essa gama; percorra duas oitavas, e está em harmonia com a voz poderosa do tocador. São: Hébert, Legendre, Gouchon, Rossignol, Momoro, Brune, Hunguenin, Rotondo, Santerre, Fabre-

d'Églantine, Camilo Desmoulins, Dugazon, Lazouski, Sillery Genlis, o duque de Orleans.

E note-se que só pomos aqui os limites visíveis.

Mas quem nos dirá agora até onde desce, ou até onde se eleva esse poder além dos limites em que se perde a nossa vista?

Pois era esse poder que sublevava o bairro de Santo António.

No dia 16, um homem de Danton, o polaco Lazouski, membro do conselho, da comuna, começara a tarefa.

Participou ao conselho que no dia 20 de Junho os dois bairros de Santo António e de Saint-Marceau apresentariam petições à Assembléia e ao rei, acerca do voto sobre o acampamento, dos vinte mil homens, e sobre os padres, e do mesmo golpe deviam plantar no terraço dos Bernardos uma árvore da liberdade, em memória do jogo da péla de 20 de Junho de 1879.

O conselho recusou-se a dar a sua autorização.

- Passaremos sem ela - disse Danton ao ouvido de Lazouski - e este repetiu em voz alta:

- Passaremos sem ela!

Logo esta data de 20 de Junho tinha uma significação visível e uma significação oculta: uma, que era o pretexto, consistia em apresentar uma petição ao rei e em plantar uma árvore de liberdade; a outra, que era o fim, só conhecido de alguns adeptos, consistia em livrar a França de Lafayette e dos Bernardos, e em advertir o rei incorrigível, o rei do antigo regimen, de que há tempestades políticas de tal ordem, que um monarca pode naufragar com o trono, a coroa e a família, do mesmo modo que um navio naufraga com a equipagem e a carga nos abismos do oceano.

Danton, como já dissemos, estava esperando Santerre; na véspera mandava-lhe dizer por Legendre que para o dia seguinte era necessário, que houvesse um começo de sublevação no bairro de Santo António.

Nessa manhã, Billot apresentou-se em casa dele, dera-lhe sinal de reconhecimento e participara-lhe que a junta enviava-o para estar adjunto a ele em todo aquele dia.

Era esta a razão por que Billot, figurando de ajudante de ordens de Santerre, sabia mais do que o próprio Santerre.

Danton vinha dar ponto de reunião a Santerre pára essa mesma noite numa casa da rua de Charenton, retirada sobre a margem direita do rio, na extremidade da ponte. Ali se deviam encontrar todos os homens de vida estranha e desconhecida, que sempre se encontram dirigindo a corrente dos tumultos.

Nenhum faltou à reunião.

As paixões daqueles homens eram diversas.

Donde lhes provinham essas paixões?

Seria uma história sombria a descrever.

Alguns estavam pelo amor da liberdade; muitos deles, como Billot, eram incitados pela vingança dos insultos recebidos, e mais ainda pelo ódio, pela miséria e pelos maus

instintos.

No primeiro andar havia uma casa fechada, onde só os chefes tinham direito de entrar.

Saíam com as instruções precisas, exactas e supremas: dir-se-ia que era ali um tabernáculo, onde algum Deus desconhecido dava as suas determinações.

Sobre uma mesa estava estendida uma carta topográfica de Paris.

Danton traçava com o dedo sobre aquela carta as fontes, os afluentes, o curso e ponto de junção daqueles regatos e rios de homens, que no dia imediato deviam inundar a capital.

Foi indicada para ponto de reunião a praça da Bastilha, onde se desemboca pelas ruas de Santo António, pelo bairro do Arsenal e pelo arrabalde de Saint-Marceau, atravessando o Sena.

A Assembléia era o pretexto e as Tulherias o fim.

O *boulevard* era a entrada larga e segura,

pela qual devia correr toda aquela onda furibunda. Foram designados os pontos; todos prometeram encontrar-se no ponto dado e separar-se.

O santo e a senha eram: “Aniquilar o paço”.

Mas de que maneira se conseguiria isso?

Ninguém o sabia ainda.

Durante todo o dia 19, formaram-se alguns grupos na praça da Bastilha, nos subúrbios do arsenal e no arrabalde de Santo António.

De repente, no meio daqueles grupos apareceu uma atrevida e terrível amazona, vestida de escarlate, com um cinturão armado de pistolas, e trazendo ao lado uma espada, com a qual havia de procurar encontrar entre dezoito feridos o coração de Suleau.

Esta amazona era Théroigne de Méricourt, a linda liegense.

Já a vimos na estrada de Versalhes no dia 5 de Outubro. Mas que foi feito dela

durante todo este tempo?

Liege revoltara-se; Théroigne quis ir em auxílio da sua pátria, mas foi presa no caminho pelos agentes de Leopoldo, e jazeu por dezoito meses nas prisões de Áustria.

Fugiu? Deixaram-na sair? Serrou as grades? Seduziu o carcereiro? Tudo isto é misterioso como o começo da sua existência, e terrível como o fim da sua vida.

Finalmente, ei-la de volta. De cortesã da opulência, tornou-se em prostituta do povo.

Os fidalgos deram-lhe o ouro com que ela comprou as lâminas de fina têmpera e as pistolas engastadas com que havia de ferir os seus inimigos.

O povo conhecendo-a, acolheu-a com aclamações.

Como vinha bem, a bela Théroigne, vestida de escarlate para a festa cruenta do dia seguinte!

A rainha viu-a galopar ao longo do terraço dos Bernardos.

Dirigiu-se da praça da Bastilha para os

Campos Elíseos, do ajuntamento popular para o banquete patriótico.

Das trapeiras das Tolherias, onde a rainha subiu ao ouvir os gritos, descobriu que havia mesas postas, que o vinho circulava e que ecoavam os vivas patrióticos, sempre que a saúde era em honra da Assembléia ou dos Girondinos.

Os convivas ameaçavam com os punhos o palácio das Tulherias.

O actor Dugazon cantava canções contra o rei e a rainha, e suas majestades podiam ouvir distintamente do palácio os aplausos que acompanhavam cada estribilho.

Quem eram os convivas?

Os confederados de Marselha, dirigidos por Barbaroux: chegaram na véspera e encontraram-se com os confederados bretões, que haviam chegado dias antes.

A 18 de Junho, e 10 de Agosto deu entrada em Paris.

XXIV

O dia 20 de Junho

Amanhece cedo no mês de Junho.

Às cinco horas da manhã já os batalhões estavam reunidos.

Desta vez o tumulto estava regularizado, e tomara o aspecto de uma invasão.

A multidão reconhecia chefes, estava disciplinada, tinha o seu lugar marcado e o seu estandarte.

Santerre estava a cavalo, acompanhado por um estado maior dos homens do bairro.

Billot não se separava dele. Podia dizer-se que estava encarregado de o vigiar por alguma força oculta.

O ajuntamento estava dividido em três corpos de exército.

Santerre comandava o primeiro; Saint-Huruge o segundo; Théroigne de Méricourt o

terceiro.

A imensa multidão pôs-se em marcha às onze horas da manhã em vista de uma ordem que trouxera um homem desconhecido.

À saída da Bastilha, compunha-se de uns vinte mil homens.

Aquela tropa exibia um aspecto selvagem, estranho e terrível.

O batalhão comandado por Santerre era o mais regular, tinha muitos homens uniformizados e armados com espingardas e baionetas.

Mas os outros dois eram o exército do povo: exército de esfarrapadas, lívido, definhado, que representava três anos de fome e de carestia de pão, e nesses três anos dois de revoluções.

Tal era o abismo donde saíra aquele exército; por isso não tinha armas, nem uniformes; casacos rotos, blusas esfarrapadas, armas esquisitas, de que tinham lançado mão num primeiro momento de defesa; chuços, espetos, lanças amolgadas, espadas sem

copos, facas amarradas na ponta de paus muito compridos, machados, camartelos e facas de sapateiro.

Por bandeira, traziam arvorada uma forca, na qual estava pendurada uma boneca, que representava a rainha, uma cabeça de boi com chavelhos, em que se entrelaçava um dístico obsceno; um coração de vitela enfiado num espeto, com estas palavras: “Coração de aristocrata!”

Nas bandeiras havia as seguintes legendas:

A sanção ou a morte!

Chamamento dos ministros patriotas!

Treme tirano, que está chegada a tua hora!

A multidão dividiu-se na esquina da rua de Santo António.

Santerre e a sua guarda nacional tinham seguido pelo boulevard, levando o seu uniforme de comandante do batalhão.

Saint-Huruge, vinha montado num

cavalo perfeitamente ajaezado, que lhe trouxera um moço desconhecido, e Théroigne de Mirecourt, deitada sobre uma peça de artilharia, puxada por homens de braços nus, seguiram pela rua de Santo António.

Da praça Vendôme tinham em vista dirigir-se aos Bernardos.

O exército desfilou, e por espaço de três horas arrastou na marcha a população dos bairros que atravessava.

Era igual às torrentes que engrossam, ressaltam e espumam.

Engrossava a cada canto e espumava a cada esquina de rua.

Aquela massa de povo estava silenciosa; mas, de repente, e de modo inesperado, saía daquele silêncio por imensa vozeria e pelo famoso *Ça ira*, de 1790, o qual, modificando-se a pouco e pouco, se tornava num cântico de entusiasmo ou de ameaça, e finalmente, concluía aqueles gritos dando vivas à nação e aos *sans-cullotes*, e morras ao Sr. Veto e à Sr^a. Veto!

Muito tempo antes de chegarem às testas das colunas, já se ouvia a bulha daquela multidão, como se ouve o sussurrar da maré quando enche.

De quando em quando ecoavam os gritos, os cânticos e os vivas, como se ouve o sibilar da tempestade.

Chegando à praça Vendôme, o corpo comandado por Santerre, que levava o choupo que devia ser enterrado no terraço dos Bernardos encontrou um posto de guardas nacionais, que se lhe opôs à passagem.

Nada era mais fácil àquela multidão do que envolver a guarda nas suas imensas pregas.

Não o fez, porém; prometera a si mesma uma função, queria rir-se e divertir-se, assustar o Sr. e a Sr^a. *Veto*, e não queriam matar ninguém.

Aqueles que traziam a árvore abandonaram o projecto de plantá-la no terraço, e foram plantá-la no pátio próximo

dos Capuchinhos.

Havia uma hora que a Assembléia ouvia toda aquela bulha, quando os comissários da multidão pediram para os seus constituintes o favor de desfilarem na sua presença.

Vergniaud pediu que fossem admitidos, mas ao mesmo tempo propôs que se mandassem imediatamente sessenta deputados proteger o paço.

Eles, também, os Girondinos, queriam assustar o rei e a rainha, mas não queriam que se lhes fizesse mal.

Um deputado do partido *feuillant* opôs-se, dizendo que semelhante precaução seria injuriosa para o povo de Paris.

Sob aquela aparência de confiança, não haveria a esperança de um crime?

A admissão foi concedida.

O povo dos arrabaldes desfilara, armado pela sala. As portas foram abertas e deram passagem a trinta mil peticionários.

O desfilar começou ao meio-dia e acabou às três horas.

A multidão alcançou a primeira parte da sua súplica, desfilou pela frente da Assembléia, leu a sua petição, e só lhe faltava pedir a sanção ao rei.

Uma vez que a Assembléia recebera a petição, que meio teria o rei de não a receber?

O rei por certo que não era superior ao presidente, porque quando o rei lhe vinha falar, tinha uma cadeira igual à dele colocada ao lado esquerdo.

Por isso o rei mandou a resposta de que aceitava a petição, sendo-lhe apresentada por vinte pessoas.

O povo nunca se persuadira que entraria nas Tulherias, contando que entrariam os seus deputados enquanto ele desfilava por debaixo das janelas.

Todas aquelas bandeiras com dísticos ameaçadores, todos aqueles estandartes funestos, mostrá-los-ia ao rei e à rainha através das grades das janelas.

Todas as portas que davam para o palácio estavam fechadas; tanto no palácio

como nos jardins das Tulherias havia três regimentos em linha, dois esquadrões de gendarmes, muitos batalhões da guarda nacional, e quatro peças de artilharia.

A família real via das janelas aquela protecção aparente.

Entretanto, a multidão, sempre com más intenções, pedia que lhe abrissem a porta de ferro que dava para o terraço dos Bernardos.

Os oficiais que estavam de guarda recusaram-se a abri-la sem ordem do rei.

Então três membros da municipalidade pediram que os deixassem passar para solicitarem a ordem.

Consentiram-lhes que passassem.

Montjoye, autor da história de Maria Antonieta, conservou-lhes os nomes: Boucher-René, Boucher-Saint-Sauveur e Mouchet.

Este Mouchet era o tal juiz de paz do Marais, coxo, cambaio, desajeitado; era um anão com a imensa faixa tricolor.

Foram admitidos no paço e conduzidos

à presença do rei.

Foi Mouchet quem falou.

- Senhor - disse ele - um grande concurso de gente marcha legalmente sob a égide da lei; não deve haver receio: são alguns cidadãos pacíficos, que se reuniram para apresentar uma petição à Assembléia Nacional, e querem celebrar uma festa cívica pelo aniversário do juramento prestado no Jogo da Péla em 1789.

“Esses cidadãos pedem para passar para o terraço dos Bernardos, cuja porta, além de estar fechada, tem a passagem defendida por uma peça de artilharia. Vamos, portanto, pedir, senhor, que se abra aquela porta, e lhes seja dada livre passagem”.

- Pela faixa vejo que o senhor é membro da municipalidade - disse o rei - pertence-lhe, portanto, fazer executar a lei; se julga necessário para cumprir o mandato da Assembléia, mande abrir a porta do terraço dos Bernardos; desfilem os cidadãos pelo terraço e saiam pela porta das cavaliças.

Fale para este fim com o Sr. comandante geral da guarda, e faça tudo de modo que não seja alterada a tranqüilidade pública.

Os três membros da municipalidade cumprimentaram o rei e saíram acompanhados por um oficial encarregado de confirmar que a ordem de abrir a porta fora dada pelo próprio rei.

Assim que se abriu a porta, todos quiseram entrar.

Houve sufocação, e é notório que quando a multidão sufoca, assemelha-se ao vapor, que despedaça.

A porta de ferro do terraço dos Bernardos estalou como o vime.

A multidão respirou finalmente e espalhou-se alegre pelo jardim.

Tinham-se esquecido de abrir as portas das cavaleriças.

Achando esta porta fechada a multidão desfilou pela frente da guarda nacional postada em linha ao longo da parede do palácio. Depois saiu pela porta do cais.

Mas como era necessário que aquele povo voltasse ao seu bairro, quis tornar a entrar pelos postigos do Carroussel.

Mas os postigos estavam fechados e tinham sentinelas.

A multidão cansada, derramada, apertada, começou a irritar-se.

Entretanto, ao ruído dos seus clamores, abriram os postigos e a multidão rapidamente se espalhou pela imensa praça.

Foi então que se lembrou de que o negócio mais importante do dia era a petição ao rei para que tirasse o veto.

O resultado foi que, em vez de continuar o seu caminho, a multidão esperou no Carroussel.

Passou-se uma hora e impacientou-se.

Naturalmente iam-se embora, mas não era isso o que queriam aqueles que manobravam por detrás da cortina.

– Fiquem – diziam eles – o rei vai dar a sanção; não se recolham para casa sem que ele a tenha dado, ou então teremos de

começar novamente.

A multidão achava que o conselho era muito razoável; mas, ao mesmo tempo reflectia que a famosa sanção se fazia esperar demasiado.

– Temos fome! tal era o grito geral.

A carestia do pão diminuía, mas não havia trabalho, não havia dinheiro, e por muito barato que estivesse o pão, mesmo assim não se dava, vendia-se.

Toda aquela população se erguera às cinco horas da manhã, deixando as enxergas, onde muitos na véspera se haviam deitado em jejum.

Os operários com as mulheres, as mães com os filhos, todos se puseram a caminho, com a vaga esperança de que o rei sancionaria o decreto, e que deste modo tudo iria bem.

Mas o rei não se mostrava resolvido a sancionar o decreto.

Fazia muito calor e a sede era geral.

A fome, a sede e o calor são origem de

que os cães se danem.

Mas aquele pobre povo aguardava os acontecimentos e sofria com paciência.

Entretanto já alguns magotes começavam a sacudir as portas de grade do palácio.

No átrio das Tulherias apareceu um membro da municipalidade e dirigiu-se ao povo nos seguintes termos:

- Cidadãos, este é o domicílio do rei, e entrar aqui armados, seria violar o mesmo domicílio. Ele está decidido a resolver a vossa petição, contanto que seja apresentada por vinte deputados somente.

Deste modo, os deputados que a multidão esperava, e que julgava terem sido introduzidos junto ao rei uma hora antes, ainda não lhe tinham sido apresentados.

De repente ouviu-se grande alarido de vozes e de gritos do lado do cais.

Era Santerre e Saint-Huruge, que vinham a cavalo, e Théroigne, que vinha sobre a sua peça de artilharia.

- O que estão fazendo diante dessa porta? Porque não entram? - bradou Saint-Huruge.

- É verdade, porque não havemos de entrar? - disseram alguns homens do povo.

- Porque a porta está fechada - responderam muitas vozes ao mesmo tempo.

Théroigne desceu da sua peça de artilharia.

- Esta peça está carregada - disse ela - façam soltar a porta com uma bala.

E a peça foi apontada para a porta.

- Esperem! Esperem! - gritavam dois vereadores. - Não cometam violência; já se lhes abre a porta.

E com efeito, carregando ambos no fecho, a porta abriu-se, e a multidão precipitou-se para dentro.

Querem saber o que é a multidão e qual é a força de semelhante torrente?

A multidão entrou, a peça de artilharia foi arrastada a braços por entre aquelas ondas de povo; atravessaram com ela o átrio,

subiram com ela os degraus, e com ela se encontraram no topo da escada.

Mas no topo da escada estavam alguns membros da municipalidade com as suas insígnias.

– O que pretendem fazer com uma peça de artilharia? – perguntaram eles. – Uma peça de artilharia nos aposentos do rei! Julgam que alcançam alguma coisa com semelhante violência?

– É verdade – responderam muitos daqueles homens, admirados de que ali estivesse semelhante arma.

Voltaram a peça, e quiseram trazê-la para baixo; mas o eixo pegou-se a uma porta e a boca da peça ficou voltada para o povo.

– Bonito! Então nos aposentos do rei também há artilharia? – bradaram os recém-chegados, que ignoravam o motivo por que ali estava aquela peça, pois não conheceram ser a peça de Théroigne, e portanto julgaram ter sido ali colocada contra eles.

Durante este tempo, e por ordem de

Mouchet, dois homens, armados de machados cortaram e despedaçaram a ombreira da porta para desembaraçar a peça, que desceu para o vestibulo.

Esta operação, que teve por fim desembaraçar a peça, fez acreditar que estavam metendo as portas dentro com machados.

Isto fez com que perto de duzentos fidalgos corressem ao palácio, não porque esperassem defende-lo, mas porque, estando ameaçados os dias do rei, iam morrer com ele.

Além deles, encontrou-se também ali o velho marechal de Mouchy, o Sr. Hervilly, comandante da guarda constitucional licenciada, e Acloque, comandante do batalhão da guarda nacional do bairro de Saint-Marceau.

Só os srs. Lecrosnier, Bridaud e Gosse, granadeiros do batalhão do bairro de Saint-Martin, se conservaram no seu posto.

Como derradeiro baluarte, veio

introduzir-se entre o rei e este perigo iminente um homem vestido de preto, que já uma vez viera oferecer o peito às balas dos assassinos. Era Gilberto, cujos conselhos foram sempre repelidos, mas sempre se apresentava no dia do perigo para o conjurar.

O rei e a rainha, que primeiramente se assustaram muito com o tumulto horrível daquela multidão, acabaram por se habituar à bulha.

Eram três horas e meia da tarde, e tanto o rei como a rainha esperavam que o dia acabasse do mesmo modo por que começara.

A família real estava reunida na câmara do rei.

De repente os golpes de machado ouviram-se naquela câmara; o clamor das turbas assemelhava-se ao ruído longínquo da tempestade.

Neste momento, precipita-se no quarto do rei um homem, que lhe diz:

– Senhor! Não me deixe vossa majestade. Eu respondo por tudo!

XXV

O rei vê que há circunstâncias, em que, sem ser Jacobino, se pode pôr na cabeça o barrete vermelho

Este homem era o Dr. Gilberto.

Só a distâncias quase periódicas, em todas as grandes peripécias do imenso drama que se representava, é que se via aquele homem.

-ah! É o Sr. Dr. Gilberto! Que há de novo? – perguntaram ao mesmo tempo o rei e a rainha.

– Senhor – disse Gilberto – o palácio real está invadido, e este ruído que vossa majestade ouve, é o povo, que pede para ver a vossa majestade.

– Não o deixaremos, senhor! – disseram ao mesmo tempo a rainha e a princesa Isabel.

– Vossa majestade – disse Gilberto para

o rei – quer conceder-me por uma hora o mesmo poder que o comandante de um navio tem na sua embarcação durante uma tempestade?

– Dou-lhe esse poder – respondeu o rei.

Naquele momento aparecia à porta da câmara do rei o comandante da guarda nacional, o Sr. Acloque, pálido, mas resolvido a defender o rei até à última extremidade.

– Sr. Acloque – lhe disse Gilberto – aqui está el-rei pronto para o acompanhar. Encarregue-se de sua majestade.

E voltando-se para o rei, disse-lhe:

– Vá, senhor, vá.

– Mas eu quero acompanhar meu marido – disse a rainha.

– E eu quero acompanhar meu irmão – disse a princesa Isabel.

– Acompanhe seu irmão, minha senhora – disse Gilberto à princesa Isabel – mas vossa majestade não vá – acrescentou ele dirigindo-se à rainha.

– Sr. Gilberto! – disse Maria Antonieta.

- Senhor! Senhor! - exclamou Gilberto - em nome do Céu diga à rainha que se dirija pelos meus conselhos, caso contrário não me responsabilizo por coisa nenhuma.

- Minha senhora - disse o rei - ouça os conselhos do Sr. Dr. Gilberto, torno-o responsável pela rainha e pelo delfim.

- Senhor, respondo por eles, ou morrerei com eles, é o mais que um piloto pode dizer quando rebenta a tempestade.

A rainha quis fazer um derradeiro esforço, mas Gilberto estendeu os braços para lhe impedir a passagem, e disse-lhe:

- Senhora, é vossa majestade e não el-rei quem corre o verdadeiro perigo; com razão, ou sem ela, é a vossa majestade que imputam a resistência de el-rei; e a sua presença só serviria para o comprometer, em lugar de o defender. Faça vossa majestade as vezes de pára-raios, e desvie o raio, se puder.

- Então, Sr. Gilberto, muito embora caia o raio sobre mim, mas poupe os meus filhos.

- Respondi a el-rei por vossa majestade

e por seus filhos; queira acompanhar-me.

E voltando-se para a Sr^a. de Lamballe, que havia um mês voltara de Inglaterra, e três dias que regressara de Vernon, e para as outras damas do paço, Gilberto disse-lhes que o acompanhassem.

As outras damas da rainha eram: as princesas de Tarento, de Mackan e de la Roche-Aymon.

Gilberto conhecia o interior do palácio e orientou-se no caminho que devia seguir.

O que procurava era uma grande sala, onde todos pudessem ver e ouvir. Pretendia achar um primeiro baluarte, atrás do qual colocasse a rainha, os filhos e as damas, reservando para si o lugar da frente, por ser o mais arriscado.

Lembrou-se da sala do conselho, a qual, felizmente, ainda estava livre.

Encaminhou a rainha com os filhos e a princesa de Lamballe para o intervalo de uma janela. O tempo era preciosíssimo, e já nem vagar havia para falar, porque a multidão

metia as portas dentro.

Gilberto arrastou a pesada mesa do conselho, para o intervalo da janela, achando desse modo o baluarte que procurava com empenho.

A princesa real foi colocada de pé em cima da mesa junto de seu irmão mais velho.

A rainha colocou-se atrás deles: a inocência defendia a impopularidade.

A rainha queria colocar-se na frente de seus filhos, mas Gilberto, em tom de um general que comanda uma manobra decisiva, disse-lhe:

– Tudo está bem desta maneira. Não se mexa vossa majestade.

E como estavam abanando a porta pelo lado de fora, e soubesse que aquele esforço era feito por uma turba de mulheres, Gilberto abriu a porta e disse:

– Entrem, cidadãos! A rainha está com os seus filhos à sua espera.

Assim que abriram a porta, a onda popular entrou como se transpusesse um

dique que se tivesse rompido.

– Onde está a austríaca? Onde está a Sr^a. Veto? – bradaram quinhentas vozes.

Era o momento terrível. Gilberto conheceu que, naquela ocasião suprema, todo o poder se escapava das mãos dos homens e passava para as de Deus.

– Sossego, minha senhora – disse ele à rainha – não careço de lhe recomendar que tenha prudência.

Na frente das mulheres vinha uma, com os cabelos desgrenhados, brandindo uma espada. A mulher era uma beleza de cólera e talvez de fome.

– Onde está a austríaca? – bradava ela – sou eu que a hei-de matar!

Gilberto pegou-lhe pelo braço, e conduzindo-a diante da rainha, disse-lhe:

– Está ali.

– Já lhe fiz algum mal pessoalmente, minha filha? – lhe perguntou a rainha com voz muito branda.

– Nenhum, minha senhora, nenhum –

respondeu a mulher, muito admirada da voz meiga e da majestade de Maria Antonieta.

- Então porque me quer matar?

- Porque me disseram que era a senhora que perdia a nação - respondeu a rapariga muito enleada.

- Enganaram-na. Eu casei-me com o rei de França, sou mãe do delfim, deste menino que aqui está, sou francesa e nunca mais tornarei a ver o meu país. Só posso ser feliz ou desgraçada em França. Ah! - continuou a rainha suspirando - eu era feliz quando vós todos me tínheis amor.

A rapariga, deixando cair a espada, começou a chorar e disse para a rainha:

- Ai, minha senhora, eu não a conhecia, perdoe-me; acredito que tem a bondade no coração.

- Continue assim, minha senhora - lhe disse Gilberto em voz baixa - e não só vossa majestade está salva, mas dentro de um quarto de hora todo este povo estará prostrado aos seus pés.

Confiando depois a rainha a dois ou três guardas nacionais que apareceram, e a Lagard, ministro da guerra, que entrara com o povo, Gilberto correu para onde estava o rei.

Com o rei acontecera uma cena quase igual.

Luís XVI tinha corrido para o lado donde partia o tumulto e a vozeria.

Quando o rei estava na sala da clarabóia, as almofadas das portas caíam despedaçadas pela onda dos populares, e por entre as aberturas luziam as pontas das baionetas, das lanças e os ferros dos machados.

- Abram! Abram! - gritou o rei.

- Cidadãos - disse em voz alta o Sr. de Hervilly - é inútil arrombar as portas, el-rei manda-as abrir.

E dizendo isto, ele mesmo deu volta à chave, e a porta, meio arrombada, abriu-se de par em par.

O Sr. Acloque e o duque de Monchy

tiveram tempo de encaminhar el-rei para o intervalo de uma janela, enquanto alguns granadeiros, que ali estavam, se apressaram em pôr diante dele alguns bancos.

Vendo que a multidão invadia a sala, vociferando e prorrompendo em imprecações, o rei não pôde deixar de dizer aos granadeiros:

– Venham para junto de mim!

Os quatro granadeiros desembainharam imediatamente as espadas e colocaram-se ao lado dele.

– Embainhem as espadas! – bradou o rei; – peço simplesmente que estejam ao meu lado.

Esta ordem do rei não foi já muito a tempo, porque o facto dos soldados terem desembainhado as espadas parecera uma provocação.

Um homem esfarrapado, com os braços nus e espumando de cólera, dirigiu-se ao rei e disse-lhe:

– Ah! Estás aqui, *Veto!*

E com uma faca espetada num pau, ameaçou de feri-lo.

Um dos granadeiros que, apesar da ordem do rei, ainda não tinha embainhado a espada, derrubou-lhe o pau.

Mas então o próprio rei, já perfeitamente senhor de si, desviou com a mão o granadeiro e disse-lhe:

– Deixe-me, senhor! Que posso eu temer no meio do meu povo?

E dando um passo para a frente, Luís XVI, com uma majestade de que ninguém o julgava capaz, e com um valor que nunca mostrara, apresentou o peito às armas de toda a espécie que dirigiam contra ele.

– Silêncio! Quero falar – disse uma voz tremendo no meio de todo aquele tumulto.

Seria talvez difícil ouvir-se um tiro de artilharia entre aqueles clamores e vociferações, mas, ante aquela voz, terminaram os clamores e as vociferações.

Era a voz do cortador Legendre, o qual se aproximou do rei, quase até tocar-lhe no

fato.

Naquele momento, apareceu um homem na linha extrema do circo, que envolvia o rei.

Atrás da dupla e terrível linha de Danton, o rei viu exhibir-se a figura pálida, mas serena do Dr. Gilberto.

Com um olhar interrogador o rei perguntou-lhe:

– Onde está a rainha?

Com um sorriso, Gilberto respondeu:

– Está em segurança, senhor.

O rei agradeceu a Gilberto com um gesto.

– *Monsieur!* – disse Legendre dirigindo-se ao rei.

À palavra *monsieur*, que parecia indicar a sua deposição, o rei voltou-se como se fora mordido por uma serpente.

– Sim, Sr. *Veto*, é ao senhor mesmo que eu falo, – disse Legendre; – ouça-nos, porque tem obrigação de nos ouvir. O Sr. é um pérfido, que sempre nos enganou e continua

a enganar-nos. Mas tome conta em si; a medida está cheia, e o povo está muito cansado de ser o seu joguete e a sua vítima.

- Estou pronto a atendê-lo - disse o rei.

- Tanto melhor. Sabe o que vimos cá fazer? Vimos pedir-lhe a sanção do decreto, e que chame novamente os ministros demitidos. É esta única e simplesmente a nossa petição.

E Legendre, tirando da algibeira um papel que desdobrou, leu a mesma petição ameaçadora que já lera na Assembléia.

O rei ouviu-o, tendo os olhos fixos no leitor, e concluída a leitura, respondeu sem a menor comoção, ao menos aparente:

- Hei-de fazer o que as leis da Constituição me ordenam que faça.

- Ah! Sim - disse uma voz - a Constituição é o teu cavalo de batalha! A Constituição de 91, que te permite reprimir o andamento da máquina, atar a França a um poste e esperar que os austríacos cheguem para nos despedaçar.

O rei voltou-se para o lado donde viera aquela voz, porque compreendia que daquele lado se lhe apresentava um ataque mais grave. Gilberto também fez um movimento, e pôs a mão no ombro do homem que acabava de falar.

- Quem é o senhor? Já o vi em alguma parte, meu amigo - lhe disse o rei.

E olhava para ele com menos terror do que curiosidade, não obstante a figura daquele homem mostrar um carácter de terrível resolução.

- Sim, senhor, vossa majestade já me viu três vezes. Uma, quando voltou de Versalhes em 16 de Junho; outra em Varennes e outra aqui mesmo. Senhor, lembre-se do meu nome, que é de sinistro agouro: chamo-me Billot!

Neste momento os gritos aumentaram: um homem armado com um chuço quis dar um golpe; porém, Billot, segurou-lhe a arma, tirou-a das mãos do assassino e quebrando-a nos joelhos, disse:

- Nada de assassinio! Só o ferro da lei tem o direito de tocar nesse homem. Diz-se que houve um rei em Inglaterra, a quem cortaram a cabeça, por julgamento do povo, que atraçoara... Luís, tu deves saber-lhe o nome, não te esqueças dele.

- Billot! - disse Gilberto em voz baixa.

- Por mais que faça, Sr. Gilberto - disse Billot meneando a cabeça - este homem há-de ser julgado e condenado como traidor.

- Sim, traidor! Traidor! - bradaram cem vozes ao mesmo tempo.

Gilberto lançou-se entre o rei e o povo.

- Não tema vossa majestade coisa alguma - lhe disse ele - e procure por alguma demonstração material dar satisfação a estes furiosos.

O rei pegou na mão de Gilberto, e pondo-a sobre o coração, disse-lhe:

- Bem vê que estou tranqüilo; sacramentei-me esta manhã, e podem fazer de mim quanto quiserem. Quanto à demonstração material que me aconselha,

está satisfeito.

E dizendo isto, o rei tirou da cabeça de um *sans-cullote* um barrete vermelho e pô-lo na sua própria cabeça.

- Viva o rei! Viva a nação! - bradaram todos.

Um homem com uma garrafa na mão, rompendo por entre a multidão, aproximou-se do rei e disse-lhe:

- Se amas o povo como dizes, meu gordo *Veto*, prova-o, bebendo à sua saúde.

E apresentou-lhe a garrafa.

- Não beba, senhor, talvez que esse vinho esteja envenenado - lhe disse em voz baixa a princesa Isabel.

- Beba, senhor, eu respondo por tudo - lhe disse Gilberto.

O rei tomou a garrafa das mãos do homem, bebeu e exclamou:

- À saúde do povo!

Este brinde foi ainda mais aplaudido, repetindo-se os vivas ao rei.

- Senhor - disse Gilberto - vossa

majestade já não tem nada que requear; permita-me que volte novamente para junto da rainha.

– Pois vá – respondeu o rei.

Quando Gilberto saía, entravam Isnard e Vergniaud.

Tinham saído da Assembléia e vinham pessoalmente fazer uma muralha da sua popularidade, e sendo necessário, dos seus corpos.

– Onde está o rei? – perguntaram eles.

Gilberto indicou-lhes onde estava, e ambos os deputados se dirigiram a Luís XVI.

Para chegar à sala onde estava a rainha, Gilberto tinha que atravessar muitos quartos, e entre eles a câmara do rei.

O povo tinha invadido tudo.

– Ah! O gorducho do *Veto* tem uma cama, e que é muito melhor que a nossa – diziam alguns homens assentando-se no leito do rei.

Mas nada disso dava já cuidado. O primeiro momento de efervescência passara.

Gilberto voltava mais tranqüilo para o lado da rainha.

Quando entrou na sala, onde a deixara, lançou para o lado dela um olhar rápido e respirou.

A rainha conservava-se no mesmo lugar, e o delfim também tinha na cabeça um barrete vermelho.

Havia um grande murmúrio no quarto contíguo, murmúrio que chamou a atenção do Dr. Gilberto para o lado da porta.

O ruído era produzido pela chegada de Santerre.

O colosso entrou na sala.

- Ah! Ah! - disse ele - é aqui que está a austríaca?

Gilberto foi direito a ele, cortando a sala em diagonal.

- Sr. Santerre - lhe disse ele.

Santerre voltou-se e bradou muito alegre:

- Olá! O Sr. Dr. Gilberto por aqui!

- É verdade. Sou o mesmo Gilberto que

não se esqueceu de que o senhor foi daqueles que lhe abriu as portas da Bastilha. Deixe-me apresentá-lo à rainha, Sr. Santerre.

- Apresentar-me à rainha? - resmungou Santerre.

- Sim, à rainha. Pois recusa-se?

- Não me recuso. Eu ia apresentar-me pessoalmente, mas uma vez que o Dr. aqui está, tanto melhor.

- Conheço o Sr. Santerre - disse a rainha - e sei que durante a fome sustentou só à sua custa metade da população do bairro de Santo António.

Santerre ficou muito admirado; depois fixando o olhar enleado no delfim, e vendo que o suor corria em gotas pelas faces da pobre criança, dirigiu-se aos homens do povo, e disse-lhes:

- Tirem o barrete da cabeça desta pobre criança; bem vêem que está quase abafada.

A rainha agradeceu-lhe com um olhar; Santerre, encostando-se à mesa, e inclinando-se para a rainha, disse-lhe:

- A senhora tem amigos que a servem muito mal; conheço alguns que lhe haviam de prestar melhor serviço.

Uma hora depois, toda aquela multidão tinha saído, e o rei, acompanhado por sua irmã, recolhia-se à sua câmara, onde era esperado pela rainha e por seus filhos. A rainha, logo que o viu, lançou-se-lhe aos pés, e os filhos apertaram-lhe as mãos. Esposo, esposa e filhos abraçavam-se, como se tivessem escapado a um naufrágio.

Foi somente naquela ocasião, que o rei conheceu que a rainha tinha o barrete vermelho na cabeça.

- Ah! - bradou ele - tinha-me esquecido disto!

E segurando-o com ambas as mãos, arremessou-o para longe de si com aversão.

Um jovem oficial de artilharia, que teria apenas vinte e dois anos, presenciara todas aquelas cenas encostado a uma árvore do terraço.

Viu pela janela todos os perigos e

humilhações a que o rei estivera exposto; mas quando chegou a ocasião de lhe ver pôr na cabeça o barrete vermelho, não quis demorar-se mais tempo e resmungou em voz baixa:

– Se eu tivesse mil e duzentos homens e duas peças de artilharia, depressa livraria o pobre rei de toda esta canalha!

Mas, como não tinha os mil e duzentos homens e as duas peças de artilharia, e não podia por mais tempo presenciar um espectáculo tão repugnante, retirou-se.

Este jovem oficial era Napoleão Bonaparte.

XXVI

Reacção

O povo saiu das Tulherias tão triste e tão taciturno, quão ruidoso e terrível se mostrara quando entrou.

A multidão admirada dos poucos resultados daquele dia, dizia a si mesma:

– Nada alcançámos e é necessário voltar.

Efectivamente, o que o povo praticou era muito para uma ameaça e pouquíssimo para um atentado.

Os que tinham visto mais do que se passara tinham julgado Luís XVI pela sua reputação. Lembravam-se do rei fugindo de Varennes disfarçado em lacaios, e diziam consigo:

Ao primeiro rumor que Luís XVI ouvir, esconde-se nalgum armário, debaixo de alguma mesa ou atrás de alguma cortina. Dá-se-lhe ao acaso alguma espadeirada, e

ficaremos quites, dizendo como Hamlet, quando julgou matar o tirano da Dinamarca:

“Um rato!”

Mas os acontecimentos tinham provado o contrário.

O rei nunca se mostrara tão sereno, e digamos a verdade, nunca mostrara tanta grandeza.

O insulto fora imenso, mas cumpre dizer que não subira à altura da resignação. A sua firmeza tímida, por assim dizermos, carecia de que a excitassem, e na excitação tomava a rijeza do aço: erguido pelas circunstâncias extremas em que se achara por espaço de cinco horas, viu sem empalidecer, muitas lanças, espadas e baionetas apontadas ao peito, talvez que nenhum general em dez batalhas, por mortíferas que fossem, corresse perigo tão real, como o que ele afrontara naquela lenta revista de uma sublevação.

Todos os familiares do assassinio tinham partido com a intenção de o matar, e perante a majestade inesperada que se

revelara no meio da tempestade, o punhal caiu das mãos dos Saint-Huruge, das Théroigne, dos Lazouski, dos Fournier e dos Verrière.

Luís XVI acabava de sofrer a sua paixão.

O régio *ecce homo* mostrara-se com a fronte cingida pelo barrete revolucionário, como Jesus se mostrara com a sua coroa de espinhos.

E assim como Jesus, entre os insultos e os impropérios, dissera: “Sou o vosso Cristo”, assim também Luís XVI, entre os ultrajes e as injúrias, nunca deixou de dizer:

“Sou o vosso rei”.

Eis o que acontecera.

A idéia revolucionária julgara que, forçando a entrada nas Tulherias, apenas encontraria a sombra inerte e trémula da realeza, e, com grande espanto seu, encontrou a fé da idade média viva e de pé.

Havia dois princípios em presença um do outro. Um, no seu ocaso, outro no seu oriente. Era um espectáculo terrível. Era

como se se visse ao mesmo tempo no firmamento um sol a erguer-se, antes do outro Sol se esconder no horizonte.

Mas havia tanta grandeza, tanto brilhantismo num como noutro. Havia tanta fé na exigência do povo, como na recusa da realeza.

Os realistas estavam satisfeitiísimos; porque afinal, a vitória era deles. O rei, obrigado violentamente a obedecer à Assembléia, e estando resolvido a sancionar um dos decretos, pôs o veto em ambos, porque sabia que tanto perigo corria em não assinar um deles, como em se recusar a assinar ambos.

E também naquele fatal dia 20 de Junho, a realeza descera tão baixo, que parecia haver tocado o fundo do abismo. Era-lhe necessário tornar a subir.

E efectivamente parecia que assim era.

No dia 21 a Assembléia decretou que nunca mais seria permitido apresentar-se à barra da mesma Assembléia nenhum

ajuntamento de cidadãos armados.

Esta deliberação não só desaprovava, senão que condenava o movimento no dia antecedente.

Pétion entrou no dia 20 nas Tulherias quando tudo estava quase concluído, e disse ao rei:

- Só agora fui informado da situação de vossa majestade.

- É admirável - respondeu o rei - porque já dura há muito tempo.

No dia seguinte os constitucionais, os realistas e os Bernardos pediram à Assembléia a proclamação da lei marcial.

É sabido que a primeira proclamação de semelhante lei produzira os acontecimentos do Campo de Marte, no dia 17 de Julho anterior.

Pétion dirigiu-se imediatamente à Assembléia.

Dizia-se que aquela súplica se fundava na existência de novos ajuntamentos populares.

Pétion afirmou que tais ajuntamentos nunca tinham existido, responsabilizou-se pela tranqüilidade de Paris e a proclamação da lei marcial foi rejeitada.

Ao sair da Assembléia, Pétion apresentou-se nas Tulherias para dizer ao rei que a capital estava tranqüila.

Pétion, ia acompanhado por quatro membros do conselho municipal e por Sergent, gravador e cunhado de Marciau; Sergent era também membro do conselho municipal e um dos administradores da polícia.

Atravessando o pátio do Carroussel, foram insultados pelos cavaleiros de S. Luís, pelos guardas constitucionais e pelos guardas nacionais.

Pétion foi pessoalmente atacado, e Sergent foi ferido no peito e na cara, apesar das suas insígnias, e foi derrubado com um murro que lhe deram.

Apenas foi introduzido, Pétion conheceu desde logo que tinha que afrontar

uma luta.

Maria Antonieta lançou-lhe um daqueles olhares, que só sabia desferir a filha de Maria Teresa. Cada um daqueles olhares era um raio de ódio e de desprezo. Eram dois raios terríveis e fulgurantes.

- Então, Sr. Pétion - lhe disse o rei - ainda dirá que a tranqüilidade está restabelecida na capital?

- Sim senhor - respondeu Pétion - o povo fez as suas representações a vossa majestade, e está tranqüilo e satisfeito.

- Confesse - disse o rei empenhando o combate - confesse que o dia de ontem foi um grande escândalo, e que a municipalidade nem fez o que devia, nem o que podia fazer.

- Senhor - respondeu Pétion - a municipalidade cumpriu os seus deveres, e a opinião pública a julgará.

- Diga antes a nação inteira.

- A municipalidade não teme o juízo da nação.

- E agora, em que estado se acha Paris?

- Tranqüila.

- Isso não é verdade.

- Senhor...

- Cale-se.

- O magistrado do povo não tem que se calar, senhor, quando faz o seu dever e diz a verdade.

- Está bem, retire-se.

O rei fora tão violento, no rosto revelara-se tal expressão de cólera, que a rainha, que era uma mulher violenta e ardente, ficou aterrada, e exclamou:

- Oh! Meu Deus!

Depois a rainha, quando Pétion saiu, dirigindo-se a Roederer, disse:

- Não lhe parece que o rei falou com muita vivacidade, e não receia que tal vivacidade o prejudique no ânimo dos parisienses?

- Senhora - respondeu Roederer - ninguém se pode admirar de que el-rei impusesse silêncio a um súbdito que lhe

faltou ao respeito.

No dia imediato o rei escreveu à Assembléia para se queixar daquela profanação do paço, da realeza e do próprio rei.

Depois fez uma proclamação ao seu povo.

Havia pois, sem dúvida, dois povos: o povo que fizera os acontecimentos do dia 20 de Junho e aquele a que o rei se queixava.

No dia 24 o rei e a rainha passaram revista à guarda nacional, e foram recebidos com verdadeiro entusiasmo.

No mesmo dia o directório de Paris suspendeu o *maire*, que era Pétion.

Quem lhe dera semelhante audácia?

Três dias depois foi explicado o caso.

Lafayette saiu do seu acampamento, acompanhado por um único oficial, chegou a Paris no dia 28, e apeou-se em casa do seu amigo, o Sr. de La Rochefoucauld.

Durante a noite, os constituintes, os Bernardos, e os realistas foram prevenidos, e

tratou-se de preparar as tribunas para o dia seguinte.

No dia 29 o general apresentou-se na Assembléia.

Foi recebido com três salvas de aplausos, mas cada uma delas foi abafada pelo sussurro dos Girondinos.

Desde logo se viu que a sessão ia ser terrível.

O general Lafayette era um dos homens mais francamente valentes que existiam; mas a valentia não dá audácia, sendo até raro que um homem realmente valente seja ao mesmo tempo audacioso.

Lafayette conheceu o perigo que vinha afrontar contra todos, e que ia ali jogar o resto da sua popularidade.

Se a perdesse, perdia-se com ela.

Se ganhasse, podia salvar o rei.

Esta acção era tanto mais nobre pela sua parte quanto sabia a repugnância que o rei tinha por ele, e o ódio que a rainha lhe votava.

- Prefiro morrer às mãos de Pétion, do que ser salva por Lafayette - dissera a rainha.

Pode ser também que o general se apresentasse para responder a um desafio.

Treze dias antes, escrevera ao rei e à Assembléia; ao rei animando-o à resistência, e à Assembléia ameaçando-a se continuasse nos seus ataques.

- É bem insolente quando fala no meio do seu exército - disse uma voz! - se estivesse entre nós veríamos se era capaz de falar assim.

Estas palavras foram referidas a Lafayette no seu acampamento de Maubeuge.

Talvez que fosse a verdadeira causa da vinda a Paris.

Lafayette subiu à tribuna entre os aplausos de uns, mas entre os murmúrios e as ameaças de outros.

- Meus senhores - disse ele - fui argüido por ter escrito uma carta, em 16 de Junho, do meu acampamento; era do meu dever protestar contra semelhante imputação

de timidez, cumpria-me sair do honroso baluarte que a afeição dos meus soldados formou em volta de mim, e era do meu dever apresentar-me só na vossa presença. Um motivo mais poderoso ainda me chamava também. As violências praticadas no dia 20 de Junho encheram de indignação todos os bons cidadãos e especialmente o exército. Oficiais inferiores e soldados todos pensam do mesmo modo, e eu recebi de todos os corpos do exército algumas mensagens em que se revela muita dedicação pela Constituição, mas em que igualmente se exprime o ódio que merecem os facciosos. Guardei em meu poder estas manifestações e encarreguei-me de vir eu só expressar os sentimentos gerais.

“Falo-vos na qualidade de cidadão. É já tempo de garantir a Constituição, de dar segurança à liberdade do rei e à sua dignidade. Peço à Assembléia se sirva determinar que sejam perseguidos como criminosos de lesa-majestade todos os que se

acharem implicados nos acontecimentos do dia 20 de Junho; que tome medidas eficazes para fazer respeitar todas as autoridades constituídas, e particularmente a sua autoridade e a do rei; que se dê ao exército a certeza de que a Constituição não sofrerá o mínimo ataque no interior do país, enquanto os valentes franceses derramarem o seu sangue em defesa das fronteiras”.

Gaudet tinha-se levantado lentamente, e à medida que via que Lafayette se aproximava da conclusão, entre os aplausos que o acolhiam, o acerbo orador da Gironda estendeu a mão em sinal de que pretendia falar.

Quando a Gironda queria empregar a arma da ironia encarregava Gaudet de disparar o tiro.

Mal se extinguiu o som do último aplauso, sucedia-lhe o tom da sua palavra vibrante.

- Quando vi o Sr. de Lafayette - disse Gaudet - ofereceu-se ao meu espírito uma

idéia muito animadora; por isso disse comigo mesmo: já não temos inimigos externos. Os austríacos estão vencidos; Sr. Lafayette veio aqui anunciar-nos a notícia da sua vitória e o extermínio do inimigo! Mas a ilusão não durou muito tempo. Os nossos inimigos continuam a ser os mesmos, os nossos perigos exteriores não mudaram, e todavia o Sr. de Lafayette está em Paris constituindo-se órgão dos homens de bem e do exército. Quem são esses homens de bem? Como é que o exército pode deliberar? O Sr. de Lafayette, primeiro do que tudo, deve mostrar-nos a sua licença para estar ausente do acampamento.

A estas palavras, a Gironda compreendeu que lhe soprava o vento favorável, e de feito aquelas palavras foram aplaudidas freneticamente.

Outro deputado levanta-se e diz do seu lugar:

– Meus senhores, esquecem-se a quem é que estão falando e a respeito de quem falam. Esquecem-se de que é este Lafayette, o filho

primogénito da liberdade francesa, que sacrificou à revolução a sua fortuna, os seus títulos e a sua vida!

- Ora essa! Então está fazendo o elogio fúnebre de Lafayette - disse outro deputado.

- Meus senhores - disse Ducos - a presença de um general estranho a esta Assembléia impede a liberdade da discussão.

- Isso ainda não é tudo - bradou Vergniaud - este general deixou o seu posto em frente do inimigo. O exército do seu comando foi-lhe confiado a ele, e não a um simples marechal de campo, que deixou em seu lugar. Saibamos se deixou o exército sem licença; no caso afirmativo, deve ser preso e julgado como desertor.

- Esse é o fim da minha questão - disse Gaudet - e apoio a proposta de Vergniaud.

- Apoiado - exclamou todo o partido girondino.

- Peço votação nominal - disse Gensonné.

A votação nominal deu uma maioria de

dez votos aos amigos de Lafayette.

Do mesmo modo que acontecera ao povo no dia 20 de Junho assim também Lafayette atreveu-se a muito, ou a muito pouco.

Esta vitória de Lafayette foi como aquela de que se lamentava Pirro, quando perdeu metade do seu exército.

– Mais uma vitória como esta, e estou perdido para sempre – dizia ele.

Lafayette, logo que saiu da Assembléia, dirigiu-se imediatamente ao paço.

Foi recebido com um rosto mais ameno, mas com um coração não menos ulcerado.

Lafayette acabava de sacrificar ao rei e à rainha mais do que a sua vida; fizera-lhes o sacrifício da sua popularidade.

Era a terceira vez que lhes fazia este dom, muito mais precioso do que outro qualquer que os reis possam fazer.

A primeira vez sacrificou-lhes a sua popularidade em Versalhes, em 6 de Outubro.

A segunda a 17 de Julho, no Campo de Marte.

E a terceira naquele mesmo dia.

Lafayette conservava uma derradeira esperança.

E era desta esperança que ele ia dar parte ao seu soberano.

No dia imediato passaria uma revista à guarda nacional.

Não havia que duvidar do entusiasmo que devia inspirar a presença do rei e a do antigo comandante geral da guarda nacional.

Lafayette aproveitar-se-ia daquela influência, marcharia sobre a Assembléia, e poria a mão sobre o partido girondino.

Durante o tumulto, o rei sairia de Paris em direcção ao acampamento de Maubeuge.

Era um golpe ousado, mas quase seguro na situação em que se achavam os espíritos.

Desgraçadamente, Danton, às três horas da madrugada, entrava em casa de Pétion para o prevenir da conspiração.

Ao romper do dia, Pétion dava contra

ordem para a revista.

Quem foi que traiu o rei e Lafayette?

Não dissera ela que preferia morrer pela mão de qualquer homem a ser salva por Lafayette?

A rainha tinha a mão certa; devia ser morta por Danton.

À mesma hora em que devia verificar-se a revista, Lafayette saiu de Paris e regressou ao seu exército; mas, mesmo assim não perdera a esperança de salvar o rei.

XXVII

Vergniaud promete falar

A vitória de Lafayette, vitória duvidosa, que fora seguida por uma retirada, tivera um resultado singular.

Abateu os realistas, ao passo que a pretendida derrota animara os girondinos.

Ergueu-os e animou-os porque lhes mostrou o abismo em que estiveram em risco de ser precipitados.

Imagine-se menos rancoroso o coração de Maria Antonieta, e talvez que àquelas horas estivesse destruído o partido da Gironda.

Cumpria, portanto, não deixar que o paço reparasse o erro que acabava de cometer.

Era necessário dar a força e a direcção própria à corrente revolucionária, a qual, num instante, retrocedera e voltara à sua

nascente.

Todos procuravam, todos se persuadiam que tinham descoberto um meio; mas, logo que tal meio se propunha, reconhecia-se-lhe a ineficácia e renunciavam a ele.

A Sr^a. Roland, que era a alma do partido, pretendia chegar ao fim desejado por uma comoção na Assembléia. Quem é que podia produzir tal comoção? Quem podia dar o golpe? Vergniaud.

Mas que é que fazia este Aquiles na sua tenda, ou antes, este Reinaldo perdido nos jardins de Armida? Amava.

É tão difícil ter ódio quando se ama!

Vergniaud amava a bela Simon-Candeilles, actriz, poetisa e música. Os seus amigos procuravam-no muitas vezes dois ou três dias sem o encontrarem, e afinal iam encontrá-lo deitado aos pés da formosa mulher, com uma das mãos estendida sobre os joelhos, e com a outra tocando distraído as cordas da harpa. E todas as noites, assentado

nos bancos da platéia superior, ia aplaudir a dama que adorava de dia.

Uma tarde, dois deputados saíram desesperados da Assembléia.

A inacção de Vergniaud aterrava-os, por causa da França.

Os deputados eram Grangeneuve e Chabot.

Grangeneuve, o advogado de Bordéus, era amigo e rival de Vergniaud, e deputado como ele, pela Gironda.

Chabot era o capuchinho desfradado, o autor, ou um dos autores do Catecismo dos *sans-cullotes*, que derramava sobre a realeza e a religião todo o fel que acumulava no claustro.

Grangeneuve, sombrio e pensativo, caminhava ao lado de Chabot.

Este olhava para ele, e parecia-lhe que pela frente do seu colega passava a sombra de todos os seus pensamentos.

- Em que pensas tu? - lhe perguntou Chabot.

- Penso em que todas estas demoras enervam a pátria e matam a revolução.

- Ah! Tu pensas nisso? - lhe redargüiu Chabot com o riso sarcástico que lhe era habitual.

- Penso - continuou Grangeneuve - que se o povo der tempo à realeza, o povo está perdido.

Chabot soltou uma gargalhada estridente.

- Penso - concluiu Grangeneuve - que a hora das revoluções é uma só, que aqueles que deixam escapar essa hora nunca mais a encontram, e para o futuro terão de dar contas a Deus e à posteridade do seu desleixo.

- E acreditas que Deus e a posteridade nos pedirão contas da nossa preguiça e inacção?

- Tenho medo de que assim aconteça. Ouve, Chabot, estou convencido de que o povo, está prostrado deste último revés, e que não se erguerá sem o auxílio de alguma

alavanca poderosa, ou de algum motor cruento; carece de algum acesso de raiva ou de terror, donde tire alguma energia.

- Como se lhe dará esse acesso de raiva ou de terror? - perguntou Chabot.

- É no que eu penso - respondeu Grangeneuve - e creio que descobri o segredo.

Chabot aproximou-se do seu colega.

Pela entoação da voz de Grangeneuve, conheceu que ele ia propor alguma coisa terrível.

- Mas - continuou Grangeneuve - acharei acaso um homem capaz da resolução que é necessária para um acto semelhante?

- Fala, que eu sou capaz de tudo para destruir o que detesto, e eu detesto o rei e os padres - disse-lhe Chabot com tal firmeza, que não podia causar dúvida ao seu colega.

- Pois bem - retorquiu Grangeneuve, pondo os olhos no chão - vi que havia sangue puro no berço de todas as revoluções, desde o sangue de Lucrecia até ao de Sidney. As

revoluções são uma teoria para os homens de Estado; para os povos uma vingança; ora, para impelir a multidão à vingança, é necessário dar-se-lhe uma vítima. O paço recusa-nos essa vítima; sejamos nós que a demos à nossa causa.

- Não compreendo - disse Chabot.

- É necessário que um de nós, um dos mais conhecidos, um dos mais encarniçados e dos mais puros, seja sacrificado pelos aristocratas.

- Continua.

- Cumpre que a vítima seja um membro da Assembléia Nacional, para que a Assembléia se vingue. Finalmente, cumpre que a vítima seja eu.

- Mas, Grangeneuve, os aristocratas não se atreverão a pôr-te a mão.

- Bem o sei, e é essa a razão por que te disse que era necessário achar um homem resoluto.

- Para quê?

- Para me matar.

Chabot recuou um passo, mas Grangeneuve segurou-o pelo braço e disse-lhe:

- Chabot, ainda há pouco tempo me dissestes que eras capaz de tudo para destruíres os objectos do teu ódio. És capaz de assassinar-me?

O frade permaneceu mudo; Grangeneuve continuou:

- A minha palavra e a minha vida são inúteis para a liberdade, ao passo que a minha morte pode aproveitar-lhe, e o meu cadáver será o estandarte da insurreição; e demais - acrescentou ele estendendo a mão com um gesto veemente para o palácio das Tulherias - cumpre que aquele palácio e os que o habitam se sumam na tempestade.

Chabot olhava para Grangeneuve tremendo de admiração.

- Então? - insistiu Grangeneuve.

- Pois bem, sublime Diógenes - redargüiu Chabot - apaga a tua lanterna que está descoberto o homem.

- Nesse caso - disse Grangeneuve - determinemos tudo, e que esta mesma noite fique concluído. Esta noite, passarei sozinho por aqui ou defronte dos postigos do Louvre, no lugar mais deserto e mais sombrio. Se receias que te falhe a mão, previne mais dois patriotas. Farei este sinal para que me conheçam.

E dizendo isto Grangeneuve levantou os braços ao ar.

- Podem matar-me, e asseguro-te que não darei um grito.

Chabot passou um lenço pela testa.

- Quando for dia - continuou Grangeneuve - será encontrado o meu cadáver; acusarás o paço, a vingança do povo fará o resto.

- Muito bem - disse Chabot - até à noite.

E os dois extraordinários conjurados apertaram mutuamente a mão e separaram-se.

Grangeneuve foi para casa, fez o seu

testamento, e datou-o de Bordéus com um ano de atraso. Chabot foi jantar ao Palais-Royal. Depois de jantar dirigiu-se à loja de um cutileiro e comprou uma faca.

Quando saiu de casa do cutileiro, leu por acaso os cartazes dos teatros.

Candeille representava nessa noite, e portanto, o ex-frade sabia onde podia encontrar Vergniaud.

Foi à Comédia Francesa, subiu ao camarim da formosa actriz, e achou a sua corte habitual, que se compunha de Vergniaud, Talma, Chénier, e Dugazon.

Candeille entrava nessa noite em duas peças.

Chabot demorou-se até ao fim do espectáculo.

Quando o espectáculo findou, logo que a bela actriz despiu o fato da cena, e quando Vergniaud se preparava para acompanhá-la à rua Richelieu, onde morava, e onde igualmente estava estabelecido o Teatro Francês, Chabot entrou na carruagem atrás

de Vergniaud.

- Tem alguma coisa que dizer-me, Chabot? - perguntou-lhe Vergniaud, que desde logo compreendeu que o ex-frade capucho tinha de tratar com ele alguma coisa importante.

- Tenho, mas esteja descansado, que não o hei-de demorar muito tempo.

- Então, diga o que é...

Chabot puxou pelo relógio.

- Ainda não deu a hora - disse ele.

- E a que hora há-de ser?

- À meia-noite.

A formosa Candeille tremia de medo ao ouvir aquele diálogo misterioso.

- Oh! Senhor! - disse ela.

- Esteja descansada, minha senhora - disse Chabot. - Não tem nada que recear por Vergniaud, bem que a pátria careça do seu auxílio.

A carruagem rolou até à porta da actriz.

Tanto ela, como os dois homens se conservaram silenciosos.

Chegando à porta de Candeille, Vergniaud perguntou a Chabot:

- Quer subir?

- Não; venha comigo.

- Aonde é que o leva? - perguntou a atriz.

- A duzentos passos desta casa. Prometo-lhe que estará livre dentro de um quarto de hora.

Vergniaud apertou a mão da gentil amante, fez-lhe sinal para que estivesse tranqüila, e desapareceu com Chabot pela Travesière; passaram pela rua de Saint-Honoré e tomaram pela de l'Échelle.

À esquina desta rua, o frade pôs uma das mãos no ombro de Vergniaud, e com a outra mostrou-lhe um homem que andava passeando ao longo das muralhas do Louvre.

- Vês? - perguntou a Vergniaud.

- O quê?

- Aquele homem?

- Vejo - respondeu o girondino.

- É o teu colega Grangeneuve.

- O que está ali fazendo?
- Está à espera.
- De quem?
- Está à espera de que o matem.
- Que o matem?
- Sim.
- E quem o há-de matar?
- Eu.

Vergniaud olhou para Chabot como quem olha para um louco.

- Lembra-te de Esparta e de Roma, e ouve - disse Chabot.

E então contou-lhe tudo.

À medida que o frade ia falando, Vergniaud curvava a cabeça.

Vergniaud conhecia perfeitamente que havia uma grande distância entre ele, tribuno efeminado e leão namorado, e aquele republicano terrível que, à semelhança de Décio, pedia um abismo para precipitar-se, contanto que a sua morte salvasse a pátria.

- Está bem - disse ele - peço três dias para preparar o meu discurso.

- E em três dias?

- Podes estar tranqüilo - redargüiu Vergniaud.

Dentro de três dias, ou hei-de despedaçar-me contra o ídolo ou hei-de miná-lo pela base.

- Posso contar com a tua palavra, Vergniaud?

- Podes.

- É a palavra de um homem?

- É a palavra de um republicano.

- Nesse caso, já não preciso de ti. Podes ir tranqüilizar a tua amante.

Vergniaud tomou o caminho da rua de Richelieu.

Chabot dirigiu-se para Grangeneuve.

Este, vendo que um homem se dirigia para ele, retirou-se para o lugar mais sombrio.

Chabot seguiu-o.

Grangeneuve parou ao pé da muralha, porque não podia ir mais longe.

Chabot aproximou-se dele.

Grangeneuve fez o sinal convencional, erguendo os braços. Mas vendo que Chabot se conservava imóvel, perguntou-lhe:

- Então porque te demoras? Fere!

- É inútil - disse Chabot. Vergniaud promete falar.

- Pois seja assim - redargüiu Grangeneuve dando um suspiro - mas parece-me que o outro meio era melhor.

O que queriam que a realza fizesse contra tais homens?

XXVIII

Vergniaud fala

Era já tempo que Vergniaud se resolvesse.

O perigo interno e externo aumentava.

No exterior, em Ratisbonne, o conselho dos embaixadores recusara-se unanimemente a receber o ministro de França.

A Inglaterra, que se intitulava nossa amiga, preparava um imenso armamento.

Os príncipes do império, que encareciam alto e bom som a sua neutralidade, introduziam de noite o inimigo nas suas praças de guerra.

O duque de Bade colocara os austríacos em Kehl, a uma légua de Estrasburgo.

Em Flandres era pior ainda: estava ali Luckner, soldado velho e imbecil, que contrariava os planos de Dumouriez, único homem, senão de génio, ao menos de talento,

que nós tínhamos para fazer face ao inimigo.

Lafayette era dedicado ao paço, e a última tentativa que fizera provar a Assembléia, isto é, à França, que não devia contar com ele.

Finalmente, Biron, valente e de boa fé, desanimado pelos nossos primeiros reveses, entendia que só se devia fazer uma guerra definitiva.

Tal era o estado de coisas quanto ao exterior.

Interiormente, a Alsácia pedia em altas vozes que lhe dessem armas, mas o ministro da guerra, todo dedicado aos interesses da corte, não lhas enviava.

Nas províncias do Meio-Dia, havia um lugar-tenente general dos príncipes, governador do baixo Languedoc e das Cevennes, que fazia verificar os seus poderes pela nobreza.

No oeste, um simples camponês, chamado Allan Redeller, publicou à saída da missa que estava dado ponto de reunião

noutra ermida vizinha para os amigos do rei receberem armamento.

À primeira voz reuniram-se quinhentos: o partido dos *chouans* estava arvorado na Vendeia e na Bretanha, e só faltava dar-lhe impulso.

Finalmente, de todos os lados chegavam mensagens contra-revolucionárias dos directórios departamentais.

O perigo era grande, ameaçador e terrível; tão grande que já não ameaçava os homens, mas a pátria.

Por este motivo, e sem que ninguém as proclamasse, as palavras de que “a pátria estava em perigo” eram pronunciadas em voz baixa.

A Assembléia esperava.

Grangeneuve e Chabot tinham dito que Vergniaud faria um discurso dentro de três dias.

As horas contavam-se.

Vergniaud não apareceu na Assembléia, nem no primeiro nem no segundo dia.

Ao terceiro dia, todos os deputados entraram tremendo na Assembléia.

Nem um só deputado faltava no seu lugar.

As tribunas estavam apinhadas.

Vergniaud foi o último que entrou.

Um estremecimento geral correu por toda a Assembléia.

As tribunas aplaudiram-no como acontece no teatro quando entra em cena um actor estimado.

Vergniaud ergueu a cabeça para ver a quem era que applaudiam.

Os aplausos redobraram e mostraram-lhe que era a ele.

Vergniaud tinha então trinta e três anos.

O seu carácter era meditativo e preguiçoso: o génio indolente, comprazia-se na negligência.

Ardente apenas no prazer, podia dizer-se que se apressava em colher às mãos cheias as flores de uma mocidade, cuja primavera devia ser tão curta.

Deitava-se tarde e levantava-se tardíssimo. Quando tinha que falar, três ou quatro dias antes preparava o seu discurso, polia-o e aguçava-o, do mesmo modo que um soldado afia a espada para dar uma carga.

Dele, como orador, podia dizer-se o mesmo que se diz numa sala de armas, de um homem que atira com perfeição.

O golpe não lhe parecia bom, senão quando era dado com vigor e muito aplaudido.

Para o fazer falar, cumpria reservá-lo para os momentos de perigo e para as ocasiões supremas.

Disse um poeta que Vergniaud não era próprio para todas as horas, mas sim para os dias de grandes acontecimentos.

Quanto ao físico, Vergniaud era mais baixo do que alto; mas era robusto, quase atlético; tinha os cabelos longos e flutuantes; nos seus movimentos oratórios, sacudia os cabelos como um leão sacode a juba; tinha a testa larga, e assombreados por espessas

sobrancelhas, brilhavam-lhe os olhos negros, meigos, mas ao mesmo tempo ativos; o nariz era pequeno, um pouco largo de asas; os beiços eram grossos e do mesmo modo que uma nascente repuxa a água abundante e sonora, assim as palavras lhe saíam da boca em cascatas potentes, ruidosas e espumantes; a pele, em que se exibiam sinais de bexigas, parecia faciada como o mármore que ainda não foi polido pelo cinzel do estatuário; o rosto pálido ou se coloria de púrpura, ou se tornava lívido, conforme o sangue lhe subisse ao cérebro, ou se reconcentrasse no coração; no remanso, ou entre a turba, era um homem ordinário, sobre o qual, por muito penetrante que fosse o olhar do historiador, não encontraria de que fazer observações. Mas quando ao fogo da paixão o sangue lhe fervia, quando lhe palpitavam os músculos do rosto, quando com o braço estendido impunha silêncio, ou dominava a multidão, o homem tornava-se deus, o orador transfigurava-se. A tribuna era o seu Tabor.

Tal era o homem que se apresentava com a mão ainda fechada, mas já cheia de raios.

Os aplausos com que lhe festejaram a entrada, deram-lhe a conhecer o que esperavam do seu talento e patriotismo.

Não pediu a palavra, dirigiu-se logo à tribuna; subiu e começou o seu discurso entre um silêncio que denotava o estado de agitação dos circunstantes.

As primeiras palavras proferiu-as com a profunda e concentrada tristeza de um homem abatido. Logo no começo se mostrou tão fatigado, como é costume estar quando se conclui um discurso.

Mas a razão era ter estado durante três dias lutando com o génio da eloquência, como Jacob lutara com o Anjo: porque sabia, que, como Sansão, no esforço supremo que se propunha tentar, destruiria infalivelmente o templo, e que subindo à tribuna, quando ainda as colunas estavam de pé, ele teria de descer da abóbada ainda suspensa, passando

por cima das ruínas da realeza.

Como o génio de Vergniaud está todo neste discurso, citá-lo-emos na sua íntegra.

Parece-nos que a sua leitura despertará a mesma curiosidade que se deve sentir, ao visitar um arsenal, à vista de uma dessas máquinas de guerra históricas, que tivessem destruído os muros de Sagunto, de Roma ou de Cartago.

Vergniaud, com voz apenas inteligível no começo, mas que depois se tornou grave e atroadora, disse:

“Cidadãos, dirijo-me a vós e pergunto-vos:

Que estranha situação é esta em que se acha a Assembléia?”

“Qual é a fatalidade que nos persegue e que marca cada dia por alguns acontecimentos, que introduzindo a desordem nos nossos trabalhos, nos impelem constantemente para a agitação tumultuosa das inquietações, das esperanças e das

paixões?”

“Qual é o destino que prepara à França essa terrível efervescência, no seio da qual quase duvidamos se a revolução retrograda, se caminha para o seu termo?”

“Quando parece que os nossos exércitos do Norte fazem progressos na Bélgica, vemo-los repentinamente retirar em frente do inimigo, trazendo a guerra para o nosso território.”

“Entre os desgraçados belgas só se conservará de nós a memória dos incêndios que tiverem alumiado a nossa retirada.”

“Do lado do Reno, os prussianos acumulam-se incessantemente sobre as nossas fronteiras descobertas.”

“Por que é que, mesmo no momento de uma crise tão decisiva para a existência da nação, se suspende o movimento dos nossos exércitos, por uma pronta desorganização do ministério, se quebram os laços da confiança, e se entrega a salvação do império ao acaso e a mãos inexperientes?”

“Será verdade que se receiam os nossos triunfos? Deseja-se o sangue do exército de Coblentz ou o do nosso?”

“Se o fanatismo do clero nos ameaça com fazer-nos vítimas da guerra civil e da invasão, qual é a intenção daqueles, que, com uma obstinação invencível, se recusam a sancionar os nossos decretos?”

“Querem reinar sobre cidades abandonadas e em campos devastados?”

“Qual é, ao certo, a quantidade de lágrimas, de sangue e de mortos, que baste para a sua vingança? Onde estamos nós, finalmente?”

“Senhores, cujo valor os inimigos da Constituição se lisonjeiam de ter reprimido, vós, cuja consciência e probidade tentam assustar quotidianamente, qualificando o vosso amor da liberdade por espírito de facção, como se vós houvésseis esquecido de que uma corte despótica e os cobardes varões da aristocracia deram o nome de facciosos aos representantes que foram prestar

juramento ao Jogo da Péla, aos vencedores da Bastilha, e a quantos fizeram e sustentaram a revolução; vós, que sois caluniados pelo simples facto de não pertencerdes à raça que a constituição reduziu a pó; vós, em quem não esperam encontrar cúmplices os homens desgraçados que choram a honra infame de se rojarem diante dessa raça; vós a quem pretendem alienar o povo, por saberem que o povo é o vosso apoio, e que se desertásseis criminosamente da sua causa, merecíeis ser abandonados por ele, sendo-lhes assim fácil dissolver-vos; vós, a quem pretenderam dividir, mas que adiastes para depois da guerra as vossas divisões e pendências, que não vos parece agradável o detestar-vos mutuamente, e preferis esse gozo infernal à salvação da pátria; vós, a quem pretendem assustar por meio de petições armadas, como se não soubésseis que no começo da revolução o santuário da liberdade foi assediado pelos satélites do despotismo. Paris sitiada pelo exército da corte, e que esses dias

de perigo foram os dias de glória da nossa primeira Assembléia; vou enfim chamar a vossa atenção para o estado de crise em que nos encontramos. Estas desordens intestinas têm uma causa: manobras aristocráticas e manobras sacerdotais, todas tendem para o mesmo fim, isto é, para a contra-revolução.”

“O rei negou-se a sancionar o nosso decreto acerca das desordens religiosas.”

“Não sei se o sombrio génio de Médicis e do cardeal de Lorraine caminha ainda errante pelas abóbadas do palácio das Tulherias, e se o coração do rei é atribulado pelas idéias fantásticas que lhe sugerem, mas, sem lhe fazer injúria, e sem o acusar de ser o inimigo mais religioso da revolução, não será permitido acreditar que queira animar pela impunidade as tentativas criminosas da ambição sacerdotal e dar aos orgulhosos apoios da tiara o poder com que tem igualmente oprimido os povos e os reis? Sem lhe fazer injúria, e sem o declarar o inimigo mais cruel do império, não será permitido

acreditar que se compraz em perpetuar as sedições, em eternizar as desordens que a precipitariam na sua completa ruína, por meio da guerra civil; concluo, pois, que se resiste aos vossos decretos, é porque se julga muito poderoso para manter a paz pública, sem dependência dos poderes que lhe ofereceis.”

“Portanto, se não é mantida a paz pública, se o fanatismo prossegue na ameaça de incendiar o reino, se as violências religiosas continuam a assolar os departamentos, é que os próprios agentes da autoridade régia são a causa de todos os nossos males.”

“Pois bem, respondam eles com a cabeça por todos os distúrbios a que serve de pretexto a religião; nesta responsabilidade terrível, mostrai o termo da vossa paciência e das inquietações da nação.”

“A vossa solicitude pela segurança exterior do império aconselhou-vos a decretar um acampamento em Paris, onde

todos os confederados da França deviam apresentar-se no dia 14 de Julho para renovarem o juramento de viver livres ou morrer.”

“O sopro envenenado da calúnia manchou este projecto; o rei negou-se a dar a sanção ao decreto.”

“Respeito muito o exercício de um direito constitucional, e por isso não vos proponho que torneis os ministros responsáveis por tal recusa; mas se acontecer que antes de se reunirem os batalhões o solo da liberdade for profanado, deveis tratá-los como traidores.”

“Sejam eles arrojados ao abismo, que a sua incúria ou malevolência tiver aberto debaixo dos pés da liberdade; rasguemos finalmente a venda com que a intriga e a adulação cobriram os olhos do rei, e mostremos-lhe até onde alguns amigos pérfidos se esforçam por conduzi-lo.”

“É em nome do rei que os príncipes franceses levantam contra nós as cortes da

Europa: e foi para reivindicar a dignidade do rei que se concluiu o tratado de Plinitz; é para defender o rei, que vemos marchar para a Alemanha, debaixo do estandarte da rebelião, as antigas companhias de guardas do corpo; é para auxiliar o rei que os emigrados se alistam no exército austríaco e se preparam para despedaçar o seio da pátria, é para se reunirem a esses valentes guerreiros da prerrogativa real que outros abandonam os seus postos em frente do inimigo, traindo os seus juramentos, roubando as caixas militares, corrompendo os soldados e assentando deste modo a sua honra na cobardia, no prejuízo, na insubordinação, no roubo e nos assassínios; o nome do rei, finalmente, figura em todos estes desastres!"

"Ora, na Constituição leio o seguinte:

Se o rei se colocar à frente de um exército e o dirigir contra a nação, ou se não se opuser por um acto formal, a uma tal empresa executada em seu nome, entender-

se-á que abdicou”.

“Debalde responderia o rei:

É verdade que os inimigos da nação pretendem que obram unicamente com o intuito de levantar o meu poder, mas eu provei que não era seu cúmplice: obedeci à Constituição, e pus os exércitos em campanha; é verdade que esses exércitos eram muito fracos, mas a Constituição não determina a força que eu devia dar-lhes; é verdade que os reuni muito tarde, mas a Constituição não marca o tempo em que me cumpria reuni-los; é verdade que alguns corpos de reserva os podiam auxiliar, mas a Constituição não me obriga a formar acampamentos de reserva; é verdade que quando os generais avançavam sem resistência pelo território inimigo, lhes ordenei que retrogradassem, mas a Constituição não me impõe a obrigação de ganhar vitórias; é verdade que os meus ministros iludiram a Assembléia Nacional

acerca do número e da disposição das tropas e da maneira por que estavam apercebidas, mas a Constituição dá-me o direito de escolher os meus ministros, não me determina que dê a minha confiança aos patriotas e que despeça os contra-revolucionários; é verdade que a Assembléia Nacional promulgou os decretos necessários para a defesa da pátria e que me recusei a sanciona-los, mas a Constituição garante-me essa faculdade; é verdade, finalmente, que se opera a contra-revolução, que o despotismo vai entregar nas minhas mãos o seu ceptro de ferro, com que vos esmagarei, com que vos punirei por terdes tido a insolência de querer ser livres, mas tudo isto se faz constitucionalmente, e, de mim não emanou nenhum acto condenado pela Constituição; portanto não é permitido duvidar da minha fidelidade para com a Constituição e do meu zelo para a defender.”

“Se fosse possível, meus senhores, que nas calamidades de uma guerra funesta, nas

desordens de um movimento contra-revolucionário o rei dos franceses nos falasse esta linguagem irrisória, se fosse possível que nos falasse do seu amor pela Constituição com tão insultuosa ironia, não estaríamos no direito de responder-lhe: Rei, que, seguindo o caminho do tirano Lisandro, acreditaste que a verdade valia tanto como a mentira, e que vos cumpria divertir os homens com juramentos do mesmo modo que se entretém crianças com brinquedos e passatempos; que simulaste amar as leis para conservar o poder, que vos serviria para as afrontardes; que simulaste amor pela Constituição, para não serdes precipitado do trono, onde precisáveis conservar-vos para destruí-la; que fingistes amar a nação para dar seguro êxito às vossas perfídias, inspirando-lhe confiança, julgais que nos iludis hoje com protestos hipócritas?"

"Parece-vos que nos fazeis duvidar da verdadeira causa das nossas desgraças pelo artifício das vossas desculpas e pela audácia

dos vossos sofismas?”

“Será defender-nos opor às tropas estrangeiras algumas forças, cuja inferioridade não permitia que se duvidasse da sua completa derrota?”

“Será defender-nos não admitir os projectos tendentes a fortificar o interior do reino, ou fazer preparativos de resistência para a época em que fôssemos já vítimas dos tiranos?”

“Será defender-nos não vos opordes a um general que violou a Constituição, e lançardes grilhões ao valor dos homens que a serviam?”

“Será pugnar pela nossa defesa, paralisar constantemente o governo pela desorganização contínua do ministério?”

“A Constituição permite-vos a escolha dos ministros para nossa ventura ou para nossa infelicidade?”

“Constituiu-vos chefe do exército para nossa glória ou para nossa vergonha?”

“Deu-vos, finalmente, o direito de

sanção, uma dotação, e tantas outras grandes prerrogativas para perderdes constitucionalmente Constituição e Império?”

“Não, não, homem, a quem a generosidade dos franceses não pôde comover, homem a quem somente pode tornar sensível o amor do despotismo, vós não cumpristes os desejos da Constituição; e esperais que ela venha a ser destruída.”

“Não vos opusestes por um acto formal às vitórias que foram alcançadas em vosso nome sobre a liberdade, mas não gozareis o fruto desses indignos triunfos.”

“Já nada sois para essa Constituição, que indignamente haveis violado, nem para este povo que tão cobardemente atraçoastes.”

“Como estes factos que deixo referidos estão ligados com muitos actos do rei; como é certo que os falsos amigos que o cercam estão vendidos aos conspiradores de Coblenz, e que ardem em desejos de perder o rei, no intuito de pôr a coroa na cabeça de algum dos chefes da sua conspiração; como é importante

para a segurança do império, que o seu procedimento não desperte suspeitas, proponho que se lhe dirija uma mensagem, que lhe lembre as verdades que acabo de proferir, e que nela se prove que a neutralidade que conserva entre a pátria e Coblentz é uma traição para com a França.”

“Peço igualmente que declareis achar-se a pátria em perigo.”

“Vereis que a este sinal de rebato, se reunirão todos os cidadãos, que a terra se cobrirá de soldados, e que se renovarão os prodígios que cobriram de glória os povos da antiguidade.”

“Já os regenerados franceses de 1789 não têm patriotismo?”

“Não chegou o dia de reunir todos aqueles que estão em Roma e no Monte Aventino?”

“Esperais que, cansados das fadigas da revolução, ou corrompidos pelo hábito de se ostentarem no palácio do rei alguns homens fracos se acostumam a falar da liberdade sem

entusiasmo e da escravidão sem horror?”

“O que é que preparam?”

“Quer-se estabelecer o governo militar?”

“O paço é suspeito de projectos pérfidos; manda falar em movimentos militares, em leis marciais e procura que a imaginação se familiarize com o sangue do povo?”

“O palácio do rei dos franceses converteu-se de repente numa praça de guerra; mas onde estão os inimigos?”

“Contra quem apontam a artilharia e as baionetas?”

“Os amigos da Constituição foram demitidos do ministério.”

“As rédeas do império conservam-se flutuantes ao acaso, na hora em que era necessário tanto vigor quanto patriotismo.”

“Fomenta-se a discórdia geral, a conveniência do governo aumenta a audácia das potências estrangeiras, que vomitam contra nós exércitos e grilhões, e esfria a simpatia dos povos, que ocultamente fazem

votos para que triunfe a liberdade.”

“Estas cortes de inimigos agitam-se, a intriga e a perfídia tramam traição.”

“O corpo legislativo opõe a estas conspirações alguns decretos, decerto rigorosos, mas necessários: a mão do rei rasga-os.”

“É tempo ainda.”

“Chamai todos os franceses a salvar a pátria; mostrai-lhe toda a imensidade do abismo em que querem despenhá-los.”

“Não lhes cabe fazer um esforço extraordinário, vós é que o deveis impelir para tal esforço por um movimento eléctrico, que se comunique imediatamente a todo o império.”

“Imitai os espartanos das Termópilas, ou os venerandos anciões do senado romano, que foram esperar no limiar das suas portas a morte que lhes traziam à pátria ferozes vencedores. Não, não careceis de fazer votos para que nasçam os vingadores de entre as vossas cinzas.”

“No dia em que o vosso sangue tingir a terra, a tirania, o seu orgulho, os seus palácios e os seus protectores desaparecerão para sempre diante da onnipotência nacional e da cólera do povo”.

Neste discurso terrível havia uma força ascendente, uma gradação crescente, um *crescendo* de tempestade, que fendia o ar com as suas imensas asas, semelhantes às do furacão.

Por isso o efeito foi espantoso e produziu o maior entusiasmo.

Toda a Assembléia, *feuillants*, realistas, constitucionais, republicanos, deputados, espectadores, tudo foi envolto e impelido por aquele poderoso turbilhão, todos soltaram brados de entusiasmo.

E nessa mesma noite, Barbaroux escreveu para Marselha ao seu amigo Rebecqui, dizendo-lhe:

– Manda-me quinhentos homens que saibam morrer.

XXIX

O terceiro aniversário da tomada da Bastilha

No dia 11 de Julho a Assembléia declarou a pátria em perigo.

Mas, para promulgar esta declaração, era necessário a autorização do rei.

O rei só deu autorização no dia 21 à noite.

Efectivamente proclamar que a pátria estava em perigo, era uma declaração de falta de força, que a própria autoridade fazia, era apelar para a nação e dizer-lhe que se salvasse ela a si mesma, porque o rei já nada podia, ou nada queria.

De 14 a 31 de Julho o paço esteve dominado por um grande terror.

Dizia-se na corte que, no dia 14 de Julho, haveria uma conspiração contra a vida do rei.

Esta crença fora confirmada por uma

mensagem dos Jacobinos.

Fora Robespierre que a redigira.

Era fácil conhecer o autor pelo estilo frisante do escrito.

A mensagem era dirigida aos confederados que vinham a Paris assistir à festividade do dia 14 de Julho, que tão cruelmente ensangüentada fora no ano precedente.

“Salve, franceses dos oitenta departamentos – dizia o incorruptível – salve, marseheses, salve, pátria poderosa e invencível, que reúne em volta de si os seus filhos nos dias dos perigos e das festividades! Abramos as nossas casas aos nossos irmãos.”

“Cidadãos! Viestes acaso para uma vã cerimônia de consideração e para prestar juramentos supérfluos? Não, não! Correstes ao brado da nação, que vos chama, ameaçada no exterior e atraçoada interiormente; os nossos pérfidos chefes levam os nossos exércitos às emboscadas, os nossos generais respeitam o território do tirano austríaco e

queimam as cidades dos nossos irmãos belgas. Lafayette, que é um monstro, veio insultar pessoalmente a Assembléia Nacional indignamente aviltada, ameaçada e ultrajada. Existe ela ainda? Tantos atentados juntos despertaram, finalmente a nação, e vós correstes. Os indivíduos que costumam a embalar o povo hão-de querer seduzir-vos. Evitai as suas carícias, fugi das suas mesas, onde se bebe o moderantismo e o esquecimento dos deveres; conservai no coração as vossas suspeitas, porque a hora fatal vai soar. Eis ali o altar da pátria. Permitireis que alguns *ídolos vis*, venham colocar-se entre vós e a liberdade para usurpar o culto que lhe é devido? Prestemos juramento somente à pátria, entre as mãos imortais do rei da natureza. Neste Campo de Marte tudo nos recorda o perjúrio dos nossos inimigos; não há nele uma polegada de terreno que pisemos, que não esteja manchado com o sangue inocente que eles derramaram!”

“Purificai este solo, vingai aquele sangue e não abandoneis este recinto sem ter decidido a salvação da pátria.”

Era difícil uma explicação mais categórica.

Um conselho de assassínio nunca fora dado em termos mais positivos, nem em tempo algum se tinham pregado cruentas represálias com voz mais clara nem mais um instante.

E, note-se bem, era Robespierre, o tribuno cauteloso, o orador alambicado, que com a sua voz adocicada dizia aos deputados dos oitenta e três departamentos:

“Meus amigos, se quereis acreditar no que vos digo, cumpre matar o rei...”

Nas Tulherias houve um grande terror.

O rei era quem estava mais receoso, porque se persuadia de que o dia 20 de Junho fora preparado com o intuito de o matar entre a balbúrdia, e que, se o crime não fora perpetrado, fora porque o valor do monarca impusera respeito aos assassinos.

Havia nisso um tanto ou quanto de verdade.

“O crime, que não chegara a cometer-se no dia 20 de Junho, ficou adiado para o 14 de Julho.”

Era isto o que diziam os cortesãos, que restavam aos dois condenados, que se intitulavam rei e rainha.

Era tal a convicção de que se realizaria o atentado, que pediram ao rei que pusesse um peito de aço, para que, resvalando a faca com que pretendessem feri-lo ou a bala do tiro que lhe disparassem, os seus amigos tivessem tempo de lhe prestar socorro.

Mas ai! A rainha já não tinha Andréa junto de si, como aconteceu na primeira vez, para ir de noite, pé ante pé, e com mão trémula, experimentar a solidez da couraça de seda, num sítio retirado do palácio das Tulherias, do mesmo modo que praticara em Versalhes.

Felizmente, porém, tinham conservado o peito de aço que o rei experimentara, para

condescender com a vontade da rainha, na sua primeira jornada a Paris, mas de que recusara servir-se.

Mas naquela ocasião o rei estava tão vigiado, que não havia um momento de liberdade para fazer segunda experiência, nem para corrigir os defeitos que a couraça pudesse ter.

A Sr^a. Campan trouxe o peito de aço por baixo do vestido por espaço de três dias.

De manhã, finalmente, quando a Sr^a. Campan estava na câmara da rainha, que ainda estava deitada, o rei entrou, despiu a casaca muito à pressa, e experimentou a couraça enquanto a Sr^a. Campan fechava as portas.

Feita a experiência, o rei tirou o peito de aço e disse em voz baixa à Sr^a. Campan:

– É para condescender com a vontade da rainha que fiz esta experiência. Não querem assassinar-me; esteja certa, Sr^a. Campan, que mudaram de plano, e que eu devo preparar-me para outro género de morte; mas, em todo

o caso, quando sair da câmara da rainha, venha falar-me, porque tenho uma coisa urgentíssima que lhe confiar.

O rei saiu.

A rainha viu que ele havia falado em voz baixa com a Sr^a. Campan, mas não ouviu o que disse; acompanhou o rei com um olhar inquieto, e logo que fechou a porta, perguntou:

- Que lhe disse el-rei?

A Sr^a. Campan, muito consternada, ajoelhou junto do leito da rainha, que lhe estendeu as mãos, e repetiu-lhe as palavras que o rei lhe dissera.

A rainha meneou a cabeça com tristeza e disse:

- É essa a opinião do rei, e começa também a ser a minha. O rei diz que tudo quanto actualmente se está passando em França é uma imitação do que aconteceu em Inglaterra, durante o último século, e lê constantemente a história do infeliz Carlos I, para proceder melhor que o rei da Inglaterra.

Sim, sim, minha querida Campan, começo a temer que processem el-rei; quanto a mim, sou estrangeira, e hão-de assassinar-me. Ai de mim! O que será de meus filhos?

A rainha não pôde continuar, as forças abandonaram-na e começou a soluçar.

Então a Sr^a. Campan levantou-se, e sem perder um momento, preparou-lhe um copo de água com açúcar e éter, mas a rainha fez-lhe um sinal com a mão dizendo-lhe:

- Minha querida Campan, os ataques de nervos são doenças das mulheres felizes; nenhum medicamento deste mundo tem poder contra as enfermidades da alma. Desde que principiaram as minhas desventuras, não sinto unicamente o meu destino. Não diga nada disto a el-rei e vá encontrar-se com ele.

A Sr^a. Campan hesitava em sair.

- Então que tem? - lhe perguntou a rainha.

- Ai, minha senhora - redargüiu a Sr^a. Campan - tenho que dizer-lhe que arranjei para vossa majestade um peito de aço igual

ao de el-rei e de joelhos suplico a vossa majestade que use sempre dele.

- Muito lhe agradeço, minha querida Campan.

- Então vossa majestade aceita? - lhe perguntou a aia muito satisfeita.

- Aceito, para lhe agradecer a sua intenção, mas nunca me servirei de semelhante objecto.

Depois a rainha, pegando-lhe na mão, acrescentou em voz baixa.

- Muito feliz seria eu se eles me assassinassem! Faziam-me um serviço maior do que esse que pretende fazer, minha boa Campan, para me conservar a vida. Vá, vá ter com el-rei!

A Sr^a. Campan saiu.

Já era tempo, porque estava sufocada em pranto.

Quando chegou ao corredor, encontrou-se com o rei, que já a esperava.

O rei, logo que a viu, deteve-a, estendendo-lhe a mão.

A Sr^a. Campan pegou na mão do rei para lha beijar, mas Luís XVI puxou para si a Sr^a. Campan e beijou-a na face.

E antes que ela tornasse a si do seu espanto, disse-lhe:

– Venha comigo.

O rei então caminhou adiante dela, e parando no corredor, que dava do seu quarto para o quarto do delfim, procurou com a mão uma mola e abriu um armário, que havia na parede.

O armário estava tão bem feito, que ninguém diria que na parede existisse semelhante coisa.

Era o armário de ferro que fora aberto na parede, e que fora fechado com o auxílio de Gamain.

Dentro do armário havia uma carteira cheia de papéis, e numa das prateleiras do referido armário havia alguns milhares de luíses de ouro.

– Campan – lhe disse o rei – pegue nesta carteira, e leve-a para o seu quarto.

A Sr^a. Campan fez diligência para levantar a carteira, mas não pôde, primeiro porque era muito pesada e segundo porque estava um pouco alta.

- Senhor - disse ela - não posso.

- Espere, espere - redargüiu o rei.

E fechando o armário, que uma vez fechado se tornava invisível, tal era a perfeição com que estava feito, pegou na carteira e levou-a até ao gabinete particular da Sr^a. Campan.

- Deixe aqui estar - disse o rei, limpando o suor que lhe corria da fronte.

- Senhor, o que quer vossa majestade que faça desta carteira? - perguntou a Sr^a. Campan.

- A rainha lhe determinará o destino que lhe deve dar, e ao mesmo tempo lhe dirá o que contém.

O rei saiu.

Para que ninguém visse a carteira, a Sr^a. Campan fez um esforço introduzindo-a como pôde entre os colchões, e entrou na câmara da

rainha.

- Minha senhora - disse ela - tenho no meu quarto uma carteira, que el-rei me entregou agora mesmo. Disse que vossa majestade me informaria do que nela se contém, e do destino que devo dar-lhe.

Então a rainha, dando a mão à Sr^a. Campan, que estava de pé junto do rei, disse-lhe:

- Campan, nessa carteira estão alguns documentos, que seriam mortais para el-rei se lhe instaurassem processo, o que Deus não há-de permitir; mas ao mesmo tempo, e é isso naturalmente o que ele quer que eu lhe diga, também na mesma carteira está guardada a acta de um conselho, no qual o rei deu a sua opinião contra a guerra; acta que ele fez assinar pelos ministros, e que, ainda no caso de um processo, conta que este documento lhe há-de ser tão útil, quanto os outros lhe podiam ser prejudiciais.

- Mas, minha senhora, o que me cumpre fazer? - perguntou a aia muito assustada.

- O que quiser, Campan, com tanto que a carteira fique em segurança; a responsabilidade é toda sua; não se afaste nunca de mim, ainda que não esteja de serviço. As circunstâncias são tais que, de um momento para outro, posso carecer do seu auxílio; neste caso, Campan, desejo que esteja próximo de mim, porque sei que é uma amiga com quem posso contar.

Chegou a festividade do dia 14 de Julho.

A revolução não tratava de assassinar Luís XVI, e é até provável que nunca se lembrasse de tal; o que queria era proclamar a superioridade de Pétion sobre o rei.

Já dissemos que, depois dos acontecimentos do dia 20 de Junho, Pétion fora suspenso pelo directório de Paris.

Isto não teria significação alguma se não fosse a adesão do rei; mas aquela suspensão foi confirmada por uma proclamação régia, enviada à Assembléia.

No dia 13, isto é, na véspera da festividade aniversária da tomada da

Bastilha, a Assembléia, por sua autoridade particular, deu por nula a suspensão.

No dia 14 às onze horas o rei desceu a escada principal na companhia da rainha e de seus filhos, servindo-lhe de escolta três ou quatro mil homens de tropas indecisas.

A rainha procurava inutilmente nos rostos dos soldados e dos nacionais alguns indícios de simpatia. Os mais dedicados voltavam a cara e evitavam-lhe o olhar.

Quanto ao povo, não havia que duvidar da sua opinião. Os vivas a Pétion ouviam-se de todos os lados, e como para dar maior duração a semelhante ovação, o rei e a rainha podiam ler escrita em todos os chapéus a legenda, de “Viva Pétion!” duas palavras que confirmavam conjuntamente a sua derrota e a vitória dos seus inimigos.

A rainha estava pálida e trémula, e convencida, não obstante o que dissera à Sr^a. Campan, de que existia uma conspiração contra a vida do rei.

Estremecia a todo o momento, julgando

ver alguma faca, ou alguma pistola apontada contra o peito do rei.

Chegando ao campo de Marte, o rei apeou-se da carruagem, tomou lugar à esquerda do presidente, e dirigiu-se com ele para o altar da pátria.

Então a rainha teve que separar-se do rei para subir com os filhos para a tribuna que lhe estava reservada.

A rainha parou, recusando-se a subir antes que o rei tivesse chegado ao lugar que lhe fora destinado, e acompanhou-o até lá com os olhos.

Junto do altar da pátria houve uma onda repentina de gente, como acontece sempre nas grandes reuniões.

O rei desapareceu entre a multidão, como se houvera sido submergido por ela.

A rainha deu um grito e quis correr para ele.

Mas o rei tornou a aparecer, subindo os degraus do altar da pátria.

Entre os símbolos ordinários que

figuram nas pompas e festividades solenes, tais como a Justiça, a Força, a Liberdade, havia um homem vestido de preto com uma coroa de cipreste, empunhando um objecto misterioso e temível que se via brilhar por baixo do crepe.

Este símbolo terrível atraiu particularmente a atenção da rainha.

Estava como pregada ao seu lugar, e quase segura a respeito do rei, que chegara ao cimo do altar da pátria, não podia separar os olhos da estátua sombria.

Fazendo, finalmente, um esforço para soltar a voz, a rainha, sem se dirigir pessoalmente a pessoa alguma, perguntou:

- Que significa aquele homem vestido de preto com uma coroa de cipreste? Quem é?

- É o carrasco - respondeu uma voz, que fez estremecer a rainha.

- E que tem ele na mão? - perguntou ela.

- O cutelo de Carlos I.

A rainha voltou-se para o lado muito pálido; parecia-lhe que já tinha ouvido aquela voz.

Não se enganava.

Quem lhe falara era o homem do palácio de Taverney, da ponte de Sèvres e do regresso de Varennes.

Finalmente, era Cagliostro.

A rainha soltou um grito e caiu desmaiada nos braços da princesa Isabel.

XXX

A pátria em perigo

A 22 de Julho, às seis horas da manhã, oito dias depois da festa do Campo de Marte, toda a cidade de Paris estremeceu de terror, ouvindo o troar de uma peça de artilharia de grande calibre colocada sobre o Pont-Neuf.

A cada tiro daquela boca de fogo correspondia outro disparado do arsenal.

Aquele ruído terrível devia continuar por todo o dia, disparando-se os tiros de hora em hora.

As seis legiões da guarda municipal, capitaneadas pelos seus seis respectivos comandantes, estavam reunidas desde o romper do dia na casa da câmara.

Neste local se organizaram dois cortejos para levar pelas ruas de Paris a proclamação.

Danton foi quem teve a lembrança da festa terrível e pediu o programa a Sergent.

Sergent, artista medíocre como gravador, era um grande homem para meter em cena qualquer espectáculo.

Sergent, cujo ódio aumentara com os ultrajes que recebera no palácio das Tulherias, desenvolveu no programa daquele dia o aparato grandioso, a que deu os últimos retoques no dia 10 de Agosto.

Os dois cortejos, um dos quais devia tomar a direcção norte, e o outro a direcção sul da cidade de Paris, saíram da casa da câmara às seis horas da manhã.

À frente do cortejo marchava um destacamento de cavalaria com uma música na frente.

A marcha que a banda tocava, e que fora composta para a ocasião, era sombria e assemelhava-se a uma marcha fúnebre.

Após o destacamento de cavalaria marchavam em frente seis peças de artilharia, nos pontos em que os cais e as ruas tinham suficiente largura, e a dois de fundo pelas ruas estreitas.

Seguiam-se quatro hussardos a cavalo, cada um dos quais levava um estandarte, em que estavam escritas as seguintes palavras:

LIBERDADE, IGUALDADE,
CONSTITUIÇÃO, PÁTRIA

Logo em seguida marchavam quatro empregados municipais de uniforme.

Após eles, só e isolado como a França, marchava um guarda nacional a cavalo, empunhando uma bandeira tricolor, na qual estavam escritas estas palavras:

CIDADÃOS, A PÁTRIA ESTÁ EM PERIGO!

Na mesma ordem das primeiras, seguiam-se outras seis peças de artilharia, acompanhadas por uma força da guarda nacional, e logo após seguia-se-lhe a cavalaria.

O cortejo parava em todas as praças, em todas as ruas e em todos os pontos.

Impunha-se silêncio rufando os tambores.

Agitavam-se os estandartes, e quando já não se ouvia nenhum ruído, quando a respiração anelante de dez mil espectadores se recolhia cativa no peito de cada um deles, erguia-se a voz do empregado municipal, que lia a acta do corpo legislativo, e acrescentava:

“A Pátria está em perigo!”

Este grito era terrível e ecoava de um modo sensível em todos os corações.

Era o brado da nação, da pátria e da França.

Era uma mãe agonizante que bradava:

– Socorram-me, meus filhos!

E de hora em hora, ouvia-se troar a artilharia no Pont-Neuf correspondendo-lhe o eco da peça do arsenal.

Em todas as praças grandes de Paris, de que era centro o adro da igreja de Nossa Senhora, tinham-se erigido anfiteatros para

os alistamentos voluntários.

Em cada um dos anfiteatros havia uma prancha, colocada sobre dois tambores.

Por cada movimento que se imprimia no anfiteatro, os tambores gemiam como um sopro de um furacão longínquo.

Em torno do anfiteatro estavam levantadas algumas barracas, sobre as quais flutuavam bandeiras tricolores.

Estas bandeiras e as barracas eram ornadas com coroas e grinaldas de folhas de carvalho.

Em roda da mesa estavam assentados alguns empregados municipais com as suas faixas, e à medida que se faziam os alistamentos, davam certificados aos indivíduos que se alistavam.

Ao lado de cada anfiteatro havia duas peças de artilharia.

Na frente de cada anfiteatro tocava constantemente uma banda marcial.

Na frente das barracas, e seguindo a mesma linha curva que elas formavam, havia

um círculo de muitos cidadãos armados.

Este espectáculo era simultaneamente grandioso e terrível.

Havia uma embriaguez geral de patriotismo.

Todos se precipitavam para se alistarem; as sentinelas não podiam deter os indivíduos que se apresentavam, e a cada momento se abriam as fileiras dos soldados.

Uma das escadas do anfiteatro era para subirem, e a outra para descerem as pessoas que pretendiam alistar-se; mas as duas escadas não bastavam, pois constatava-se que eram insuficientes.

Cada um subia como podia e era auxiliado por aqueles que já haviam subido; logo que o seu nome estava inscrito no certificado, saltava para o chão com ar altivo, agitando o certificado e cantando o *Ça ira*, e ia beijar as bocas das peças de artilharia.

Eram estes os desposórios do povo francês com a guerra de vinte e dois anos, a qual, se não teve resultado no passado, tê-lo-á

no futuro e será a liberdade do mundo.

Havia alguns indivíduos já muito velhos, os quais, levados de uma fatuidade sublime, ocultavam a idade que tinham; havia outros moços ainda, que tornando virtuosa a mentira, se erguiam nos bicos dos pés e diziam ter dezesseis anos, quando ainda não tinham catorze.

Deste modo marcharam, da Bretanha, o velho La Tour'd'Auvergne; e do sul o jovem Viala.

Aqueles a quem detinham os laços indissolúveis do matrimónio choravam por não poder partir, escondiam vergonhosos a cabeça entre as mãos, e os eleitos diziam-lhes:

- Como não podeis partir, cantai e dai vivas à nação!

E brados terríveis e repentinos de “Viva a nação!” subiam aos ares.

Entretanto, de hora em hora, troava a artilharia do Pont-Neuf, sempre correspondida pelo morteiro do arsenal.

Era tão grande a fermentação, e os

espíritos estavam tão abalados, que a própria Assembléia se espantou da sua obra.

Nomeou quatro membros para cruzarem por Paris em todas as direcções.

Aqueles delegados eram encarregados de dizer:

– Irmãos, em nome da pátria, não façais tumultos: a corte deseja que haja um tumulto para alcançar que o rei se retire; nada de pretextos à corte, o rei deve ficar em Paris.

E os indivíduos, que propalavam estas idéias terríveis, acrescentavam em voz baixa:

– Importa que ele seja castigado.

Por toda a parte por onde aqueles homens passavam aplaudiam-nos, e as palavras: “Importa que ele seja castigado” percorriam a multidão, do mesmo modo que o sopro da tempestade percorre a ramaria de uma floresta.

Não se dizia quem era que devia ser castigado, mas todos sabiam perfeitamente quem era que se pretendia castigar.

Isto durou até à meia noite.

Até esta hora troou a artilharia e a multidão conservou-se em roda dos anfiteatros.

Muitos dos alistados passaram ali a noite, datando o seu primeiro acampamento de junto do altar da pátria.

Cada tiro de peça que troara durante o dia, ecoara no coração do palácio das Tulherias.

O coração das Tulherias era a câmara daquele palácio, na qual estavam reunidos Luís XVI, Maria Antonieta, os príncipes reais e a princesa de Lamballe.

Não se separaram por espaço de dezesseis horas.

Conheciam que naquele dia grande e solene se decidia a sua sorte.

Desde que houvera as sedições dos bairros, a rainha não dormia nos quartos baixos.

As pessoas da sua amizade tinham alcançado dela que passasse as noites numa casa do primeiro andar, situada entre o

quarto do rei e o quarto do delfim.

Como despertava logo ao romper da manhã, tinha dado ordem para que não fechassem as portas interiores das janelas, nem se corressem as tabuinhas, a fim de que fossem menos penosas as suas insónias.

A Sr^a. Campan dormia no quarto da rainha.

Digamos qual foi a ocasião em que a rainha consentiu que uma criada dormisse no quarto dela.

Uma noite, quando a rainha acabava de deitar-se, seria perto de uma hora, e estando a Sr^a. Campan de pé, junto do leito de Maria Antonieta, conversando com ela, ouviu-se um ruído semelhante a uma luta entre dois homens.

A Sr^a. Campan quis ir ver o que era, mas a rainha, segurando-se à sua criada, ou antes à sua amiga, disse-lhe:

– Não me deixe, Campan.

Durante esse tempo, gritou do corredor uma voz:

- Nada tema, minha senhora; é um malvado que queria assassinar a vossa majestade, mas eu tenho-o seguro.

Quem assim falava era o criado particular.

- Oh! Meu Deus! Meu Deus! - exclamou a rainha erguendo as mãos ao Céu - que existência é a minha! De dia ultrajes e à noite assassínios!

Depois bradou ao criado:

- Largue esse homem imediatamente e abra-lhe já a porta. Que se vá em paz.

- Não, senhora... - balbuciou verdadeiramente assustada a Sr^a. Campan.

- Ai! Minha boa Campan, se o prendessem seria amanhã levado em triunfo pelos Jacobinos.

E esconderam o homem, que era um criado, empregado no toucador do rei.

Desde aquela ocasião o rei obtivera que alguma aia dormisse na câmara da rainha.

Maria Antonieta escolheu a Sr^a. Campan.

Na noite imediata à da proclamação da pátria em perigo a Sr^a. Campan acordou às duas horas da madrugada.

Um raio da lua, como se fora uma luz amiga, atravessava as vidraças e vinha quebrar-se sobre o leito da rainha, dando aos lençóis uma cor azulada.

A Sr^a. Campan ouviu suspirar a rainha e ficou sabendo que ela não dormia.

- Vossa majestade está incomodada? -
lhe perguntou ela um tanto assustada.

- Sempre padeço, Campan; mas espero que o meu sofrimento há-de acabar brevemente.

- Oh! Meu Deus! Senhora, vossa majestade está ainda dominada por algum pensamento sinistro?

- Não, pelo contrário.

Estendendo depois a mão pálida, que o reflexo da lua tornava ainda mais pálida, disse com profunda melancolia:

- Dentro de um mês, este raio da lua nos verá livres dos nossos grilhões.

- Ah! - bradou a Sr^a. Campan muito alegre - aceitou vossa majestade o auxílio do Sr. de Lafayette, e tenciona fugir, como ele aconselha?

- O Sr. de Lafayette, não, esse não - redargüiu a rainha com uma repugnância que não iludia ninguém; - não preciso do Sr. de Lafayette, mas daqui a um mês meu sobrinho Francisco estará em Paris.

- E vossa majestade está bem certa disso? - lhe perguntou a Sr^a. Campan muito aterrada.

- Sim, tudo está decidido; há aliança entre a Áustria e a Prússia, e as duas potências combinadas vão marchar sobre Paris. Temos em nossa mão o itinerário dos príncipes e dos exércitos, e podemos dizer com certeza: "Em tal dia, os nossos salvadores estarão em Valenciennes, em tal em Verdun, e em tal em Paris".

- Vossa majestade não receia...

- Que me assassinem? - disse Maria Antonieta concluindo a frase. - Bem sei que

isso pode acontecer; mas que quer, minha querida Campan, quem não se arrisca nada ganha.

– E em que dias são esperados em Paris os soberanos aliados?

– De 15 a 20 de Agosto.

– Deus ouça vossa majestade.

Felizmente, Deus não a ouviu.

Ou antes ouviu-a e mandou à França um auxílio, com que não contava.

Foi a *Marselhesa*.

XXXI

A Marselhesa

O manifesto do duque de Brunswich, em que se fundavam todas as esperanças da rainha, era exactamente o que devia assustá-la.

Aquele manifesto, redigido nas Tulherias, e que só devia voltar a Paris a 26 de Julho, partiu para o seu destino nos primeiros dias do mês.

Mas, quase ao mesmo tempo que o paço redigia em Paris aquele documento insensato, cujo efeito logo veremos, digamos o que se passava em Estrasburgo.

Estrasburgo, uma das nossas cidades mais francesas, justamente pelo motivo de ter deixado de ser austríaca, e que é um dos nossos baluartes mais sólidos, tinha o inimigo batendo-lhe às portas, como já dissemos.

Por isso, era em Estrasburgo que, havia

seis meses, isto é, desde que se tratava da guerra, se reuniam aqueles jovens batalhões de voluntários, de espírito ardente e patriótico.

Estrasburgo, apontando a sua flecha sublime para o Reno, que era o que unicamente nos separava do inimigo, era conjuntamente um foco ardente de guerra, de mocidade, de alegria, de prazeres, de revistas e de bailes, onde o ruído dos instrumentos de guerra se misturava incessantemente com o som dos instrumentos festivos.

De Estrasburgo, onde por uma porta entravam os Voluntários, saíam pela outra os soldados, que eram julgados nas condições de pelejar.

Era ali que os amigos se encontravam, se abraçavam, se despediam; era ali que as irmãs choravam, que as mães oravam e os pais diziam:

– Marchai, e morrei pela França!

E tudo isto se verificava ao som dos sinos e ao troar da artilharia, essas duas vozes

de bronze que falam a Deus, uma para invocar a sua misericórdia e outra para invocar a sua justiça.

Na ocasião de uma daquelas saídas, mais solenes do que as outras, porque era mais considerável, o magistrado administrativo de Estrasburgo, Dietrich, bom e excelente patriota, convidou aqueles valentes moços para que fossem com os oficiais da guarnição assistir a um banquete e fraternizar em sua casa.

As duas filhas de Dietrich, e mais doze ou quinze das suas companheiras, louras e nobres filhas da Alsácia, e que, graças aos seus cabelos dourados, podiam tomar-se por umas ninfas de Ceres, deviam, se não presidir, ao menos embelezar o banquete, como se fossem ramalhetes de flores.

Entre os convidados estava Rouget de l'Isle, jovem e nobre filho do Franc-Comtois.

Tinha muita familiaridade na casa de Dietrich e era muito amigo dele.

Conheci-o já velho, e ele mesmo,

escrevendo-me pelo seu próprio punho, me contou a origem daquele canto guerreiro, a cujo nascimento o leitor vai assistir.

Rouget de l'Isle tinha então vinte anos de idade e era oficial de engenheiros da guarnição.

Poeta e músico, o seu piano era um dos instrumentos que se ouvia no imenso concerto, e a sua voz era uma das que se ouvia entre as mais fortes, mais entusiastas e mais patriotas.

Nunca o banquete mais francês e mais nacional fora alumado por um sol mais ardente de Junho.

Nenhum dos convivas falava de si; falavam todos unicamente da França.

Era verdade que a morte pairava naquele lugar, como acontecia nos banquetes da antiguidade; mas era a morte bela, risonha, empunhando, não uma foice terrível e uma ampulheta fúnebre, mas numa das mãos uma espada e na outra uma palma.

Procurava-se alguém que cantasse; o

velho *Ça ira* era um cântico de cólera e de guerra civil; era, pois, necessário um brado patriótico e fraternal, mas que fosse fero e ameaçador para os estrangeiros.

Quem seria o moderno Tirteu, que arremessasse ao inimigo o hino da França, no meio do fumo e entre o sibilar das balas?

A esta pergunta, Rouget de l'Isle, namorado e patriota entusiasta, respondeu:

– Sou eu!

E saiu da sala.

Dentro de meia hora, e quando se perguntava a razão por que se ausentara, estava tudo já concluído.

Palavras e música, tudo foi como que fundido de um jacto e vazado num molde.

Rouget de l'Isle entrou, com os cabelos deitados para trás, com a fronte coberta de suor, arquejando pelo combate que acabava de sustentar contra as duas irmãs sublimes, que se chamavam: a Música e a Poesia.

– Ouçam! – disse ele – ouçam todos!

O nobre e patriótico mancebo tinha a

maior confiança na sua musa.

A sua voz, todos se voltaram para ele,
uns com os copos na mão, e outros então
apertando a mão trémula.

Rouget de l'Isle começou:

Allons, enfants de la patrie,
Le jour de gloire est arrivé,
Contre nous, de la tyrannie
L'étendard sanglant est levé.
Entendez-vous dans nos

campagnes

Rugir les féroces soldats,
Qui viennent jusque dans vos bras
Égorger vos fils et vos

compagnes?

Aux armes, citoyens! Formez vos
bataillons!

Marchons, marchons,
Qu'un sang impur abreuve nos

sillons! ¹

Ao ouvir a primeira copla, um estremecimento eléctrico percorreu toda a Assembléia e romperam dois ou três gritos entusiásticos; porém alguns circunstantes, que esperavam o resto com avidez, bradaram:

– Silêncio! Silêncio! Ouçam!

Rouget, com profunda indignação, continuou:

Que veut cette horde d'esclaves.
De traîtres, de rois conjurés?
Pour qui ces ignobles entraves,
Ces fers dès longtemps
préparés?...
Français, pour nous, ah! quel
outrage!

¹ Avante, filhos da pátria, que o dia da glória chegou, o sangrento estandarte da tirania está desfraldado contra nós. Não ouvis nos nossos campos o rugido de soldados ferozes, que vêm trucidar-vos nos próprios braços os filhos e as mulheres? Às armas cidadãos! Formai batalhões. Marchar, marchar, ensope-se o nosso solo em sangue impuro!

Quel transport il doit exciter!
C'est nous qu'on ose méditer
De rendre à l'antique esclavage!
Aux armes, citoyens!...²

Desta vez, Rouget de l'Isle não precisou
de entoar o coro: todos soltaram um brado
uníssono e cantaram:

Formez vos bataillons!
Marchons, marchons,
Qu'un sang impur abreve nos
sillons!

Depois, com um crescente entusiasmo,
prosseguiu:

Quoi! Des cohortes étrangères
Feraient la loi dans nos foyers!

² Que pretende essa horda de escravos, de traidores, de reis conjurados? Para quem são essas ignóbeis cadeias, esses ferros de há muito forjados?... Franceses, ai, quanto ultraje para nós! Quanta indignação não deve ele provocar! É a nós que se atrevem a pensar em reduzir de novo à antiga escravidão! Às armas cidadãos!...

Quoi! Ces phalanges mercenaires
Egorgeraient nos fiers guerriers!
Grand Dieu! Par des mains
enchaînées

Nos fronts sous le joug se
ploieraient!

De vils despots deviendraient
Les maîtres de nos destinées! ³

Cem peitos arquejantes esperavam o
estribilho impacientemente, e antes de
concluído o último verso, todos bradavam:

– Não! Não! Não!

Depois, com ímpeto frenético, foi
cantado o coro sublime:

Aux armes, citoyens! Formez vos
bataillons!

Marchons, marchons,
Qu'un sang impur abreuve nos

³ Pois que! Haviam de coortes estrangeiras dar leis nos nossos lares! Pois que! Essas falanges mercenárias haviam de trucidar os nossos fiéis guerreiros! Santo Deus! Pois havíamos de, peadas as mãos, dobrar a cabeça ao jugo! Pois haviam de mil déspotas tornar-se senhores dos nossos destinos!

sillons!

Então foi tal o frémito que se apoderou dos ouvintes, que Rouget, teve de pedir silêncio, para poder cantar a quarta copla.

O poeta era escutado num estado febril; a sua voz de indignada tornou-se ameaçadora:

Tremblez, tyrans, et vous,
perfides,

Opprobre de tous les partis!

Tremblez, vos projets parricides

Vont enfin recevoir leur prix!

Tout est soldat pour vous
combattre.

S'ils tombent, nos jeunes heros,

La terre en produit de nouveaux.

Contre vous tout prêts à se battre.⁴

⁴ Tremei tiranos, e também vós, opróbro de todos os partidos! Tremei, que os vossos projectos parricidas vão receber o devido preço! Para combater-vos, todos são soldados. Se sucumbirem os nossos heróis, a terra produzirá outros prontos para combater contra vós.

– Sim! Sim! – gritaram em voz uníssona.

E os pais impeliam para a frente os filhos, que já podiam combater e as mães erguiam nos braços os filhinhos, que ainda traziam ao colo, lamentando serem de tenra idade.

Rouget de l'Isle conheceu então que ainda lhe faltava uma copla: a copla à mocidade, coro sublime da futura messe, do grão que ainda germinava, e enquanto os convivas repetiam freneticamente o terrível estribilho, deixou descair a cabeça nas mãos, e no meio da bulha, dos rumores e dos aplausos, improvisou o seguinte coro:

Nous entrerons dans la carrière
Quand nos aînés n'y seront plus;
Nous y trouverons leur poussière
Et la trace de leurs vertus.
Bien moins jaloux de leur survivre
Que de partager leur cercueil,
Nous aurons le sublime orgueil

De les venger ou de les suivre.⁵

E entre os soluços das mães e as vozes entusiásticas dos pais, ouviam-se as vozes puras da infância cantar em coro:

Aux armes, citoyens! Formez vos bataillons!

Marchons, marchons,
Qu'un sang impur abreuve nos sillons!

– Mas, disse alguém, não haverá perdão para os que andam desvairados?

– Esperem! Esperem! – exclamou Rouget de l'Isle, – e verão que o meu coração não é digno de semelhante censura.

E com voz muito comovida cantou essa estrofe sagrada, que encerra toda a alma da França magnânima, de uma grandeza juvenil,

⁵ Quando os mais velhos deixarem de existir, entraremos nós na carreira; nela acharemos as suas cinzas e os sinais das suas virtudes. Menos vaidosos por sobreviver-lhes do que por competir a sua sepultura, teremos o sublime orgulho de vingá-los ou de segui-los.

e, na força da sua cólera, adejando com as
asas da Misericórdia sobre a própria cólera:

Français, en guerriers
magnanimes,

Portez ou retenezs vos coups;

Épargnez ces tristes victimes.

A regret s'armant contre nous.⁶

Os aplausos interromperam o cantor.

- Ah! Sim! Sim! - bradaram todos -
unicamente misericórdia, perdão para os
nossos irmãos desvairados, para os nossos
irmãos escravos, para os nossos irmãos que
arrojam contra nós açoites e baionetadas.

- Sim - bradou Rouget - perdão e
misericórdia para esses.

Mais ces despotes sanguinaires,

Mais les complices de Bouillé,

Tous ces monstres qui sans pitié

⁶ Franceses, guerreiros magnânimos, descarregai ou suspendei os vossos golpes;
poupei as tristes vítimas, que obrigam a armar contra nós.

Déchirent le sein de leur mère.⁷

- Sim - exclamaram todos - contra eles, entoaram:

Aux armes, citoyens! Formez vos bataillons!

Marchons, marchons,
Qu'un sang impur abreuve nos sillons!

- Agora - disse Rouget - ajoelhem todos.

Todos obedeceram.

Rouget foi o único que se conservou de pé. Pôs um pé na cadeira de um dos convivas, como se fosse o primeiro degrau do templo da liberdade, e erguendo as mãos ao Céu cantou a última copla, a invocação ao génio da França:

⁷ Mas os déspotas sanguinários, mas os cúmplices de Bouillé, todos esses monstros que rasgaram sem dó as entranhas da mãe.

Amour sacré de la patrie,
Conduis, soutiens nos bras
vengeurs!

Liberté, liberté, chérie,
Combatz avec tes défenseurs!
Sous nos drapeaux, que la Victoire
Accoure à tes mâles accents!
Que tes ennemis expirants
Voient son triomphe et notre
gloire.⁸

– Vamos, meus irmãos! A França está
salva!

E todos, em voz unânime, entoaram o
De profundis do despotismo, a *Magnificat* da
liberdade, bradando com o maior
entusiasmo:

Aux armes, citoyens! Formez vos
bataillons!

⁸ Sagrado amor da pátria, conduz, dá força ao nosso braço vingador! Liberdade! Liberdade querida, combate com os teus defensores. Ao teu brado varonil, acuda a Vitória às nossas bandeiras! Vejam os teus inimigos ao expiar o teu triunfo e a nossa glória.

Marchons, marchons,
Qu'un sang impur abreuve nos
sillons!

A isto succedeu uma alegria louca, inebriante, insensata; cada um se lançou nos braços da pessoa que lhe ficava mais próxima; as meninas arrancaram às mãos cheias as suas flores, ramalhetes e coroas, e lançaram-nas, aos pés do poeta.

Trinta e oito anos depois, referindo-me os acontecimentos daquele grande dia, a mim, homem novo, que ouvia cantar pela primeira vez, em 1830, o hino sagrado pela voz poderosa do povo, a fronte do poeta ainda radiava com a esplêndida auréola de 1792.

E era justo.

De que provém que eu próprio me sinto comovido, ao escrever estas últimas estrofes?

Qual é a razão por que, enquanto com a mão trémula pretendo escrever a copla das crianças e a invocação ao génio da França;

com a mão esquerda enxugo uma lágrima, prestes a cair sobre o papel?

É porque a santa *Marselhesa* é não só um grito de guerra, mas um transporte de fraternidade; é porque significa a mão leal e poderosa da França estendida a todos os povos; é porque será sempre o derradeiro suspiro da liberdade moribunda e o primeiro brado da liberdade que renasce.

Mas, qual foi o motivo por que o hino que nasceu em Estrasburgo, sob o título de *Cântico do Reno*, ecoou repentinamente no coração da França, sob o nome de *Marselhesa*?

É o que vamos dizer aos nossos leitores.

XXXII

Os quinhentos homens de Barbaroux

O manifesto de Coblenz chegou a Paris a 28 de Julho, como que para dar uma causa à proclamação da pátria em perigo.

Já dissemos que o manifesto era uma proclamação inimiga, uma ameaça, e por conseqüência um insulto que se fazia à França.

O duque de Brunswick, homem sensato, entendia que o manifesto era absurdo; mas os reis da coalizão eram superiores ao duque; receberam o manifesto, escrito pelo rei de França, e impuseram-no ao seu general.

Segundo o manifesto, todos os franceses eram criminosos; todas as cidades ou aldeias deviam ser demolidas ou queimadas, e em Paris moderna Jerusalém, condenada aos espinhos e abrolhos, não ficaria pedra sobre

pedra.

Tal era o manifesto insensato que chegava de Coblentz no dia 28, com data de 26.

Alguma águia o transportara nas garras para que o fatal documento percorresse duzentas léguas em trinta e seis horas.

É fácil de compreender a explosão que produziu semelhante documento; foi igual à explosão que produz o fogo quando cai sobre a pólvora.

Todos estremeceram, todos se assustaram, todos se prepararam para o combate.

Escolhamos entre todos aqueles homens um homem, e entre todos aqueles tipos um tipo.

Já dissemos o nome desse homem: chamava-se Barbaroux.

Já tentamos descrever o tipo.

Barbaroux, como anteriormente dissemos, escrevera ao seu amigo Rabecqui, em Julho, dizendo-lhe:

“Manda-me quinhentos homens que saibam morrer.”

Quem era o homem que podia escrever semelhante frase, e que influência tinha ele nos seus compatriotas?

Tinha a influência da mocidade, e do patriotismo.

Chamava-se Carlos Barbaroux, meigo e encantador aspecto, que turvou a Sr^a. Roland até na própria câmara conjugal e que fez meditar Carlota Corday até no cadafalso.

A Sr^a. Roland começou por desconfiar dele. Mas por que desconfiou? Porque era muito belo de mais.

Foi essa a censura que se fez a dois homens da revolução, cujas cabeças, embora fossem um tipo de beleza, apareceram com o intervalo de catorze meses uma na mão do carrasco de Bordéus, e a outra na mão do algoz de Paris.

O primeiro desses homens era

Barbaroux, e o segundo Hérault de Séchelles.

Ouçamos o que a respeito dele diz a Sr^a. Roland:

“Barbaroux é leviano; as adorações que lhe prodigalizam as mulheres fáceis prejudicam a seriedade dos seus sentimentos. Quando vejo esses belos mancebos, tais como Barbaroux e Hérault de Séchelles, inebriados pela impressão que produzem, não posso deixar de pensar que se adoram de mais a si para poder adorar a pátria.”

A severa Palias enganava-se.

A pátria foi, não a única, mas a primeira amante de Barbaroux; pelo menos foi a que ele mais amou, porque morreu por ela.

Barbaroux tinha apenas vinte e cinco anos. Nascera em Marselha e era oriundo de uma família desses ousados navegadores, que fizeram do comércio uma poesia; pelas formas, pela graça, pela idealidade, sobretudo pelo perfil grego, parecia que descendia em linha recta de algum dos atrevidos navegadores que transportaram os

deuses do Parnaso para as margens do Ródano.

Moço ainda, excitava-se na grande arte da palavra, arte de que os homens do Meio-Dia sabem servir-se como arma e como adorno; exercitou-se depois na poesia, essa flor do Parnaso que os da Fócia transportaram consigo do golfo de Corinto para o de Lião.

Também se ocupara de física; e pusera-se em correspondência com Saussure e Marat.

Viram-no aparecer de repente entre as agitações de Marselha, por ocasião da eleição de Mirabeau, e foi nomeado secretário da municipalidade de Marselha.

Houve distúrbios em Arles, e no meio dessas desordens, apareceu a bela figura de Barbaroux semelhante ao Antinos armado.

Paris reclamava aquele homem. A grande fornalha carecia daquele sarmento perfumado, o imenso cadinho tinha necessidade daquele puro metal.

Foi enviado a Paris para dar conta das

desordens do Avinhão. Ouvindo-o, dir-se-ia que não pertencia a nenhum partido; que o seu coração não tinha amizade nem rancor, como o coração da justiça.

Disse a verdade simples e terrível qual era, e, dizendo-a, mostrou-se grandioso como ela.

Os Girondinos tinham chegado recentemente a Paris. O que distinguia os Girondinos dos outros partidos, e foi isso talvez que os perdeu, era serem verdadeiros artistas.

Amavam tudo quanto era belo. Estenderam francamente as mãos a Barbaroux, e muito ativos pela aquisição daquele belo recruta, apresentaram o marselhês em casa da Sr^a. Roland.

Já sabemos o que, à primeira vista, a Sr^a. Roland pensara de Barbaroux.

Mas do que especialmente se admirou aquela dama foi de que, estando seu marido em correspondência com Barbaroux havia tanto tempo, as cartas do mancebo chegassem

com tanta regularidade, tanta precisão, tão cheias de bom senso.

Não se informara nem da idade, nem do aspecto daquele grave correspondente; imaginava que fosse homem de quarenta anos, calvo à força de pensar, e com a fronte enrugada pelas vigílias, que fosse uma velhice precoce.

A Sr^a. Roland veio ao encontro do sonho que tivera, e achou diante de si um belo mancebo de vinte e cinco anos, alegre, risonho, leviano e adorador das mulheres: toda aquela rica e ardente geração, que florescia em 92 para ser segada em 93, amava o belo sexo.

Foi naquela cabeça, que se mostrava tão frívola, e que a Sr^a. Roland achava demasiado bela, onde se formou, talvez, o primeiro pensamento do 10 de Agosto.

A tempestade pairava no ar, as nuvens insensatas corriam do norte ao sul, do poente ao oriente.

Barbaroux deu-lhe a direcção e

amontoou-as sobre o telhado do palácio das Tulherias.

Quando ainda ninguém tinha um plano determinado já ele escrevia a Rebecqui para que lhe enviasse quinhentos homens que soubessem morrer.

Ah! O verdadeiro rei da França era este rei da revolução, que escrevia para lhe mandarem quinhentos homens que soubessem morrer, e que apenas os pedia lhos mandavam.

Rebecqui escolheu-os pessoalmente, e recrutou-os entre o partido francês do Avinhão.

Havia dois anos que se batiam e odiavam-se desde dez gerações.

Tinham-se batido em Tolosa, em Nimes, em Arles, estavam afeitos ao sangue e ao cansaço e quase que não soltavam palavra.

No dia determinado, empreenderam a jornada de duzentas léguas, como se fora uma simples marcha.

Porque não havia de ser assim?

Aqueles homens eram marítimos rudes, camponeses grosseiros, com os rostos queimados pelo siroco de África ou pelo mistral do monte Nantoux e tinham as mãos enegrecidas pelo alcatrão e endurecidas pelo trabalho.

Por toda a parte por onde passavam chamavam-lhe malfeitores.

Numa ocasião, em que fizeram alto em Orgon, receberam a música e as coplas do hino de Rouget de l'Isle, que se chamava o *Cântico de Reno*.

Foi Barbaroux que lhes enviou aquele viático; depois, num brado imenso, todos eles repetiam o canto terrível.

Canto muito mais terrível do que o próprio Rouget imaginara. Traduzido pela boca dos marseheses, o seu canto mudou de carácter, do mesmo modo que as palavras tinham mudado de acentuação.

Já não era um canto de fraternidade, era um canto de extermínio e de morte.

Era a *Marselhesa*, isto é, o hino terrível,

que nos fez estremecer de terror no seio das nossas mães.

Aquele pequeno bando de marselheses atravessou as cidades e aldeias, espantando a França pelo ardor com que entoavam o novo canto.

Quando chegou a notícia de que estavam em Montereau, Barbaroux foi procurar Santerre.

Este prometeu-lhe que iria receber os marselheses a Charenton com quarenta mil homens.

Com os quarenta mil homens de Santerre e os seus quinhentos marselheses, Barbaroux tencionava fazer o seguinte:

Colocar os marselheses na frente, ganhar de um jacto a casa da câmara e a Assembléia, passar sobre as Tulherias, do mesmo modo que em 14 de Julho de 1789 se passara sobre a Bastilha, e, sobre as ruínas do palácio florentino, proclamar a república.

Barbaroux e Rebecqui foram a Charenton esperar Santerre e os seus

quarenta mil homens.

Santerre chegou com duzentos homens!

Talvez que não quisesse dar aos marseheses, isto é, a estrangeiros, a glória de semelhante movimento.

Aquele pequeno bando de homens de olhos ardentes, rostos crestados e palavras estridentes, atravessaram toda a cidade de Paris desde o jardim do rei até aos Campos Elísios cantando a *Marselhesa*.

Para que havemos de dar a este hino um nome diverso do que geralmente se lhe dá?

Os marseheses deviam acampar nos Campos Elísios, onde os esperava um banquete no dia imediato.

O banquete foi-lhes dado; mas entre os Campos Elísios e a ponte Girante, a dois passos do festim, estavam aquartelados os batalhões de granadeiros no convento das Filhas de S. Tomás.

Era uma guarda realista, que o paço ali colocara como uma muralha entre ele e os recém-chegados.

Os marseheses e os granadeiros perceberam que eram inimigos mútuos. Começaram por trocar injúrias, e das injúrias passaram a vias de facto.

Ao primeiro sangue que se derramou, os marseheses gritaram às armas sobre as espingardas, que estavam ensarilhadas e carregaram à baioneta.

Os granadeiros parisienses foram derrotados no primeiro recontro: felizmente tinham na retaguarda as Tulherias e as portas de grades.

A ponte Girante protegeu-lhes a retirada e abriu-se ante os inimigos.

Os fugitivos encontraram asilo nos aposentos do rei.

Diz a tradição que um dos feridos foi tratado pela própria rainha.

Os confederados de Marselha, da Bretanha e do Delfinado eram cinco mil. Estes cinco mil homens eram uma potência, não pelo número, mas pela fé.

O espírito da revolução estava

encarnado neles.

No dia 17 de Julho enviaram uma mensagem à Assembléia, do teor seguinte:

“Declarastes a pátria em perigo, mas não a deixeis estar em perigo, prolongando a impunidade dos traidores. Persegui Lafayette, suspendei o poder executivo, demiti os directórios dos departamentos e renovai o poder judicial”.

A 3 de Agosto, Pétion apresentou a mesma petição. Pétion, com a sua voz gelada, reclamava, em nome da comuna, o chamamento às armas.

É verdade que atrás dele estavam dois cães, que lhe mordiam nas pernas; Danton e Santerre.

A Comuna – diz Pétion – *denuncia-vos o poder executivo*. Para curar as enfermidades da França, cumpre atacá-las pela raiz e não perder um momento. Desejaríamos poder pedir unicamente a suspensão momentânea

de Luís XVI, mas a Constituição opõe-se a este desejo. Ele invoca constantemente a Constituição, e nós também a invocamos, *pedindo que seja deposto*.

É o rei de Paris quem denuncia o rei da França; é o rei da casa da câmara que declara guerra ao rei das Tulherias.

A Assembléia recuou diante da terrível medida que lhe propunham. A questão da deposição foi adiada para 9 de Agosto.

No dia 8 a Assembléia declarou que a acusação contra Lafayette não procedia.

A Assembléia recuava.

Qual seria a sua resolução no dia seguinte a respeito da deposição?

Colocar-se-ia em oposição com o povo?

Devia tomar sentido! A imprudente não sabia o que se passava?

A 3 de Agosto, no mesmo dia em que Pétion pediu que o rei fosse destronado, a população do bairro de Saint Marceau, cansada de morrer de fome numa luta, que nem era a paz nem a guerra, enviou

comissionados à secção dos trezentos, os quais eram encarregados de dirigir aos seus irmãos do bairro de Santo António a seguinte pergunta:

“Se marcharmos sobre as Tulherias, marchareis connosco?”

“Marcharemos” – responderam os do bairro de Santo António.

A 4 de Agosto a Assembléia condenou a proclamação insurreccional da secção de Mauconseil.

No dia 5 a comuna recusou-se a publicar o decreto.

Como se não fosse bastante que o rei de Paris declarasse guerra ao rei da França, apresenta-se a comuna em opposição com a Assembléia.

Todos aqueles boatos de opposição contra os movimentos eram atribuídos aos marseheses.

Estes pediam em altas vozes que lhes distribuíssem cartuchos mas não lhos davam.

Na noite de 4, uma hora depois de se

espalhar o boato de que a Assembléia condenara o acto insurreccional da secção de Mauconseil, apresentaram-se na *mairie* dois rapazes marselheses.

Estavam ali dois empregados municipais. Sergent, que era o confidente de Danton e Panis que era criatura de Robespierre.

- Que pretendem? - perguntaram os dois magistrados.

- Queremos que nos dêem cartuchos - responderam os dois moços.

- Há proibição expressa de lhos dar - respondeu Panis.

- Proibição expressa de nos darem cartuchos! - redargüiu um deles; - mas está chegada a hora do combate, e nós não o podemos sustentar.

- Mandaram-nos vir a Paris para nos matarem! - bradou o outro.

Um deles tirou uma pistola da algibeira. Sergent sorriu.

- Temos ameaças, mancebo? - lhe disse

ele. – Não é por meio das ameaças que haveis de intimidar dois membros da comuna.

– Quem é que fala de ameaças? – disse o mancebo. – Não aponto contra o senhor, mas sim contra mim.

E apoiando a boca da pistola na testa, bradou:

– Dêem-nos pólvora e cartuchos, aliás, dou a minha palavra de marselhês, que disparo contra mim.

Sergent tinha uma imaginação de artista, um coração francês e conheceu que o brado daquele mancebo era o grito de toda a França.

– Panis – disse ele – cumpre-nos ter cautela. Se este rapaz se suicidasse, o sangue dele cairia sobre nós.

– Mas se lhe distribuirmos pólvora, contra a ordem que temos, jogamos a nossa cabeça.

– Pois seja assim; creio que chegou a hora de jogarmos as nossas cabeças – disse Sergent; – em todo o caso, trabalhe cada qual

por sua conta. Eu jogo a minha cabeça e tu podes deixar de imitar o meu exemplo.

E pegando num papel, passou a ordem para que se dessem cartuchos aos marseheses e assinou-a.

- Dá cá - disse Panis quando Sargent acabou.

E assinou-a também.

Podiam, pois, estar tranquilos. Logo que os marseheses tivessem cartuchos, não se deixariam matar sem se defenderem.

Por isso, apenas os marseheses tiveram pólvora, a Assembléia não só recebeu de bom grado a mensagem, mas até admitiu os peticionários à sessão.

A Assembléia tinha medo, e por esse motivo, discutia entre si se devia retirar da capital.

Só Vergniaud a susteve. Porquê?

Oh! Quem não dirá que era para ficar ao pé da formosa Candeille que Vergniaud queria ficar em Paris?

O mais, pouco lhe importava.

- É em Paris - disse Vergniaud - que cumpre assegurar o triunfo da liberdade ou morrer com ela. Se deixarmos Paris, só o devemos fazer como Temístocles, como todos os cidadãos, deixando cinzas unicamente e fugindo momentaneamente diante do inimigo para lhe abrirmos a sepultura!

Por isso, todos duvidavam, todos hesitavam, todos sentiam que a terra lhes tremia debaixo dos pés, receando que o abismo se abrisse de um momento para o outro.

A 4 de Agosto, dia em que a Assembléia condenou a proclamação insurreccional da secção de Mauconseil, dia em que os dois marselhenses fizeram com que Panis e Sergent distribuíssem cartuchos pelos seus quinhentos compatriotas, nesse mesmo dia havia reunião no Cadran-Bleu, no boulevard da Bastilha.

Naquela reunião achava-se Camilo Desmoulins por sua conta e por conta de Danton.

Carré tinha a pena na mão e traçava o plano da insurreição.

Traçado o plano, dirigiram-se a casa do ex-constituente António que morava na rua de Saint-Honoré, defronte da Assunção, em casa do marceneiro Duplay, onde também vivia Robespierre.

Robespierre não tinha parte alguma naquela conspiração, por isso, quando a Sr^a. Duplay viu que se instalava na casa de António todo aquele bando de perturbadores, subiu muito depressa ao quarto onde estavam reunidos e bradou muito aterrada por António:

- Então o senhor quer que venham assassinar o Sr. de Robespierre?!

- Não se trata agora de Robespierre - respondeu o ex-constituente - louvado seja Deus, ninguém se lembra dele. Se tem medo, que se esconda.

À meia-noite, estando feito o plano por Carré, enviaram-no a Santerre e a Alexandre, que eram os comandantes dos bairros.

Alexandre não punha dúvida em marchar; Santerre, porém, respondeu que o bairro não estava apercebido.

Santerre cumpria a palavra que dera à rainha no dia 20 de Junho.

No dia 10 de Agosto, não marchou senão quando não pôde deixar de marchar.

A insurreição tornou a ser adiada.

António dissera que ninguém se lembrava de Robespierre.

Enganava-se.

Os espíritos estavam tão perturbados, que alguém se lembrou de o tornar o motor de um movimento, a ele, que era o centro da imobilidade.

Quem foi que teve semelhante lembrança?

Barbaroux.

O ousado marselhês quase perdera todas as esperanças; estava disposto a sair de Paris e a regressar a Marselha.

Ouçamos a Sr^a. Roland:

“Pouco contávamos com a defesa do Norte, examinávamos com Servant e Barbaroux quais eram as probabilidades de salvar a liberdade no Meio-dia e de ali fundar uma república.”

“Tomávamos cartas geográficas e traçávamos linhas de demarcação.”

“Se os nossos marseheses não colherem êxito – dizia Barbaroux – será esse o nosso recurso.”

Mas Barbaroux julgou ter descoberto outro recurso; era o génio de Robespierre.

Ou talvez que fosse Robespierre que quisesse saber onde estava Barbaroux.

Os marseheses tinham abandonado o seu quartel, demasiado afastado, e tinham vindo estabelecer-se nos Franciscanos, isto é, ao alcance do Pont-Neuf.

Neste caso, os marseheses estavam em casa de Danton.

No caso de um movimento de insurreição, os terríveis marseheses sairiam de casa de Danton.

E se o movimento tivesse bom êxito, seria Danton quem teria todas as honras dele.

Barbaroux pediu para ter uma entrevista com Robespierre.

Este mostrou condescender com os seus desejos e mandou dizer a Barbaroux e a Rebecqui que os esperava em casa.

Robespierre, como já dissemos, vivia em casa do marceneiro Duplay.

O acaso, como nos devemos lembrar, levava-o àquela habitação na noite da desordem no Campo de Marte.

Robespierre considerou aquele caso como uma bênção do Céu, não porque aquela hospitalidade o salvasse em semelhante ocasião de um perigo iminente, mas porque, com a maior naturalidade, começava a pôr em cena o seu futuro.

Para um homem que pretendia merecer o título de incorruptível, aquele domicílio era decerto o que melhor lhe convinha.

Mas não entrou logo. Tinha feito uma jornada a Arras, donde trouxera sua irmã, a

Sr^a. Carlota de Robespierre, e residia na rua de Saint Florentin com aquela magra e seca senhora, a quem, trinta e oito anos depois, tivemos a honra de ser apresentado.

Robespierre caiu doente. A Sr^a. Duplay, que era fanática por ele, sabendo da sua enfermidade, foi tomar uma satisfação à Sr^a. Carlota Robespierre, por não a ter prevenido da doença do seu irmão, e exigiu que o enfermo fosse transportado para casa dela.

Robespierre não se opôs; o seu desejo, ao sair da casa dos Duplay, era entrar de novo lá como hóspede permanente.

A Sr^a. Duplay estava portanto em perfeito acordo com as suas combinações.

Ela, igualmente, sonhara com a honra de ter em sua casa o incorruptível, e preparou uma água-furtada acanhada, mas asseadíssima, para onde mandou transportar os melhores móveis da casa, e um leito muito taful, guarnecido de cortinados azuis e brancos, tal como convinha a um homem que, aos dezessete anos, se fizera retratar com

uma rosa na mão.

A Sr^a. Duplay mandou fazer na água-furtada pelos oficiais de seu marido, umas estantes de pinho novas para ele pôr os seus livros e papéis.

Os livros eram poucos.

As obras de Racine e de João Jacques Rousseau formavam a biblioteca do austero jacobino: além daqueles dois autores, Robespierre não lia senão os seus escritos.

Por isso as estantes que sobravam estavam cheias com os seus escritos de advogado e com os seus discursos de tribuno.

As paredes estavam ornadas com todos os retratos que a fanática Sr^a. Duplay pudera obter do grande homem; e assim como a Robespierre só bastava estender o braço para ler os seus escritos, do mesmo modo, bastava-lhe voltar-se para aquele lado para ver reproduzidas as suas feições.

Barbaroux e Rebecqui foram introduzidos naquele santuário, naquele tabernáculo, naquele *sancta sanctorum*.

À excepção dos autores da cena, ninguém mais poderia dizer qual foi a alambicada astúcia com que ele entabulou a conversação.

Primeiramente falou dos marselheses, do seu pátriotismo e do receio que tinha de ver exagerar os melhores sentimentos.

Falou depois de si, dos serviços que prestara à revolução e da sábia fleuma com que a dirigira.

Mas não era tempo finalmente que aquela revolução parasse? Não chegava a hora em que todos os partidos se deviam reunir, escolher o homem popular entre todos, entregar-lhe a revolução nas mãos e encarregá-lo de lhe dirigir o movimento?

Rebecqui, porém, não o deixou continuar.

- Ah! Robespierre - lhe disse ele - bem sei onde pretendes chegar!

Robespierre recuou na cadeira, como se visse erguido diante de si uma serpente.

Rebecqui levantou-se e disse para

Barbaroux:

- Não queremos rei, nem ditador; retiremo-nos.

E ambos saíram logo da trapeira do incorruptível.

Panis, que os trouxera, acompanhou-os até à rua, e disse-lhes:

- Ambos compreenderam muito mal o pensamento de Robespierre. Tratava-se simplesmente de uma autoridade momentânea, e se esta idéia fosse adoptada, ninguém, por certo, mais do que Robespierre...

Mas Barbaroux não o deixou concluir, e repetindo as palavras do companheiro, redarguiu-lhe:

- Nem rei, nem ditador.

E afastou-se dele.

XXXIII

Porque não quisera fugir a rainha

Aquilo em que se firmava a confiança das Tulherias, era o que causava o terror dos revolucionários.

As Tulherias, postas em estado de defesa, tinham-se convertido numa fortaleza com uma guarnição terrível.

No célebre dia 4 de Agosto, em que tanta coisa se fizera, a realeza, pela sua parte, não ficara inactiva.

Durante a noite de 4 para 5, mandaram chegar silenciosamente os batalhões suíços de Courbevoie para o palácio das Tulherias.

Apenas algumas companhias daqueles batalhões foram mandadas para Gaillon, onde era provável que o rei se refugiasse.

Três homens seguros, três chefes experimentados estavam próximos da rainha.

Eram Maillardos com os seus suíços;

d'Hervilly com os cavaleiros de S. Luís e a guarda constitucional, e Mandat, comandante geral da guarda nacional, que se responsabilizava por vinte mil homens resolutos e dedicados.

Na tarde do dia 8, penetrou um homem no palácio das Tulherias.

- Todos conheciam aquele homem, o qual, sem dificuldade, chegou aos aposentos da rainha.

O Dr. Gilberto foi anunciado.

- Mandem entrar - disse a rainha em voz febril.

Gilberto entrou.

- Ora venha, doutor - disse a rainha - dou-me por muito feliz em o ver.

Gilberto levantou os olhos para ela; em toda a pessoa de Maria Antonieta havia um não sei quê de alegria e satisfação, que o fez estremecer.

Teria preferido encontrar a rainha pálida e abatida, em vez de a ver tão febril e animada como estava.

- Minha senhora - disse Gilberto - vejo que chego muito tarde e em má ocasião.

- Pelo contrário, doutor - respondeu a rainha com um sorriso, expressão que quase lhe havia desaparecido da boca - vem muito a tempo, e bem-vindo seja: vai ver o que há muito tempo desejava mostrar-lhe: vai ver um rei verdadeiramente rei.

- Receio, senhora - respondeu Gilberto - que vossa majestade se engane, e que em lugar de um rei me mostre o comandante de uma praça.

- Sr. Gilberto, é possível que não tenhamos a mesma opinião acerca do carácter simbólico da realeza, do mesmo modo que divergimos em outras muitas coisas... Quanto a mim, um rei, não é um homem que diz: *Não quero!* É especialmente um homem que diz: *Quero!*

A rainha fazia alusão ao célebre veto, que produzira a situação extrema em que se encontravam.

- Sim, senhora - respondeu Gilberto - e

para vossa majestade um rei é principalmente um homem que se vinga.

- Que se defende, Sr. Gilberto, porque bem sabe que nos ameaçam publicamente e que tencionam agredir-nos com mão armada. Segundo nos afirmam, há quinhentos marselheses, capitaneados por um certo Barbaroux, que juraram sobre as ruínas da Bastilha não voltar a Marselha senão depois de haverem acampado sobre as ruínas das Tulherias.

- Efectivamente é certo que ouvi dizer isso - respondeu Gilberto.

- E não lhe deu vontade de rir?

- Não, senhora; pelo contrário, aterrou-me, tanto por el-rei, como por vossa majestade.

- De sorte que nos vem propor que abduquemos e que nos entreguemos à discreção nas mãos de Barbaroux e dos seus marselheses.

- Ai, senhora, se o rei pudesse abdicar, e com o sacrifício da sua coroa garantir a sua

vida, a de vossa majestade e a de seus reais filhos...

- Aconselhava-lhe que abdicasse, não é verdade, Sr. Gilberto?

- Sim, senhora, e lançava-me aos pés de vossa majestade, suplicando-lhe que seguisse o meu conselho.

- Sr. Gilberto, permita-me que lhe diga que não é firme nas suas opiniões.

- Senhora - disse Gilberto - a minha opinião é sempre a mesma: sou dedicado ao meu rei e à minha pátria. Desejava ver o rei de acordo com a Constituição. Deste desejo e das minhas decepções sucessivas nascem os diferentes conselhos, que tenho a honra de dar a vossa majestade.

- E qual é o conselho que nos dá, Sr. Gilberto?

- Nunca vossa majestade esteve mais no caso de o seguir do que nesta ocasião.

- Ora, vejamos.

- Aconselho que fuja.

- Que fuja?

- Vossa majestade bem sabe que é possível, e que nunca se lhe ofereceu tanta facilidade de fugir.

- Vejamos como isso é.

- Vossa majestade tem perto de três mil homens no palácio.

- Quase cinco mil, Sr. Gilberto - disse a rainha com um sorriso de satisfação - e teremos o dobro ao primeiro sinal que dermos.

- Vossa majestade não carece de fazer um sinal, que talvez lhe fosse interceptado; basta-lhe os seus cinco mil homens.

- Então, na sua opinião, Sr. Gilberto, o que devemos fazer com os nossos homens?

- Deve, pessoalmente, com el-rei e seus augustos filhos, colocar-se no meio deles, sair das Tulherias quando menos se espere, montar a cavalo a duas léguas distante daqui, e entrar em Gaillon e na Normandia, onde vossas majestades são esperadas.

- Isto é, entregar-me voluntariamente nas mãos do Sr. de Lafayette.

- Esse, ao menos, senhora, tem provado a vossa majestade a sua dedicação.

- Não, senhor, não. Com os meus cinco mil homens, e mais outros cinco mil que podem chegar ao primeiro sinal, prefiro tentar outra coisa.

- Qual é?

- Esmagar a revolta de uma vez para sempre.

- Ai, senhora! Tinham muita razão em dizer-me que vossa majestade estava condenada.

- E quem lho disse?

- Um homem que já falou três vezes a vossa majestade.

- Silêncio - disse a rainha empalidecendo - havemos de fazer a diligência para que o meu profeta fique mentiroso.

- Senhora, receio muito que vossa majestade se iluda.

- Pelo que vejo, o Sr. Gilberto é de opinião que eles nos hão-de atacar?

- São essas as tendências do espírito público.

- E julga que entrarão aqui, como entraram em 20 de Junho?

- O palácio das Tulherias não é uma praça de guerra.

- Não é; entretanto, se o Sr. Gilberto quiser vir comigo, mostrar-lhe-ei que este palácio pode resistir por algum tempo.

- O meu dever é acompanhar vossa majestade - disse Gilberto inclinando-se.

- Então, venha.

E conduzindo Gilberto à janela do centro, aquela que dá sobre a praça do Carrousel e donde se domina, não o pátio imenso que hoje se estende sobre a fachada do palácio, mas os três pequenos átrios cercados de muros, que não existiam, e que se chamavam os pavilhões de Flora, o átrio dos príncipes, o átrio do meio das Tulherias e outro, que se chamava pátio dos Suíços, e que hoje confina com a rua de Rivoli.

- Veja - disse a rainha.

Gilberto, notou, efectivamente, que se haviam feito aberturas nos muros, os quais podiam oferecer à guarnição um primeiro baluarte através das seteiras donde podiam fuzilar o povo.

Forçada aquela primeira defesa, a guarnição não só podia retirar para dentro das Tulherias, cujas portas faziam face para um átrio, mas ainda para os edifícios laterais; de sorte que os patriotas, que se atrevessem a empenhar-se na luta dentro dos átrios, ficariam entre três fogos.

- Que diz a isto, Sr. Gilberto? - perguntou a rainha; - continuará ainda a aconselhar Barbaroux e os quinhentos marseheses a que tentem a empresa?

- Se aqueles homens, tão fanáticos como estão, pudessem ouvir os meus conselhos, faria para com eles quase a mesma coisa que aqui vim fazer. Disse a vossa majestade que não esperasse o ataque, e a eles pedir-lhes-ia que não atacassem.

- Mas é provável que prosseguissem no

seu intento.

- Como vossa majestade prossegue no seu, senhora. A desgraça da humanidade está em pedir sempre conselhos para os não seguir!

- O Sr. Gilberto - disse a rainha sorrindo - esquece-se de que o seu conselho não foi pedido.

- É verdade senhora, tem vossa majestade razão - disse Gilberto dando um passo para trás.

- E por isso muito maior é a nossa gratidão - redargüiu a rainha estendendo a mão para o Dr. Gilberto.

Um pálido sorriso de dúvida deslizou nos lábios de Gilberto.

Naquele momento entravam publicamente alguns carros carregados de pranchas de carvalho nos pátios das Tulherias, onde eram esperados por alguns homens à paisana, que facilmente se conhecia serem militares.

Aqueles homens mandavam serrar às

pranchas no comprimento de seis pés e com a grossura de três polegadas.

- Sabe quem são aqueles homens? - perguntou a rainha.

- Segundo me parece, são engenheiros - respondeu Gilberto.

- É verdade; e preparam-se, como vê, para *blindar* as janelas, reservando as seteiras unicamente para fazer fogo.

Gilberto olhou melancolicamente para a rainha.

- Que tem, Sr. Gilberto? - lhe perguntou Maria Antonieta.

- Lamento sinceramente a vossa majestade por ter obrigado a sua memória a decorar esses nomes e sua real boca a proferi-los.

- Então que quer? Há circunstâncias em que é necessário que as mulheres façam as vezes de homens; é quando os homens...

A rainha deteve-se.

Depois, como que acabando, não a frase, mas o seu pensamento, continuou:

- Mas, enfim, el-rei está agora finalmente decidido.

- Senhora - disse Gilberto - uma vez que vossa majestade está resolvida a tentar um terrível extremo, de que pretende fazer a sua tábua de salvação, espero que estejam em bom estado de defesa todos os aproxes do palácio; assim, por exemplo, as galerias do Louvre...

- Deveras que me faz pensar nisso. Venha comigo, Sr. Gilberto, desejo ter a certeza de que se executaram as ordens que dei.

E a rainha conduziu Gilberto através dos aposentos até à porta do pavilhão de Flora, que dá sobre a galeria dos quadros.

Logo que se abriu a porta, Gilberto viu alguns operários ocupando-se em cortar a galeria, num espaço da largura de vinte pés.

- Vê? - disse a rainha.

Depois falando ao oficial que dirigia os trabalhos:

- Então, o Sr. d'Hervilly?

- Ai, senhora, se os rebeldes nos derem vinte e quatro horas para trabalhar, conto que hão-de ser muito bem recebidos.

- Julga que nos dêem vinte e quatro horas, Sr. Gilberto? - perguntou a rainha ao doutor.

- Se houver alguma coisa, senhora, será no dia 10 de Agosto.

- O dia 10 é uma sexta-feira; mau dia para uma revolta, Sr. Gilberto; julgava que os rebeldes teriam o bom senso de escolher um domingo.

E dizendo isto, a rainha caminhou adiante do Dr. Gilberto.

Ao sair da galeria encontraram um homem uniformizado de oficial-general.

- Já tomou as suas disposições, Sr. Mandat? - lhe perguntou a rainha.

- Sim, senhora - respondeu o comandante geral olhando inquieto para Gilberto.

- Pode falar diante deste senhor. É um amigo nosso - disse a rainha. - Não é

verdade, doutor?

– Sim, senhora – respondeu Gilberto. – E sou um amigo dos mais dedicados.

– Nesse caso – disse Mandat, – o negócio muda de figura. Está um corpo da guarda nacional estacionado na casa da câmara, e há outro no Pont-Neuf; ambos deixarão passar os rebeldes, e enquanto o Sr. d'Hervilly com a sua força, e o Sr. Maillardos com os seus suíços receberem de frente os facciosos, aqueles dois corpos lhes cortarão a retirada e os esmagarão pela retaguarda.

– Bem vê, o Sr. Gilberto – disse a rainha – que o seu 10 de Agosto não há-de ser um 20 de Junho.

– Ai, senhora – disse Gilberto – confesso que tenho medo.

– Por nosso respeito... Por nosso respeito? – insistiu a rainha.

– Senhora, vossa majestade já sabe o que tive a honra de lhe dizer. Tanto a dissuadi da viagem de Varennes...

– Sim, quanto hoje nos aconselha que

vamos para Gaillon. Terá tempo de nos acompanhar até às salas do pavimento inferior Sr. Gilberto?

– Por certo, real senhora.

– Então, venha.

A rainha encaminhou-se por uma escada de caracol, que conduzia às casas do rés-do-chão.

Este pavimento do palácio era um verdadeiro acampamento, era como que um campo, fortificado pelos suíços.

Já todas as janelas estavam blindadas, como dissera a rainha.

Maria Antonieta dirigiu-se ao coronel e disse-lhe:

– Sr. Maillardos, que notícias me dá dos seus soldados?

– Que estão prontos, assim como eu, para morrer em defesa de vossa majestade.

– Hão-de defender-nos até à última extremidade.

– Senhora, se o combate se empenhar, o fogo não há-de cessar sem uma ordem escrita

de el-rei.

- Vê, Sr. Gilberto - disse a rainha - fora do recinto deste palácio é possível que tudo nos seja hostil; mas no interior dele, tudo se nos conserva fiel.

- Isso é uma consolação, senhora, mas não é uma segurança.

- Sabe que mais, doutor, acho-o hoje fúnebre.

- Vossa majestade conduziu-me até onde foi da sua vontade; dignar-se-á agora que eu a acompanhe aos seus aposentos?

- Da melhor vontade, doutor; mas estou cansada, dê-me o braço.

Gilberto inclinou-se diante daquele favor, raras vezes concedido pela rainha, mesmo às pessoas da sua maior intimidade, mormente depois dos acontecimentos da revolução.

Gilberto conduziu a rainha ao quarto de cama.

Chegando àquela câmara, Maria Antonieta deixou-se cair numa cadeira de

braços.

Gilberto pôs um joelho em terra diante dela e disse-lhe:

- Senhora, em nome do seu augusto esposo, em nome dos seus queridos filhos, em nome da sua própria segurança, suplico a vossa majestade que se sirva das forças de que dispõe, não para combater, mas para fugir.

- Sr. Dr. Gilberto - respondeu a rainha - desde o dia 14 de Julho que aspiro a ver el-rei tirar a sua desforra. Está chegado o momento, ao menos assim o acreditamos, de salvar a realeza, ou de a sepultarmos debaixo das ruínas das Tulherias.

- Senhora, não haverá nada que faça vossa majestade mudar de resolução?

- Nada.

E ao mesmo tempo a rainha estendeu a mão a Gilberto, tanto para lhe dar sinal de que se levantasse, como para lhe dar a beijar.

Gilberto beijou-lhe a mão respeitosamente, e erguendo-se, disse-lhe:

- Senhora, permitir-me-á vossa majestade que eu escreva algumas linhas, as quais considero tão urgentes, que não quero demorá-las um minuto?

- Pois não, Sr. Gilberto - respondeu a rainha apontando-lhe para uma mesa.

Gilberto assentou-se e escreveu as seguintes linhas:

“Venha, senhor, a rainha está em perigo de morte, se alguém da sua íntima amizade não a resolver a fugir, e creio que V. Ex.^a é a única pessoa que pode ter esta influência em sua majestade”.

Gilberto assinou e sobrescreitou.

- Sem que seja muito curiosa - disse a rainha - posso saber a quem escreveu?

- Ao Sr. de Charny.

- Ao Sr. de Charny! - bradou a rainha pálida e trémula; - para quê?

- Para que obtenha de vossa majestade o que me não foi possível alcançar.

- O Sr. de Charny - disse a rainha - é muito feliz para que pense agora nos

infelizes, e não há-de vir.

Neste momento abriu-se a porta, e entrando um criado, disse:

- O Sr. de Charny, que chega neste instante, pergunta se pode apresentar os seus respeitos a vossa majestade.

A rainha de pálida que estava, tornou-se lívida, e balbuciou algumas palavras ininteligíveis.

- Que entre! Que entre! É o Céu que o envia! - disse Gilberto.

- Charny apareceu no limiar da porta, fardado de oficial de marinha.

- Venha, venha, Sr. conde - lhe disse Gilberto - Neste mesmo instante acabei de lhe escrever.

- Fui informado do perigo que ameaçava sua majestade e vim imediatamente - disse Charny inclinando-se.

- Senhora - disse Gilberto - em nome do Céu, ouça vossa majestade o que lhe disser o Sr. de Charny, porque a sua voz será a voz da França.

E cumprimentando respeitosamente a rainha e o Conde, Gilberto, saiu, nutrindo uma derradeira esperança.

XXXIV

A noite de 9 para 10 de Agosto

Permitam agora os nossos leitores que os transportemos a uma casa da rua de l'Ancienne-Comédie, próximo da rua Daufine.

No primeiro andar morava Fréron.

Passemos-lhe pela porta a que bateríamos inutilmente, porque ele está no segundo andar, em casa do seu amigo Camilo Desmoulins.

Enquanto subimos os dezessete degraus que separam um andar do outro, digamos rapidamente quem era Fréron.

Dinis Estanislau Fréron era filho do célebre Eliséo Catharine Fréron, atacado por Voltaire com tanta injustiça e crueldade. Quando hoje se lêem os artigos de crítica dirigidos pelo jornalista contra o autor da *Donzela*, do *Dicionário Filosófico* e de *Mafoma*,

admiramo-nos de ver que o jornalista dizia exactamente em 1754 o mesmo que nós pensamos em 1854, isto é, cem anos depois.

Fréron, que tinha então trinta e cinco anos, irritado pelas injustiças de que seu pai fora vítima, a ponto de morrer de desgosto em 1776, em consequência de ter o guarda-selos Mirasménil suprimido o seu jornal o *Ano literário*; Fréron abraçara com entusiasmo os princípios revolucionários e publicava, ou digamos, preparava-se para publicar naquela época o *Orador do Povo*.

Na noite de 9 de Agosto, estava ele, como já dissemos, em casa de Camilo Desmoulins, com quem ceava Brune, o futuro marechal de França, naquele tempo revisor de provas numa tipografia.

Barbaroux e Rebecqui eram os outros dois convivas.

Àquela refeição assistia uma única mulher.

Uma tal ceia tinha uma semelhança com a refeição que tomavam os mártires antes de

caminharem para o circo, e que se chamava o jantar livre.

Aquela mulher era Lucília.

Nome meigo, mulher encantadora, que deixou uma dolorosa recordação nos anais da revolução.

Não te poderemos acompanhar nesta obra, pelo menos até ao cadafalso, onde quiseste subir, criatura amante e poética, porque era esse o caminho mais curto para te reunires a teu marido; mas de passagem vamos esboçar as tuas feições em dois traços, pois bem o mereces.

Pobre criatura! De ti apenas resta um retrato. Morreste tão moça, que o pintor foi, por assim dizer obrigado a retratar-te de passagem.

O retrato a que nos referimos é uma miniatura, que vimos na admirável colecção do coronel Morin, colecção que não obstante ser muito preciosa, deixaram dispersar por falecimento daquele homem que com tanta complacência punha à nossa disposição os

seus tesouros.

Naquele retrato de Lucília parece que ela era baixinha, bonita e traquinas. Nas feições do rosto nota-se-lhe alguma coisa de essencialmente plebeu.

Lucília, assim como a Sr^a. Roland, era oriunda de uma família plebeia.

O pai era caixeiro de comércio e a mãe uma linda mulher, que alguém pretendia que fora amante do ministro Terray.

Chamava-se Lucília Duplessis-Laridon.

Em 1791, um casamento de inclinação uniu aquela rapariga, que era rica em relação ao marido, àquele rapaz terrível, ao gaiato de génio, que se chamava Camilo.

Camilo, pobre, feio, falando com dificuldade, por causa de um vício de pronúncia que o impediu de ser orador, mas que o tornou o escritor que todos conhecem, Camilo encantou-a, tanto pela finura do espírito, como pela bondade do coração.

Camilo, apesar de ser da opinião de Mirabeau, que dizia que nunca se havia de

conseguir nada da revolução se não a descristianizassem, Camilo casou na igreja de S. Sulpício, na conformidade do rito católico; mas em 1792, tendo sua mulher dado à luz um filho, levou-o à casa da câmara e reclamou para ele a lei da Assembléia Constituinte, isto é, o baptismo republicano.

Era ali, no quarto do segundo andar da casa da rua de l'Ancienne-Comédie que, com grande terror, mas ao mesmo tempo com grande orgulho de Lucília, se acabava de desenvolver todo o plano da insurreição que Barbaroux confessava ingenuamente ter enviado, três dias antes, à sua lavadeira nuns calções de ganga amarela.

Por isso Barbaroux, que não tinha demasiada confiança no golpe que ele mesmo preparara e que receava cair no poder do paço vitorioso, mostrou com uma simplicidade, digna dos tempos antigos, um veneno semelhante àquele que Cabanis preparara para Condorcet.

No começo da ceia, Camilo, que tinha

tão poucas esperanças como Barbaroux, disse, levantando o copo para não ser entendido por Lucília:

“Edamus et bibamus cras enim moriemur.”

9

Mas Lucília compreendeu o sentido daquelas palavras.

– Ora para que servirá estares falando numa língua que eu não entendo? – disse ela – Adivinho muito bem o que dizes. Vai Camilo, e fica descansado que não serei eu que obste a que cumpras a tua missão.

Certos destes sentimentos, os homens começaram a falar alto e em plena liberdade.

Fréron era o mais resoluto de todos; era notório que ele amava uma mulher sem esperança de ser correspondido, mas não se sabia quem fosse essa mulher.

A sua desesperação, quando Lucília morreu, revelou aquele segredo fatal.

– E tu, Fréron, tens veneno? – lhe

⁹ Comamos e bebamos, porque morreremos amanhã.

perguntou Camilo Desmoulins.

– Se não conseguirmos o que queremos amanhã, façam com que me matem; estou cansado da vida, e só procuro um pretexto para morrer.

Rebecqui era quem tinha maiores esperanças.

– Conheço os meus marselheses – dizia ele; – fui eu que os escolhi pela minha mão, e tenho a maior confiança neles; do primeiro ao último, nenhum recua.

Depois da ceia propuseram dirigir-se a casa de Danton.

Barbaroux e Rebecqui recusaram, dizendo que eram esperados no quartel dos marselheses.

Era ali perto, apenas vinte passos de distância da casa de Camilo Desmoulins.

Fréron tinha de encontrar-se na Comuna com Sergent e Manuel.

Brune ia passar a noite a casa de Santerre.

Cada um deles estava ligado ao

acontecimento por um fio, que lhe era particular.

Separaram-se. Só Camilo e Lucília foram a casa de Danton.

Os dois casais viviam em estreita amizade, tanto os maridos como as esposas.

Danton era um homem muito conhecido, e até nós, já por mais de uma vez temos reproduzido o seu retrato.

Sua mulher era menos conhecida, e digamos a seu respeito algumas palavras.

Era ainda em casa do coronel Morin que se podia encontrar uma recordação daquela mulher notável, que foi para seu marido objecto de profunda veneração.

Mas Morin não possuía o retrato dela em miniatura, como o de Lucília; tinha o busto dela em gesso.

Michelet julga que o busto foi vazado depois do falecimento daquela senhora.

A bondade, a serenidade e a força moral constituíam o seu carácter.

Posto que não padecesse ainda da

enfermidade que a matou em 1793, já era triste e inquieta, como se, estando tão próxima da morte, tivesse conhecimento do futuro.

Acrescenta a tradição que era tímida e religiosa.

Entretanto, apesar da sua timidez e devoção, pronunciou-se vigorosamente um dia, não obstante a sua opinião ser oposta à opinião dos seus parentes.

Isto aconteceu quando declarou que queria casar com Danton.

Como acontecera com Lucília a respeito de Camilo Desmoulins, assim também ela, por detrás da face sombria e desfigurada do esposo, no homem ignorado e sem fortuna, conhecera o deus, que a devia devorar quando se lhe revelasse, à semelhança do que sucedera a Semeie com Júpiter.

Conhecia que era terrível e tempestuosa a fortuna, à qual se ia ligar a mesquinha criatura; mas talvez que na sua resolução houvesse tanta devoção, quanto era o amor

que ela tinha por aquele anjo das trevas e da luz, que devia ter a funesta honra de resumir uma das três grandes épocas – a de 1792 – ao mesmo modo que Mirabeau resume a de 1791 e Robespierre a de 1793.

Quando Camilo e Lucília chegaram a casa de Danton, a mulher correu para a mulher, e o homem para o homem.

Elas abraçaram-se e eles apertaram a mão.

– Parece-te que haja amanhã alguma coisa importante? – perguntou Camilo.

– Espero que sim – respondeu Danton; – Santerre está frio. Felizmente, na minha opinião, o negócio de amanhã não é de interesse individual. Devemos contar com a irritação da miséria, com a indignação pública, com o sentimento da aproximação do inimigo e com a convicção de que a França é atraída. Em quarenta e oito secções, quarenta e sete votaram pela deposição do rei, cada uma delas nomeou três comissários para se reunirem à Comuna e salvarem a

pátria.

- Salvar a pátria, é um termo muito vago
- disse Camilo meneando a cabeça.

- Sim, mas também é muito extenso.

- E Marat? E Robespierre?

- Naturalmente, ninguém os viu, um está escondido na sua água-furtada e o outro no seu subterrâneo. Quando o negócio estiver concluído, ver-se-á como eles aparecem, um como uma doninha e outro como um mocho.

- E Pétion?

- Bem esperto será quem souber o partido que segue. No dia 4 declarou guerra ao paço; no dia 8 preveniu os departamentos de que não se responsabilizava pela segurança do rei. Esta manhã propôs que se estabelecessem guardas nacionais na praça do Carroussel; à tarde pediu aos departamentos vinte mil francos para fazer regressar os marselheses.

- Ele quer embalar o paço - disse Camilo Desmoulins.

- Assim o julgo - disse Danton.

Neste momento entrou outro par; era o Sr. e a Sr^a. Robert.

Devemo-nos lembrar de que a Sr^a. Robert, no dia 17 de Julho de 1791, ditava sobre o altar da pátria a célebre petição que seu marido escrevia.

Muito ao contrário dos outros dois pares, em que os maridos eram superiores às esposas, neste, a mulher era superior ao marido.

Robert era um homem de trinta e cinco a quarenta anos, membro do clube dos Franciscanos, dotado de mais patriotismo do que talento, com muita dificuldade para escrever, grande inimigo de Lafayette e muito ambicioso, se dermos crédito às memórias da Sr^a. Roland.

A Sr^a. Robert, cujo apelido em solteira era Keralio, era bretã por parte do pai; tinha então trinta e quatro anos, era baixa, viva, espirituosa e ativa.

Educada por seu pai, Guinemente Kéralio, cavaleiro da ordem de S. Luís,

membro da Academia das inscrições, que contava entre os seus discípulos um jovem corso, cuja fortuna gigantesca estava longe de prever, foi-se insensivelmente transformando em erudita e mulher de letras. Aos dezessete anos, escrevia, traduzia, compilava; aos dezoito tinha escrito um romance intitulado *Adelaide*. Como o ordenado não lhe bastasse para viver, o pai escrevia no *Mercúrio* e no *Jornal dos Sábios*, e mais de uma vez assinou ele, nestes jornais, artigos escritos por sua filha, que estavam muito longe de fazer ofensa aos seus.

Foi deste modo que conseguiu conquistar a vivacidade, a rapidez e o ardor do espírito que a tornava um dos mais infatigáveis escritores dos jornais.

O Sr. e a Sr^a. Robert chegavam do bairro de Santo António.

O aspecto naquele bairro era extraordinário.

A noite estava bela, suavemente clara e pacífica na aparência; ninguém, ou quase

ninguém se encontrava pelas ruas.

Mas todas as janelas estavam iluminadas.

Parecia que todos aqueles lumes ardiam para tornar a noite mais clara.

Produzia um efeito sinistro.

Não era uma iluminação festiva.

Não era também um clarão, semelhante ao que se encontra no quarto de um finado.

Conhecia-se, de alguma sorte, que o bairro dormia um sono febril.

No momento em que a Sr^a. Robert acabava a sua narração, o som de um sino fez estremecer todos os circunstantes.

Era a primeira badalada que soava no convento dos Franciscanos.

- Bom - disse Danton - isto é obra dos nossos marselhenses; sempre desconfiei de que seriam eles os primeiros a dar o sinal.

As mulheres olharam umas para as outras com terror; a Sr^a. Danton, especialmente, tinha no rosto sinais muito pronunciados de grande susto.

- É o sinal para se atacar o paço - disse a Sr^a. Robert.

Ninguém lhe respondeu; mas Camilo Desmoulins, que à primeira badalada entrara no quarto contíguo, voltou à sala com uma espingarda na mão.

Lucília soltou um ai! Conhecendo, porém, que naquela hora suprema não tinha direito de afrouxar o ânimo do homem que amava, arremessou-se para a alcova da Sr^a. Danton, caiu de joelhos, encostou a cabeça ao leito e começou a chorar.

Camilo dirigiu-se a ela e disse:

- Fica descansada; não me hei-de separar de Danton.

Os homens saíram: a mulher de Danton parecia que estava próximo a dar a alma a Deus. A Sr^a. Robert, pendurada ao pescoço do marido, queria absolutamente acompanhá-lo.

As três mulheres ficaram sós.

A Sr^a. Danton estava assentada e no maior abatimento; Lucília estava de joelhos e

chorava; a Sr^a. Robert passeava pelo quarto muito agitada, e sem pensar que as suas palavras fossem outras tantas punhaladas para o coração da Sr^a. Danton, dizia:

- Tudo isto, tudo isto é por culpa de Danton. Se meu marido morrer, morrerei com ele, mas antes de morrer, hei-de apunhalar Danton.

Deste modo passaram quase uma hora.

Ouviu-se de repente abrir a porta do patamar.

A Sr^a. Robert precipitou-se para a escada, Lucília ergueu a cabeça e a Sr^a. Danton ficou imóvel.

Era Danton que entrava.

- Só! - exclamou a Sr^a. Robert.

- Esteja descansada, que de hoje para amanhã nada haverá.

- Mas onde está o Camilo? - perguntou Lucília.

- Onde está o Roberto? - perguntou a mulher deste.

- Estão no convento dos Franciscanos

redigindo uma proclamação para se pegar em armas. Venho dar-lhes notícias deles e dizer-lhes que não há-de haver nada esta noite, e a prova é que vou dormir.

E com efeito, Danton deitou-se vestido em cima da cama, e cinco minutos depois dormia muito tranqüilo, como se naquele momento não se decidisse uma questão de vida ou de morte entre a realeza e o povo.

À uma hora da noite, recolheu-se Camilo.

- Venho dar-lhe notícias de Robert - disse ele; - foi à Comuna levar as nossas reclamações. Não esteja com cuidado. A coisa ficou adiada para amanhã, e Deus sabe o que será ainda.

Dizendo isto, Camilo meneou a cabeça como um homem que duvida.

E encostando-se ao ombro de Lucília, adormeceu também.

Haveria pouco mais de meia hora que ele dormia, quando alguém bateu à porta.

A Sr^a. Robert foi abrir.

Era o marido.

Robert vinha buscar Danton da parte da Comuna e foi acordá-lo.

- Vão para o diabo, deixem-me dormir – bradou Danton – amanhã também é dia.

Robert e sua esposa saíram e recolheram-se a casa.

Meia hora depois, alguém tornou a bater à porta.

A Sr^a. Danton foi abrir.

Introduziu em casa um mancebo alto e louro, que teria vinte anos de idade; trajava o uniforme de capitão da guarda nacional, e trazia uma espingarda na mão.

- O Sr. Danton? – perguntou ele.

- Amiguinho! – disse a Sr^a. Danton acordando o marido.

- Outra vez! – exclamou ele.

- Sr. Danton – disse o mancebo louro – estão à sua espera.

- Onde?

- Na Comuna.

- Quem espera por mim?

- Os comissários das secções e particularmente o Sr. Billot.

- Ora o diabo do homem! Está bom, diga ao Billot que já lá vou.

Olhando depois para o mancebo, cujas feições lhe eram desconhecidas, e que, sendo ainda tão novo, já trazia o uniforme de uma patente superior, disse-lhe:

- Peço desculpa, meu oficial, mas quem é o senhor?

- Ângelo Pitou, capitão da guarda nacional de Haramont.

- Ah! Ah!

- Antigo vencedor da Bastilha.

- Bom.

- Recebi ontem uma carta do Sr. Billot, na qual me dizia que provavelmente haveria brincadeira por cá, e que havia necessidade de todos os bons patriotas.

- E então?

- Parti com aqueles dos meus soldados que me quiseram acompanhar, mas como eles são menos caminheiros do que eu,

ficaram em Dammartin, mas amanhã cedinho estarão cá.

- Em Dammartin? - perguntou Danton;
- mas é distante daqui oito léguas?

- Sim, Sr. Danton.

- E Haramont a quantas léguas fica de Paris?

- Dezenove; nós saímos de lá esta manhã às cinco horas.

- Então andou hoje dezenove léguas?

- Andei sim, Sr. Danton.

- E quando chegou?

- Às dez horas da noite. Perguntei pelo Sr. Billot, disseram-me que estava provavelmente no bairro de Santo António, em casa do Sr. Santerre. Fui lá mas disseram-me que não o tinham visto; mandaram-me para os Franciscanos e dos Franciscanos para a casa da câmara.

- E encontrou-o na casa da câmara?

- Sim, senhor. Foi lá que ele me disse a sua morada e me perguntou:

“-Tu não estás cansado, não é verdade,

Pitou?”

“-Não, Sr. Billot.”

“- Pois então vai dizer a Danton que é um preguiçoso, e que cá estamos à espera dele”.

- Com todos os diabos! - exclamou Danton saltando agilmente da cama abaixo - este rapaz envergonha-me. Vamos, meu amigo, vamos.

Foi dar um beijo na mulher e saiu com Pitou.

A Sr^a. Danton deu um gemido fraco e encostou a cabeça numa cadeira.

Lucília julgou que ela estava chorando e respeitou o desgosto da sua amiga.

Vendo, porém, que não se movia, foi acordar Camilo.

Dirigindo-se depois à Sr^a. Danton, encontrou-a desfalecida.

Os primeiros raios da aurora penetravam pelas janelas.

O dia mostrava que havia de estar belo, mas, como se fosse um agouro nefasto, o Céu

estava cor de sangue.

A noite de 9 para 10 de Agosto

Já dissemos o que se passava na casa dos tribunos; digamos agora o que se passava dali a trezentos passos, na casa dos reis.

Nesta também choravam mulheres e crianças.

Choravam mais abundantemente talvez, porque, como disse Chateaubriand, os olhos dos príncipes contêm maior quantidade de lágrimas.

Entretanto, façamos a cada um a justiça que lhe é devida.

A princesa Isabel e a de Lamballe choravam e oravam.

A rainha não orava, mas chorava.

Tinham ceado à hora do costume; coisa alguma era capaz de fazer com que o rei alterasse a hora das suas refeições.

Levantou-se da mesa, e enquanto as

princesas Isabel e de Lamballe se dirigiam à casa conhecida pelo nome do gabinete do conselho, onde segundo o que se havia ajustado, a família real passaria a noite para ouvir os relatórios, a rainha chamou o rei de parte e quis levá-lo consigo.

- Aonde me conduz, senhora? - perguntou o rei.

- Ao meu quarto: não quer pôr o colete, de que se serviu no dia 14 de Julho último?

- Senhora - respondeu o rei - podia servir para me livrar da bala ou do punhal de um assassino num dia de cerimónia ou de conspiração; porém num dia de combate, quando os meus amigos se expõem por mim, seria uma cobardia não me expor eu com eles.

Ditas estas palavras, o rei deixou a rainha, e entrou no seu quarto, onde se fechou com o confessor.

A rainha foi reunir-se com as princesas Isabel e de Lamballe no gabinete do conselho.

- O que está fazendo el-rei? - perguntou

a Sr^a. de Lamballe.

– El-rei está confessando-se – respondeu a rainha com um acento impossível de exprimir.

Neste momento abriu-se a porta e entrou Charny.

Estava muito pálido, mas perfeitamente tranqüilo.

– Pode falar-se a el-rei? – perguntou ele à rainha inclinando-se.

– Neste momento – respondeu a rainha – o rei sou eu.

Charny apesar de saber isto melhor do que outro qualquer, insistiu.

– Pode subir ao quarto – disse a rainha – mas afianço-lhe que o vai incomodar.

– Compreendo, el-rei está com o Sr. Pétion, que chegou agora mesmo.

– Não; el-rei está com o seu confessor.

– Será então a vossa majestade que farei o meu relatório como major e general do castelo.

– Sim, senhor; se o quer fazer, estou

pronta a ouvi-lo.

- Vou pois mostrar a vossa majestade qual é o efectivo das nossas forças. A gendarmaria montada, comandada pelos srs. Rhulhières de Verdière, em força de seiscentos homens, está formada em batalha na grande praça do Louvre. A gendarmaria a pé do Paris, intramuros, está postada nas cavalaria; uma força de trinta homens foi destacada para o palácio de Tolosa para proteger, em caso de necessidade, a caixa da tesouraria. A gendarmaria a pé, extramuros, composta de trinta homens, está postada na escada de el-rei no palácio dos Príncipes. No Olho de Boi e nas salas contíguas estão reunidos duzentos oficiais ou soldados da antiga guarda, cem mancebos realistas, outros tantos gentis-homens, ao todo trezentos e cinqüenta ou quatrocentos combatentes. Duzentos ou trezentos guardas nacionais estão espalhados pelos pátios e jardins; finalmente, quinhentos suíços, os quais são a verdadeira força do castelo,

acabam de ser colocados em diferentes postos, sob o grande vestíbulo e nas escadas, que tem a seu cargo defender.

- E então, senhor - perguntou a rainha - essas medidas todas não lhe inspiram confiança?

- Nada me inspira confiança quando se trata da salvação de vossa majestade.

- Pelo que ouço, senhor, continua a opinar pela fuga?

- A minha opinião é colocar vossa majestade, el-rei e os augustos príncipes no meio de nós.

A rainha fez um movimento.

- Lafayette repugna a vossa majestade, mas parece-me que tem confiança no duque de Liancourt, que está em Rouen. Este fidalgo, senhora, alugou a casa de um fidalgo inglês, por nome Canning; o governador da província fez-lhe jurar fidelidade a el-rei; o regimento suíço de Salis Samade, com o qual se pode contar, está estacionado na estrada; tudo está tranqüilo; saíamos pela ponte

Tournant; ganhemos a barreira da Estrela, aonde nos esperam trezentos homens de cavalaria da guarda; facilmente reuniremos quinhentos homens em Versalhes, e com quatro mil homens comprometo-me a conduzir vossa majestade aonde me ordenar.

- Obrigada, Sr. de Charny - respondeu a rainha - aprecio a dedicação, que lhe faz abandonar as pessoas que ama para vir oferecer os seus serviços a uma estrangeira.

- Vossa majestade não me faz justiça - disse Charny interrompendo a rainha; - a existência da minha soberana será sempre para mim a mais preciosa das existências, assim como o dever será sempre para mim a mais preciosa das virtudes.

- O dever, sim, senhor - murmurou a rainha - mas eu, visto que cada um faz o seu dever, julgo também compreender o meu, e consiste em conservar a realeza nobre e digna em fazer todo o possível para que, se a ferirem, seja ferida de pé, e para que, se cair, caia dignamente, como faziam os gladiadores

antigos, que procuravam morrer com graça.

– É essa a resolução de vossa majestade?

– É principalmente o meu último desejo.

Charny despediu-se e encontrando à porta a Sr^a. Campan, que vinha ter com as princesas, disse:

– Convide suas altezas, a que metam nas algibeiras o que tiverem de mais precioso; pode suceder que de um momento para o outro sejamos obrigados a sair do castelo.

E enquanto a Sr^a. Campan ia fazer este convite às princesas, Charny chegou-se à rainha.

– Senhora – disse ele – é impossível que vossa majestade não tenha outra esperança além do apoio na nossa força material; se a tem diga-mo, lembre-se de que amanhã a esta hora hei-de dar conta aos homens ou a Deus daquilo que aqui se passar.

– Está bem, senhor – disse a rainha – Pétion deve ter recebido duzentos mil francos e Danton cinqüenta mil; Danton prometeu ficar em casa e Pétion comprometeu-se a vir

ao palácio.

- E tem vossa majestade confiança nas pessoas que encarregou destas comissões?

- Não disse já que Pétion se comprometeu a vir ao palácio?

- Sim, senhora.

- Bem vê que já é alguma coisa.

- Mas afirmaram-me que foi preciso mandarem-lhe três recados.

- Se for por nós - disse a rainha - ele deve, quando falar a el-rei, pôr o índice no olho direito.

- Mas se não quiser ser dos nossos?

- Se não for dos nossos é nosso prisioneiro, e eu vou dar as minhas ordens mais positivas para não o deixarem sair do palácio.

Neste momento ouviu-se vibrar um sino.

- Que é isto? - disse a rainha.

- É o toque de rebate - respondeu Charny.

As princesas levantaram-se assustadas.

- De que se assustam? - disse a rainha; - bem vêem que é a trombeta dos facciosos.

- Senhora - disse Charny, que parecia mais agitado do que a rainha - vou saber se o sino anuncia coisa de grande gravidade.

- E torná-lo-ei a ver? - perguntou vivamente a rainha.

- Vim pôr-me às ordens de vossa majestade, e só deixarei este posto quando cessar o perigo.

Charny fez uma vénia e saiu.

A rainha ficou por um instante pensativa.

- Vamos ver se o rei já se confessou - murmurou ela.

E também saiu.

Entretanto a princesa Isabel tirava algum fato para se deitar com mais comodidade sobre um canapé.

Tirou um broche de coralina e mostrou-o à Sr^a. Campan; era uma pedra gravada.

A gravura apresentava um ramo de flores de lis com uma legenda.

– Leia – disse a princesa Isabel.

A Sr^a. Campan chegou-se à luz de um candeeiro e leu o seguinte:

Esquecei as ofensas, perdoai as injúrias.

– Muito receio – disse a princesa – que esta máxima tenha pouca influência sobre os nossos inimigos, mas nem por isso devemos deixar de a estimar.

Neste momento ouviu-se um tiro no pátio.

As senhoras deram um grito.

– Aí está o primeiro tiro – disse a princesa Isabel; – ai de nós! Não há-de ser o último.

Tinham anunciado à rainha a chegada de Pétion às Tulherias! Eis em que circunstâncias fizera ali a sua entrada o *maire* de Paris.

Chegara às dez horas e meia da noite.

Desta vez não o fizeram esperar; pelo contrário, disseram-lhe que el-rei o esperava.

Para chegar porém aonde estava o rei, tinha de atravessar, primeiro as fileiras dos suíços, depois as da guarda nacional e finalmente as dos gentis-homens chamados cavaleiros do punhal.

Todavia, como era sabido que fora o rei que mandara chamar Pétion; como ele se quisesse, em vez de vir meter-se naquele fosso dos leões como chamavam às Tulherias, podia ficar no palácio da câmara, contentaram-se em chamar-lhe traidor e Judas enquanto subia as escadas.

Luís XVI esperava Pétion na mesma câmara onde o havia tratado com tanta dureza no dia 21 de Junho.

Pétion conheceu a porta e sorriu.

A fortuna dava-lhe uma terrível desforra.

Mandat, comandante da guarda nacional, fez parar o *maire* à porta.

– Ah! É o Sr. maire? – disse ele.

– Sim, senhor, sou eu – respondeu Pétion com a sua fleuma ordinária.

- Que vem aqui fazer?

- Poderia dispensar-me de responder à sua pergunta, Sr. Mandat, pois não lhe reconheço o direito de me interrogar; mas como estou com pressa, não quero discutir com os meus inferiores.

- Com os seus inferiores!

- Não me interrompa; já lhe disse que estava com pressa, Sr. Mandat; vim aqui porque el-rei me mandou chamar três vezes, e a não ser assim não viria.

- Está bem, já que tenho a honra de o ver aqui, aproveito a ocasião para lhe perguntar por que razão os agentes da polícia estão distribuindo em profusão cartuchos aos marseheses, ao passo que eu só recebi três para cada um dos meus homens?

Pétion olhou para Mandat com o seu sossego habitual.

- Em primeiro lugar - disse ele - não me mandaram pedir das Tulherias mais do que três cartuchos para cada guarda nacional, e quarenta para cada suíço; como vê,

distribuiu-se o que el-rei mandou pedir.

– Mas qual é a causa desta diferença?

– O rei, é que lhe pode responder, não sou eu; provavelmente é porque desconfia da guarda nacional.

– Mas eu, senhor – disse Mandat – fiz-lhe requisição de pólvora.

– É verdade, mas a requisição não estava em forma.

– Oh! Bela resposta! – exclamou Mandat; – o senhor é que devia pô-la em forma, visto que a ordem dimana do senhor.

A discussão ia caminhando por um terreno, em que seria difícil a Pétion defender-se; felizmente para ele abriu-se a porta e Roederer, o síndico da Comuna, vindo em socorro do *maire* de Paris, disse-lhe:

– Sr. Pétion, el-rei espera-o.

Pétion entrou.

Com efeito o rei esperava Pétion com impaciência.

– Ah! É o senhor? – disse o rei. – Em que estado se acha Paris?

Pétion deu-lhe conta do estado de Paris.

– Não tem então mais nada que dizer-me, senhor? – perguntou o rei.

– Nada mais tenho a dizer a vossa majestade – respondeu Pétion.

O rei olhou fixamente para o *maire*.

Pétion abria muito os olhos, porque não compreendia a insistência do rei.

Pela sua parte, esperava que Pétion levasse o índice ao olho direito.

Era, deve o leitor estar lembrado, o sinal, pelo qual o *maire* de Paris devia indicar que pelos 200 000 francos que recebera, o rei podia contar com ele.

Pétion coçava a orelha, mas não levava a mão ao olho.

Por conseqüência, o rei tinha sido enganado; algum tratante tinha ficado com os 200 000 francos.

Neste momento entrou a rainha.

Entrava precisamente no instante em que o rei não sabia já que mais havia de perguntar a Pétion, e em que este esperava

nova pergunta.

- E então - disse em voz baixa a rainha - é ou não nosso amigo?

- Não - respondeu o rei; - não fez o sinal convencional.

- Então fique nosso prisioneiro.

- Posso retirar-me, senhor? - perguntou Pétion ao rei.

- Por Deus! - disse Maria Antonieta - não o deixe sair.

- Não, senhor, - disse Luís XVI - daqui a um instante está livre, mas tenho ainda alguma coisa que dizer-lhe - ajuntou o rei levantando a voz; - entre para este gabinete.

Era quase a mesma coisa que dizer aos que ali estavam:

“Entrego-lhes o Sr. Pétion e não o deixem sair”.

E assim o compreenderam.

Rodearam Pétion, que conheceu logo que estava prisioneiro.

Felizmente, Mandat não estava ali.

Mandat debatia-se contra uma ordem

que acabava de chegar para ir à câmara.

Os fogos cruzavam-se; mandavam chamar Mandat à casa da câmara, assim como Pétion tinha sido mandado chamar ao palácio das Tulherias.

Mandat não tinha vontade de ir à câmara.

Enquanto a Pétion achava-se com trinta pessoas num gabinete onde mal caberiam quatro.

- Senhores - disse ele, passado um instante - é impossível estarmos aqui mais tempo, falta-nos o ar.

Era esta a opinião de todos, portanto ninguém se opôs a que Pétion saísse, e todos o seguiram.

Talvez que não se atrevessem a retê-lo abertamente.

Meteu-se pela primeira escada que encontrou.

A escada conduzia a uma câmara ao rés da rua, que dava para o jardim.

Receou por um instante que a porta do

jardim estivesse fechada.

Estava aberta.

Pétion achou-se numa prisão mais larga e arejada, mas também fechada como a primeira.

Todavia tinha melhorado.

Tinha-o seguido um homem, que, assim que chegaram ao jardim lhe deu o braço; era Roederer, o procurador síndico do departamento.

Começaram ambos a passear pelo terraço.

O terraço era alumiado por uma fileira de lampiões, e os guardas nacionais correram a apagar os que estavam ao pé do síndico e do *maire*.

Qual seria a intenção dos soldados? – Pétion não a julgou boa.

– Senhor – disse ele a um oficial suíço, por nome de Salis-Lizers, que o seguia; – haverá más intenções contra mim?

– Pode estar descansado, Sr. Pétion – respondeu o oficial com pronúncia alemã

muito acentuada – el-rei encarregou-me de o guardar, e asseguro-lhe que será punido por minhas próprias mãos aquele que o matar.

Em idênticas circunstâncias Tiboulet respondeu a Francisco I:

“Não seria melhor, senhor, um instante antes?”

Pétion, porém, nada respondeu e dirigiu-se para o terraço dos *Feuillants*, que estava perfeitamente alumiado pela lua.

Não era como actualmente, fechado por uma grade, mas sim por um muro de oito pés de altura, no qual havia três portas.

Uma grande e duas pequenas.

As portas estavam não só fechadas, mas até muito bem barricadas.

Além disso eram defendidas pelos granadeiros do bairro dos Moinhos e das filhas de S. Tomás, muito conhecidos pelo seu realismo.

Nada pois havia a esperar deles.

Pétion abaixava-se amiudadas vezes, apanhava pedras e atirava por cima do muro.

Enquanto Pétion passeava atirando pedras, duas ou três vezes lhe foram dizer que o rei desejava falar-lhe.

- E então? - perguntou Roederer, - não vai?

- Não - respondeu Pétion - lá em cima faz muito calor. Lembro-me perfeitamente do gabinete, e não tenho o menor desejo de tornar a entrar nele; demais espero alguém neste terraço.

E continuou a abaixar-se, a apanhar pedras e a atirá-las por cima do muro.

- Quem espera? - perguntou Roederer.

Neste momento abriu-se a porta da Assembléia que dava para o terraço.

- Julgo - disse Pétion - que chega quem eu esperava.

- Ordem para deixar passar o Sr. Pétion - disse uma voz; - a Assembléia chama-o à barra, para que dê conta do estado de Paris.

- É isso mesmo - observou Pétion em voz baixa.

Depois em voz alta:

- Estou pronto a responder às interpelações dos meus inimigos.

Os guardas nacionais, imaginando que Pétion ia passar por algum desgosto, deixaram-no passar.

Eram quase três horas da madrugada.

Começava a amanhecer.

Porém, coisa singular, o Céu estava cor de sangue.

XXXVI

A noite de 9 para 10 de Agosto

Pétion, quando fora mandado chamar às Tulherias, logo imaginou que não havia de sair com a mesma facilidade com que entrara.

Tinha-se chegado a um homem de rosto carregado, o qual tinha a testa atravessada por uma cicatriz.

– Sr. Billot – disse ele – que notícias me traz da Assembléia?

– Vai passar a noite em sessão permanente.

– Muito bem. O que viu no Pont-Neuf?

– Artilharia e guardas nacionais postados ali por ordem do Sr. Mandat.

– E não diz também que debaixo da arcada de Saint-Jean, ao desembocar da rua de Santo António, está reunida uma força considerável?

– Sim, senhor, e também se encontra ali

por ordem do Sr. Mandat.

– Está bem; agora ouça-me, Sr. Billot.

– Estou pronto para o ouvir.

– Eis uma ordem aos srs. Manuel e Danton para fazerem recolher os guardas nacionais e desarmar o Pont-Neuf. É mister que esta ordem seja executada, custe o que custar; ouviu-me?

– Eu mesmo entregarei essa ordem a Danton.

– Ótimo. Agora diga-me; não mora na rua de Saint-Honoré?

– Sim, senhor.

Depois de entregar a ordem ao Sr. Danton, recolha-se e descanse um pouco; depois às duas horas, levante-se e vá passear pelo lado de fora do terraço dos Feuillants. Se ouvir cair algumas pedras lançadas do jardim das Tulherias é sinal de que estou preso e me violentam.

– Compreendo.

– Corra depois à Assembléia e diga que me reclame. Compreende-me, Sr. Billot? Olhe

que a minha vida fica nas suas mãos.

– E respondo por ela, Sr. Pétion: pode partir tranqüilo.

Billot por tudo se responsabilizava, e com tanta maior ousadia depois de constatar que Pitou acabava de chegar.

Depois ordenou a Pitou que fosse ter com Danton, recomendando-lhe que não voltasse sem ele.

Apesar da preguiça de Danton, Pitou trouxe-o consigo.

Já tinha visto a artilharia do Pont-Neuf; viu os guardas nacionais da arcada de Saint-Jean, e compreendeu a urgência de não deixar semelhantes forças na retaguarda do exército popular. Com a ordem de Pétion na mão fizeram recolher os guardas nacionais na arcada de Saint-Jean; e fizeram retirar a artilharia do Pont-Neuf.

Por consequência ficou desobstruída a grande via de insurreição.

Entretanto Billot e Pitou voltavam à rua de Saint-Honoré.

Era a antiga habitação de Billot.

Pitou fez os seus cumprimentos à casa como a um amigo.

Billot assentou-se e fez sinal a Pitou para que o imitasse.

- Obrigado, Sr. Billot - disse Pitou - não estou cansado.

Mas como Billot insistisse, assentou-se.

- Pitou - disse Billot - mandei-te dizer que viesses ter comigo.

- E bem se vê, Sr. Billot - respondeu Pitou com esse franco sorriso que faz mostrar os trinta e dois dentes, e que lhe era peculiar - que não me fiz esperar.

- É verdade. Sem dúvida adivinhas que se vai passar alguma coisa grave.

- Desconfio, Sr. Billot. Diga-me porém uma coisa...

- O quê, Pitou?

- Não vejo nem o Sr. Bailly, nem o Sr. Lafayette.

- Bailly é um traidor, que nos mandou assassinar no Campo de Marte.

- Bem sei, pois fui eu que o fiz levantar banhado em sangue.

- Lafayette é um traidor, que nos quis roubar o rei.

- Oh! Não sabia isso! O Sr. Lafayette um traidor! Quem tal diria! E o rei?

- O rei, esse então é o maior dos traidores.

- Oh! Quanto a isso não me admira.

- O rei conspira com estrangeiros e quer entregar a França aos inimigos. As Tulherias são um foco de conspiração, e decidiu-se que se tomasse as Tulherias. Percebes, Pitou?

- Ora, se percebo! Como tomamos a Bastilha, não é assim Sr. Billot?

- Tal qual.

- Com a diferença, que não será tão difícil.

- Estás enganado, Pitou.

- Como, será mais difícil?

- Há-de ser.

- Mas parece-me que as muralhas não são muito altas.

- É verdade, mas estão mais bem defendidas; a guarnição da Bastilha constava de cem inválidos, mas no castelo há três ou quatro mil homens!

- Com os diabos! Três ou quatro mil homens!

- Além de que a Bastilha foi surpreendida, ao passo que as Tulherias há muito que se têm posto em estado de defesa, por desconfiarem que hão-de ser atacadas.

- Portanto hão-de defender-se.

- Sim - respondeu Billot; - tanto mais que a defesa, segundo dizem, está encarregada ao Sr. de Charny.

- Com efeito - observou Pitou - ele ontem partiu pela posta de Boursonnes com sua mulher. Mas então também é traidor o Sr. de Charny?

- Não é mais do que um aristocrata. Sempre tem seguido a corte; por consequência não traiu o povo, porque nunca o induziu a fiar-se nele.

- Nesse caso vamos bater-nos contra o

Sr. conde de Charny?

- É provável, Pitou.

- É singular, vizinhos...

- É o que se chama guerra civil; mas tu Pitou não és obrigado a entrar no combate, se não te convém.

- Desculpe-me, Sr. Billot, mas desde o momento em que qualquer coisa lhe convém, também me convém a mim.

- Estimaria mais que não te batesse.

- Então para que me mandou chamar?

O rosto de Billot anuviou-se.

- Mande-te chamar - disse o lavrador - para te entregar este papel.

- Este papel?

- Sim.

- Mas que papel é esse?

- É o meu testamento.

- Como, o seu testamento! Oh! Sr. Billot - continuou Pitou rindo - não está com cara de quem vai morrer.

- É verdade - disse Billot - apontando para a sua espingarda - mas tenho cara de

um homem que pode ser morto.

- Isso sim! - disse sentenciosamente
Pitou - o facto é que todos somos mortais.

- Pois bem, Pitou, mandei-te chamar
para te entregar o meu testamento.

- A mim!

- Sim, a ti, Pitou, pois te constituo meu
herdeiro universal...

- Eu... Seu herdeiro universal; muito
obrigado, Sr. Billot. Mas é para se distrair que
me diz isso?

- Falo-te com toda a seriedade, meu
amigo.

- Não pode ser, Sr. Billot.

- Como! Não pode ser?

- Oh! Não. Uma pessoa que tem
parentes não pode legar a sua fortuna a
estranhos.

- Estás enganado; *pode*.

- Se pode, não o *deve fazer*.

Uma nuvem sombria passou pelo rosto
de Billot.

- Estás enganado, Pitou, não tenho

herdeiros.

- Bom, replicou Pitou, não tem herdeiros; mas o que chama à Sr^a. Catarina?

- Não conheço ninguém com esse nome, Pitou.

- Ora, Sr. Billot, não diga semelhantes coisas. Isso revolta-me.

- Pitou, disse Billot, posso dispor do que é meu; assim como tu por tua morte podes deixar a tua fortuna a quem te parecer.

- Ah! Ah! Bem! - disse Pitou, que começava a compreender; - se lhe acontecer alguma desgraça... Mas como sou estúpido, não lhe há-de acontecer desgraça.

- Pitou, ainda há pouco te disse que somos mortais.

- Sim, e agora conheço que tem razão. Pego no testamento, Sr. Billot, na certeza de que, ficando com os seus bens, poderei fazer deles o que me parecer.

- Sem dúvida, pois são teus, e tu és um bom patriota, e como tal não te hão-de fazer oposição, como a qualquer outro, que tivesse

pactuado com os aristocratas.

Pitou cada vez compreendia melhor.

– Está dito, Sr. Billot, aceito.

– Agora, como já disse tudo, guarda este papel e vai descansar.

– Para quê, Sr. Billot?

– Porque, segundo todas as probabilidades, teremos que fazer amanhã, ou antes hoje, porque são duas horas da madrugada.

– E sai, Sr. Billot?

– Sim, tenho que fazer no terraço dos Feuillants.

– Não precisa de mim?

– Pelo contrário, incomodar-me-ias.

– Nesse caso, Sr. Billot, vou comer alguma coisa.

– É verdade! – exclamou Billot; – e eu que me esqueci de te perguntar se tinhas fome!

– Oh! Oh! – disse Pitou rindo – não o fez porque sabe que sempre tenho fome.

– Sabes onde é a despensa?

- Sei sim, Sr. Billot, não se incomode por minha causa. Mas diga-me, volta aqui, não é assim?

- Volto.

- Aliás dizia-me aonde nos havíamos de reunir.

- Não é preciso; dentro de uma hora estarei de volta.

- Bem, então vá.

E Pitou pôs-se a procurar comida, com esse apetite, que nele, assim como no rei, nunca se alterava nem pelos acontecimentos mais graves. Entretanto, Dirigia-se Billot para o terraço dos Feuillants.

Já sabemos o que ia fazer.

Apenas chegou ali caiu-lhe uma pedra aos pés depois outra e finalmente terceira, dando-lhe a conhecer que se tinham realizado os receios de Pétion, e que o *maire* estava preso nas Tulherias.

Portanto, segundo as instruções que recebera, dirigiu-se à Assembléia, a qual, como já vimos, logo reclamou Pétion.

O *maire* logo que se viu em liberdade, voltou a pé ao palácio da câmara, deixando a carruagem no pátio das Tulherias. Billot voltou a casa, onde encontrou Pitou acabando de cear.

- E então, Sr. Billot - perguntou Pitou - o que há agora de novo?

- Não há nada, mas o dia não tarda a despontar e o Céu está cor de sangue.

XXXVII

Das três às seis da manhã

Dissemos qual era a aparência do Céu ao despontar do dia.

Os primeiros raios do dia projectaram-se sobre dois cavaleiros, que seguiam a passo o cais deserto das Tulherias.

Eram Mandat, comandante da guarda nacional, e o seu ajudante de ordens.

Mandat, que à uma hora da noite fora chamado à casa da câmara tinha primeiramente recusado obedecer.

Às duas horas foi a ordem renovada mais imperiosamente.

Mandat ainda resistiu, mas chegando-se a ele o síndico Roederer, disse-lhe:

- Senhor, reflecta que, a lei põe o comandante da guarda nacional às ordens da municipalidade.

Foi isto o que decidiu Mandat.

Além disto, o comandante da guarda nacional ignorava duas coisas:

Era a primeira intimação feita à municipalidade por quarenta e sete secções, para que ela se reunisse à comuna a fim de *salvarem a pátria*. Mandat julgava achar a municipalidade como dantes era, e não lhe passava pela idéia que ia encontrar nela quarenta e uma caras novas.

Demais, Mandat ignorava a ordem que fora dada por essa mesma municipalidade para que fosse desarmado o Pont-Neuf e desembaraçada a arcada de Saint-Jean; ordem, a cuja execução, vista a sua importância, tinham presidido Manuel e Danton.

Chegando ao Pont-Neuf, ficou Mandat admirado por o achar completamente deserto.

Parou um momento e mandou à descoberta o seu ajudante de ordens.

Passados dez minutos, voltou o ajudante, participando-lhe que não tinha

visto nem artilharia nem guarda nacional, e que a praça e a rua da Delfina, e o cais dos Agostinhos, estavam completamente desertos.

Mandat prosseguiu no seu caminho; talvez devesse voltar ao castelo; mas os homens vão aonde o destino os chama.

Conforme se ia aproximando da casa da câmara, parecia-lhe entrar na vida, da mesma sorte, que, em certos cataclismos orgânicos o sangue refluindo ao coração, abandona as extremidades, que ficam frias, assim o movimento, o calor, a revolução, estavam no cais Pelletier, na praça de Grève, na casa da câmara, sede real da vida popular, coração do grande corpo, que se chama Paris.

Mandat parou ao canto do cais Pelletier e mandou o ajudante de ordens à arcada de Saint-Jean.

Pela arcada de Saint-Jean agitava-se a onda popular; a guarda nacional desaparecera.

Mandat quis retrogradar, mas a onda

tinha-se aglomerado em volta dele e empurrava-o para os degraus da casa da câmara.

- Fique aqui - disse ele ao ajudante de ordens - e se me acontecer alguma desgraça, vá imediatamente participá-la ao palácio.

Mandat quis retrogradar, mas a onda empurrava-o: o ajudante de ordens, cujo uniforme indicava uma importância secundária, ficou a um canto do cais Pelletier, onde ninguém fez caso dele porque todas as vistas estavam fixas no comandante geral.

Chegando à grande sala da casa da câmara, achou-se Mandat em presença de rostos severos.

Era a insurreição completa, que ia pedir conta da sua conduta ao homem, que tinha pretendido não só combatê-la no seu desenvolvimento, mas até afogá-la à nascença.

Nas Tulherias era ele quem interrogava; assim o vimos na sua cena com Pétion.

Aqui ia ser interrogado.

Um dos membros da nova comuna, dessa comuna terrível que abafara a Assembléia legislativa e havia de lutar com a convenção, avançou em nome de todos.

- Por ordem de quem duplicou a guarda do castelo? - perguntou ele.

- Por ordem do *maire* de Paris - respondeu Mandat.

- Mas onde está a ordem?

- Nas Tulherias, onde a deixei para a executarem na minha ausência.

- Porque pôs em movimento a artilharia?

- Porque fiz marchar o batalhão, e quando os batalhões marcham acompanha-os a artilharia.

- Onde está Pétion?

- Estava nas Tulherias quando eu de lá saí.

- Preso?

- Não; está livre e anda passeando pelos jardins.

O interrogatório foi interrompido neste

ponto.

Um dos mancebos da nova comuna trouxe uma carta aberta, e pediu para a ler em voz alta.

Mandat, mal olhou para a carta, compreendeu que estava perdido.

Conhecera a sua letra.

Esta carta era a ordem enviada pela uma hora da madrugada ao batalhão de serviço postado na arcada de Saint-Jean incumbido de atacar pela retaguarda o tumulto, que se dirigisse às Tulherias enquanto o batalhão do Pont-Neuf o atacava pelo flanco.

A ordem tinha caído em poder da comuna depois da retirada do batalhão.

O interrogatório estava acabado; que declaração mais terrível do que esta carta, poderia fazer o acusado?

O conselho decidiu que Mandat fosse conduzido à Abbadie.

Depois leram a sentença de Mandat.

Aqui começa a interpretação.

Lendo a sentença a Mandat, afirma-se

que o presidente fizera com a mão um desses gestos, que o povo desgraçadamente sabe interpretar tão bem.

Um gesto *horizontal*.

“O presidente, diz Pelletier, autor da *Revolução de 10 de Agosto de 1792*, fez um gesto *horizontal* muito expressivo, dizendo: Podem levá-lo”.

Com efeito, um ano depois, o gesto devia ser muito expressivo. Um gesto horizontal, que significaria muito em 1793, não significava grande coisa em 1792, época em que ainda não funcionava a guilhotina.

Foi a 21 de Agosto que caía na praça do Carroussel a cabeça dos primeiros realistas.

Como era que, onze dias antes, um gesto horizontal, a não ser ajustado de antemão, podia dizer: “Matem este homem?”

Infelizmente o facto parece justificar a acusação.

Apenas Mandat desceu os três degraus da casa da câmara, no momento em que seu filho corria para ele, levou na cabeça um tiro

de pistola.

O mesmo sucedera três anos antes a Flesselles.

Mandat só estava ferido.

Levantou-se, mas tornou a cair no mesmo instante ferido com vinte golpes de chuço.

A criança estendia os braços e gritava:

– Meu pai! Meu pai!

Ninguém ligava a mínima atenção aos gritos da pobre criança.

Depois, no meio daquele círculo, onde só se viam luzir e baixar-se espadas e chuços elevaram uma cabeça, que tinham separado do tronco; era a cabeça de Mandat.

A criança desmaiou: o ajudante de ordens partiu a galope para ir participar nas Tulherias o que acabava de ver.

Os assassinos dividiram-se em dois bandos.

Uns foram lançar o corpo ao rio; os outros espetaram a cabeça de Mandat num chuço e foram passear com ela pela cidade.

Eram quase quatro horas da manhã.

Entremos nas Tulherias primeiro do que o ajudante de ordens, que vai levar a notícia fatal.

Vejamos o que se passava no palácio.

Depois de se confessar, o rei logo que viu a consciência tranqüila, como não sabia resistir a nenhuma das necessidades da natureza; deitara-se.

É verdade que se deitara vestido.

O rei acordou, ouvindo tocar a rebate.

O Sr. de la Chesnaye, a quem Mandat deixara os seus poderes, acordou o rei para que ele se mostrasse aos seus defensores e incitasse o entusiasmo com algumas palavras ditas a propósito.

O rei levantou-se estremunhado; mas o cabelo do lado onde se tinha deitado estava achatado.

Procurou-se um cabeleireiro, mas não havia nenhum no palácio.

O rei saiu do quarto sem ser penteado.

A rainha prevenida na sala do conselho,

onde estava, de que o rei ia aparecer aos seus defensores, saiu-lhe ao encontro.

Ao contrário do rei, que com os seus olhos sombrios não olhava para ninguém, com os músculos da boca dilatados e palpitantes, de movimentos involuntários, com o casaco roxo que lhe dava ares de trajar o luto da realeza, a rainha estava pálida, mas ardendo em febre, e tinha os olhos vermelhos, de um vermelho que se prolongava a metade das faces, mas enxutos.

Pôs-se ao lado desta espécie de fantasma da monarquia, que, em lugar de aparecer à meia-noite, mostrava-se de dia com os olhos inchados e piscos.

Esperava dar-lhe quanto nela havia de coragem, de força, de vida.

Contudo, as coisas correram bem, enquanto o rei apenas se mostrou no interior do quarto: mas assim que os guardas nacionais misturados com os gentis-homens, viram de perto o rei, aquele pobre homem frouxo e pouco activo, que já fora mal

sucedido em idênticas circunstâncias, numa janela da Sr^a. Sausse, em Varennes, os guardas nacionais, dizemos, perguntavam uns aos outros se era aquele o herói do dia 26 de Junho, esse rei, cuja poética lenda os padres e as mulheres começavam a bordar sobre um crepe fúnebre.

Devemos dizer que na verdade não era aquele o rei, que a guarda nacional esperava ver.

Precisamente naquele momento o velho duque de Mailly puxou da espada e foi lançar-se aos pés do rei, jurando com voz trémula, em seu nome e no *da nobreza de França*, que ele representava, morrer pelo *neto de Henrique IV*.

O pobre duque complicava a situação, pois a guarda nacional não tinha muitas simpatias pela *nobreza de França*, que o Sr. de Mailly representava.

Além disso, não era o *neto de Henrique IV* que a guarda nacional ia defender, era o *rei constitucional*.

Portanto, em resposta a alguns gritos de “viva o rei!” soaram outros mais fortes de “viva a nação!”

Tinham que tomar uma defesa; induziram o rei a descer ao pátio Real; o pobre rei acordado em sobressalto, tendo dormido uma hora em lugar de sete, o pobre rei, natureza toda material, não tinha vontade própria; era um autômato, que recebia o impulso de uma vontade estranha.

Quem lhe dava esse impulso?

A rainha, natureza febril, que nem tinha comido nem dormido.

Há entes tão desgraçadamente organizados, que assim que as circunstâncias se tornam críticas, são mal sucedidos em tudo que empreendem; em vez de atrair a si os dissidentes, pode dizer-se que o pobre do rei aparecia expressamente para lhes mostrar o nenhum prestígio, que a realeza decaída deixa na frente do homem, quando o homem não é dotado nem de génio, nem de força.

No pátio os realistas levantaram

também um grito de “viva o rei!” o qual foi abafado pelo imenso grito de “viva a nação!”

Finalmente como os realistas insistissem:

– Não! Não! – bradaram os patriotas – o único rei é a nação.

O rei respondeu-lhes quase suplicante:

– Sim, meus amigos, sim: a nação e o vosso rei.

– Traga o delfim – disse Maria Antonieta em voz baixa à princesa Isabel – talvez os comova a presença do menino.

Foram procurar o delfim.

Entretanto o rei continuava a triste revista, e teve a infeliz idéia de se aproximar dos artilheiros.

Cometeu uma grande falta; os artilheiros, eram quase todos republicanos.

Contudo se o rei possuísse dom de palavra, talvez pudesse conciliar aqueles homens que as convicções afastavam dele; talvez com um discurso apropriado pudesse ganhar aqueles defensores.

Mas Luís XVI não era agradável nem nos gestos, nem nas palavras; balbuciou, e os realistas quiseram encobrir o embaraço do rei levantando pela terceira vez o infeliz brado de “viva o rei”, que já por duas vezes tão triste resultado tivera.

Este terceiro brado esteve a ponto de produzir uma colisão.

Os artilheiros abandonaram os seus postos, e caminhando para o rei, ameaçaram-no com murros.

- Julgas - disseram eles - que para defender um traidor como tu, atiraríamos sobre os nossos irmãos?

A rainha puxou o rei para trás.

- O delfim! O delfim! - gritaram muitas vozes; - “viva o delfim!”

Mas esse grito não foi repetido; o pobre menino aparecia em má hora.

A volta do rei ao palácio foi uma verdadeira retirada, quase uma fuga.

O rei entrou esbaforido no seu quarto e atirou consigo para uma cadeira.

A rainha ficou no quarto próximo, percorrendo-o com os olhos, como se procurasse um apoio.

Viu Charny em pé, encostado à ombreira da porta, muito abatido.

Dirigiu-se a ele e disse-lhe:

- Ai conde, tudo está perdido!

- Assim o receio, minha senhora - respondeu Charny.

- Ainda poderemos fugir?

- Com pesar digo a vossa majestade que é muito tarde.

- Então que nos resta fazer?

- Morrer - respondeu Charny, inclinando-se.

A rainha deu um suspiro e entrou no seu quarto.

XXXVIII

Das seis às nove horas da manhã

Logo depois do assassinio de Mandat, foi nomeado Santerre comandante geral da guarda nacional.

Mandou no mesmo instante os tambores tocarem a rebate em todas as ruas e nas torres de todas as igrejas.

Depois organizaram-se patrulhas de patriotas com ordem de irem até às Tulherias e principalmente de rondarem a Assembléia.

As patrulhas tinham durante toda a noite percorrido os arredores da Assembléia Nacional.

Às onze horas da noite tinham prendido nos Campos Elísios um grupo de onze pessoas, dez armadas com punhais e a undécima com um bacamarte.

Essas onze pessoas deixaram-se prender sem resistência, e foram conduzidas ao corpo

da guarda dos Frades Bernardos.

Durante o resto da noite foram presas mais onze pessoas e metidas em duas casas separadas.

Ao amanhecer as onze primeiras acharam meio de fugir, saltando pelas janelas para o jardim arrombando a porta deste.

As onze últimas foram guardadas com mais cautela.

Às sete horas da manhã foi conduzido ao corpo de guarda dos Frades Bernardos um homem de vinte e nove a trinta anos, com uniforme da guarda nacional; a elegância das maneiras e o brilho das armas tinham feito desconfiar que fosse aristocrata e como tal o haviam prendido.

Ele, todavia, mostrava-se tranqüilo.

Nesse dia era a secção dos Bernardos presidida por um tal Bonjour, antigo comissário de marinha.

Interrogou o jovem guarda nacional, perguntando:

– Onde foi preso?

- No terraço dos Bernardos.

- E que estava fazendo?

- Dirigia-me ao paço.

- Para quê?

- Para desempenhar uma ordem da
municipalidade.

- Que ordem era essa?

- Mandava-me às Tulherias verificar o
estado das coisas e fazer sobre elas um
relatório ao procurador geral, síndico do
departamento.

- Tem a ordem?

- Ei-la.

E o mancebo tirou um papel da
algibeira.

O presidente desdobrou e leu:

“O guarda nacional, portador da
presente ordem, dirigir-se-á ao paço, para ver
o estado dele, e fazer um relatório ao Sr.
procurador geral, síndico do departamento.

Boiséé, Le Roule, membros da
municipalidade”.

A ordem era positiva, todavia tiveram receio de que as assinaturas fossem falsas, e enviaram um homem à câmara com missão de as fazer reconhecer pelos dois signatários.

Esta última prisão tinha feito afluir muita gente ao pátio dos Bernardos, e do meio desta multidão algumas vozes, sempre as há nos ajuntamentos populares, começaram a pedir a morte dos presos.

Um comissário da municipalidade, que ali se achava, compreendeu que devia coibir estas vozes.

Subiu a um cavalete para falar ao povo, induzindo-o a que se retirasse.

No momento em que o povo ia talvez ceder à influência desta benéfica palavra, voltou o homem enviado à câmara para verificar a assinatura dos dois municipais e disse que a ordem era verdadeira, e que devia ser solto o mancebo portador dela, o qual se chamava *Suleau*.

Era o mesmo que vimos uma noite em casa da Sr^a. de Lamballe, quando Gilberto fez

ao rei Luís XVI um desenho de guilhotina, desenho que Maria Antonieta reconheceu ser o da mesma máquina, que Cagliostro lhe mostrara dentro de uma garrafa no castelo de Taverney.

Ouvindo o nome de Suleau, uma mulher, que estava entre a multidão, levantou a cabeça e deu um grito de raiva.

- Suleau! - bradou ela - Suleau, o redactor principal dos *Actos dos Apóstolos*! Suleau, um dos assassinos da independência liegense! É a mim que ele pertence! Peço a morte de Suleau!

O povo abriu caminho para que passasse a mulher, criatura baixa e franzina, que vestia de amazona, e cujo vestido era da cor das fardas da guarda nacional. Apresentava-se armada com um sabre; avançou para o comissário da municipalidade, obrigou-o a descer do cavalete e colocou-se no lugar em que ele estava.

Apenas a cabeça da mulher dominou a

multidão, logo o povo exclamou:

– Théroigne!

Efectivamente, Théroigne era a mulher popular por excelência.

Aquela popularidade provinha da sua cooperação nos dias 5 e 6 de Outubro, de ter sido presa em Bruxelas, de ter estado nas prisões austríacas e dos seus feitos em 20 de Junho. Era tão grande a popularidade daquela mulher, que Suleau, no seu sarcástico jornal, lhe dera por amante o *cidadão populus*.

Queria dizer: todo o povo.

Fazia assim a alusão à popularidade de Théroigne e à devassidão dos costumes, que diziam ser grande.

Além disso, Suleau tinha publicado em Bruxelas o *Rebate dos reis*, publicação que concorrera para esmagar a revolução liegense, e tornar a pôr sob o bastão austríaco e sob a mitra de um padre, um povo que queria ser livre e francês.

Théroigne precisamente nessa época

estava escrevendo a história da sua prisão, e já tinha lido alguns capítulos Jacobinos.

Théroigne pedia não só a morte de Suleau, mas a dos onze presos que estavam com ele.

Suleau ouviu soar aquela voz, que pedia no meio de aplausos a sua morte e a dos seus onze companheiros; chamou pela fechadura da porta o comandante da força que o guardava.

- Deixem-me sair - disse ele - direi o meu nome; matem-me, mas lembrem-se que a minha morte salva dez existências.

Não quiseram abrir-lhe a porta.

Quis saltar pela janela, mas os seus companheiros puxaram-no para dentro, e seguraram-no.

Não imaginavam que fosse possível entregá-los friamente aos assassinos.

Mas o presidente Bonjour, intimado pelos brados do povo, atendeu à reclamação de Théroigne, proibindo que a guarda nacional resistisse aos desejos do povo.

A guarda nacional afastou-se, e assim deixou a porta livre.

O povo precipitou-se dentro da prisão e agarrou ao acaso o primeiro que encontrou.

Era um tal abade Bouyon, autor dramático, conhecido também pelos epigramas do *Primo Tiago*, e pelo mau sucesso, que a maior parte das suas peças tinha tido no teatro de Montausier.

Era um homem colossal; arrancado pelo povo dos braços do comissário da municipalidade, que fazia diligência para o salvar, foi arrastado para o pátio, onde começou uma luta desesperada contra os assassinos; apesar de não ter outras armas senão as naturais, pôs fora de combate dois ou três daqueles miseráveis.

Finalmente, foi pregado contra a parede por uma baioneta, e expirou, sem que as suas últimas pancadas pudessem alcançar os inimigos.

Durante aquela luta, dois presos conseguiram escapar-se.

O imediato ao abade Bouyon foi um guarda do rei, por nome Solminiac: a sua defesa não foi menos heróica do que a do seu predecessor e a sua morte não foi menos cruel.

Depois foi assassinado outro, cujo nome se não sabe.

O quarto desgraçado foi Suleau.

– Olha – disse uma mulher a Théroigne
– aí tens o teu Suleau!

Théroigne só o conhecia de nome, julgava que fosse padre e abade; saltou nele como uma onça, deitando-lhe as mãos ao pescoço.

Suleau era moço, valente e forte; com um murro fez cair Théroigne a dez passos de distância; com um puxão violento desembaraçou-se de três ou quatro homens, tirou a espada da mão de um dos assassinos e com os dois primeiros golpes lançou dois por terra.

Então começou uma luta terrível; Suleau, ganhando sempre terreno, dirigiu-se

para a porta.

Chegou a tocar-lhe, mas obrigado, para a abrir, a voltar as costas aos assassinos, bastou esse instante para que vinte espadas lhe atravessassem o corpo.

Caiu aos pés de Théroigne, que teve a horrível alegria de lhe dar o último golpe.

O pobre Suleau era casado havia dois meses com uma mulher encantadora, filha de um pintor célebre.

Durante a luta de Suleau contra os assassinos, outro preso conseguiu escapar-se.

O quinto, que apareceu arrastado pelos assassinos, foi causa de que a turbamulta desse um grito de admiração; era um antigo guarda do corpo chamado du Vigier, e era conhecido pelo belo Vigier, e como era um moço tão perfeito quanto valente, lutou por mais de um quarto de hora, três vezes caiu e outras tantas se levantou, e cada pedra do pátio ficou manchada, tanto pelo seu sangue como pelo dos assassinos.

Finalmente, sucumbiu como Suleau,

esmagado pelo número.

Os quatro que restavam acabaram como reses no matadouro.

Os novos cadáveres, arrastados para a praça Vendôme, foram decapitados. As cabeças foram espetadas em chuços e passeadas pela cidade.

À noite, um criado de Suleau resgatou a preço de ouro a cabeça do amo, e só com muito custo pôde encontrar o cadáver. A carinhosa esposa de Suleau, grávida de dois meses, pedia em altos gritos os preciosos restos do marido, para lhes render os últimos deveres.

Por esta forma, mesmo antes de começar a luta, já o sangue tinha corrido em dois lugares.

Nas escadas do palácio da câmara municipal e no pátio dos Bernardos.

Vamos agora vê-lo correr nas Tulherias.

Precisamente no momento em que se perpetravam estes assassínios, isto é das oito às nove da manhã, dez a onze mil guardas

nacionais, reunidos pelo toque de rebate, desciam pela rua Saint-Antoine, atravessavam a famosa arcada de Saint-Jean, tão bem guardada na noite anterior, e desembocavam na praça.

Estes dez mil homens acabavam de pedir ordem para marcharem sobre as Tulherias.

Fizeram-nos esperar uma hora.

Corriam dois boatos entre a multidão.

O primeiro era que se esperava por algumas concessões do paço.

O segundo era que a força do bairro de Saint-Marceau ainda não tinha chegado, e que não deviam *marchar* sem ela.

Um grande número de homens armados de chuços impacientaram-se: como sempre, os menos armados eram os mais ardentes.

Meteram-se pelas fileiras da guarda nacional, dizendo que iriam sem ela tomar o paço.

Alguns marselheses e dez ou doze guardas franceses, daqueles mesmos

guardas, que três anos antes haviam tomado a Bastilha, foram aclamados chefes.

Foi esta a vanguarda da insurreição.

Entretanto, o ajudante de ordens, que tinha visto assassinar Mandat, voltara a toda a brida às Tulherias, mas só depois do triste passeio do rei pelo pátio, no momento em que o rei e a rainha se recolheram cada um à sua câmara, é que pôde falar-lhes para lhes dar a triste notícia.

A rainha sentia o que todos sentimos quando nos anunciam a morte de uma pessoa, que vimos poucos instantes antes: não podia acreditar a fatal notícia, e o ajudante de ordens teve de lha contar mencionando todos os seus horríveis pormenores.

Durante aquele tempo, subia o rumor até ao primeiro andar.

Os gendarmes, os guardas nacionais e os artilheiros patriotas, aqueles que haviam gritado: “Viva a nação!” começavam a provocar os realistas, chamando-lhes, os srs.

granadeiros reais, dizendo que entre os granadeiros do bairro de S. Tomás e os dos Moinhos, só havia homens vendidos à corte, e como em baixo ainda ignoravam a morte do comandante geral, que só era sabida no primeiro andar, um granadeiro exclamou:

- Precisamente o canalha Mandat só mandou aristocratas para o paço.

O filho mais velho de Mandat estava entre as fileiras da guarda nacional.

Já sabemos onde estava o mais moço: debalde tentava defender seu pai nos degraus do palácio da municipalidade.

A este insulto feito a seu pai ausente, o mais velho saiu das fileiras com a espada alçada.

Três ou quatro artilheiros saíram-lhe ao encontro.

Entre os granadeiros de S. Roque achava-se, com o uniforme de guarda nacional, Weber, o escudeiro da rainha.

Correu a socorrer o mancebo.

Ouviu-se o tinir das espadas.

Começava a desordem entre os dois partidos.

A rainha, ouvindo bulha, correu à janela, e conheceu Weber.

Chamou Thierry, escudeiro do rei, e ordenou-lhe que fosse buscar o seu colação.

Weber subiu e contou à rainha o que sucedera.

A rainha participou-lhe então a morte de Mandat.

A desordem debaixo das janelas continuava.

- Vai ver o que é aquilo Weber - ordenou a rainha.

- São os artilheiros que, abandonando as peças, meteram-lhes balas, e como não estão carregadas, não podem servir - respondeu Weber.

- Que pensa de tudo isto, meu pobre Weber?

- A minha opinião - respondeu o bom austríaco - é que vossa majestade deve consultar o Sr. Roederer, que julgo ainda um

dos fiéis, que há no paço.

– Sim; mas onde hei-de falar-lhe sem ser escutada e interrompida?

– Se vossa majestade se dignar, pode ser no meu quarto – disse o escudeiro Thierry.

– Pois seja – disse a rainha.

Depois, voltando-se para Weber, disse:

– Vai procurar o Sr. Roederer e leva-o ao quarto de Thierry.

E enquanto Weber saía por uma porta, a rainha, seguindo Thierry, saía por outra.

Davam nove horas no relógio do paço.

Das nove horas ao meio-dia

Logo que se chega a um ponto da história tão importante como este a que chegámos, não se devem omitir nenhuma particularidades, porque se prendem umas com as outras, e são todas de muito interesse.

No momento em que Weber procurava o síndico da comuna para lhe dizer que a rainha desejava falar-lhe, o capitão suíço Durler subia à câmara do rei para receber dele, ou do major general, as últimas ordens.

Charny viu o bom capitão, que procurava algum porteiro, ou algum escudeiro que o anunciasse a el-rei.

- Que deseja, capitão? - lhe perguntou Charny.

- Não é o Sr. major-general?

- Sim, capitão.

- Venho saber as últimas ordens, senhor,

visto que a vanguarda dos insurgentes começa a aparecer sobre o Carroussel.

- Não os deixe entrar, el-rei está resolvido a morrer no meio dos seus.

- Pode ficar certo de que assim o faremos - respondeu simplesmente o capitão Durler.

E foi levar aos seus camaradas esta ordem, que era a sua sentença de morte.

Com efeito, como dissera o capitão Durler, a vanguarda começava a aparecer.

Eram mil homens armados com chuços, precedidos por vinte marseheses e por quarenta guardas franceses; no meio deles brilhavam as dragonas de um jovem capitão.

Era Pitou, a quem Billot encarregara de uma missão.

À vanguarda seguia-se, à distância de meio quarto de légua, uma força considerável da guarda nacional, logo precedida por uma bateria de doze peças de artilharia.

Os suíços, logo que receberam a ordem do major general, foram silenciosa e

resolutamente ocupar os seus postos, guardando o frio e sombrio silêncio da resolução.

Os guardas nacionais, cuja disciplina não era tão severa, fizeram as suas disposições, com mais motim e algazarra, mas não com menos resolução.

Os gentis-homens, mal organizados, tendo por únicas armas pistolas, e espadas, certos de que se tratava de um combate de morte, sentiram uma espécie de entusiasmo febril em se irem achar a braços com o povo, este velho adversário, este eterno atleta, este lutador, sempre vencido, mas sempre a engrandecer depois de oito séculos.

Enquanto os sitiados, ou os que o iam ser, tomavam estas disposições, batiam à porta do pátio real, e muitas vozes bradavam: *Parlamentario!* e ao mesmo tempo, por cima do muro, mostravam um lenço branco espetado numa lança.

Foram procurar Roederer.

Finalmente encontraram-no.

- Estão batendo à porta do palácio, senhor – disseram os que o procuravam.

- Já ouvi bater e vou ver o que é.

- o que se há-de fazer?

- Abra.

A ordem foi transmitida ao porteiro, que abriu a porta e deixou a fugir.

Roederer deparou com a vanguarda dos homens armados de chuços.

- Meus amigos – disse Roederer – devem saber que se abriu a porta a um parlamentar e não a um exército. Onde está o parlamentar?

- Sou eu – disse Pitou com a sua agradável voz e meigo sorriso.

- Quem é o senhor?

- Sou o capitão Ângelo Pitou, chefe dos federados de Haramont.

Roederer não sabia quem fossem os federados de Haramont, mas como o tempo era precioso, não julgou a propósito indagar quem fossem.

- Que pretende? – continuou ele.

- Desejo a passagem livre para mim e para os meus amigos.

Os esfarrapados amigos de Pitou, brandindo as lanças e mostrando más caras, pareciam antes perigosos inimigos.

- A passagem livre! Para quê?

- Para ir cercar a Assembléia; temos doze peças de artilharia, mas nem só uma disparará, se anuírem ao que pretendemos.

- Mas que pretendem?

- A deposição do rei.

- Senhor - disse Roederer - a coisa é grave.

- Muito grave, sim, senhor - replicou Pitou com a sua habitual política.

- Merece que formemos conselho.

- É muito justo - respondeu Pitou.

E olhando para o relógio do castelo, disse:

- São dez horas menos um quarto; damos-lhe até às dez horas. Se a essa hora em ponto não tivermos resposta, atacaremos.

- Entretanto, permite que feche a porta,

não é assim?

– Sem dúvida.

Depois, dirigindo-se aos seus homens, disse:

– Meus amigos, permitam que fechem a porta.

E fez-lhes um sinal para que recuassem.

Obedeceram todos e a porta fechou-se.

Mas por esta porta um instante aberta, os agressores tinham podido ver os formidáveis preparativos feitos para os receberem.

Fechada a porta, os homens de Pitou quiseram continuar a parlamentar.

Alguns subiram aos ombros dos seus camaradas, escarrancharam-se no muro e começaram a palestrar com a guarda nacional.

A guarda nacional começou a responder-lhes.

Passado um quarto de hora veio um homem do paço, e deu ordem para abrirem a porta.

Desta vez não foi o porteiro, mas sim os guardas nacionais que a abriram.

Os agressores, ao verem a porta aberta, julgavam que lhes concediam o que tinham pedido, entraram pois com os homens que estavam impacientes por terem esperado, isto é todos ao mesmo tempo, chamando a altos brados os suíços, espetando os chapéus nas pontas das lanças e das espadas e gritando:

“Viva a nação! Viva a guarda nacional! Vivam os suíços!”

Os guardas nacionais responderam aos gritos de viva a nação.

Os suíços guardaram sombrio silêncio.

Os agressores só pararam à boca das peças.

O grande vestíbulo estava cheio de suíços formados a três de fundo; além disso, em cada degrau estava uma fileira de suíços, o que lhes dava a vantagem de poderem ao mesmo tempo fazer fogo das seis filas.

Alguns, e sobretudo Pitou, começaram a reflectir.

Porém já era tarde para se darem a este trabalho.

Demais, isto era o que sempre sucede em idênticas circunstâncias ao bravo povo francês, cujo principal carácter tanto tem de infantil, isto é, ora é bom, ora cruel.

Vendo o perigo nem sequer teve idéia de fugir, o que fez foi voltar-se, procurando gracejar com os guardas nacionais e com os suíços.

Os guardas nacionais não estavam muito longe de lhes corresponderem; os suíços porém guardaram o seu sério.

Eis o que tinha sucedido cinco minutos antes da aparição da vanguarda dos patriotas.

Como já dissemos, os guardas nacionais patriotas, em consequência da desordem promovida a propósito de Mandat, tinham-se separado dos patriotas realistas, e separando-se deles, tinham-se despedido dos suíços, cuja coragem estimavam e deploravam.

Ajustaram receber em suas casas, como

irmãos, os suíços que quisessem segui-los.

Então dois soldados valdeses, respondendo a este convite, feito na sua língua, saíram da fileira e foram correndo lançar-se nos braços dos franceses.

No mesmo instante dispararam dois tiros das janelas do paço e duas balas foram ferir os desertores nos braços dos seus novos amigos.

Os suíços, excelentes atiradores e caçadores de camurças, tinham achado este meio de se oporem à deserção.

Tudo isto, como é fácil de compreender, tornou os suíços sérios e mudos.

Os homens, que acabavam de entrar no pátio do castelo, armados com espadas e lanças ferrugentas, isto é, mal armados, eram os precursores da revolução, e como temos visto em todos os grandes motins, iam, rindo, abrir o abismo que havia de engolir um trono, e talvez mais do que um trono, uma monarquia.

Os artilheiros tinham corrido para eles e

a guarda nacional parecia estar decidida a fazer o mesmo; só faltavam os suíços e procuraram decidi-los.

Não percebiam que o tempo corria e que Pitou, seu chefe tinha dado ao síndico Roederer até às dez horas e já eram dez e um quarto.

Como se divertiam, não contavam os minutos.

Um deles, que em lugar de espingarda e em vez de espada tinha um gancho, disse ao que lhe ficava próximo:

– Se eu pescasse um suíço?

– Pois pesca-o – disse-lhe o outro.

E fisingando o gancho aos botões da farda de um suíço, puxou-o para si.

A resistência do suíço era fingida e deixou-se arrastar docemente.

– Este pegou na isca – disse o pescador.

– Pois puxa-o com doçura.

O homem do gancho assim fez, e o suíço passou do vestíbulo para o pátio, como um peixe passa do rio para o cabaz.

Esta operação foi aplaudida com grandes aclamações e gargalhadas.

- Outro, outro? - gritaram de todos os lados.

O pescador deitou o gancho a outro suíço e puxou-o.

Depois do segundo veio terceiro.

Depois o quarto, depois o quinto.

Todo o regimento teria passado, se não houvesse sentido a voz de:

“Apontar”.

Vendo abaixar os canos das espingardas com o som e certeza mecânicos, com que as tropas regulares acompanham este movimento, um dos assaltantes, em tais circunstâncias sempre há um insensato, que dá o sinal para a carnificina, lembrou-se de disparar uma pistola para uma das janelas do paço.

Durante o curto intervalo, que vai entre a voz *apontar* e a voz *fogo*, Pitou compreendeu o que se ia passar.

- Deitem-se no chão! Deitem-se no chão!

- gritou ele aos seus homens: aliás são todos mortos!

E juntando o exemplo à palavra, foi o primeiro a deitar-se ao chão.

Mas, sem que a sua recomendação tivesse tempo de ser seguida, retiniu a palavra fogo, e o vestibulo encheu-se de fumo, cuspindo para o pátio uma copiosa chuva de balas.

A massa compacta, talvez metade da coluna, havia entrado no pátio; ondulou como uma seara curvada pelo vento, depois como a seara cortada pela foice, oscilou e caiu.

Apenas a terça parte ficou viva.

Esta terça parte fugiu, passando por debaixo do fogo de duas linhas e sob o das barracas.

Linhas e barracas fizeram fogo ao mesmo tempo.

Os atiradores ter-se-iam morto uns aos outros, se entre eles não houvesse uma espessa muralha de homens.

A muralha desfez-se em pedaços; quatrocentos homens, entre mortos e feridos, ficaram jazendo no pátio.

Entre eles, cem, feridos mais ou menos mortalmente, lamentando-se, fazendo esforços para se levantarem, tornando a cair, davam a certas partes deste campo de cadáveres uma mobilidade, semelhante à de uma onda formidável, que está para se desfazer.

A pouco e pouco tudo desapareceu, e com excepção de alguns teimosos, que se obstinavam a viver, tudo tornou a entrar na imobilidade.

Os fugitivos espalharam-se no Carroussel, desembocando por uma parte, pelo lado do cais, por outra, pela rua de Saint-Honoré, e gritando:

– Assassnam-nos! Assassnam-nos!

Quase ao pé do Pont-Neuf encontraram o grosso do exército.

O grosso do exército era comandado por dois homens a cavalo, seguidos por um

homem a pé, o qual também parecia tomar parte no comando.

Viram os fugitivos que corriam.

- Ah! - gritaram os fugitivos, reconhecendo num dos cavaleiros o fabricante de cerveja do bairro de Santo António, notável pela sua colossal estatura, à qual servia de pedestal um enorme cavalo flamengo: - ai, Sr. Santerre! Valha-nos! Estão assassinando os nossos irmãos!

- Quem é que os assassina? - perguntou Santerre.

- Os suíços! Atiraram sobre nós, quando estávamos com as bocas à altura das faces deles.

Santerre voltou-se para o segundo cavaleiro e perguntou-lhe:

- Que pensa disto, senhor?

- Mas - disse com pronúncia alemã, muito acentuada, o segundo cavaleiro, que era um homem baixo e louro - julgo que há um provérbio militar, que diz: "O soldado deve dirigir-se para onde ouve a bulha dos

tiros”; vamos pois para onde eles nos chamam.

- Mas - disse aos fugitivos o homem que estava a pé - iam comandados por um oficial moço e não o vejo!

- Foi o primeiro que caiu, cidadão representante - respondeu um dos fugitivos - e é uma desgraça, porque era um moço muito valente.

- Sim, era um valente rapaz - repetiu empalidecendo aquele a quem tinham dado o nome de cidadão representante; - sim, era um mancebo valente, mas também vai ser vingado valorosamente. Para a frente, Sr. Santerre.

- Creio, meu querido Billot - respondeu Santerre - que num negócio tão grave, devemos chamar em nosso auxílio, não só a coragem, mas a experiência.

- Concedo.

- Portanto proponho que se entregue o comando em chefe ao cidadão Westermann, que é um verdadeiro general, e um amigo do

cidadão Danton, e sou o primeiro a oferecer-me para lhe obedecer como um simples soldado.

- Tudo o que quiser - disse Billot - contanto que marchemos sem perder um instante.

- Aceita o comando, cidadão Westermann? - perguntou Santerre.

- Aceito - respondeu laconicamente o prussiano.

- Então comece a dar as suas ordens.

- Para a frente - gritou Westermann.

E a imensa coluna, que por um instante parara pôs-se em marcha.

Deram onze horas no relógio das Tulherias, quando a vanguarda penetrava no Carroussel ao mesmo tempo pela rua de l'Échelle e pelas dos Cais.

XL

Das nove horas ao meio-dia

Tornando a recolher-se ao paço, o síndico Roederer encontrou o escudeiro da rainha, que o procurava.

Desejava também falar à rainha, porque sabia que era a única força do palácio.

Estimou pois saber que ela o esperava num sítio em que poderia falar-lhe sem ser interrompido.

Portanto, seguiu Weber.

A rainha estava assentada ao pé do fogão, com as costas voltadas para a janela.

Ouvindo abrir a porta, voltou-se vivamente.

– E então, senhor? – perguntou ela.

– Vossa majestade fez-me a honra de me mandar chamar? – perguntou Roederer.

– Sim, senhor: é um dos primeiros magistrados da cidade, e a sua presença no

paço é um escudo para a realeza; é esta a razão por que lhe pergunto se devemos ter receio ou esperança.

- Que esperar, minha senhora, pouco há ou nada; que temer, há tudo.

- O povo marcha decididamente contra o paço?

- A sua vanguarda está no Carroussel e parlamenta com os suíços.

- Parlamentam com os suíços, senhor? Mas eu dei-lhes ordem para repelirem a força com a força; estarão porventura dispostos a desobedecer-me?

- Não, senhora, os suíços hão-de morrer no seu posto.

- E nós no nosso, senhor; assim como os suíços são soldados ao serviço dos reis, são os reis soldados ao serviço da realeza.

Roederer calou-se.

- Acaso terei a desventura de ver a minha opinião em desacordo com a sua? - perguntou a rainha.

- Augusta senhora - respondeu

Roederer – nunca me atreveria a expender a minha opinião, se vossa majestade não fizesse a honra de me perguntar.

– Então diga-me, qual é?

– Vou dizê-la a vossa majestade com toda a franqueza: é que el-rei está irremediavelmente perdido, se fica nas Tulherias.

– Mas se não ficarmos nas Tulherias, para onde havemos de ir? – perguntou a rainha levantando-se e parecendo ter ficado muito assustada.

– Agora – respondeu Roederer – há apenas um único asilo que possa proteger a família real.

– Qual é, senhor?

– A Assembléia Nacional.

– Que diz? – perguntou a rainha como que convencida de não ter ouvido bem.

– A Assembléia Nacional – repetiu Roederer.

– E julga o senhor que eu seja capaz de pedir coisa alguma a semelhante gente?

Roederer não respondeu.

- Inimigos por inimigos, prefiro os que nos atacam de frente e descobertos àqueles que tudo querem destruir à traição e hipocritamente.

- Nesse caso, senhora, ou vá para a frente ao encontro do povo, ou retire para a Assembléia.

- Retirar? Acaso estamos tão desprovidos de defensores que sejamos obrigados a retirar antes de ter começado o fogo?!

- Quer vossa majestade, antes de tomar uma resolução, ouvir o conselho de um homem competente e conhecer as forças de que pode dispor?

- Weber, vai procurar-me um dos oficiais do palácio, o Sr. Maillardos, ou o Sr. de La Chesnay, ou o...

A rainha queria dizer ou o conde de Charny, mas calou-se.

Weber saiu.

- Se vossa majestade quer julgar por si

mesma, digne-se chegar à janela – disse Roederer.

A rainha deu alguns passos para a janela com visível repugnância, afastou as cortinas, e viu o Carrossel e o próprio pátio real cheio de gente armada.

– Meu Deus! – exclamou ela – o que faz esta gente!

– Já o disse a vossa majestade estão parlamentando.

– Mas entraram no pátio real.

– Julguei dever ganhar tempo para que vossa majestade pudesse tomar uma resolução.

Neste momento abriu-se a porta.

– Venha, venha! – disse a rainha, sem saber a quem se dirigia.

Entrou Charny e disse:

– Aqui estou, minha senhora!

– Ah! É o conde; então nada tenho que perguntar-lhe, porque há pouco me disse o que nos restava fazer.

– E segundo a opinião deste senhor –

perguntou Roederer – resta-lhes?

– Morrer – disse a rainha.

– Vossa majestade bem vê que o que proponho é preferível.

– Oh! Pela minha alma que não sei! – disse a rainha.

– Que propôs este senhor a vossa majestade? – perguntou Charny.

– Conduzir o rei à Assembléia.

– Isso não é a morte – disse Charny – é a vergonha.

– Ouviu, senhor – disse a rainha.

– Ora vejamos – retorquiu Roederer – não haverá um meio termo?

Weber adiantou-se.

– Não valho nada – disse ele – conheço que é grande ousadia meter-me a falar onde não me chamam e na presença de pessoas tão elevadas; mas talvez que a minha dedicação me inspire: há um meio talvez de conciliar tudo: é pedir à Assembléia que envie para aqui uma deputação, que vele pela segurança de el-rei.

– Nisso consinto – disse a rainha.

– Sr. de Charny, se aprova esta proposta, peço-lhe que vá transmiti-la a el-rei.

Charny inclinou-se e saiu.

– Segue o conde, Weber, e traze-me a resposta de el-rei.

Weber saiu atrás do conde.

A presença de Charny, frio, grave, delicado, era, senão para a rainha, ao menos para a mulher, uma censura tão terrível, que ela não podia vê-lo sem estremecer.

Além disso, talvez a rainha tivesse um terrível pressentimento do que se ia passar.

Weber entrou.

– El-rei aceita, augusta senhora – disse ele – e os srs. Champion e Dejoly vão já à Assembléia fazer a requisição.

– Mas, repare – disse a rainha.

– No que, real senhora? – perguntou Roederer.

– No que eles estão fazendo.

Os assaltantes estavam ocupados a pescar os suíços.

Roederer olhou, mas antes de ter tempo para fazer idéia do que se passava, ouviu um tiro de pistola, seguido de terrível descarga.

O palácio tremeu como se fora abalado nos seus fundamentos.

A rainha deu um grito e recuou um passo, mas depois, arrastada pela curiosidade, tornou à janela.

- Oh! Veja! Veja! - disse ela entusiasmada - fogem, estão derrotados. E dizia há pouco, Sr. Roederer, que não tínhamos outros recursos senão a Assembléia.

- Quer vossa majestade fazer a graça de me acompanhar?

- Veja, veja! - continuou a rainha - lá fazem os suíços uma sortida: como os perseguem! Oh! O Carroussel está livre! Vitória! Vitória!

- Pelo seu interesse, senhora, acompanhe-me - disse Roederer.

A rainha acompanhou o síndico.

- Onde está el-rei? - perguntou Maria

Antonieta ao primeiro escudeiro que encontrou.

- Na galeria do Louvre.

- É precisamente onde eu queria conduzir vossa majestade - disse Roederer.

A rainha acompanhou-o, sem fazer idéia da intenção do seu guia.

A galeria estava além da barricada, cortada.

Defendiam-na duzentos ou trezentos homens, e podiam recolher-se ao Louvre por uma espécie de ponte movediça, a qual, empurrada pelo último fugitivo, caía na rua.

O rei estava numa janela com o Sr. de La Chesnaye, com o Sr. Maillardos e cinco ou seis gentis-homens.

Tinha na mão um óculo.

A rainha chegou-se à janela e não lhe foi preciso óculo para ver o que se passava.

O exército dos insurgentes aproximava-se longo e espesso, cobrindo todo o comprimento do cais e estendendo-se a perder de vista.

No Pont-Neuf, a força do bairro de Saint-Marceau, reuniu-se com a do bairro Saint-Antoine.

Todos os sinos de Paris tocavam a rebate.

O da igreja de Nossa Senhora sobressaía a todos os outros.

Um sol ardente dardejava milhares de raios sobre os canos das espingardas e os ferros dos chuços.

Depois ouvia-se o surdo rodar da artilharia, como ao longe se ouve o bramir da tempestade.

- E então, senhor? - perguntou Roederer.

Atrás do rei tinham-se reunido umas cinqüenta pessoas.

A rainha lançou um profundo olhar sobre as pessoas que a rodeavam.

O olhar parecia penetrar até ao fundo dos corações, para sondar a dedicação que neles existia.

Depois, em silêncio, a pobre senhora,

não sabendo a quem se dirigisse, nem que súplica fizesse, pegou no filhinho e mostrou-o aos oficiais suíços, aos oficiais da guarda nacional e aos gentis-homens.

Não era uma rainha pedindo o trono para o seu herdeiro, era a mãe aflita no meio de um incêndio e gritando:

“O meu filho! Quem salvará o meu filho?”

Entretanto o rei falava em voz baixa com o síndico da comuna, ou antes Roederer repetia-lhe o que já havia dito à rainha.

Em redor da família real tinham-se formado dois grupos bem distintos.

O grupo do rei, frio e grave, era composto de conselheiros, que aprovavam o conselho dado pelo síndico Roederer.

O grupo da rainha, ardente, entusiasta, numeroso, era composto de mancebos militares, que agitavam os chapéus, desembainhavam as espadas, elevavam as mãos para o delfim, beijavam de joelhos o vestido da rainha e juravam morrer por um e

por outro.

À vista deste entusiasmo reanimou-se por um instante a esperança da rainha.

Neste momento, o grupo do rei reuniu-se ao da rainha, e o rei achou-se, com a sua impassibilidade ordinária, no centro dos grupos reunidos.

Aquela impassibilidade talvez fosse ânimo.

A rainha tirou duas pistolas do cinto do Sr. Maillardos, comandante dos suíços.

– Vamos, senhor – disse ela ao esposo – eis o momento de triunfar ou de morrer no meio de todos os nossos amigos.

Esta acção da rainha encheu todos do maior entusiasmo; todos esperavam de boca aberta e com a respiração suspensa a resposta do rei.

Um rei moço e valente, que se tivesse arrojado com valor no meio do combate, com duas pistolas na mão, poderia talvez mudar a face da fortuna.

Todos esperavam.

Mas o rei tirou as pistolas das mãos da rainha e entregou-as ao Sr. Maillardos.

Depois, voltando-se para o síndico da comuna:

- Não disse que devo dirigir-me à Assembléia?

- Senhor - respondeu Roederer inclinando-se - é a minha opinião.

- Vamos, senhores - disse o rei - nada há mais que fazer aqui.

A rainha deu um suspiro, pegou no delfim, e voltando-se para as Sr^{as}. de Lamballe e de Tourzel, disse:

- Venham, senhoras, visto que el-rei assim o quer.

Era o mesmo que dizer a todos os mais: abandono-os.

A Sr^a. Campan esperava a rainha no corredor, por onde devia passar.

A rainha viu-a e disse-lhe:

- Espere-me no meu quarto; irei reunir-me consigo, ou mandá-la-ei buscar, Deus sabe para onde!

Depois, chegando-se ao ouvido da Sr^a. Campan, murmurou:

- Oh! Um passeio à borda do mar!

Os gentis-homens abandonados olhavam uns para os outros, como se dissessem:

“E foi pelo rei que aqui viemos buscar a morte?”

O Sr. de La Chesnaye compreendeu perfeitamente esta muda interrogação.

- Não, senhores, foi pela realeza - disse ele - o homem é mortal, o princípio não pode morrer.

Enquanto as desventuradas senhoras - e havia muitas, porque algumas que estavam fora do paço tinham feito esforços inauditos para tornarem a entrar nele - estavam aterradíssimas.

Pareciam estátuas de mármore, em pé, nos cantos dos corredores e nos degraus das escadas.

Finalmente o rei dignou-se lembrar daqueles que abandonava.

Parou no fim da escada.

- Mas - disse ele - que sucederá às pessoas que deixo lá em cima?

- Senhor - disse Roederer - é-lhes muito fácil seguirem vossa majestade, passando pelo jardim.

- É verdade - disse o rei - vamos.

- Ah! Sr. de Charny - disse a rainha, vendo o conde que a esperava com a espada desembainhada à porta do jardim - porque não segui o conselho, que antes de ontem me deu, de fugir?

O conde não respondeu, e aproximando-se do rei disse-lhe:

- Vossa majestade quer servir-se do meu chapéu para não ser conhecido?

- Ah! É verdade - disse o rei - por causa da pluma branca; obrigado, senhor.

E trocou o chapéu pelo do conde de Charny.

- Senhor - perguntou a rainha - acaso o rei corre algum perigo nesta excursão?

- Vossa majestade bem vê que se há

algun perigo, faço o que posso para o afastar de sua majestade.

- Senhor - disse o capitão suíço encarregado de proteger a passagem do rei pelo jardim - vossa majestade está pronto?

- Sim - respondeu o rei, enterrando na cabeça o chapéu de Charny.

- Então - disse o capitão - saíamos.

- O rei avançou no meio de duas fileiras de suíços, que marchavam a passo.

De repente ouviram-se grandes gritos à direita.

A porta que dava para as Tulherias, ao pé do café de Flora, tinha sido forçada.

Um magote de povo, sabendo que o rei ia para a Assembléia, precipitara-se no jardim.

O homem que parecia chefe deste bando, levava por bandeira uma cabeça espetada num chuço.

O capitão mandou imediatamente fazer alto e carregar as armas.

- Sr. de Charny - disse Maria Antonieta

- se me vir prestes a cair nas mãos desses miseráveis, mata-me, não é assim?

- Não o posso prometer - respondeu Charny.

- Por quê? - perguntou a rainha.

- Porque antes que uma só mão toque em vossa majestade, estarei já morto.

- Oh! - disse o rei - é a cabeça do infeliz Mandat, bem a conheço.

Aquele bando de assassinos não ousou aproximar-se, mas dirigiram toda a sorte de injúrias ao rei e à rainha, e dispararam cinco ou seis tiros, que mataram um suíço e feriram outro.

O capitão mandou apontar e os soldados obedeceram.

- Não dê a voz de fogo - disse vivamente Charny - aliás nem um só de nós chegará à Assembléia.

- Tem razão, senhor - respondeu o capitão - e deu a voz de: braço armas!

Os soldados obedeceram à voz e continuaram a avançar.

Os calores do ano, apesar do mês de Agosto estar no princípio, já tinham secado as folhas, que juncavam o chão.

O delfim divertia-se em as empurrar com os pés, para os pés da irmã, que ia adiante dele.

- As folhas, este ano caem muito cedo - disse o rei.

- Não escreveu um dos revolucionários - perguntou a rainha: *que a realeza não chegaria ao tempo de caírem as folhas?*

- Não há dúvida, minha senhora - respondeu Charny.

- Como se chamava o tal profeta?

- Manuel.

Entretanto apresentava-se novo obstáculo no caminho da família real; era um grupo considerável de homens e mulheres, que esperavam com gestos ameaçadores, agitando as armas, nas escadas e no terraço, escadas que as pessoas reais tinham de atravessar impreterivelmente para passarem do jardim das Tulherias para o picadeiro.

O perigo era tanto maior, porquanto era quase impossível que os suíços não rompessem as fileiras.

Todavia o capitão suíço fazia os maiores esforços para atravessar a multidão, mas manifestou-se tal furor, que Roederer exclamou:

– Senhores, tomem cuidado, que podem matar el-rei!

Fizeram alto e enviaram um emissário à Assembléia, para a prevenir de que el-rei ia pedir-lhe asilo.

A Assembléia enviou uma deputação, a qual, vista pelo populacho, redobrou-lhe o furor.

Já se ouviam estes gritos dados com frenesi:

Abaixo o *Sr. Veto!* Abaixo a *austriaca!* A deposição ou a morte!

As duas crianças, conhecendo que as ameaças eram dirigidas à mãe, agarravam-se a ela.

O delfim perguntava:

- Sr. de Charny, por que razão querem fazer mal à mamã?

Um homem de estatura colossal, armado de um chuço e gritando: abaixo o Sr. *Veto!* morra a *Austríaca!* fazia diligência para alcançar com o chuço o rei e a rainha.

Os gritos de abaixo o Sr. *Veto!* morra a *Austríaca!* em vez de diminuírem, aumentavam.

A escolta suíça tinha-se afastado a pouco e pouco; a família real não tinha em volta de si mais do que os gentis-homens que com ela tinham saído das Tulherias o Sr. de Charny e a deputação da Assembléia, que tinha ido protegê-la.

Tinham que dar mais de trinta passos no meio de uma multidão compacta.

Era evidente que tentavam contra a vida do rei, e principalmente contra a da rainha.

A luta começou no princípio da escada.

- Senhor - disse Roederer a Charny - embainhe a espada, aliás não respondo pelo que possa suceder.

Charny obedeceu sem proferir uma só palavra.

O grupo da família real foi impelido pelo populacho, como um barco é levantado pelas vagas, e foi arrastado para o lado da Assembléia; o rei foi obrigado a empurrar um homem, que lhe levava a mão à cara como que ameaçando-o.

O delfim gritava e estendia os braços pedindo socorro, porque se sentia apertado.

Dentre o populacho saiu um homem, que lhe pegou e o arrancou das mãos da mãe.

- Sr. de Charny! - exclamou a rainha - em nome do Céu, salve o meu filho!

Charny deu alguns passos para o homem que levava o menino, mas apenas se afastou da rainha, logo dois ou três braços se estenderam para ela, e uma mão agarrou-lhe no lenço que lhe cobria o peito.

A rainha deu um grito.

Charny esqueceu a recomendação de Roederer, e a espada desapareceu no corpo do homem, que se tinha atrevido a pôr a mão

na rainha.

O populacho deu um grito de raiva ao ver cair um dos seus e arremessou-se desesperado e com grande violência sobre o grupo.

As mulheres berravam:

– Matem a *austriaca*! ou dêem-no-la para que a façamos em pedaços! Morra! Morra!

E vinte braços se estendiam para a agarrar.

Mas ela, fora de si pela dor, não se importava com o seu próprio perigo e não cessava de gritar:

– O meu filho! O meu filho!

Estavam quase a chegar à porta da Assembléia, e a multidão que viu que lhe ia escapar a presa, com que contava, fez um último esforço.

Charny estava tão apertado que só podia bater com o punho da espada.

Viu entre punhos fechados e ameaçadores uma mão armada com uma pistola apontada para a rainha.

Charny lançou-se sobre o assassino.

Neste momento, a rainha entrava atrás do rei no corredor da Assembléia; estava salva.

É verdade que sobre ela fechava-se a porta, e a essa porta caía o conde de Charny; ferido ao mesmo tempo com uma barra de ferro na cabeça e com o golpe de um chuço no peito.

- Como meus irmãos! - murmurou ele caindo; - pobre Andréa!

O destino de Charny estava cumprido, como o de Isidoro, como o de Jorge.

O da rainha ia cumprir-se.

Neste momento uma descarga de artilharia anunciou que os insurgentes atacavam o paço.

XLI

Do meio-dia às três horas

Como sucedera à rainha, os suíços ao verem fugir os primeiros agressores, julgaram por um instante que tinham posto em fuga todo o exército.

Tinham morto no palácio real perto de quatrocentos homens, cento e cinqüenta ou duzentos no Carroussel e tinham tomado sete peças de artilharia.

Demais, em toda a distância que a vista podia alcançar, não se via um só homem em estado de se defender.

Apenas uma pequena bateria isolada, assestada num terraço fronteiro ao campo dos suíços, continuava a fazer fogo, não sendo possível fazê-la cessar.

Como se julgavam senhores da insurreição, tratavam de tomar medidas para destruírem a tal bateria, custasse o que

custasse, quando se ouviu soar da banda do cais o toque de tambor e o rodar sombrio da artilharia.

Era o exército, que por um óculo o rei vira da galeria do Louvre.

Ao mesmo tempo espalhou-se a notícia de que o rei tinha deixado o paço para ir pedir asilo à Assembléia Nacional.

É difícil dizer o efeito que esta notícia produziu, ainda mesmo nos realistas mais dedicados.

O rei, que tinha prometido morrer no seu posto, desertava e passava para o inimigo.

Ou então entregava-se prisioneiro sem combater.

Os guardas nacionais consideraram-se desonerados do seu juramento e começaram a retirar quase todos.

Seguiram-nos alguns gentis-homens, porque julgavam inútil afrontar a morte por uma causa, que estava perdida.

Ficaram só os suíços, sombrios,

silenciosos mas escravos da disciplina.

Do alto do terraço do pavilhão de Flora e pelas janelas do Louvre via-se aproximar a população desses bairros heróicos, a que nunca pôde resistir exército nenhum, e que num dia tinham derrubado a Bastilha, essa fortaleza, cujos alicerces estavam enraizados no solo havia quatro séculos.

Os assaltantes tinham o seu plano; julgavam que o rei estivesse no paço e queriam cercá-lo para o apanharem.

A coluna, que seguia o cais da margem esquerda, recebeu ordem para forçar a porta do lado do rio, a que seguia a rua de Saint-Honoré a porta dos Bernardos, ao passo que a coluna da margem esquerda, comandada por Westermann, tendo às suas ordens Santerre e Billot atacaria pela frente, visto ser a parte mais difícil de realizar.

Esta coluna desembocou de repente por todas as ruas do Carroussel, cantando a *Marselhesa*.

Os marseheses iam na vanguarda da

coluna, arrastando no meio das suas fileiras duas pequenas peças de calibre quatro, carregadas de metralha.

No Carroussel estavam formados em linha de batalha perto de duzentos suíços.

Os marselheses marcharam em direcção aos suíços, e no momento em que estes apontavam as espingardas para fazerem fogo, chegaram o morrão às duas peças e dispararam.

Os soldados descarregaram as espingardas, mas retiraram logo, deixando no Carroussel trinta homens, entre mortos e feridos.

Os insurgentes, levando à frente os marselheses e os bretões, caíram imediatamente sobre o paço e tomaram dois pátios.

O pátio Real, situado no centro, onde havia tantos mortos, e o pátio dos príncipes, próximo ao pavilhão de Flora.

Billot tinha querido combater no sítio onde fora morto o seu amigo Pitou tanto mais

que ainda tinha esperança de que o pobre rapaz estivesse apenas ferido, e poder pagarlhe no pátio Real o serviço que ele lhe prestara no Campo de Marte.

Foi pois um dos que primeiro entrou no pátio do centro; o cheiro do sangue ali era tal, que o pátio parecia um açougue.

Daquele montão de cadáveres exalava-se uma espécie de fumo.

Aquele espectáculo e aquele cheiro exaltaram os agressores: atiraram sobre o paço.

Demais, ainda que quisessem recuar, era-lhes impossível; as massas que de todas as ruas desembocavam nos postigos do Carroussel, mais pequenos então do que são actualmente, empurravam-nos para diante.

Mas, convém dizê-lo, apesar da fachada do paço parecer um fogo de artifício, ninguém tinha idéia de dar um passo à retaguarda.

E todavia, depois de entrarem no pátio do centro os insurgentes achavam-se metidos

entre três fogos, o fogo do pavilhão do Relógio e o das duas fileiras de barracas.

Os marseheses atiraram-se a elas, mas não lhes foi possível destruí-las com as mãos.

Pediam alviões e enxadas.

Billot pedia cartuchos.

Westermann percebeu o plano do seu tenente.

Arranjaram-se as granadas com as competentes mechas.

Com o risco de que as granadas lhes rebentassem nas mãos, os marseheses acenderam as mechas e arremessaram-nas para dentro das barracas.

As barracas incendiaram-se.

Os insurgentes, com Billot à frente, aproveitaram o ensejo para seguirem os fugitivos até dentro do vestíbulo.

Ali cruzou-se o ferro com o ferro, o fogo com o fogo.

Billot sentiu-se de repente agarrado por detrás e voltou-se, julgando que era um inimigo; vendo porém a pessoa que o

estreitava, deu um grito de alegria.

Era Pitou.

Mas em que estado! Coberto de sangue desde os pés até à cabeça, mas são e salvo. Pitou não tinha uma única ferida.

No momento em que ele viu apontar as espingardas dos suíços, gritou, como dissemos: Deitem-se no chão.

E dera o exemplo.

Mas os seus camaradas não tiveram tempo de o seguir.

As balas, como uma foice imensa, tremenda, tinham passado na altura de um homem, e tinham cortado duas terças partes daquelas espigas humanas, que gastam a crescer vinte e cinco anos, mas que se aniquilam num segundo.

Pitou sentiu-se como que enterrado em cadáveres.

Depois viu-se banhado num líquido quente, que corria de todas as partes.

Apesar da impressão bastante desagradável que sentia, Pitou, abafado pelos

corpos, banhado em sangue, resolveu não dizer palavra e esperar.

Esperou por mais de uma hora esse instante favorável.

É verdade que cada minuto dessa hora tinha-lhe parecido um século.

Finalmente, pareceu-lhe que chegara o instante tão desejado, quando ouviu os gritos de vitória dos seus companheiros, e no meio dos gritos a voz de Billot, que o chamava.

Então, como Encelado enterrado debaixo do monte Etna, tinha sacudido aquela campa de cadáveres, conseguira pôr-se de pé, e vendo Billot na primeira fileira, tinha-se apressado a apertá-lo contra o coração, sem curar do lado por que o apertaria.

Uma descarga dos suíços, a qual deitou por terra dez ou doze homens, chamou Pitou e Billot à gravidade da situação.

Uma extensão de novecentas toesas de edifícios ardiam à direita e à esquerda do pátio do centro.

O pátio estava cheio de fumo, que oprimia os combatentes.

O vestíbulo também estava cheio de fumo.

De cada janela da fachada saía uma nuvem de fumo.

Ninguém sabia a quem dava, ou de quem recebia a morte.

Pitou, Billot, os marseheses, a vanguarda da coluna avançaram para a frente, e por entre uma nuvem de fumo entraram no vestíbulo.

Toparam com uma muralha de baionetas.

Eram as dos suíços.

Foi então que os suíços começaram a sua retirada, retirada heróica, na qual, passo a passo, de degrau em degrau, deixando uma fileira dos seus em cada um que subiam, foram perdendo terreno.

Depois contaram-se na escada oitenta cadáveres.

De repente, ouviu-se soar nas câmaras e

nos corredores do palácio este grito:

– O rei ordena que os suíços deixem de fazer fogo!

Eram duas horas depois do meio-dia.

Eis o que se passara na Assembléia, e que produzia a ordem proclamada nas Tulherias para fazer cessar a luta, ordem que tinha a dupla vantagem de diminuir a exaltação dos vencedores e de cobrir a honra dos vencidos.

No momento em que sobre a rainha se fechava a porta dos Bernardos, e quando através da porta ela viu alavancas, lanças e baionetas ameaçarem Charny, dera um grito estendendo os braços para a porta; arrastada porém para a sala pelas pessoas que a acompanhavam, e ao mesmo tempo, pelo seu instinto de mãe que lhe dizia, que primeiro do que tudo, devia seguir o filho, tinha entrado na Assembléia atrás do rei.

Ali esperava-a uma grande alegria; acabava de ver seu filho assentado sobre a secretária do presidente.

O homem que o tinha arrebatado sacudia alegremente o boné vermelho por sobre a cabeça do menino, e dizia muito satisfeito:

– Salvei o filho dos meus senhores! Viva o delfim!

Mas, mal que viu o filho salvo, logo o coração da rainha se voltou para Charny.

– Senhores – disse ela – um dos meus mais valentes oficiais, um dos meus mais dedicados servidores, está à porta em perigo de morte; peço-lhes socorro para ele.

Cinco ou seis deputados correram para a porta.

O rei e a rainha, a família real e os dois ministros, que a acompanhavam, dirigiram-se para as cadeiras destinadas aos ministros e assentaram-se.

Vergniaud era o presidente.

Antes de se assentar, o rei fez sinal de que queria falar.

Todos se calaram.

– Vim aqui – disse o rei – para evitar um

grande crime; julguei que em nenhuma outra parte podia estar com mais segurança do que no meio de vós.

- Senhor - respondeu o presidente - podeis contar com a firmeza da Assembléia Nacional; os seus membros juraram morrer defendendo os direitos do povo e as autoridades constituídas.

O rei assentou-se.

Neste momento retumbou até às portas da Assembléia uma fuzilaria espantosa; era a guarda nacional, que, juntamente com os insurgentes, atirava do terraço dos Bernardos sobre os suíços, que tinham escoltado o rei.

Um oficial da guarda nacional, que perdera a cabeça, entrou esbaforido na Assembléia, gritando:

- Os suíços! Os suíços! Fomos derrotados!

A Assembléia julgou que os suíços, vencedores, tinham repellido a insurreição, e que se dirigiam para o lado do picadeiro com o propósito de recobram o seu rei, porque

naquele momento, devemos dizê-lo o rei Luís XVI era mais um rei dos suíços do que dos franceses.

Todos os membros da Assembléia se levantaram por um movimento espontâneo e unânime, representantes do povo, espectadores das tribunas, guardas nacionais, secretários, cada um bradou, estendendo a mão:

- Suceda o que suceder, juramos viver e morrer livres!

O rei e a família real, como não tinham nada com este juramento, ficaram assentados.

Este brado, proferido por mil bocas, passou como um trovão por cima dos membros da família real.

O erro não durou muito, mas este instante de entusiasmo foi sublime.

Passados dez minutos soou outro grito.

- O paço foi tomado! Os insurgentes marcham sobre a Assembléia para matarem o rei!

Então estes mesmos homens, que, por

ódio à realeza, acabavam de jurar que morreriam livres, levantaram-se com o mesmo transporte, jurando defender o rei até à morte.

Neste momento o capitão suíço Durler era intimado para depor as armas.

- Sirvo el-rei e não a Assembléia - disse ele - onde está a ordem de el-rei?

Os mandatários da Assembléia, não tinham tal ordem.

- Recebi o comando do rei - replicou Durler - e só ao rei o entregarei.

Para o levarem à Assembléia quase foi preciso empregar a força.

Estava todo cheio de pólvora e de sangue.

- Senhor - disse o valente capitão - querem que eu deponha as armas; porventura esta ordem provém de vossa majestade?

- Sim - respondeu o rei; - entregai as armas à guarda nacional; não quero que uns valentes como sois morram.

Durler curvou a cabeça, deu um suspiro e saiu; mas à porta disse que só obedecia a uma ordem por escrito.

Então o rei pegou num papel e escreveu:

“O rei ordena aos suíços que deponham as armas e que se retirem a quartéis”.

Era esta a ordem, que proclamavam nas câmaras, nos corredores, e nas escadas das Tulherias.

Como esta ordem acabava de dar alguma tranqüilidade à Assembléia, o presidente tocou a campainha.

- Deliberemos - disse ele.

Mas um membro da Assembléia levantou-se para observar que um artigo da Constituição proibia deliberar na presença do rei.

- É verdade - disse Luís XVI - mas onde nos haveis de meter?

- Senhor - disse o presidente - podemos, oferecer a tribuna do jornal *Logógrafo*, que está vazia, porque o jornal deixou de publicar-se.

- Está bem - disse o rei - aceitamos.

- Contínuos! - disse Vergniaud - conduzam el-rei à tribuna do *Logógrafo*.

Os contínuos obedeceram.

O rei, a rainha e toda a família real, seguiram para sair da sala, o caminho que tinham seguido para entrar nela, e acharam-se por consequência no corredor.

- Que é isto que está no chão? - perguntou a rainha; - parece sangue.

Os contínuos não responderam; talvez ignorassem a origem de tais nódoas.

Mas, coisa singular, quanto mais se aproximavam da tribuna, mais freqüentes se tornavam as manchas de sangue.

Para poupar este espectáculo à rainha, o rei apressou o passo e abrindo a tribuna, disse:

- Entre, minha senhora.

A rainha entrou, mas logo que transpôs a porta, deu um grito de horror, e levando as mãos aos olhos, recuou.

Tinha diante de si a explicação das

nódoas de sangue.

Na tribuna jazia um cadáver.

Fora no cadáver que topara o pé da rainha, e que lhe fizera dar um grito.

– Olhe! – disse o rei no mesmo tom com que dissera: É a cabeça do infeliz Mandat; – olhe, é o cadáver do pobre conde de Charny.

Com efeito, era o cadáver do conde, que os deputados da Assembléia haviam tirado das mãos dos assassinos, e que tinham mandado meter na tribuna do *Logógrafo*, porque não podiam adivinhar que passados dez minutos entraria para ali a família real.

Retiraram o cadáver do conde e a família real foi instalada na tribuna.

Quiseram lavar o sobrado, porque estava com poças de sangue.

A rainha porém opôs-se e tomou o seu lugar.

O que porém ninguém viu foi que ela partiu os cordões dos sapatos, e que pôs os pés frementes em contacto com aquele sangue ainda quente.

- Oh! - murmurou ela! - Charny!
Querido Charny! Porque não corre aqui o
meu sangue até à última gota, para se
misturar com o teu por toda a eternidade?

Davam três horas da tarde.

XLII

Das três às seis da tarde

Deixamos o paço no momento em que, forçado o vestíbulo do meio, e batidos os suíços de degrau em degrau, soou uma voz nas câmaras e nos corredores gritando:

– Ordem aos suíços para deporem as armas!

Este livro é provavelmente o último que escreveremos sobre esta terrível época, por consequência, conforme vamos avançando, vamos abandonando o terreno, que percorremos, para jamais voltar a ele.

Permita-se-nos pois que narremos todos os pormenores deste supremo dia.

Temos tanto maior direito a isto, porquanto o fazemos sem prevenções, sem ódio, sem paixão.

O leitor entrou no palácio real atrás dos marselheses, seguiu Billot no meio das

chamas e do fumo, viu-o subir com Pitou, espectro sangrento saído do meio dos mortos, cada degrau da escada, no cimo da qual os deixamos.

Desde esse momento as Tulherias estavam tomadas.

Qual seria o sombrio génio que presidira à vitória?

A cólera do povo, responderão.

De acordo: mas quem dirigiu essa cólera?

O homem, que apenas nomeamos, o oficial prussiano, que marchava num pequeno cavalo preto, ao lado do gigante Santerre e do seu colossal cavalo flamengo.

O alsaciano Westermann!

Mas que homem é esse, que, semelhante ao raio, só se faz visível no meio da tempestade?

É um desses homens que Deus tem ocultos no arsenal das suas iras, donde só os tira quando lhe é preciso absolutamente ferir.

Chama-se *Westermann*, o homem do

poente.

Com efeito, apareceu quando a realeza caiu para não mais se levantar.

Quem o inventou? Quem o adivinhou?

Quem foi o intermediário entre ele e Deus?

Quem entendeu que a este gigante, talhado no rochedo material da carne, era precisa uma alma nesta luta, em que os Titãs deviam destronar Deus?

Quem uniu Guéryon com Prometeu?

Quem completou Santerre com Westermann?

Danton.

Onde foi o terrível tribuno buscar este vencedor?

A uma sentina, a uma prisão, a Saint-Lazare.

Westermann tinha sido acusado, entendamos bem, acusado, mas não convencido, de ter feito notas falsas do banco.

Danton carecia para a obra de 10 de Agosto de um homem que não pudesse

recuar, porque, recuando, subiria ao pelourinho.

Danton devorava-o com a vista; no dia e na hora em que precisou dele, quebrou-lhe os ferros, abriu-lhe a prisão com a sua mão poderosa e disse-lhe:

“Vem”.

A revolução consiste não só, como já disse, em pôr em baixo o que está em cima, mas em pôr em liberdade os presos e em prender os que andam em liberdade.

Não só os que andam livres, mas os poderosos da terra, os grandes, os príncipes e os reis.

Era sem dúvida com a certeza do que ia suceder, que Danton esteve tão descuidado durante as trevas febris, que precederam a sangrenta aurora do dia 10 de Agosto.

Na véspera, tinha porque assim digamos, espalhado o vento; não podia pois inquietar-se, porque estava certo de que rebentaria a tempestade.

O vento foi Westermann; a tempestade

foi Santerre, esta gigantesca personificação do povo.

Santerre apenas se mostrou neste dia.

Westermann fez tudo, apareceu em toda a parte.

Foi Westermann quem dirigiu o movimento da Junção do bairro Saint-Marceau no Pont-Neuf; foi Westermann quem montado no seu cavallinho preto, appareceu à frente do exército na praça do Carroussel; foi Westermann quem, como se tratasse de abrir a porta de um quartel, a um regimento no fim de longa marcha, foi bater com a sua espada à porta das Tulherias.

Já vimos como se abriu a porta; como os suíços fizeram heroicamente o seu dever; como retiraram sem fugirem; como foram destruídos sem serem vencidos.

Seguimo-los de degrau em degrau, pela escada que cobriam com os seus mortos; seguimo-los, passo a passo, pelas Tulherias, que vão juncar de cadáveres.

No momento, em que se soube que a

rainha acabava de sair do palácio, os duzentos ou trezentos fidalgos, que tinham ido ali para morrerem com o rei, reuniram-se na sala dos guardas da rainha e formaram conselho para decidirem se não estando ali o rei para morrer com eles, como tinham prometido solenemente, se deixariam morrer sem ele.

Decidiram, visto ter ido o rei para a Assembléia, reunir-se a ele.

Reuniram todos os suíços, que encontraram, uns vinte guardas nacionais, e em número de quinhentos desceram ao jardim.

A passagem estava fechada por uma grade, chamada o portão da rainha.

Quiseram fazer saltar a fechadura, mas não o conseguiram.

Os mais fortes torceram um varão de ferro e conseguiram parti-lo.

A abertura dava passagem à tropa, mas a homem por homem.

Estavam a trinta passos dos batalhões

postados na ponte real.

Foram dois soldados suíços os que primeiro saíram pela estreita passagem.

Foram mortos antes de terem dado quatro passos.

Os outros passavam sobre os seus cadáveres.

A tropa foi vítima de uma chuva de balas, mas como os suíços pelo brilho dos uniformes ofereciam pontaria mais certa, foram eles que mais sofreram com as balas.

Por dois fidalgos mortos e um ferido caíram sessenta ou setenta suíços.

Os dois fidalgos mortos foram os srs. de Casteja e de Clermont d'Amboise.

O ferido foi o Sr. de Viomesnil.

Marchando para a Assembléia Nacional, passaram defronte do corpo da guarda situado no terraço à borda de água e debaixo das árvores.

A guarda saiu fora, fez fogo sobre os suíços e matou sete ou oito.

O resto da coluna, que na distância de

oitenta passos tinha perdido oitenta homens, dirigiu-se para a escada dos Bernardos.

O Sr. de Choiseul viu-os de longe, e correndo para eles com a espada na mão, debaixo do fogo da artilharia da ponte real, tentou reuni-los.

- À Assembléia Nacional! - bradou ele.

E julgando-se seguido pelos quatrocentos homens, que restavam, meteu-se pelos corredores e subiu a escada, que ia dar à sala das sessões.

No último degrau encontrou Merlin, que lhe perguntou:

- O que faz com a espada na mão, desgraçado?

O Sr. de Choiseul olhou em volta de si; estava só.

- Embainhe a espada e vá ter com o rei - disse-lhe Merlin. - Só eu o vi e faço de conta que o não vi.

Que fora feito da tropa, pela qual o Sr. de Choiseul se julgava seguido?

O fogo da artilharia e o da fuzilaria

tinha-a feito voltar, como um turbilhão de folhas secas, e tinha-a empurrado para o terraço das laranjeiras.

Do terraço das laranjeiras os fugitivos correram pela praça de Luís XV, e tomaram o caminho do *Guarda Móveis* para se escaparem, ou pelos arrabaldes, ou pelos Campos Elísios.

Na rua de Saint-Florentin o Sr. de Viomesnil, mais oito ou dez fidalgos e cinco suíços refugiaram-se no palácio da embaixada de Veneza.

A porta fechou-se sobre eles.

Estavam salvos.

O resto da coluna ainda tentou ganhar os Campos Elísios.

Dois tiros de metralha, disparados ao pé da estátua de Luís XV, fizeram-nos dividir em dois troços.

Um fugiu pelo arrabalde, e encontrou os gendarmes, que vinham com o batalhão dos Capuchinhos.

Os fugitivos julgaram-se salvos. O Sr. de

Villiers, antigo major dos gendarmes, correu para eles com os braços abertos, gritando:

– A nós! Meus amigos!

Um gendarme tirou uma das pistolas dos coldres, e fez-lhe saltar os miolos.

Vendo isto, trinta suíços e um fidalgo, ex-pajem do rei, meteram-se no palácio da marinha.

Ali formaram conselho para combinar o que deviam fazer.

Deliberaram render-se, e vendo aparecer oito patriotas, depuseram as armas, bradando:

– Viva a Nação!

– Ai traidores – disseram os patriotas; – rendem-se, porque se vêem apanhados; gritam “viva a nação” porque julgam que esse brado os salvará? Não, não, nada de quartel para ninguém!

E ao mesmo tempo caíram dois suíços, um ferido com um Chuço, outro com um tiro.

As cabeças foram imediatamente espetadas em lanças.

Os suíços, furiosos pela morte dos seus camaradas, pegaram outra vez nas espingardas e todos fizeram fogo ao mesmo tempo.

De oito patriotas caíram sete.

Os suíços correram imediatamente para a porta para se escaparem e acharam-se defronte de uma peça de artilharia.

Recuam, a peça avança e segue-os até à porta.

Todos se agruparam num canto do pátio.

A peça volta a boca para o lado deles e faz fogo.

De vinte e oito foram mortos vinte e três.

Felizmente, quase ao mesmo tempo, no momento em que o fumo cegava os que deram fogo à peça, abre-se uma porta e por ela desaparecem os cinco suíços e o pajem do rei.

Todos seis se meteram por aquela porta, que logo se fechou. Os patriotas não viram

esta espécie de alçapão, por onde escaparam os cinco que sobreviveram.

Julgaram ter morto todos, e afastaram-se arrastando a peça e dando gritos de triunfo.

O segundo troço constava de uns trinta soldados e fidalgos, comandados pelo Sr. Forestier de Saint-Venat; cercado por todos os lados à entrada dos Campos Elísios, o seu chefe resolveu ao menos vender cara a vida; com a espada na mão, à frente dos seus trinta homens, calando baioneta, carregou três vezes um batalhão inteiro formado ao pé da estátua.

Nestas três cargas perdeu quinze homens.

Com os quinze, que lhe restavam, tentou ganhar os Campos Elísios; uma descarga matou-lhe oito homens, e os sete restantes dispersaram-se, mas foram perseguidos e acutilados pelos gendarmes.

Forestier ia meter-se no café dos Embaixadores, quando um gendarme, metendo o cavalo a galope, saltou o fosso que

separava o passeio da estrada, e o matou com um tiro.

O terceiro troço, composto de sessenta homens, tinha ganho os Campos Elísios, e dirigia-se para Courbevoie, com esse instinto, que faz com que os pombos procurem o pombal, e os carneiros o curral.

O quartel era em Courbevoie.

Cercados pelos gendarmes de cavalaria e pelo povo, foram conduzidos pelos cais à casa da câmara, onde esperavam pô-los em segurança.

Dois ou três mil furiosos, apinhados na praça de Grève, arrancaram-nos à escolta e fizeram-nos em pedaços.

Um fidalgo, o cavaleiro Carlos d'Autichamp fugia do paço pela rua de l'Échelle, com uma pistola em cada mão; dois homens quiseram fazê-lo parar, e matou ambos; a população porém agarrou-o e conduziu-o à praça da Grève para aí o executar solenemente.

Esqueceu-lhe porém ver-lhe as

algibeiras, onde ele tinha uma navalha, que abriu; esperando ocasião para se servir dela.

Quando chegaram à porta do palácio da municipalidade, mataram ali os sessenta suíços, que tinham tirado à escolta.

Este espectáculo distraiu a atenção daqueles que o guardavam; matou dois que lhe ficavam mais próximos e metendo-se como uma serpente por entre a multidão, desapareceu.

Os cem homens, que tinham escoltado o rei à Assembléia, refugiaram-se nos Bernardos, onde foram desarmados.

Dos quinhentos, cuja história acabamos de contar, e alguns fugitivos isolados, como o Sr. Carlos d'Autichamp, que com tanta ventura acabamos de ver escapar à morte, foram os únicos que deixaram o paço a salvamento.

Os mais foram mortos no vestíbulo, nas escadas, nos quartos, na capela.

Novecentos cadáveres de suíços e fidalgos juncaram o interior das Tulherias.

XLIII

Das seis da tarde às nove da noite

O povo tinha entrado no paço, como se entra no covil de um animal feroz, e traía os seus sentimentos com estes gritos:

“Morra o lobo! Morra a loba! Morram os lobinhos!”

Se tivesse encontrado o rei, a rainha e o delfim, decerto, que sem hesitar, julgando fazer justiça, teria cortado três cabeças de um só golpe.

Confessemos que seria uma ventura para eles.

Na ausência daqueles a quem chamavam com grandes gritos, procurando nos armários e até atrás das tapeçarias, os vencedores vingaram-se em tudo que encontraram, tanto nas coisas como nos homens, mataram e quebraram com a mesma impassibilidade feroz. As paredes, onde tinha

sido decretada a matança de S. Bartolomeu e a carnificina do Campo de Marte, acarretavam estas terríveis vinganças.

Mas, apressemo-nos a dizê-lo; bem se vê que não poupamos o povo, pelo contrário, mostramo-lo como era; contudo é mister confessar que os vencedores saíram do palácio com as mãos vermelhas de sangue, porém completamente vazias.

O autor da *História da revolução de 10 de Agosto*, Pelletier, que não pode ser acusado de parcialidade a favor dos patriotas, conta que um negociante de vinhos, por nome Mallet, levou à Assembléia cento e sessenta e três luíses, que encontrara a um padre.

Que vinte farroupilhas entregaram uma mala com parte da baixela do rei;

Que um combatente depôs uma cruz de S. Luís sobre a secretária do presidente;

Que outro entregou o relógio de um suíço;

Outro um rolo de assinados;

Outro um saco cheio de escudos;

Outro diamantes.

Finalmente, que outro entregou um cofre pertencente à rainha e que continha *quinhentos escudos*.

E ajunta heroicamente, sem se lembrar que faz um magnífico elogio a estes homens: E a *Assembléia exprimiu o seu pesar por não saber os nomes dos cidadãos modestos que lhe foram entregar os tesouros roubados ao rei*.

Não somos lisonjeiros do povo, não, pois sabemos que é o mais ingrato, o mais caprichoso e mais inconstante de todos os senhores.

Narremos por consequência todos os seus crimes e virtudes.

Neste dia foi cruel: naquele dia tingiu com delícia as mãos de sangue; lançou vivos pelas janelas alguns fidalgos; estripou suíços; arrancou corações dos peitos e apertou-os entre as mãos; cortou cabeças e espetou-as em chuços; naquele dia, o povo, que julgava desonrar-se por um relógio ou uma cruz de S. Luís, entregou-se a todas as sombrias delícias

de vingança e de crueldade.

E todavia, no meio daquela carnificina de vivos daquela profanação de mortos, algumas vezes perdoou o leão irritado.

As Sr^{as}. de Tarento, de Roche-Aymon, de Ginestous e Paulina de Tourzel tinham ficado nas Tulherias abandonadas pela rainha.

Estavam na própria câmara de Maria Antonieta.

Tomado o palácio, ouviram os gritos dos moribundos, e as ameaças dos vencedores, passos que se aproximavam, precipitados, terríveis e cruéis.

A Sr^a. Tarento foi abrir a porta.

- Entrem - disse ela - aqui só estão mulheres.

Os vencedores entraram com as espingardas fumegantes e as espadas ensangüentadas.

As senhoras caíram de joelhos.

Os assassinos tinham já alçadas as espadas sobre elas, chamando-lhes

conselheiras da *Sr^a. Veto*, confidentes da *Austriaca*.

Um homem enviado por Pétion, gritou-lhes do limiar da porta:

– Perdoem às mulheres; não desonrem a nação!

E perdoaram.

A *Sr^a. Campan*, a quem a rainha tinha dito:

“Espere-me no meu quarto; irei reunir-me consigo ou mandá-la-ei buscar, Deus sabe para onde!”

Esperava, portanto, no seu quarto o cumprimento da promessa da rainha.

A própria *Sr^a. Campan* conta que tinha a cabeça perdida no meio do tumulto, e que, não vendo sua irmã, que estava escondida atrás de uma cortina, julgou que tinha deixado o quarto.

Desceu rapidamente para a procurar.

Mas só encontrou duas criadas suas e um gigante, que pertencia à rainha.

Vendo este homem, a pobre senhora,

apesar do medo, compreendeu que era ele quem corria o maior perigo.

- Fuja! - bradou ela - fuja desgraçado! Fuja, que ainda é tempo!

Ele quis levantar-se, e não o pôde conseguir, gritando com voz lastimosa:

- Ai de mim! Não posso! Estou morto de medo!

Quando dizia isto entrava uma caterva de homens bêbedos, furiosos e ensangüentados, os quais lançando-se sobre o gigante o fizeram em pedaços.

Vendo isto a Sr^a. Campan e as suas criadas, fugiram por uma escada.

Parte dos assassinos, vendo três mulheres a fugir correram atrás delas e depressa as apanharam.

As duas criadas, caindo de joelhos, imploravam de mãos postas a compaixão dos assassinos.

A Sr^a. Campan, indo a fugir, sentiu-se agarrada pelo pescoço; viu brilhar como um raio a folha de uma espada sobre a cabeça;

mediu, finalmente, o curto instante que separa a vida da eternidade, e que por mais curto que seja, contém todavia uma infinidade de recordações, quando depois de já ter sido obrigada a descer a escada, ouviu uma voz imperiosa, perguntando:

– Que fazes?

– Que há de novo? – respondeu o assassino.

– Não quero que se faça nenhum mal às mulheres; ouves?

A Sr^a. Campan estava de joelhos; a espada já estava alçada sobre a sua cabeça e já pressentia a dor agudíssima que ia sofrer.

– Levanta-te patifa – disse-lhe o seu algoz; – a nação perdoa-te.

Que fazia nesse tempo o rei na tribuna do *Logógrafo*?

Tinha fome e pedia o seu jantar.

Apresentaram-lhe pão, vinho, uma galinha, carnes frias e frutas.

Assim como todos os príncipes da casa de Bourbon, assim como Henrique IV, Luís

XVI era um comilão; atrás das emoções da alma, que o rosto raras vezes traía, estavam continuamente excitadas estas grandes exigências do corpo: o sono e a fome. Já o vimos obrigado a dormir no palácio; vamos vê-lo obrigado a comer na Assembléia.

O rei partiu o pão e trinchou a galinha, como se estivesse numa caçada, sem se importar com as pessoas que para ele olhavam.

Entre estas pessoas havia uma, cujos olhos estavam ardentes mas que não podiam chorar.

Era a rainha.

Não quis tomar coisa alguma; o desespero alimentava-a.

Com os pés metidos no sangue de Charny, parecia-lhe poder ficar por toda a eternidade como uma flor dos tumultos; sem outro alimento além daquele que recebia da morte.

Tinha sofrido muito no regresso de Varennes, tinha sofrido bastante quando

cativa no palácio das Tulherias, tinha sofrido em extremo no dia e na noite que acabava de passar.

Todavia talvez que em tudo isto tivesse sofrido menos do que ao ver o rei comer.

E contudo a situação era assaz grave para fazer perder de todo o apetite a outro qualquer homem, que não fosse Luís XVI.

A própria Assembléia, onde o rei tinha ido buscar protecção precisava de ser protegida.

Não dissimulava a sua fraqueza.

De manhã tinha querido salvar Suleau e não o tinha conseguido.

Às duas horas tinha querido opor-se ao assassinio dos suíços e não o pudera conseguir.

Agora estava ameaçada por uma força respeitável que gritava: “A deposição! A deposição!”

Reuniu uma comissão em sessão permanente.

Vergniaud foi nomeado para ela e deu a

presidência a Gaudet, para que o poder não saísse das mãos dos Girondinos.

A deliberação foi curta; deliberavam por assim dizer sob o eco retumbante da artilharia e da fuzilaria.

Foi Vergniaud quem pegou na pena e redigiu o acto de suspensão da realeza.

Tornou a entrar na Assembléia, triste e sombrio, sem procurar ocultar nem a sua tristeza, nem o seu abatimento, porque era a última prova que dava ao rei do seu respeito pela realeza; ao hóspede, do seu respeito pela hospitalidade.

- Senhores - disse ele - venho em nome da comissão extraordinária apresentar-vos uma medida bem rigorosa, mas, pela dor de que estais penetrados, podeis julgar quanto importa adoptá-la imediatamente.

“A Assembléia Nacional, considerando que os perigos da pátria chegaram ao maior extremo, que os males com que geme o império são causados principalmente pela

desconfiança, que inspira a conduta do chefe do poder executivo numa guerra empreendida em seu nome contra a constituição e contra a independência nacional;”

“Que estas desconfianças hão provocado em todas as partes do reino o voto para a deposição de Luís XVI;”

“Considerando todavia que o corpo legislativo não quer engrandecer por nenhuma usurpação a sua própria autoridade, e que não pode conciliar o seu juramento à Constituição e a sua firme vontade de salvar a liberdade, senão apelando para a soberania do povo;”

“Decreta o que se segue:

O povo francês é convidado a formar uma convenção nacional;

O chefe do poder executivo é suspenso provisoriamente das suas funções;

Nesta sessão há-de ser proposto um

decreto para a nomeação de um governo do príncipe real;

Será suspenso o pagamento da lista civil;

O rei e a família real ficarão no recinto do corpo legislativo, até que se restabeleça o sossego em Paris;

O departamento fará preparar para sua residência o Luxemburgo sob a guarda dos cidadãos”.

O rei ouviu este decreto com a sua impassibilidade.

O que fez foi chegar-se a Vergniaud quando este voltou a tomar a presidência, e dizer-lhe:

- Posso afirmar-lhe que o que acaba de fazer não é muito constitucional.

- É verdade, senhor - respondeu o presidente - mas é o único meio de lhe salvar a vida. Se lhes não concedemos a deposição de vossa majestade, pedirão imediatamente a sua vida.

O rei fez um movimento com os beijos e com os lábios, que significava:

- É possível!

E tornou a assentar-se no seu lugar.

Neste momento o relógio colocado por cima da cabeça do rei deu horas.

Contou cada vibração da pêndula.

Depois de soar a última, disse:

- Nove horas!

O decreto da Assembléia declarou que o rei ficaria no recinto do corpo legislativo até se restabelecer o sossego em Paris.

Às onze horas os inspectores da sala foram procurar o rei e a rainha para os conduzirem aos quartos, que lhes eram destinados.

O rei fez um gesto com a mão para se demorar mais algum tempo.

Com efeito, tratava-se de uma coisa, que não era de pouco interesse para ele.

Nomeava-se o ministério.

O ministro da guerra, o do interior e o da fazenda estavam nomeados.

Eram os ministros demitidos pelo rei.

– Roland, Clavières e Servant.

Faltavam os da justiça, marinha e negócios estrangeiros.

Danton foi nomeado para a justiça, Monge para a marinha, Lebrun para os negócios estrangeiros.

– Vamos! – disse o rei.

E saiu.

A rainha seguiu-o; não tinha tomado coisa alguma desde que saíra das Tulherias, nem um copo de água.

Foram acompanhados pela princesa Isabel, pelo delfim, e pela princesa real, pelas Sr^{as}. de Lamballe e de Tourzel.

O quarto do rei tinha sido preparado no andar superior do velho convento dos Bernardos, que era habitado pelo arquivista Camus e compunha-se de quatro casas.

Na primeira, que era uma espécie de antecâmara, pararam os servidores do rei, que se tinham conservado fiéis à sua má fortuna.

Eram o príncipe de Poix, o barão de Aubier, os srs. de Saint-Pardon, de Goguelat, de Chamillé e de Hus.

O rei escolheu para si a segunda casa.

A terceira foi oferecida à rainha: era a única forrada de papel.

A rainha lançou-se logo para cima da cama, mordendo o travesseiro, e vítima de uma dor comparada com a qual é bem pequena a do paciente sobre o cadafalso.

O quarto compartimento, apesar de muito pequeno, foi destinado para a princesa Isabel, e para as Sr^{as}. de Lamballe e de Tourzel, que nele se acomodaram com o delfim, conforme lhes foi possível.

A rainha carecia de tudo.

O dinheiro e o relógio tinham-lhe sido roubados no tumulto à porta da Assembléia.

Das Tulherias não trouxera nenhuma roupa.

Pediu emprestados vinte luíses à irmã da Sr^a. Campan.

Mandou pedir roupa à embaixada de

Inglaterra.

À noite a Assembléia mandou apregoar à claridade de archotes, os decretos daquelle dia.

XLIV

Das nove horas à meia-noite

Os archotes alumiam um lúgubre espectáculo, quando passavam pelo Carroussel, pela rua de Saint-Honoré e pelos cais.

Estava acabada a luta material, mas nos corações ainda durava o combate, pois que o ódio e o desespero sobreviviam à luta.

As narrações contemporâneas, a lenda realista, hão lamentado, como nós mesmo estamos dispostos a fazer, as augustas cabeças, de cujas fronteiras este terrível dia arrancava a coroa.

Consignaram a coragem, a disciplina, a dedicação dos suíços e dos fidalgos.

Contaram as gotas do sangue derramado.

Mas não contaram os cadáveres do povo, as lágrimas das mães, das irmãs, das

viúvas.

Nós, porém, devemos dizê-lo.

Deus que, na sua alta sabedoria, não só permite, mas dirige os acontecimentos, sabe que o sangue é sangue e as lágrimas são lágrimas.

O número dos mortos entre os homens do povo e entre os patriotas, era mais numeroso do que entre suíços e fidalgos.

Vejamos primeiro o que diz o autor da *História do dia 10 de Agosto*.

“O dia 10 de Agosto custou à humanidade perto de setecentos soldados e vinte e dois oficiais, vinte e quatro guardas nacionais realistas, quinhentos federados, três comandantes das tropas nacionais, quarenta gendarmes, mais de cem pessoas da casa do rei; *duzentos homens mortos por terem roubado*, nove cidadãos assassinados nos Bernardos, o Sr. de Clermont Tonnerre, e perto de *três mil homens do povo* mortos no Carroussel, no jardim e no palácio das Tulherias, na praça de Luís XV; total perto de quatro mil e seiscentos

homens”.

E isto facilmente se compreende à vista das medidas tomadas para fortificar as Tulherias. Os suíços fizeram fogo por muito tempo abrigados pelas muralhas, os atacantes, pelo contrário, aparavam as balas a peito descoberto.

Três mil e quinhentos insurgentes sem contar duzentos *fuzilados por terem roubado, morreram neste terrível dia.*

O que faz supor que houve outros tantos feridos; o autor da *Revolução do dia 10 de Agosto* só fala em mortos.

Muitos destes três mil e quinhentos homens, podemos calcular metade, eram casados, pobres pais de família, que uma intolerável miséria tinha levado ao combate, com a primeira arma que tinham achado, ou mesmo sem ela, e que para irem procurar a morte tinham deixado nas tristes mansardas filhos esfaimados, mulheres em desespero.

E tinham encontrado a morte, ou no Carroussel, onde começara a luta, ou dentro

do paço onde continuara, ou no jardim onde terminara.

Das três horas depois do meio-dia, até às nove da noite tinham acarretado para o cemitério da Madalena todo o homem que trajasse uniforme de soldado.

Enquanto aos cadáveres das pessoas do povo não sucedia porém o mesmo, levaram-nos para os respectivos bairros; quase todos eram ou do bairro de Saint-Antoine, ou do de Saint-Marceau.

Era principalmente nas praças da Bastilha, no arsenal, na praça de Maubert e na do Panteão onde estavam estendidos.

Cada vez que um dos sombrios veículos, rodando pesadamente e deixando atrás de si um rasto de sangue, entrava num ou noutro bairro, imediatamente o rodeavam todas as mães, esposas, irmãs e filhos, todos vítimas da maior aflição. Depois, conforme se ia fazendo reconhecimento entre a vida e a morte, rebentavam os gritos, os soluços e as ameaças.

Eram maldições inauditas e estranhas, que se elevavam como um bando de aves nocturnas e de mau agouro; batiam as asas na escuridão e voavam queixosos para essas funestas Tulherias. Ali adejavam como um bando, de corvos sobre a corte, sobre a camarilha austríaca, que a cercava, sobre esses nobres, que a aconselhavam; uns prometiam vingar-se no futuro, e com efeito vingaram-se nos dias 2 de Setembro e 21 de Janeiro, outros pegavam em chuços, espadas, espingardas, e ébrios de sangue voltavam ao centro de Paris para matarem.

Matarem! A quem?

Todos os suíços que restavam, todos os fidalgos; para matarem o rei e a rainha, se os apanhassem. Era inútil dizer-lhes: Mas matando o rei e a rainha, tornareis órfãos algumas crianças; matando os nobres, fareis mulheres viúvas e irmãs aflitas. Esposas, irmãs, filhos, gritavam: Também nós somos órfãos! Também nós somos viúvas! E os que ouviam estes gritos, com o peito arquejando

de soluços, iam à Assembléia e à Abadia, batendo às portas e gritando:

“Vingança! Vingança!”

Era um espectáculo terrível ver as Tulherias ensangüentadas, fumegantes, desertas; excepto os cadáveres, e três ou quatro guardas que vigiavam para que sob o pretexto de reconhecer os mortos, não fossem os vivos roubar a triste habitação real, ninguém mais estava no castelo.

Havia um guarda em cada vestíbulo, ao pé de cada escada.

A guarda do pavilhão do Relógio, isto é, da escada principal, era comandada por um moço capitão da guarda nacional, ao qual à vista desta grande desgraça decerto inspirava compaixão pelo que exprimia o seu rosto contraído, todas as vezes que levantavam algum cadáver; os acontecimentos terríveis, que acabavam de ocorrer, tiveram pois sobre ele mais influência do que sobre o rei, o qual se ocupava em satisfazer o monstruoso apetite com um pão de quatro arráteis, que

tinha debaixo do braço esquerdo, ao passo que com uma faca na mão direita cortava sem cessar largas fatias, que metia na boca.

Encostado a uma das colunas do vestíbulo, via passar, como se fossem sombras, aquela silenciosa procissão de mães, de esposas, de órfãs, que vinham alumiadas por archotes colocados de distância em distância, pedir à cratera extinta, os cadáveres dos pais, dos maridos e dos filhos.

De repente estremeceu o jovem capitão por ver uma espécie de sombra coberta com um véu.

A Sr^a. condessa de Charny! – murmurou ele muito admirado.

A sombra passou rapidamente sem o ouvir e sem parar.

O capitão fez um sinal ao seu tenente.

O tenente aproximou-se dele.

– Desiré – disse o capitão – aquela senhora é muito estimada pelo Sr. Gilberto, e vem sem dúvida procurar o marido entre os mortos; vou acompanhá-la, porque pode

precisar de socorro ou de informações. Deixote o comando da guarda, tem pois toda a cautela.

- Diabo! - respondeu o tenente, a quem o moço capitão tinha designado pelo apelido de Desiré, ao qual ajuntaremos o de Maniquet - a tua dama parece-me uma soberba aristocrática.

- Não há dúvida que é uma aristocrática; é uma condessa.

- Pois podes ir; eu ficarei alerta.

A condessa de Charny já tinha voltado o primeiro lanço da escada, quando o capitão começou a segui-la na respeitosa distância de quinze passos.

O capitão não se tinha enganado; era a pobre Andréa, que andava procurando o marido.

Procurava-o, não com os estremecimentos ansiosos da dúvida, mas com a sombria convicção do desespero.

Desde a hora em que, tirado da sua alegria e da sua ventura pelo eco dos

acontecimentos de Paris, Charny fora pálido mas resolutivo, dizer à querida esposa:

– Minha Andréa, o rei de França corre risco de vida e precisa de todos os seus defensores.

Andréa respondeu:

– Podes ir onde te chama o dever, meu Olivier, para morreres pelo rei, se tanto for preciso.

– Mas tu? – perguntou Charny.

– Oh! Por mim não tenhas cuidado. Como só por ti tenho vivido, Deus há-de permitir que morra contigo.

E desde então tudo ficou acordado entre aqueles dois magnânimos corações; não disseram nem mais uma palavra, mandaram buscar cavalos de posta, partiram e passadas cinco horas, apeavam-se no palacete da rua de Coq-Héron.

Passada meia hora depois de chegarem a Paris, no momento em que Gilberto, contando com a sua influência, ia escrever-lhe para que viesse a Paris, Charny com o

uniforme de oficial de marinha, dirigira-se à rainha.

Desde esse momento, como se sabe, nunca mais a deixou.

Andréa ficara com as suas criadas; fechou-se para orar, primeiramente teve idéia de imitar a dedicação do marido e de ir ocupar o seu lugar junto da rainha; não teve porém ânimo para o fazer.

Passou o dia 9 de Agosto vítima da maior incerteza.

No dia 10, às nove horas, tinha ouvido os primeiros tiros.

É inútil dizer que cada tiro lhe fazia vibrar todas as fibras do coração.

Às duas horas cessou o fogo.

Estaria o povo vencedor ou vencido?

Informou-se; o povo ficara vencedor.

Que teria acontecido a Charny na terrível luta?

Andréa conhecia-o e sabia a coragem de que era dotado.

Tornou a tirar informações.

Disseram-lhe que quase todos os suíços tinham sido mortos, mas que quase todos os fidalgos tinham escapado.

Esperou.

Charny podia voltar disfarçado.

Charny podia ter necessidade de fugir sem demora.

Os cavalos foram metidos à carruagem, prevendo-se esta eventualidade.

Cavalos e carruagem esperavam o dono, porquê Andréa sabia que seu marido por maior que fosse o perigo, não havia de partir sem ela.

Mandou abrir as portas para que coisa alguma retardasse a fuga de Charny.

Entretanto as horas iam passando.

Se está escondido em alguma parte – dizia consigo Andréa – decerto espera a noite para sair; esperemos pois pela noite.

Chegou a noite, mas Charny não apareceu.

No mês de Agosto anoitece tarde.

Só às dez horas é que Andréa perdeu de

todo a esperança; pôs um véu e saiu.

Por todo o caminho encontrou mulheres possuídas do maior desespero.

Os homens bradavam por vingança.

Passou por entre uns e outros; a dor das mulheres e a cólera dos homens foi a sua salvaguarda.

Era contra os homens que pediam vingança naquele dia e não contra as mulheres.

Naquela noite as mulheres de ambos os partidos choravam.

Andréa chegou à porta do Carroussel, onde ouviu proclamar os decretos da Assembléia. Mas deles só compreendeu que o rei e a rainha estavam sob a protecção da Assembléia.

Viu duas ou três macas, e perguntou o que levavam nelas.

Responderam-lhe que eram cadáveres tirados da praça do Carroussel, e do pátio real.

Andréa compreendeu que não era na

praça do Carroussel nem no pátio real, onde Charny devia ter combatido, mas próximo do rei ou da rainha.

Atravessou pois o pátio real, meteu-se pelo grande vestíbulo e subiu a escada.

Foi neste momento que Pitou, comandante da guarda do grande vestíbulo, a viu, conhecendo-a e seguindo-a.

XLV

Da meia-noite às três horas

É impossível fazer idéia do estado de devastação que apresentavam as Tulherias.

O sangue inundava as casas e corria como uma cascata pelas escadas.

Alguns cadáveres juncavam ainda o sobrado.

Andréa fez o que faziam todos que procuravam cadáveres, pegou numa vela e pôs-se a examiná-los um por um.

Ocupada neste exame, encaminhava-se para os quartos do rei.

Pitou não a perdia de vista.

Nos quartos do rei também procurou, mas inutilmente; então olhou por um instante em volta de si, sem saber o que fizesse, nem para onde se dirigisse.

Pitou, que viu o seu embaraço aproximou-se e disse-lhe:

- Infelizmente parece-me que adivinho o que a Sr^a. condessa procura.

Andréa voltou-se.

- Se a Sr^a. condessa precisa do meu fraco préstimo...

- O Sr. Pitou! - disse Andréa.

- Para servir a V. Ex^a.

- Oh! Aceito, porque muito o preciso.

Depois, chegando-se a ele e pegando-lhe nas mãos perguntou:

- Sabe o que é feito do conde de Charny?

- Não, minha senhora, mas estou pronto a ajudá-la a procurá-lo.

- Há uma pessoa - respondeu Andréa - que pode dizer-nos se o conde é morto ou vivo e o lugar onde está.

- Quem é? - perguntou Pitou.

- A rainha - murmurou Andréa.

- E V. Ex^a. sabe aonde está a rainha?

- Disseram-me que estava na Assembléia, e tenho esperança de que meu marido esteja com ela.

- Oh! Sim - disse Pitou afagando esta esperança não por si, mas pela viúva; - quer V. Ex^a. ir à Assembléia?

- Mas talvez não me deixem entrar.

- Eu me encarrego de obter licença.

- Então vamos.

E Andréa atirou para longe de si a vela, com risco de lançar fogo às Tulherias; mas que importavam as Tulherias àquele profundo desespero, tão profundo que não derramava uma lágrima?

Andréa, que conhecia o interior das Tulherias, dirigiu-se por sorte que chegou ao pavilhão do Relógio.

Maniquet estava vigilante.

- E então? - perguntou ele a Pitou - a tua condessa?

- Espera encontrar o marido na Assembléia e vamos lá.

Depois ajuntou em voz baixa:

- Como é possível que encontremos o conde morto, manda-me para a porta dos Bernardos quatro rapazes, com quem eu

possa contar para defender o cadáver de um aristocrata, como se fosse o cadáver de um patriota.

- Está bem, vai com a condessa, e terás os homens que pedes.

Andréa esperava em pé à porta do jardim, aonde tinham postado uma sentinela.

Como Pitou fora quem ali colocara a sentinela, esta deixou-o passar.

O jardim das Tulherias estava alumiado por lampiões postos nos pedestais das estátuas.

A luz dos lampiões alumiaava não só nos sítios cultivados do jardim, mas até debaixo das árvores, os cadáveres, que por ali estavam estendidos.

Andréa por tal forma estava convencida de que só na Assembléia poderia ter notícias do marido, que caminhara sem ao menos olhar para os cadáveres.

Chegaram aos Bernardos.

Havia uma hora que a família real saíra da Assembléia para os aposentos, que lhe

eram destinados.

Para chegar onde estava a família real era preciso vencer dois obstáculos.

Em primeiro lugar as sentinelas, que estavam da parte de fora.

Depois os camaristas que estavam próximos dos aposentos.

Pitou, capitão da guarda nacional, comandante da guarda das Tulherias, podia sem dificuldade conduzir Andréa até à antecâmara onde estavam os fidalgos.

Chegada ali, competia a Andréa o ir até onde estava a rainha.

Já traçamos a disposição da casa ocupada pela família real

Já contamos o desespero da rainha, e já dissemos que entrando no quarto atirara-se para cima da cama, mordendo o travesseiro, dando soluços e gemidos.

Decerto, aquela que perdia o trono, a liberdade, talvez a vida, perdia bastante para que lhe pedissem contas do seu desespero e para que fosse possível descobrirem-lhe, por

entre o grande abatimento, alguma dor ainda mais viva.

Em respeito a esta extrema dor tinham deixado a rainha só.

A rainha ouviu abrir e fechar a porta do quarto, mas não se levantou; sentiu passos, mas ficou com a cabeça sobre o travesseiro, como petrificada, num marasmo inconcebível.

Mas de repente saltou como se a tivesse mordido uma serpente.

Uma voz bem conhecida havia pronunciado esta só palavra:

– Senhora!

– Andréa! – exclamou a rainha, assentando-se na cama; – que me quer?

– Perguntar a vossa majestade o que Deus perguntou a Caim, quando lhe disse:

“Caim, que fizeste de teu irmão”?

– Há porém a diferença – replicou a rainha – de que Caim matou o irmão, ao passo que eu era capaz de dar a minha vida, dez vidas, se as tivesse, para salvar a dele.

Andréa cambaleou, um suor frio inundou-lhe a fronte e os dentes rangeram.

- Foi morto? - perguntou ela fazendo um supremo esforço.

A rainha olhou para Andréa.

- Supõe acaso que seja a minha coroa que eu choro? - disse ela.

Depois mostrando-lhe os pés tintos de sangue, acrescentou:

- Acaso julga que se este sangue fosse meu, não teria lavado os pés?

Andréa tornou-se lívida.

- Então sabe onde está o corpo dele?

- Deixem-me sair e conduzi-la-ei onde ele está.

- Vou esperá-la na escada, senhora, disse Andréa.

E saiu.

Pitou estava à porta.

- Sr. Pitou - disse Andréa - uma das minhas amigas vai conduzir-me aonde está o corpo de Charny, é uma criada da rainha; pode acompanhar-me?

- Sim, mas com a condição de que hei-de tornar a acompanhá-la para aqui.

- Sem dúvida.

- Está bem.

Depois voltando-se para a sentinela:

- Camarada - disse ele - vai sair uma criada da rainha para procurar o corpo de um valente oficial, cuja viúva aqui está; pela minha cabeça, respondo por esta senhora.

- Faça o que quiser, capitão - respondeu laconicamente o soldado.

Ao mesmo tempo abriu-se a porta da antecâmara e apareceu a rainha coberta com um véu.

Desceram a escada, indo a rainha adiante, Andréa atrás e Pitou seguindo-as.

Os membros da Assembléia acabavam de sair da sala, depois de uma sessão de vinte e sete horas.

Aquela imensa sala, onde havia pouco se fizera tanto tumulto, tanta bulha, estava agora muda e sombria como um sepulcro.

- Uma luz - disse a rainha.

Pitou acendeu uma vela e entregou-a à rainha.

A rainha continuou a andar.

Chegando à porta da sala, a rainha apontou para ela, dizendo:

– Foi ali que o assassinaram.

Andréa não respondeu, parecia um espectro.

Chegando ao corredor, a rainha abaixou a vela para o sobrado.

– Este sangue é dele! – disse ela.

Andréa conservou-se calada.

A rainha dirigiu-se a uma espécie de gabinete, e abrindo a porta, disse:

– Ali está o corpo.

Sempre calada, Andréa entrou no gabinete, assentou-se no chão e pôs no colo a cabeça do marido.

– Obrigada, senhora – disse Andréa – nada mais tenho que pedir.

– Mas eu é que tenho que lhe pedir uma coisa.

– Diga.

- Perdoa-me?

Seguiu-se um instante de silêncio, como se Andréa hesitasse.

- Sim - disse ela finalmente - porque amanhã hei-de estar com ele.

A rainha tirou do seio uma tesoura, que tinha escondido como se esconde um punhal.

- Então... - disse ela suplicante, apresentando a tesoura a Andréa.

Andréa pegou na tesoura, cortou uma madeixa de cabelo do cadáver, e entregou-a com a tesoura à rainha.

A rainha pegou na mão de Andréa e beijou-a.

Andréa deu um grito e fugiu com a mão, como se os lábios de Maria Antonieta fossem um ferro em brasa.

- Oh! - murmurou a rainha, retirando-se - quem poderá dizer qual de nós o amava mais?...

- Oh! Meu muito amado Olivier - murmurou Andréa - espero que ao menos saibas agora que era eu que mais te amava.

E a rainha tomou o caminho do seu quarto, deixando Andréa no gabinete com o cadáver do esposo, sobre o qual reflectia, como um olhar amigo, um pálido raio da lua que penetrava pela janela.

Pitou sem saber quem era a senhora que o acompanhava, seguindo-a, viu-a entrar: depois, livre daquela responsabilidade para com a sentinela, veio ao terraço para ver se estavam prontos os quatro homens, que pedira a Desiré.

Estavam já à espera.

– Venham cá – disse-lhes Pitou.

Entraram.

Pitou alumando-os com a vela, que tirara das mãos da rainha, conduziu-os ao gabinete onde estava Andréa.

Vendo a claridade da vela, ela momentaneamente levantou os olhos.

– Que quer? – perguntou a Pitou como se receasse que fossem roubar-lhe o corpo do seu muito amado.

– Senhora – disse Pitou – vimos buscar o

corpo de Charny para o levarmos à rua de Coq-Héron.

– Jura que é para isso?

Pitou estendeu a mão sobre o cadáver, com uma dignidade de que parecia incapaz, disse:

– Juro!

– Então – disse Andréa – rendo-lhe graças, e pedirei a Deus nos meus últimos momentos, que lhe poupe e aos seus as dores que me afligem.

Os quatro homens pegaram no cadáver, colocaram-no sobre as espingardas, e Pitou com a espada desembainhada foi adiante do cortejo.

Andréa caminhava ao lado do corpo, com a fria mão do finado entre as suas.

Deitaram o corpo sobre o leito de Andréa.

Esta então dirigindo-se aos soldados, disse-lhes:

– Recebam as bênçãos de uma mulher, que amanhã pedirá a Deus pelos senhores no

seu santo reino.

Depois dirigindo-se a Pitou:

- Sr. Pitou, devo-lhe um serviço, que não me é possível pagar-lhe; posso ainda contar consigo para um último serviço?

- Queira ordenar, senhora.

- Faça com que o Sr. Gilberto esteja aqui amanhã às oito horas.

Pitou inclinou-se e saiu.

Saindo, voltou a cabeça e viu que Andréa ajoelhava ao pé do leito como diante de um altar.

No momento em que transpunha a porta da rua, davam três horas no relógio de Saint-Eustache.

XLVI

No dia seguinte

Na manhã seguinte, às oito horas em ponto, Gilberto batia à porta do pequeno palácio da rua Coq-Héron.

Anuindo aos rogos que lhe fizera Pitou, em nome de Andréa, Gilberto, admirado, fizera com que Pitou lhe contasse todos os acontecimentos da véspera.

Depois ficou-se por muito tempo reflectindo.

Finalmente quando saiu pela manhã, chamou Pitou e pediu-lhe que fosse buscar Sebastião a casa do abade Bérardier, e o conduzisse à rua Coq-Héron.

Chegado ali, devia esperar à porta pela saída de Gilberto.

O velho porteiro do palácio, decerto estava prevenido da visita do doutor, porque logo que chegou imediatamente o introduziu

na sala contígua à câmara de Andréa.

Andréa esperava-o, vestida de luto.

Conhecia-se que não havia dormido nem chorado desde a véspera: tinha o rosto pálido e os olhos enxutos.

Mas as linhas do rosto, linhas que indicam firmemente a vontade, estavam em extremo dilatadas.

Era difícil dizer que resolução encerrava aquele coração de diamante; porém facilmente se conhecia que alguma decisão havia tomado.

Gilberto, hábil observador, médico filósofo, viu e compreendeu isto logo que para ela olhou.

Cumprimentou pois e esperou.

- Sr. Gilberto - disse Andréa - mandei pedir-lhe que viesse aqui.

- E bem vê, minha senhora - respondeu Gilberto - que obedeci ao seu convite.

- Mandeí chamá-lo e não a outro qualquer, porque quero que aquele a quem pedisse o que vou pedir-lhe, não tivesse o

direito de recusar.

- E tem razão, minha senhora, pois tem o direito não só de mandar, mas de exigir tudo de mim, até a própria vida.

Andréa sorriu com amargura.

- A sua vida, senhor, é uma dessas existências tão preciosas à humanidade, que em vez de ter a idéia de a encurtar, serei a primeira a pedir a Deus que a faça longa e feliz; mas concorde que, se nasceu sob a influência de uma feliz estrela, há pessoas que, pelo contrário, parecem estar sujeitas a algum astro fatal.

Gilberto não respondeu.

- A minha, por exemplo - continuou Andréa, depois de curto silêncio; - que diz da *minha*, senhor?

E como Gilberto abaixasse os olhos sem responder, continuou:

- Deixe-me recapitulá-la em duas palavras; pode estar descansado, que não censurarei ninguém.

Gilberto fez um gesto que queria dizer:

“Fale”.

– Nasci pobre; meu pai, antes de eu nascer já estava arruinado; a minha mocidade correu triste, isolada, solitária. Conheceu meu pai, e melhor do que ninguém sabe o grau de ternura que ele me consagrava. Dois homens, um dos quais devia ser para mim desconhecido e o outro estranho, tiveram sobre a minha vida fatal influência.

“Um dispôs da minha alma.”

“O outro do meu corpo.”

“Fui mãe sem suspeitar que tivesse deixado de ser virgem.”

“Estive para perder, no dia desse triste acontecimento, a ternura do único ente que amava.”

“De meu irmão.”

“A idéia de ser amada por meu filho suavizou-a dor de ser mãe.”

“Mas meu filho foi-me tirado uma hora depois de nascer.”

“Achei-me mulher sem marido, mãe sem filho.”

“Consolava-me a amizade de uma rainha.”

“Um dia o acaso quis que se achasse connosco na mesma carruagem um mancebo belo e valente.”

“A fatalidade quis que eu, que nunca tinha amado, o amasse.”

“Ele amou a rainha.”

“Fui a confidente desse amor.”

“O senhor que, como creio, já amou sem ser amado, pode fazer idéia do que eu sofri.”

“Não era porém ainda bastante.”

“Um dia chegou em que a rainha me disse:

– Andréa, salva-me a vida! Salva-me mais do que a vida, salva-me a honra!”

“Vi-me obrigada, continuando a ser-lhe estranha, a casar com o homem que amava havia três anos.”

“Casei com ele.”

“Cinco anos vivi com esse homem; eu era fogo por dentro, gelo por fora, era uma estátua, cujo coração ardia.”

“Médico, compreende o que sofreria o meu coração.”

“Finalmente, um dia, de inefáveis delícias, a minha dedicação, o meu silêncio, a minha abnegação, comoveram aquele homem: havia sete anos que o amava sem lho dar a conhecer sequer por um olhar, quando ele se me lançou aos pés, dizendo:

– Tudo sei e amo-te!”

“Deus, que queria recompensar-me, permitiu que ao mesmo tempo que recobrava meu marido, achasse também meu filho.”

“Correu um ano como uma hora, como um minuto. Esse ano foi toda a minha vida.”

“Há quatro dias caiu o raio aos meus pés.”

“A honra de meu marido dizia-lhe que voltasse a Paris para aqui morrer.”

“Não lhe fiz a menor observação, não derramei uma única lágrima.”

“Parti com ele.”

“Apenas chegados a Paris, logo se separou de mim.”

“Esta noite encontrei-o morto.”

“Está ali naquele quarto.”

“Julga que será grande a ambição da minha parte, depois de uma tal vida, desejar dormir com ele sob a mesma campa? Julga poder recusar-me o que vou pedir-lhe?”

“Sr. Gilberto, é um médico hábil, um químico sábio; Sr. Gilberto, cometeu contra mim grandes faltas, tem muito que expiar; Sr. Gilberto, dê-me um veneno rápido e seguro, e não só lhe perdoarei, mas morrerei reconhecida.”

- Senhora - replicou Gilberto - a sua vida, como disse, foi uma dolorosa prova; prova, que honra lhe seja feita, suportou como mártir, nobre e santamente.

Andréa fez com a cabeça um gesto que significava:

“Espero!”

- Agora diz ao seu algoz:

“Tornaste-me a vida amargosa; dá-me uma morte doce!”

- Tendes direito para dizer isto e para

ajuntar:

“Farás o que digo pois nada podes recusar-me”.

- Assim, senhor...

- Sempre quer o veneno?

- Suplico-lhe que mo dê, meu amigo.

- A vida é-lhe por tal forma pesada que não a possa suportar?

- A morte é o maior favor que os homens me podem conceder; o maior benefício que Deus possa fazer-me.

- Daqui a dez minutos - disse Gilberto - terá, minha senhora, o que exige.

E inclinando-se, deu um passo para trás.

Andréa estendeu-lhe a mão.

- Ah! - disse ela - num instante faz-me mais bem do que mal me causou em toda a sua vida. Abençoado seja Sr. Gilberto.

O médico saiu.

À porta encontrou Sebastião e Pitou, que o esperavam num trem.

- Sebastião - disse ele tirando do peito um vidrinho - que trazia suspenso a um

cordão de ouro, e que continha um líquido cor de opala; – Sebastião, leva da minha parte este frasquinho à Sr^a. condessa de Charny.

– Que tempo posso demorar-me com ela?

– O tempo que quiseses.

– Onde nos havemos de reunir depois?

– Espero-te aqui.

O mancebo pegou no frasquinho e entrou.

Passado um quarto de hora, saiu.

Gilberto lançou sobre ele um rápido olhar. O mancebo trazia o frasquinho intacto.

– O que te disse ela? – perguntou Gilberto.

– A Sr^a. condessa disse-me: “Da tua mão, meu filho! Oh! Isso não!”

– E que fez?

– Chorou.

– Então está salva! – exclamou Gilberto.

– Vem, meu filho, vem.

E abraçou Sebastião com toda a ternura.

Gilberto não contava com Marat.

Passados oito dias soube que a condessa de Charny acabava de ser presa, e que tinha sido metida na prisão da Abadia.

XLVII

O Templo

Antes de seguir Andréa à prisão, onde fora conduzida por suspeita, sigamos a rainha àquela, onde acabava de ser conduzida como culpada.

Já mostrámos o antagonismo da Assembléia e da Comuna.

A Assembléia, como acontece aos corpos constituídos, não tinha operado do mesmo modo que os indivíduos; pusera o povo em campo no dia 10 de Agosto e depois deixara-se ficar para trás.

As secções haviam improvisado o famoso conselho da Comuna, e foi realmente o conselho da Comuna que deu origem aos acontecimentos do dia 10 de Agosto.

A Assembléia deu um asilo ao rei, apesar de que a Comuna não se lhe daria de apanhar o rei nas Tulherias, abafá-lo entre

dois colchões, ou esmagá-lo entre duas portas juntamente com a rainha e o delfim.

Com a *loba* e o *lobinho*, como eles diziam.

A Assembléia tinha destruído esse projecto, cujo resultado, por mais infame que fosse, teria sido uma felicidade.

Logo, a Assembléia, protegendo o rei, a rainha, o delfim e a corte, era realista.

A Assembléia, decretando que o rei habitaria no Luxemburgo, isto é, num palácio, era realista.

Verdade é que, como todas as coisas, no realismo também há graus.

O que era realista para a Comuna e até para a Assembléia, era revolucionário para os outros.

Lafayette proscrito como *realista* em França, não ia ser preso como *revolucionário* pelo imperador de Áustria?

Por consequência, a Comuna começava a acusar a Assembléia de realista; demais, de tempos a tempos, saía Robespierre do seu covil, e a sua pequena cabeça, chata,

pontiaguda e venenosa, quase sempre vomitava uma calúnia.

Robespierre estava neste momento disposto a dizer que um partido poderoso, a *Gironda*, oferecia o trono ao duque de Brunswick.

A *Gironda*? Foi a primeira voz que gritou: “Às armas!” o primeiro braço que se ofereceu para defender a França!

Ora, a Comuna *revolucionária* devia, para chegar à *ditadura*, opor-se a tudo que fazia a *Assembléia realista*.

A Assembléia havia concedido ao rei o Luxemburgo para nele habitar.

A Comuna declarou que não respondia pelo rei, se o rei residisse no Luxemburgo.

A Assembléia, já muito fria com a Comuna, não queria romper de todo com ela por tão pouca coisa.

Deixou-lhe pois o cuidado de escolher a residência real.

A Comuna decretou o Templo.

Vede como a substituição foi bem feita!

O Templo não é um palácio como o Luxemburgo.

Não. Formando ângulo agudo com o Luxemburgo e o palácio da municipalidade, é uma prisão, à sombra, à vista destes edifícios; basta-lhes estender as mãos para abrirem ou fecharem a porta à sua vontade.

É uma velha torre isolada, cujo fosso foi limpo; e uma velha torre baixa, forte, sombria, lúgubre; Filipe o Belo, isto é, a realeza, ali aniquilou a Idade Média, que se revoltara contra ele.

A realeza ali entrara aniquilada pela idade nova.

Porque ficou a velha torre num bairro tão populoso, negra e triste como um mocho de dia?

Foi esse castelo que a Comuna escolheu para habitação do rei.

Haveria cálculo quando se deu para domicílio ao rei esse lugar de asilo, onde os antigos bancarroteiros iam pôr o *boné verde e bater a pedra com o traseiro* como diz a lei da

idade média, depois de estarem saldadas as suas contas?

Não; foi acaso, fatalidade... Até diríamos Providência, se a palavra não fosse tão cruel.

No dia 13, ao anoitecer, a rainha, a princesa Isabel, a Sr^a. de Lamballe, a Sr^a. de Tourzel, o Sr. de Chamilly, escudeiro do rei, e o Sr. Hus, escudeiro do delfim, foram conduzidos ao Templo.

Era tal a pressa da Comuna em levar o rei para o seu novo domicílio, que nem tempo houve para acabar de preparar a velha torre.

A família real foi introduzida na parte do edifício, outrora habitado pelo conde de Artois quando ia a Paris, e que se chamava o palácio.

Paris estava muito alegre. É verdade que tinham morrido três mil cidadãos; mas o rei, o amigo dos estrangeiros, o grande inimigo da revolução, o rei, o aliado dos nobres e dos padres, estava preso.

Todas as casas que dominavam o

Templo estavam iluminadas.

Até havia lampiões nas cimalhas da torre.

Quando o rei se apeou, viu Santerre a cavalo a dez passos da portinhola.

Esperavam-no dois membros da municipalidade com o chapéu na cabeça.

– Entre, senhor – disseram eles.

O rei entrou e enganado sem dúvida a respeito da sua nova residência, disse que queria ver os quartos do palácio.

Os membros da municipalidade sorriram-se um para o outro, e sem lhe dizerem que era inútil o passeio a dar, pois só devia residir na torre, mostraram-lhe o Templo, quarto por quarto.

O rei ia fazendo a distribuição dos quartos.

Os membros da municipalidade gozavam ao ver o rei entregue a este engano, que ia tornar-se em amargura.

Às dez horas foi servida a ceia.

Durante esta refeição Manuel esteve de

pé atrás do rei.

Todavia não era um servidor pronto a obedecer.

Era um carcereiro, um espia, um senhor.

Suponde duas ordens contraditórias, uma dada pelo rei, outra dada por Manuel.

A ordem deste último era executada.

Foi ali que realmente começou o cativoiro.

Desde o dia 13 de Agosto, o rei, vencido no cimo da monarquia, deixa o cume supremo e desce a passo rápido a vertente oposta da montanha, em cuja base estava o cadafalso.

Levou dezoito anos a subir até ao cume e a manter-se nele; há-de gastar cinco meses e oito dias para ser precipitado.

Vede a rapidez com que é empurrado!

Às dez horas estão na casa de jantar do palácio, às onze estão na sala.

O rei ainda *é*, ou julga *ser* o rei.

Ignora o que se passa.

Às onze horas, um dos comissários veio

ordenar aos dois escudeiros, Hus e Chemilly, para que peguem na pouca roupa que há, e os sigam.

- Aonde? - perguntaram os escudeiros.

- À residência nocturna de seus amos - respondeu o comissário; - o palácio é sua residência somente para de dia.

O rei, a rainha e o delfim não eram amos senão dos escudeiros.

À porta do palácio encontraram um criado, que começou a andar adiante deles, muito vagarosamente, com uma vela na mão.

Seguiram-no.

O Sr. Hus procurava reconhecer a futura habitação do rei, servindo-se para isso da fraca claridade da vela e da iluminação das casas próximas, que começava a extinguir-se.

O fiel escudeiro só via defronte de si a sombria torre, elevando-se como um gigante, em cuja fronte brilhava uma coroa de fogo.

- Meu Deus! - disse o escudeiro parando; - acaso nos conduzirão àquela sombria torre?

- Adivinhou! - respondeu o guia. - O tempo dos palácios já lá vai; vais ver como acomodamos os assassinos do povo.

Acabando de dizer estas palavras, subia os primeiros degraus de uma escada de caracol.

Os escudeiros iam parar no primeiro andar, mas o guia continuou a subir.

Finalmente parou no segundo andar; meteu-se depois por um corredor situado à direita da escada, e abriu uma câmara situada à direita do corredor.

Uma só janela dava claridade a esta câmara.

Três ou quatro cadeiras, uma mesa, um mau leito eram toda a mobília deste quarto.

- Qual é o criado do rei? - perguntou o guia.

- Sou o seu escudeiro! - respondeu Chemilly.

- Parece-me que escudeiro e criado são o mesmo.

Depois, apontando para o leito, ajuntou:

- Olha! Aqui é onde teu amo há-de dormir.

E pôs sobre uma cadeira um cobertor e dois lençóis, acendendo duas velas na chaminé e retirou-se.

Foi indicar o quarto da rainha, situado no primeiro andar.

Os dois escudeiros olharam atónitos um para o outro; ainda tinham diante dos olhos cheios de lágrimas o esplendor das habitações reais. Nem sequer era uma prisão a casa em que lançavam o rei; metiam-no num covil!

Os escudeiros examinaram o quarto.

O leito estava numa alcova que não tinha cortinas.

Começaram a limpar a câmara.

Enquanto um varria e o outro sacudia o pó, entrou o rei.

- Oh! Senhor - disseram ambos ao mesmo tempo - que infâmia!

O rei, ou por força de alma, ou por indiferença, ficou impassível. Olhou em volta

de si, mas não disse nada.

Porém, como visse as paredes cheias de quadros, sendo alguns obscenos, arrancou-os.

- Não quero - disse o rei - que minha filha veja semelhantes coisas.

Depois, arranjada a cama, o rei deitou-se e dormiu com tranqüilidade, como se ainda estivesse nas Tulherias.

Talvez que mais tranquilamente.

Sem dúvida, se naquela hora tivessem dado ao rei trinta mil libras de renda, uma casa de campo com uma forja, uma biblioteca, uma capela para ouvir missa, um capelão para a dizer, um parque aonde pudesse viver ao abrigo de toda a intriga, com a rainha, com o delfim, com a princesa, ou servindo-nos de palavras mais doces, com sua mulher e seus filhos, o rei seria o homem mais feliz do seu reino.

Não sucedia porém o mesmo à rainha.

Se a soberba leoa não bramiu ao ver a sua gaiola, é porque uma dor cruel que lhe pungia o coração, a tornava cega e insensível

para tudo o que a cercava.

O seu domicílio compunha-se de quatro divisões:

De uma antecâmara, onde ficou a princesa de Lamballe;

De uma câmara, onde ficou a rainha;

De um gabinete, que cedeu à Sr^a. de Tourzel;

De outra câmara, onde instalaram a princesa Isabel e os filhos do rei.

Tudo isso era muito mais cómodo do que o quarto do rei.

Tão ridícula era a habitação do rei, que Manuel como se tivesse vergonha de tamanha falta de atenção, anunciou que o architecto da Comuna, o cidadão Palloy, iria entender-se com o rei para tornar a futura habitação da família real tão cómoda quanto fosse possível.

Agora, enquanto Andréa depõe na sepultura o corpo do seu muito amado marido; enquanto Manuel instala no Templo o rei e a família real; enquanto o carpinteiro

levanta a guilhotina na praça do Carroussel, campo de vitória, que vai transformar-se em praça de Grève, relanceemos os olhos pelo interior do palácio do município, onde já entrámos duas ou três vezes, e apreciemos o poder que acaba de succeder ao de Bailly e de Lafayette, e que tende, substituindo a Assembléia legislativa, a apoderar-se da ditadura.

Conheçamos os homens, e eles nos explicarão os actos.

Na noite do dia 10, quando tudo já estava acabado, quando já se acabara o estampido da artilharia, quando já se extinguiu o da fuzilaria, quando não se fazia mais do que assassinar, uma caterva de homens do povo, bêbedos e esfarrapados, tinham trazido em triunfo o homem das trevas, o mocho precursor de desgraças, o profeta da população.

O *divino* Marat.

Deixara-os operar à sua vontade. Nada tinha que temer, a vitória fora completa e o

campo estava aberto aos lobos e aos corvos.

A população chamava-lhe o vencedor de 10 de Agosto, a ele, a quem apanhara no momento em que metia a cabeça pelo buraco de um subterrâneo no clube dos Franciscanos, onde Danton o escondera.

E consentia que lhe chamassem vencedor!

Puseram-lhe uma coroa de louro.

E como César, conservou ingenuamente a coroa.

Os cidadãos esfarrapados apareceram e lançaram o Deus Marat no meio da Comuna.

Sucedeu o mesmo que quando lançaram Vulcano no meio dos deuses.

Ao verem Vulcano, os deuses tinham-se rido.

Ao verem Marat, muitos riram, mas outros tiveram grande repugnância.

Até alguns estremeceram.

E todavia Marat não era da Comuna.

Não fora nomeado para ela, fora levado para lá.

E lá ficou.

Arranjaram então expressamente para ele uma tribuna de jornalista.

Mas em vez de ficar, como, na tribuna do *Logógrafo*, o jornalista sob a mão da Assembléia, foi a Comuna que se achou debaixo das garras de Marat.

Da mesma sorte que Ângelo, no belo drama de Vítor Hugo, está sobre Pádua e sente Veneza por cima de si.

Vede como obedece a Marat aquela altiva Comuna, a que a Assembléia obedece.

Eis uma das primeiras decisões, que ela toma:

“As tipografias dos envenenadores realistas serão de hoje em diante confiscadas e adjudicadas aos impressores patriotas”.

Marat executou este decreto na mesma manhã do dia em que foi publicado. Foi à imprensa régia, fez conduzir de lá um prelo para sua casa, e juntamente todo o tipo que lhe veio.

Não era ele o primeiro impressor dos

patriotas?

A Assembléia ficara horrorizada com os assassinios do dia 10; não tivera força para os impedir; tinham assassinado nos pátios da Assembléia, nas escadas e nos corredores.

Danton dissera:

- Está começada a acção da justiça; devem cessar as vinganças populares. Tomo pois perante a Assembléia o compromisso de proteger os homens que estão no seu recinto; marcharei à sua frente, respondo por eles.

Danton disse isto antes que Marat aparecesse na Comuna.

No momento em que Marat ali se apresentou, Danton não respondeu por mais nada.

O leão curvou-se em frente da serpente.

Tratou de fazer-se raposa.

Lacroix, antigo oficial, deputado atlético, um dos braços de Danton, subiu à tribuna e pediu que Santerre, comandante da guarda nacional, o homem, a quem, apesar da sua casca grossa, os mesmos realistas concedem

um coração compassivo, nomeasse um tribunal marcial, que julgasse sem cessar suíços, oficiais e soldados.

Eis qual era a idéia de Lacroix, ou antes de Danton.

O tribunal marcial seria composto de todos os homens que se tinham batido e dos homens de valor, e como tais capazes de apreciarem quem o tinha.

Além disso, mesmo porque eram vencedores, havia de repugnar-lhes condenar os vencidos.

Não vimos já estes vencedores, ébrios de sangue, fumegantes de carnagem, poupar as mulheres, protegê-las?

Uma comissão marcial escolhida entre os bretões e marselheses, entre os vencedores, era a salvação dos prisioneiros.

E por ser uma medida de clemência, é que a Comuna a rejeitou.

Por quê?

Marat preferia a carnificina; era mais expedito.

Pedia cabeças, cabeças e mais cabeças.

O número dos pedidos em vez de diminuir ia aumentando. Foram principalmente cinqüenta mil cabeças, depois cem mil, depois duzentas mil.

Finalmente pedia duzentas e setenta e três mil.

Por que motivo este número extraordinário, esta fracção singular?

Ele mesmo não seria capaz de o dizer.

Queria carnificina, eis o que podia responder.

E organizou-se a carnificina.

Portanto Danton não tornou a pôr os pés na Comuna, dizendo que não podia, porque o trabalho de ministro lhe absorvia o tempo.

Que fazia a Comuna?

Expedir deputados à Assembléia.

No dia 16 sucedem-se três deputações.

No dia 17 apresenta-se nova deputação.

“O povo – diz ela – está desesperado por não ser vingado; temei que ele se vingue por suas mãos. Esta noite, à meia-noite, há-de

tocar a rebate. É preciso um tribunal criminal nas Tulherias, um juiz por cada secção. Luís XVI e Maria Antonieta queriam sangue, vejam pois correr o dos seus satélites”.

Esta proposta fez desesperar dois homens.

O jacobino Choudieu.

O dantonista Thuriot.

Aqueles que aqui vêm pedir a mortandade – diz Choudieu – não são amigos do povo, são seus lisonjeiros. Querem uma inquisição, hei-de opor-me a ela até à morte.

Quereis desonrar a revolução – diz Thuriot – a revolução não representa só a França, representa a humanidade.

Depois das petições seguem-se as ameaças.

São as secções que entram e dizem:

– Se dentro de duas ou três horas não estiver nomeado o director do júri, e se este não estiver em estado de julgar, grandes desgraças sucederão em Paris.

A Assembléia teve de ceder a esta

última ameaça e votou a criação de um tribunal extraordinário.

A petição foi feita a 17.

O tribunal foi criado a 19.

No dia 21 começou a funcionar o tribunal e condenou à morte um realista.

Na noite do dia 21 o condenado da véspera era executado na praça do Carroussel à luz dos archotes.

O efeito desta primeira execução foi terrível, tanto que o próprio algoz não lhe pôde resistir.

No momento em que mostrava ao povo a cabeça do condenado, que devia abrir tão larga estrada às carretas fúnebres, deu um grito, deixou escapar a cabeça e caiu para trás.

Os ajudantes levantaram-no; estava morto.

FIM DO QUARTO VOLUME